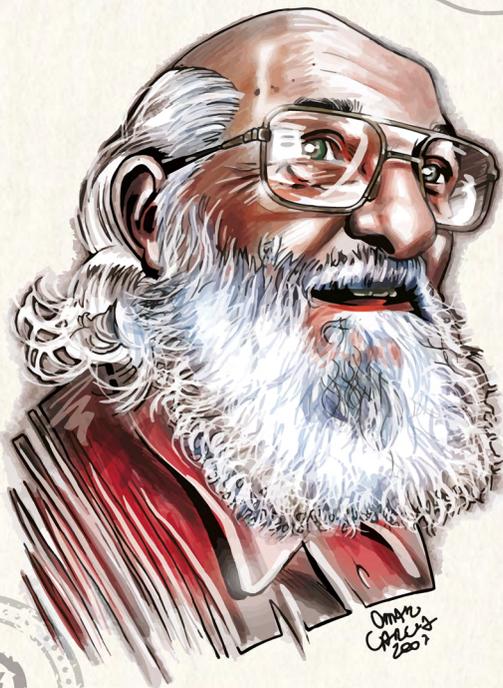


# CARTAS PARA Paulo Freire

da leitura do mundo à leitura da palavra



## Organização

Carlos Ângelo de Meneses Sousa • Carlos Lopes  
Delci Maria Franzen • Elizabete Carlos do Vale



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura



Universidade  
Católica de Brasília

Cátedra UNESCO de Juventude,  
Educação e Sociedade



Movimento de  
Educação de Base



editora  
PATHOS

**Organização:**

Carlos Ângelo de Meneses Sousa

Carlos Lopes

Delci Maria Franzen

Elizabete Carlos do Vale

# **Cartas para Paulo Freire:**

da leitura do mundo à leitura da palavra

## Copyright © do autor

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos dos autores.

## FICHA CATALOGRÁFICA

---

S725c      Sousa, Carlos Ângelo de Meneses  
Cartas para Paulo Freire: da leitura do mundo à leitura da palavra / Carlos Ângelo de Meneses Sousa, Carlos Lopes, Delci Maria Franzen, Elizabete Carlos do Vale (organizadores) - Brasília: Cátedra Unesco de Juventude Educação e Sociedade/UCB & Teresina: Editora Pathos, 2021.  
202p.  
ISBN 978-65-994244-2-7 [digital]  
1. Educação 2. Educação de adultos. 3. Educação Popular. 4. Cidadania. I. Título.

CDD 374

---

### Imagem da capa:

Desenho de Paulo Freire: Omar Garcia (omargarcia2008@gmail.com)

### Diagramação, capa e projeto gráfico:

Vinicius Alves

Este livro usa elementos gráficos disponíveis em [freepik.com](http://freepik.com)

### Revisão ortográfica:

João Benvindo de Moura

### Coleção Juventude, Educação e Sociedade

**Comitê Editorial da Cátedra Unesco/UCB:** Geraldo Caliman (Coordenador), Célio da Cunha, Carlos Ângelo de Meneses Sousa, Florence Marie Dravet, Luiz Síveres e Renato de Oliveira Brito.

**Conselho Editorial Consultivo da Cátedra Unesco/UCB:** Azucena Ochoa Cervantes (México), Bernhard Fichtner (Alemanha), Cristina Costa Lobo (Portugal) e Roberto Silva (USP)

### Conselho Editorial da editora Pathos:

Argus Romero Abreu de Moraes (UFSJ); Bruna Toso Tavares (UEMG); Carlos Ângelo de Meneses Sousa (UCB); Edmilson José de Sá (UPE); Ida Lúcia Machado (UFMG); João Benvindo de Moura (UFPI); Ivanete Bernardino Soares (UFOP); Márcio Rogério de Oliveira Cano (UFPA); Max Silva da Rocha (UNEAL); Rony Peterson Gomes do Vale (UFV); Rosane Monnerat (UFF).

### Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade

Universidade Católica de Brasília Campus I  
QS 07, Lotel, EPCT, Águas Claras 71906-700 -  
Taguatinga - DF / Fone: (61) 3356-9601  
[catedraucb@gmail.com](mailto:catedraucb@gmail.com)

### Editora Pathos

[contato@editorapathos.com.br](mailto:contato@editorapathos.com.br)  
[editorapathos.com.br](http://editorapathos.com.br)  
Teresina - Piauí



## Sumário

|                           |           |
|---------------------------|-----------|
| <b>Prefácio.....</b>      | <b>7</b>  |
| <b>Apresentação .....</b> | <b>10</b> |

### Parte I

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Paulo Freire, por Carlos Rodrigues Brandão.....</b>   | <b>20</b> |
| <b>A infusão de passado e presente .....</b>   | <b>25</b> |
| Rayssa Aguiar Borges   |           |
| <b>Viver, aprender e educar em tempos inusitados.....</b>  | <b>33</b> |
| Ricardo Spindola Mariz   |           |
| <b>“Não quero ser repetido ... Quero ser reinventado”: desafios do pensamento de Paulo Freire para a atualidade.....</b> | <b>47</b> |
| Oscar Jara Holliday  |           |

### Parte II

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Cartas de esperança e boniteza das educadoras e educadores populares a Paulo Freire: uma reflexão a partir do colóquio virtual cartas a Paulo Freire.....</b> | <b>57</b> |
| Elizabete Carlos do Vale   |           |
| <b>Quando a tradição e a inovação se aquecem mutuamente: cartas para Paulo Freire em tempos de internet e distanciamento social.....</b>                         | <b>68</b> |
| Carlos Ângelo de Meneses Sousa   |           |
| <b>Cartas de educadores a Paulo Freire como expressão de inéditos viáveis em tempo de pandemia .....</b>   | <b>75</b> |
| Maria Clarisse Vieira  |           |
| <b>Cartas para Paulo Freire: contra o vírus da ignorância, o verbo esperarçar .....</b>  | <b>86</b> |
| Carlos Lopes   |           |

|   |           |
|---|-----------|
| <b>Um mundo solidário pela força criadora da educação popular .....</b> | <b>95</b> |
| Delci Maria Franzen   |           |

|  |            |
|--|------------|
| <b>Cartas a Paulo Freire: diálogos de esperança e de resistência .....</b> | <b>104</b> |
| Cícero Ferreira de Albuquerque   |            |

|  |            |
|--|------------|
| <b>Meios de educar, comunicar, criar e esperar no cenário pandêmico – A organização do colóquio cartas para Paulo Freire: da leitura do mundo à leitura da palavra .....</b> | <b>121</b> |
| Ana Rosária Borges de Faria  |            |
| Helga Valéria de Lima Souza  |            |
| Karina Lie Sato Inatomi  |            |
| Letícia Araújo Felix   |            |
| Lucas Truta Barbosa  |            |

### **Parte III**

|  |     |
|--|-----|
| Adriana Santos da Mata .....                                 | 133 |
| Amilton Xavier .....   | 135 |
| Antônio Mascarenhas da Ressurreição .....                    | 137 |
| Augusta Eulália Ferreira .....                               | 140 |
| Cassio de Sousa Borges .....                                 | 143 |
| Francisca Antônia Ferreira Pinheiro (Nenzinha Ferreira)..... | 145 |
| Gilma Alves Ferreira .....                                   | 148 |
| Ingrede Alves Dantas.....                                    | 150 |
| Jaira Alves Correa.....                                      | 152 |
| Jasmira dos Santos .....                                     | 154 |
| Lana Sangiacomo Bastos.....                                  | 156 |
| Larissa Silva do Nascimento Drago .....                      | 159 |
| Leonardo de Oliveira Matos .....                             | 162 |
| Margareth Brasileiro.....                                    | 164 |
| Maria Cristina da Silva Pereira .....                        | 166 |
| Maria do Socorro da Silva .....                              | 168 |

|   |            |
|---|------------|
| Maristela Ferrari Neves .....                                 | 170        |
| Marta Helena de Almeida Gonçalves .....                       | 171        |
| Raquel Viana dos Anjos .....                                  | 174        |
| Rita de Cassia Corrêa da Silva .....                          | 176        |
| Rosiane Moura .....   | 178        |
| Rosimeire Aguiar Pereira Lopes.....                           | 180        |
| Sandra Maria Xavier Beiju .....                               | 184        |
| Sebastiana Eloisa de Souza .....                              | 186        |
| Simone da Conceição Rodrigues da Silva .....                  | 188        |
| Vanildes Gonçalves dos Santos.....                            | 193        |
| Zamita Gomes Pereira .....                                    | 194        |
| <b>Sobre os autores do prefácio e das partes I e II .....</b> | <b>195</b> |
| <b>Índice remissivo .....</b>                                 | <b>199</b> |

# Prefácio

## Caminhando e perguntando

Em tempos de COVID, estamos redescobrimo a arte de escrever cartas, uma arte que os meios digitais de comunicação têm contribuído para transformar em bilhetes, abreviações e ‘memes’. Como jovem numa escola internato, os meus pais me escreviam religiosamente duas vezes por semana. Receber, abrir e ler essas cartas constituía um dos momentos mais esperados da semana longe de casa. Mais tarde, como estudante, na época de Natal, os Correios na Inglaterra contratavam jovens por um período curto para dar conta do volume de correspondência do final de ano. Como entregador de cartas e cartões de Natal, eu me sentia um pouco como um mensageiro da esperança unindo pessoas e famílias que não se viam fazia tempo. Falar de cartas e carteiros, traz à lembrança o inesquecível filme ‘Il Postino’ (O carteiro e o poeta) com Philippe Noiret no papel de Pablo Neruda. Escrever cartas também nos ajuda a organizar, estruturar e sistematizar as nossas reflexões, os nossos sentimentos e as nossas emoções e a nossa leitura do mundo. O hábito epistolar nos faz escritores e leitores.

Apesar do impacto da tecnologia sobre o hábito de escrever cartas, existem certos segmentos da sociedade que nunca perderam esse hábito, por necessidade e por falta de acesso a outras formas mais diretas de contato humano. No espaço prisional, a carta mantém, desde sempre, a sua importância e em tempos de pandemia, em que as visitas familiares foram suspensas, a carta se tornou o meio ainda mais importante de comunicação com o mundo externo. Recentemente, li uma reportagem<sup>1</sup> sobre um preso em Campina Grande que desde 2014 escreve centenas de cartas para companheiros de cela que não sabem ler e escrever. A pandemia também fez com que vários projetos de remição pela leitura, negados a possibilidade de desenvolver atividades presenciais ‘normais’ lançaram mão de trocas de cartas como um meio para manter o vínculo com as pessoas presas e para reforçar o estímulo à leitura e à escrita e, ao mesmo tempo, criar novos vínculos entre correspondentes intra e extramuros.

Desse mundo de cartas escritas na prisão, vou citar apenas um exemplo dos muitos que existem. Durante os seus 27 anos como preso político, Nelson Mandela escreveu centenas de cartas – cartas para a sua família, aos amigos, às autoridades, denunciando o tratamento

1 - TAB –UOL Repórteres na Rua em Busca da Realidade. “Enquanto aguarda o semiaberto para estudar, preso redige cartas na Paraíba”. 10/07/2021.

dados aos presos políticos e a políticos<sup>2</sup>. A potência dessas cartas pode ser compreendida pela necessidade que as autoridades sentiam de censurá-las e, às vezes, atrasar a entrega das mesmas sem motivo. Algumas das suas cartas foram censuradas de tal forma que se tornarem ilegíveis, outras sequer foram enviadas. Uma carta sempre elícita uma resposta porque faz parte de um diálogo cujo propósito existe pelo menos na cabeça de quem inicia o intercâmbio. Através de cartas criamos e registramos as nossas narrativas – a nossa leitura daquele momento do nosso mundo interno e externo – que faz parte do que eu chamo da nossa vocação ontológica como narradores. Os nossos antepassados, os povos indígenas, antes da invenção da escrita registravam as suas narrativas com a sua visão cosmológica através de pinturas rupestres e grafismos gravados sobre os paredões areníticos, comunicando as suas formas de reproduzir a vida e suas relações com a natureza e com o desconhecido e oculto. Um belo exemplo dessas cartas gráficas e perenes se encontra no Parque Nacional da Serra da Capivara, no estado do Piauí, ‘escritas’ há, pelo menos, 48.000 anos atrás.

Entre as inúmeras cartas que Paulo Freire escreveu, e Freire era um adepto epistolar, uma que me chamou a atenção, foi uma resposta dele a um convite que lhe foi dirigido pelo Congresso Nacional Africano para visitar e conhecer a África do Sul<sup>3</sup>, um pouco antes de Nelson Mandela ser eleito presidente. Na sua resposta endereçada a Nelson Mandela, escrita à mão, em inglês, datada de 12/04/1993, e aparentemente enviada por fax, Freire agradeceu o convite e lamentou a impossibilidade de aceitar naquele momento, mas acrescentou “Gostaria de expressar a minha admiração por sua luta e pela luta do seu povo e, ao mesmo tempo, expressar a minha solidariedade frente à violência que vem sofrendo outra vez o Congresso Nacional Africano”. Só podemos imaginar esse encontro que nunca aconteceu entre esses dois grandes lutadores pela liberdade.

Além das cartas que se tornaram livros – Cartas a Guiné-Bissau (1977), Cartas para Cristina (2003), Professor Sim, Tia não: carta a quem ousa ensinar (1993), e Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas (2000) – Freire era escritor de cartas contumaz para a família, para os amigos e para as pessoas que o procuravam por meio epistolar. A carta se torna uma conversa dialogada ou um diálogo conversado, um meio para, às vezes, trocar amenidades, mas frequentemente também para trocar e elaborar ideias com um público mais íntimo ou com um público maior. Outras autoras e outros autores também empregaram a carta ou o estilo epistolar para dialogar com Freire, presente ou distante. Catherine Walsh, em um capítulo de livro que ela intitula “Notas (decoloniais) a Paulo Freire:

2 - Cartas da Prisão de Nelson Mandela, Sahn Venter (Ed.). PDF, 967 páginas.

3 - Freire, Ana Maria. Paulo Freire – uma história de vida. Editora Villa das Letras, 2006, p. 441.

Caminhando e perguntando” ([Decolonial] Notes to Paulo Freire: Walking and Asking)<sup>4</sup>, após contar brevemente a sua experiência de trabalhar com Paulo Freire nos EUA na década de 1980, como professora na Universidade de Massachusetts (UMASS) Amherst, co-facilitando seminários e desenvolvendo trabalhos comunitários junto à população de Puerto Rica, inicia um diálogo direto com Freire, narrando o último encontro deles nas comemorações de seus 70 anos, organizadas pela Nova Escola de Pesquisa Social, em Nova Iorque. Depois Walsh conta como mais tarde escreveu para Freire em São Paulo, narrando a sua decisão de se mudar para o Equador e “as incertezas e desafios de encontrar caminhos andantes, direções e parceiros” envolvidos nesse processo de mudança. Nas suas palavras: “A sua resposta não podia ter sido mais pedagógica. Você me aconselhou a simplesmente andar, andar questionando e perguntando” (2019, p.210). Foi somente depois de seu encontro com o movimento indígena do Equador e outros, como o dos Zapatistas em Chiapas, no México, que ela começou a entender o verdadeiro sentido do conselho de Freire, vários anos antes.

A intenção dessas pequenas reflexões acima é de ressaltar a importância tanto do desenho inicial do colóquio visando chegar aos educadores populares atuando em diversos espaços comunitários, aos professores da rede pública, e aos estudantes e pesquisadores que tomam a pedagogia de Paulo Freire como um referencial político-pedagógico para o seu trabalho, quanto do formato e dos conteúdos dessa publicação. No campo da educação popular de pessoas jovens e adultas, cabe às instituições formadoras criar espaços, mesmo que sejam espaços virtuais, em que todos os atores participam, com voz e produções escritas. É importante reconhecer que todas as instituições envolvidas nesse projeto – a UnB, o MEB, a UCB, a UEPB e a UFAL – desenvolvem atividades pertinentes ao campo da educação popular e da educação de jovens e adultos. Em períodos de tempo adverso, contraditoriamente há mais espaço para iniciativas e inovações da base, para experimentar e recuperar meios aparentemente desprestigiados no meio educacional. Por isso, a proposta de conjugar os avanços do espaço virtual com a escrita de cartas me parece genial. Para o próximo Colóquio sugiro que, com base na larga e rica experiência do MEB, se monte um projeto que resgate o enorme potencial do rádio como veículo educativo que, apesar de menos ‘moderno’, ainda possui bastante penetração no meio popular. Viva Paulo Freire!

João Pessoa (Paraíba), 20/07/2021.

Timothy D. Ireland

---

4 - Catherine Walsh, (Decolonial) Notes to Paulo Freire: Walking and Asking. In: Educational Alternatives in Latin America, Aman, R. and Ireland, T. (editors). Palgrave Macmillan, 2019.

# Apresentação

## Paulo Freire: o projeto esperançar.

Brasil, inverno de 2021.

Querido Paulo Freire,

Que bom reencontrá-lo! Na oportunidade, quero relatar para você – em nome de um coletivo de educadores(as) - de um projeto de extensão universitária, que se tornou realidade, que nasceu inspirado e implicado com a educação popular. O projeto levou seu nome: “Colóquio Cartas para Paulo Freire: da leitura do mundo à leitura da Palavra”.

Contarei para você e aqueles(as) com quem compartilho tal registro, o início da ideia, a sua efetividade e alguns dos muitos frutos desse trabalho. Um dos frutos é esse e-book que organizamos sobre o colóquio. Nele não é possível resumir as singularidades do conjunto dos modos de ser, de estar e intervir no mundo, tal qual manifestados por todos(as) aqueles(as) que dele participaram.

Paulo, o “pano de fundo” do colóquio que levou o seu nome, ocorreu no contexto da Covid-19 em que vários projetos no campo da educação popular, a exemplo daqueles voltados para a educação para cidadania, educação de jovens e adultos, educação em direitos humanos, com base político-pedagógica em seu pensamento, foram impactados<sup>1</sup>. Você sabe muito bem, até pela experiência em Angicos (RN), quando da implementação da concepção de alfabetização, que alguns chamam “método Paulo Freire” que, em geral, o público desses projetos e do seu entorno não tem a escolarização básica ou tem baixa escolaridade, tem baixa renda, ocupam posições profissionais julgadas de baixo prestígio social, moram em regiões com limitado ou sem nenhum alcance das políticas públicas.

O alcance desses sujeitos tanto para conhecer a realidade em que se situam quanto para ações educativas tem se dado, respectivamente, por meio de iniciativas de pesquisadores(as), de organizações não-

<sup>1</sup> - Paulo, os objetivos do evento, o perfil do público dos projetos de educação popular, os sujeitos que atuam nesses projetos, alguns dos efeitos das crises no contexto da Covid-19 no Brasil, a metodologia do colóquio, entre outras informações expostas nessa apresentação, foram extraídas do projeto e do relatório do evento de extensão universitária.

governamentais (Ongs), projetos de extensão de universidades, igrejas, movimentos sociais e populares, entre outros.

Querido Paulo Freire, assim como a Covid-19 trouxe seus efeitos para o sistema escolar, ela atingiu em “cheio” esses segmentos vulneráveis e, muitas vezes, invisibilizados das classes populares. A experiência do luto, a ansiedade, o desemprego, a fome, famílias no isolamento social confinadas em casas com espaço reduzido e precário, o não acesso ou o acesso limitado à internet, se cruzavam com as intervenções em defesa do sistema único de saúde, a implementação de tecnologias sociais inclusivas, a luta pela educação pública inclusiva, cursinhos *on-line* populares em apoio aos estudantes que se preparam para o Enem, ações simbólicas de caráter político, “lives” para mobilizar a esperança e a solidariedade, foram e ainda são alguns dos temas, questões e exemplos de iniciativas emergentes no contexto da Covid-19.

Essa realidade vivenciada em diferentes cotidianos provoca percepções e o desafio de criar alternativas de ação de educadores(as) que trabalham em projetos de educação popular, estudam ou pesquisam tal realidade.

Quem são e quais são, a partir do lugar que ocupam, as percepções desses sujeitos sobre eles(as) próprios(as) e em relação aos sujeitos das classes populares participantes de projetos educativos no contexto da Covid 19? O que os paralisa e os impulsiona para a ação e com quais meios e fins em relação ao processo educativo? Como agem e justificam seus modos de ação, incluindo o não agir como ação social em relação aos sujeitos com quem interagem diretamente ou indiretamente? Quais os saberes emergentes desses sujeitos em tal realidade? O que os fortalece para ter esperança e para mudar a realidade? Essas foram as perguntas iniciais mobilizadoras para organizar o colóquio e que foram assumidas como questões coletivas dos parceiros da iniciativa: o Movimento de Educação de Base (MEB), a Universidade Católica de Brasília (UCB), a Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e a Universidade Federal de Alagoas (UFAL). O projeto foi realizado como de extensão universitária, sem custos para a inscrição e certificado pela UnB. Paulo, ao organizar o evento entre agosto e outubro de 2020, não perdemos de vista os seus noventa e nove anos de nascimento e os preparativos para celebrar o seu centenário em 19 de setembro de 2021.

Planejamos e viabilizamos o evento como de natureza formativa, oportunizando o levantamento, a problematização e o aprofundamento de temas e questões geradoras no âmbito da educação popular, no contexto da Covid-19, considerando também os próprios meios de desenvolvimento

dessa formação, os pressupostos freireanos, incluindo os enfoques da intervenção e da pesquisa social.

Paulo, a formação foi desenvolvida por meio de cartas, de diferentes recursos e linguagens com o uso de ambientes para webconferência, rede social, vídeo, chat, e-mails e representação cênico-pedagógica. No início, pensamos em utilizar a mídia em meio impresso, mas a realidade da Covid-19 impactou nesse planejamento, pois não quisemos arriscar que as pessoas saíssem de casa para levar correspondências aos Correios ou mesmo para receber algum tipo de material impresso. Tudo era motivo de cuidado. Principalmente o cuidado com a saúde das pessoas. Afinal, muitas pessoas estavam morrendo. Muitas pessoas também estavam enfrentando o desemprego. Nós, brasileiros(as), diante da dor e do empobrecimento da população, também nos deparamos com declarações, gestos simbólicos e práticas do presidente da República, Jair Bolsonaro, minimizando a Covid-19.

Quando abrimos as inscrições para o evento de extensão universitária, sentimos que a demanda seria grande. Não pretendíamos um alcance massivo do evento para não ter implicações na concepção e execução do planejamento. Assim, encerramos as inscrições com 173 participantes.

Durante o desenvolvimento do colóquio, tivemos exposições dialogadas e relatos de experiência, tendo a participação de educadores(as) que trabalham em projetos de educação popular, tais como, em cursinhos populares, educação do campo, assentamentos rurais, acampamentos urbanos, comunidades indígenas, quilombolas e outros que atuam junto a grupos sociais específicos em situação de vulnerabilidade social, representando o público prioritário do evento. Ao todo, como parte da metodologia de trabalho, tivemos o total de 213 (duzentos e treze) cartas escritas pelos participantes.

Paulo, como te disse no início dessa carta, quero também compartilhar contigo um dos muitos frutos desse trabalho: o e-book com alguns dos registros do evento.

O prefácio do e-book, escrito por Timothy D. Ireland (UFPB), tem o título “**Caminhando e Perguntando**”. Paulo, Timothy D. Ireland diz que “Em tempos de COVID, estamos redescobrimo a arte de escrever cartas, uma arte que os meios digitais de comunicação têm contribuído para transformar em bilhetes, abreviações e ‘memes’. Paulo, ele trata no texto, entre outras ideias, do sentido de escrever cartas; do caso de um prisioneiro que escrevia cartas para companheiros de cela que não sabiam ler e escrever; das centenas de cartas escritas por Nelson Mandela no período

em que esteve na prisão; da sua carta para o Congresso Nacional Africano; como você, Paulo, era costumaz na escrita de cartas; cita Catherine Walsh, na troca de cartas com você; diz que a proposta do colóquio, ao “conjugar os avanços do espaço virtual com a escrita de cartas me parece genial”.

Essa coletânea que você está recebendo e que compartilhamos com outros(as) está organizada em partes, sendo a primeira constituída de lembranças de um “velho” companheiro seu; também tratamos do cenário da Covid-19 em relação ao processo de vida social aceleradas, implicações e tendências e de reflexão sobre o potencial das cartas no processo de formação pedagógica.

Ah, sabe de quem é o primeiro texto da parte I dessa coletânea? É do Carlos Rodrigues Brandão! O texto sob o título “**Paulo Freire por Carlos Rodrigues Brandão**”, trata da exposição que ele fez durante o colóquio. O Carlos Rodrigues Brandão conta da época que ele ingressou no MEB; lembra de histórias; fala da carta que você, quando estava no exílio, Paulo, enviou para Jacques Rousseau e Maria Edir; ainda registra que trocou cartas com você; conta do encaminhamento do manuscrito *Pedagogia do Oprimido*. Ao final do texto, o Carlos Rodrigues Brandão deixa uma mensagem muito bela para aos participantes: “[...] eu gostaria de deixar essa mensagem a vocês; onde quer que estejamos, o que quer que estejamos passando, tudo que passamos está no fluxo da história, e vai passar, e os maus, os contrários da esperança, fé e o amor, esses passam e são esquecidos, Paulo Freire 100 anos depois, é lembrado ainda como se estivesse vivo, ele está aqui diante de nós, tenhamos esperanças através de Paulo e nós mesmos e nós mesmas”.

Em “**A infusão de passado e presente**”, Rayssa Aguiar Borges, também cita a *Pedagogia do Oprimido* e lembra algo do seu pensamento, Paulo, que é o fato de que “[...] para que a educação seja libertadora, precisamos de uma pedagogia do oprimido, não uma pedagogia desenvolvida para ele, mas uma pedagogia que surja dele mesmo”. Paulo, a Rayssa Aguiar Borges aborda em seu texto que você é um interlocutor, conselheiro e ombro amigo. Ela fala das memórias e aprendizados da infância e da juventude. Destaca a prática viva de sala de aula como docente, trabalhando com pesquisa e a escrita de cartas autobiográficas dos(as) educandos(as) no formato de chá de cartas, sendo uma intervenção cênico-pedagógica, realizada também durante o colóquio.

Paulo, o texto “**Viver, Aprender e Educar em Tempos Inusitados**”, de Ricardo Spíndola Mariz, apresenta reflexão que enfatiza a ideia de que na vida nos equilibramos numa dinâmica entre a rotina e o inusitado, entre o cotidiano e o extraordinário; diz que o aprender é o resultado daquilo que sei, com aquilo que não sei e, por vezes, com aquilo que penso saber.

Ele esclarece as faces do inusitado: o encanto e espanto. Ao representar o tempo do fogão a lenha; o tempo do fogão a gás; o tempo da cozinha do micro-ondas, vai iluminando a ideia da aceleração na sociedade e na comunicação, destacando a intensificação do uso de tecnologias e os efeitos adversos da pressa; anuncia tendências e costura a sua prosa de forma crítica e criativa. Ricardo Spíndola Mariz, cita você, Paulo, ao retomar sua ideia de que somos seres inconclusos e que vamos nos fazendo em nossa história a partir dos nossos condicionamentos. Paulo, ele conclui suas ideias dizendo que “precisamos “farejar” toda e qualquer oportunidade de aprendizagem. Toda e qualquer brecha e contradição são oportunidade de aprendizagem e transformação social”.

Para encerrar a parte I do e-book temos o texto do Oscar Jara Holliday, sob o título “**Não quero ser repetido ... quero ser reinventado: desafios do pensamento de Paulo Freire para a atualidade**”. O título do texto deixa clara a mensagem para que se reinvente o seu pensamento, Paulo, a partir das novas perspectivas e realidades, não simplesmente repetindo as suas ideias. Meu caro Paulo Freire, Oscar Jara Holliday aborda, entre outros tópicos, a relação que você tão bem fundamenta entre teoria, objeto e método de conhecimento; a relação dialética entre o ensinar e o aprender; os desafios para os movimentos de educação popular na atualidade; as virtudes do(a) educador(a); o sentido da nossa coerência. Por fim, cita o seu poema “canção óbvia”.

A parte II desse e-book, trata das reflexões dos(as) organizadores(as) que leram, estudaram as cartas recebidas e fizeram as devolutivas aos sujeitos participantes.

A primeira carta escrita pelos participantes, imaginariamente destinada para você, Paulo, totalizou 107 epístolas e foi orientada para ser elaborada para que, com estilo de escrita livre, cada pessoa falasse da sua percepção geral sobre fatos, acontecimentos no contexto da Covid-19, principalmente relacionados à educação; que falasse da percepção de si e do outro; as situações-limite; sentimentos ao escrever a carta e outros tópicos. Alguns dos diálogos dos(as) organizadores(as), travados com os(as) autores das cartas l durante o evento, foram revistos e ampliados para essa coletânea e têm variação rica de estilos. Paulo, a segunda carta foi concebida para representar uma espécie de cápsula do tempo, um registro histórico, a ser aberto no mês do seu centenário, em setembro de 2021. Ela não será tratada aqui. Você e aqueles(as) pessoas com quem partilho essa carta inicial de apresentação, terão a oportunidade de ler, estudar, problematizar e elaborar novos conhecimentos a partir das reflexões

apresentadas aqui e intervir no mundo. Assim, as devolutivas apresentadas adiante, com variações de estilo, foram em relação à primeira carta.

A parte II dessa coletânea se inicia com o texto **“Cartas de esperança e boniteza das educadoras e educadores populares a Paulo Freire: uma reflexão a partir do colóquio virtual cartas a Paulo Freire”**, de Elizabeth Carlos do Vale (UEPB), apresenta reflexões sobre as potencialidades das cartas pedagógicas, as situações-limite e o inédito-viável, no contexto da Covid-19 e, principalmente, estabelece diálogo com as cartas dos(as) educadores(as). Ela lembra do tempo que trabalhou no MEB. Lembra que, à época, recebia cartas dos(as) educadores(as) de base e essas eram lidas no programa radiofônico do MEB. Fala dos seus sentimentos ao realizar a leitura das cartas dos participantes do colóquio e de como, entre outras ideias, destaca o “[...] negrogoverno marcado por corrupção, que coloca o lucro acima das vidas, cuja marca maior é o seu descompromisso com os mais pobres, em especial, a população indígena, quilombola, moradores de rua [...]”. Paulo, você é muito lembrado nesse texto.

**“Quando a tradição e a inovação se aquecem mutuamente: cartas para Paulo Freire em tempos de internet e distanciamento social”**, é o título do texto de Carlos Ângelo Meneses de Sousa (UCB). Nesse texto, ele realiza um exercício de entressonho, imaginando-se como você, Paulo, deixando-se sentir e pensar a sua imaginação e pensamento ao realizar a leitura das cartas dos(as) educadores(as) em tempos de pandemia e em meio a um (des)governo federal. Ele imagina as seguintes perguntas para você: “Como Paulo Freire receberia essas cartas via Internet? Que sentimentos lhe fariam acelerar o coração e que pensamentos lhe assaltariam a mente? Indubitavelmente mergulharia nos relatos de cada educador(a), nas suas palavras, emoções e narrativas”. Assim, ao ler as cartas, como ele mesmo diz, pôde ver os diversos lugares do nosso Brasil, de um Brasil profundo. Ele conclui o texto dizendo “[...] em tempos sombrios, frios e de banalidade do mal a tradição e a inovação em Paulo Freire se aquecem mutuamente e nos propiciam renovar as esperanças!”.

Na nossa roda de conversa com você, Paulo, entra Maria Clarisse Vieira (UnB) que escreveu **“Cartas de educadores a Paulo Freire como expressão de inéditos viáveis em tempo de pandemia”**. Paulo, a força dos seus conceitos para a práxis, também estão presentes no texto da Maria Clarisse Vieira. Ela resgata os conceitos de atos limites, situações-limite e inéditos-viável presentes em seu pensamento; analisa as mudanças educacionais decorrentes da Covid 19, em especial, no âmbito da educação de jovens e adultos e educação popular, dialogando com as cartas dos(as) educadores(as). Maria Clarisse Vieira, problematiza em seu texto: “Quem

são e quais são, a partir do espaço/tempo que se encontram, os sentidos e significados atribuídos pelos educadores, participantes do Colóquio, às situações vividas e ao contexto geral da Covid-19? Como, a partir de Paulo Freire se percebem educadores, neste momento?” Entre as ideias na sua conclusão está a de que os(as) educadores(as) seguem exercitando o verbo esperar em suas práticas, em seu cotidiano. E arremata para você, meu caro Paulo: “Paulo Freire tem seu legado vivo entre nós! Sua memória, suas ideias seguem sendo reinventadas a cada dia e são acalento em momentos tão sombrios! Paulo Freire Vive!”

Paulo, nessa coletânea você também encontrará o texto **“Cartas para Paulo Freire: contra o vírus da ignorância, o verbo esperar”**, escrito por mim, e que também se inspira em suas ideias, no seu exemplo de ser humano e educador, sendo base para estabelecer diálogos com as cartas dos participantes. A opção que você fez por elaborar cartas em sua trajetória; o registro das minhas dúvidas e questões que levantei ao escrever a devolutiva das cartas; os eixos das mediações estabelecidas a partir dos conteúdos lidos; as dimensões subjetivas e objetivas dos sujeitos situados historicamente, em estruturas de relações sociais diversas, face ainda à gravidade da Covid-19, tratada pelo presidente da República como uma “gripezinha”; o conservadorismo do atraso, são alguns dos tópicos abordados na reflexão. Digo no texto, inspirado em você: “Contra o vírus da ignorância, o verbo esperar é a nossa vacina”. Concluí a minha reflexão com trechos das cartas dos sujeitos participantes que sinalizam para a esperança coletiva.

Delci Maria Franzen (MEB), em reflexão sob o título **“Um mundo solidário pela força criadora da educação popular”**, ao também homenageá-lo por seu centenário e ao analisar os sentidos das cartas dos(as) educadores(as), menciona que nelas encontrou – frente ao contexto da Covid-19 – palavras de medo e esperança, se entrelaçando com mensagens de confiança e otimismo que dão encorajamento. Delci Maria Franzen **não esquece de referenciá-lo constantemente, ao tempo em que o lembra na perspectiva da “[...] educação orientada e fundamentada na busca do ‘ser mais coletivo’, cuja dinâmica pedagógica se constitui de práxis criadora”**. Paulo, você lembra do MEB? Deve lembrar, sim! Ao homenageá-lo no texto, em diálogo com a carta dos(as) educadores(as), Delci Maria Franzen faz justa e merecida homenagem aos 60 anos de história do movimento, percorrendo os caminhos da educação popular e da luta pela transformação social. Aliás, o MEB foi parceiro fundamental na organização do “Colóquio Cartas para Paulo Freire: da leitura do mundo à

leitura da palavra” e 58 (cinquenta e oito) participantes fizeram a inscrição identificados como MEB.

O MEB também é citado por Cícero Ferreira de Albuquerque (UFAL), no texto **“Cartas a Paulo Freire: diálogos de esperança e de resistência”**. Na reflexão, Cícero Ferreira de Albuquerque se declara um educador, militante político e cultivador de sonhos, entrelaçando a politicidade e a educação. Ele desvela, dá testemunho de sua trajetória, vibra e dialoga com as cartas lidas, também categorizando-as. A partir da leitura das cartas, diz que testemunhou com euforia o carinho e a admiração que cada educador(a) demonstrou por você, Paulo. Pontua o fato de que “não é apenas a pandemia que incomoda os corações freireanos, há uma conjuntura política que gera apreensões e resistências. Vivemos um tempo de retrocesso político com perdas de direitos e conquistas sociais”. Declara, com inspiração freireana, que luta contra as relações sociais opressivas e com ele mesmo para não ‘hospedar’ exploradores nem opressores em si. Por fim, diz: “Paulo Freire, vive entre nós! Falamos nele todo dia! [...] Devemos lançar desafios de mudança da ordem social injusta na qual vivemos. Sejamos todas e todos semeadores de sonhos. Conjuguemos radicalmente o verbo esperar. Miremos um inédito viável de justiça e paz!”.

Ana R. de Faria (UnB), Helga Souza (UnB), Karina Inatomi (UnB), Letícia A. Félix (UnB) e Lucas T. Barbosa (UEPB), apresentam o texto **“Meios de educar, comunicar, criar e esperar no cenário pandêmico: a organização do colóquio cartas para Paulo Freire: da leitura do mundo à leitura da palavra”**. Esse texto não trata das devolutivas das cartas aos participantes, mas do olhar de estudantes que participaram e contribuíram com o evento em todas as suas etapas. No texto situam historicamente a convergência de crises política, social, econômica e sanitária no contexto da Covid-19 no Brasil. Paulo, com sensibilidade e criticidade, os(as) autores problematizam sobre as barreiras a serem transpostas para os(as) educadores(as) freireanos no que se refere a repensar a educação, incluindo as práticas de solidariedade, no contexto da Covid-19. Ana R. de Faria, Helga Souza, Karina Inatomi, Letícia A. Félix e Lucas T. Barbosa, apontam aspectos tratados nas cartas; alguns detalhes planejados para o evento, por exemplo, seu nome, Paulo Freire, foi escrito com uma letra cursiva, para trazer algo similar à escrita à mão. A avaliação do evento pelos participantes foi muito positiva. A reflexão é concluída com menção ao mosaico virtual, constituído pelos retratos dos educadores(as) organizadores(as) e educadores(as) inscritos no colóquio, que ao serem reagrupados, formaram a sua imagem, Paulo, sorridente e com as mãos

em posição de acolhimento, sendo uma das imagens marcantes no encerramento do evento. Esse mosaico foi reproduzido nesse texto.

Paulo, já estou encerrando essa carta. Na parte III desse livro, você encontrará 27 (vinte e sete) cartas, selecionadas pelos(as) organizadores(as), entre as recebidas. Cito aqui os nomes desses(as) autores(as): Adriana Santos da Mata, Amilton Santos Souza Xavier, Antônio Mascarenhas da Ressureição, Augusta Eulália Ferreira, Cássio de Sousa Borges, Francisca Antônia Ferreira Pinheiro Sousa, Gilma Alves Ferreira, Ingrede Alves Dantas, Jaira Alves Corrêa, Jasmira de Sousa Xavier dos Santos, Lana Sangiacomo Bastos, Larissa Silva do Nascimento Drago, Leonardo de Oliveira Matos, Margareth Brasileiro, Maria Cristina da Silva Pereira, Maria do Socorro da Silva, Maristela Ferrari Neves, Marta Helena de Almeida Gonçalves, Raquel Viana dos Anjos, Rita de Cassia Corrêa da Silva, Rosiane Alves Moura, Rosimeire Aguiar Pereira Lopes, Sandra Maria Xavier Beiju, Sebastiana Eloisa de Souza, Simone da Conceição Rodrigues da Silva, Vanildes Gonçalves dos Santos e Zamita Gomes Pereira.

A todas as pessoas, Paulo, que contribuíram de maneira geral com a realização do evento e escreveram as cartas para você, com liberdade de expressão e estilos próprios, só temos gratidão, pela confiança, cumplicidade político-pedagógica e esperanças coletivas. Gratidão aos parceiros da Universidade de Brasília (UnB), Universidade Católica de Brasília (UCB), Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e ao Movimento de Educação de Base (MEB). Comprometidos com a perspectiva da educação crítica, emancipadora e em valores para a ação transformadora da realidade, é que acreditamos que esse testemunho escrito possa, como andarilhos da esperança, abrir novas veredas, realizar marchas, a favor e com as classes pobres e empobrecidas.

Que em setembro de 2021, mês do seu centenário, Paulo, em plena primavera brasileira, possamos colher e semear novos projetos esperarçar.

Gratidão, Paulo Freire! Parabéns pelo centenário!

Carlos Lopes (pelos Organizadores)  
Professor Associado da Universidade de Brasília (UnB)



# Parte I

## Paulo Freire, por Carlos Rodrigues Brandão<sup>1</sup>

Boa tarde a todas as pessoas presentes!

É uma alegria estar no encontro ao redor do querido amigo Paulo Freire e justamente envolvendo o MEB (Movimento de Educação de Base) onde, em dezembro de 1963, eu comecei minha vida como educador popular, militante da JUC (Juventude Universitária Católica). Me engajei no MEB e o MEB até hoje, para mim, é uma referência e uma presença, até porque eu sou casado com uma coordenadora do MEB Goiás. Fui fazer uma supervisão lá, me apaixonei por ela e acabei me casando. Estamos casados a 55 anos. E a Universidade de Brasília (UNB), onde eu comecei em 1967 minha vida de professor. Por último, a alegria de estar vivendo um encontro que nos traz o Nordeste.

Quando eu ingressei no MEB em 63, em janeiro de 64, eu fui ser treinado, expressão daquele tempo, em Garanhuns, Pernambuco, na terra de Lula. Então, meu próprio começo de vida como educador popular tem a ver com o Nordeste, e uma das últimas experiências, muito carregadas de esperança, eu vivi justamente em Bananeiras (Paraíba), aliás em duas ocasiões, em uma delas até num encontro que nós promovemos, Frei Beto e eu, nós fomos lá, no encontro de educadores para apoiar uma pequena escola comunitária da Paraíba. Então, é nesse enlace entre o velho e o novo, a experiência de outrora e a experiência do agora, do querido MEB, UNB, o Nordeste, a Paraíba, que eu estando aqui na minha casa, aqui no meu escritório, que aliás é nordestino, é o único escritório no mundo que tem uma rede, entre minha mesa e um sofá tem uma rede trazida do Ceará... esperança, esperança.

Eu quero começar contando uma história: eu sou antropólogo, os antropólogos antes da teoria gostam das histórias, e uma muito singela, depois vamos chegar a Paulo Freire, mas eu vou começar por uma mulher, Adélia Prado, que é poeta e amiga querida e uma vez ela nos contou essa singelíssima história. O dia que ela contou, ela estava deprimida e muito triste, e como uma pessoa triste, naquele dia ela resolveu ir a um cemitério visitar túmulos de parentes, aliás, isso é uma coisa interessante quando se está assim. Junto ao túmulo dos pais ela se ajoelhou e começou a rezar, até que em um momento falou: Deus eu te peço uma coisa: me dá um sinal de esperança, um pequenino sinal de esperança que seja; até que uma senhora

<sup>1</sup> - O texto é decorrência da exposição do Prof. Carlos Rodrigues Brandão no Colóquio “Cartas para Paulo Freire: da leitura do mundo à leitura da palavra” (2020). Assim, conservamos o estilo coloquial.

passou por ali e falou: Dona, eu não sou daqui, e vim visitar uns túmulos de parentes e fiquei perdida, não estou sabendo onde é a saída, a senhora poderia me ensinar? E Adélia Prado gentilmente ensinou o caminho da saída, e a mulher [a senhora] foi andando. E aí Adélia chamou a senhora e perguntou seu nome, e a mulher respondeu: Meu nome é Esperança. Fiquemos com essa singela história passada entre duas mulheres.

De fato, foi muito bem lembrado, Paulo Freire é um cavalheiro, o andarilho da esperança, andarilho inclusive no sentido que ele viu mundos, o Nordeste do Brasil, o Brasil antes do exílio, Chile, Bolívia, Estados Unidos, a Europa e as nações independentes de Portugal na África, com as quais ele trabalhou intensamente: São Tomé e Príncipe, Guiné Bissau, Angola, Moçambique, sempre semeando uma ideia que está inscrita na alma ali da “Canção Óbvia”<sup>2</sup> que a gente acabou de ouvir, e que o acompanhou a vida inteira. Dois dias antes de nos deixar, ele ainda estava em sua salinha no Instituto Paulo Freire, trabalhando, um pouco antes quando uma pequena comissão de educadores – nessa ocasião eu não estava – resolveu criar o Instituto Paulo Freire. Eles foram até ele e perguntaram: Paulo, queremos criar um instituto em seu nome, o que você acha? Vejam a resposta de humildade e esperança de Paulo Freire – quem me contou foi Moacir Gadotti. Ele [Paulo] disse: Se for para me repetir, não vale a pena, mas se for para me superar, podem criar. O Instituto Paulo Freire foi criado.

Eu ouvi que em torno desses eventos, sobretudo no de hoje, a palavra-chave é cartas; eu queria ler para vocês uma carta, e uma carta que deveria ser muito conhecida, mas eu ouço muito poucas referências a ela. É a carta que Paulo Freire escreveu quando encaminhou pelo correio, num pacote dos Estados Unidos para o Chile, o manuscrito da Pedagogia do Oprimido que antecede a “Pedagogia da Esperança”. O Pedagogia do Oprimido que todo mundo conhece, ele saiu agora numa edição muito bonita: Paulo Freire, Pedagogia do Oprimido “o manuscrito”, que de fato é o Pedagogia do Oprimido tal como ele foi escrito à mão por Paulo Freire, no exílio. E ele envia para Jacques Rousseau e Maria Edir – uma brasileira casada com chileno, e moradora do Chile – essa mensagem de humildade, saudade e esperança, que eu quero ler para vocês como mais uma carta.

Vou começar a ler a carta: Olá queridos amigos Jacques e Maria Edir, faz este mês exatamente quatro anos que cheguei ao Chile, deixava Elsa, deixava os filhos nossos, deixava uma velhinha atônita, ante o que lhe parecia impossível compreender, deixava o Recife, os meus rios, suas pontes, suas ruas de nomes gostosos, rua da saudade, União, Sete Pecados, Rua das Crioulas, Rua do Chora Menino, Rua da Amizade,

---

2 - Poesia escrita por Paulo Freire quando estava exilado na Suíça, na década de 1970.

Rua do Sol da Aurora; deixava o mar de água morna, as praias largas, os coqueiros; deixamos pregões, doce de banana e goiaba, deixava o cheiro da terra, deixava os amigos, as vozes conhecidas, deixava o Brasil, trazia o Brasil, chegava sofrendo a altura entre o meu projeto e o projeto de meu país, encontrei vocês, acreditei em vocês, comprometi-me com nosso compromisso no INDAP, que você, Jacques já partejava. [Comentário do Carlos Rodrigues Brandão]: E agora vejam vocês, no final da carta, que doce, não é? Que comprometida lição de humildade, ele está encaminhando o manuscrito da Pedagogia do Oprimido.

[Carlos Rodrigues Brandão retoma a leitura da carta]: Queria que vocês recebessem esses manuscritos de um livro que pode não prestar, mas que encarna a profunda crença que eu tenho nos homens, como uma simples homenagem a quem muito admiro e estimo; Paulo Santiago, primavera de 1968.

[Comentário do Carlos Rodrigues Brandão]: E essa pequena e afetuosa carta, com que Paulo Freire encaminha um livro, que depois iria ser traduzido em mais de 400 idiomas, e que até hoje é um livro absolutamente essencial para quem pensa em educação.

Voltando à mensagem de esperança, eu gostaria de lembrar uma coisa extremamente interessante, eu diria até curiosa, mas que no caso de Paulo Freire faz todo sentido: quando nós começamos a preparar o dicionário Paulo Freire, coordenado principalmente por pessoas amigas lá do Rio Grande do Sul, Danilo Streck e outras pessoas, vários e vários de nós fomos escolhidos para escrevermos verbetes, e eu mesmo como sou muito inquieto e andarilho, recebi o verbe: *andarilhagem* e também *Círculo de Cultura* e um outro, mas vejam vocês no dicionário Paulo Freire, sobre educação basicamente, aqui na página 172, o verbe se chama *esperança*, e foi escrito pelo querido Danilo Streck. Ele diz assim: *esperança* é uma categoria central na obra de Freire, ligada com outros conceitos como *utopia*, *inédito viável*, ou *sonho possível*; já na *Pedagogia do Oprimido*, *esperança* se faz presente como condição para o diálogo, junto com o amor, humildade, a fé nos homens e nas mulheres. A confiança se instaura no diálogo, que por sua vez é movido na esperança, o diálogo em busca do ser mais, não pode ocorrer na desesperança, nas palavras de Freire. Porém, a esperança, não é cruzar os braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto, e se luto por esperança, espero.

Acho que, inclusive, algumas pessoas já tinham lido isso que estou repetindo. Interessante que mais adiante, quando Paulo já havia retornado ao Brasil, depois da revolução sandinista na Nicarágua, em 1979, nós fomos, o conjunto de educadores do mundo inteiro, Europa, Estados Unidos e

América Latina, houve um grande encontro em Manágua semidestruída pela guerra e pelo terremoto, de apoio a revolução sandinista, e lá foi o velho Paulo Freire, inclusive viajei com ele na ida, longa viagem; e mais tarde eu publiquei um livrinho, que é coletânea, escrito por várias pessoas, inclusive o querido Marcos Arruda, Ernesto Cardenal, Fernando Cardenal, o Carrara, que acabou de conversar conosco, e lembrando Paulo Freire, eu dei a esse livrinho o nome: *Lições da Nicarágua*, e como subtítulo: *A experiência da esperança*.

E eu queria terminar, eu não sei quanto tempo eu tenho ainda, não me avisaram, por favor me deem um sinal, nas minhas lives eu costumo dizer que sou do tempo de Paulo Freire, quando uma pequena carta, inclusive troquei cartas com ele, nossas pequenas cartas tinham no mínimo 2 páginas, bilhete tinha 1 página, e conversa tinha 3 horas, então por favor me controle. Mas eu queria completar essas reflexões unindo o pensamento de Paulo Freire ao pensamento do MEB, das pessoas do MEB, e ao pensamento de uma instituição da qual eu fiz parte, chamada: ISAL (Igreja e Sociedade na América Latina). Acabei de perder dois amigos queridos ligados a esses momentos: Pedro Casaldáliga e Jeter Pereira Ramalho, um protestante e um católico desses velhos tempos, e quero lembrar que *Pedagogia do Oprimido*, antes de ser publicado como livro em inglês nos Estados Unidos, saiu dentro de uma revista chamada *Cristianismo e Sociedade*, no Uruguai, como suplemento especial, nos capítulos desdobrados como artigos.

As palavras de Paulo fazem sentido quando referenciadas ao fato de que, apesar de tudo, a esperança permanece, permanece o amor, permanece a fé. No caso de Paulo, a fé nos homens, no ser humano, e na história, construir a história, escrever sua história, expressões chaves em Paulo Freire, e uma fé, uma esperança, um amor inabalável apesar de tudo. Não esqueçam que se Paulo deixou uma obra imorredoura, que abre portas e apontam caminhos e horizontes, na experiência prática da vida, ele colecionou pesares e fracassos.

Aqui no Brasil, lembrem-se da grande campanha nacional de alfabetização que mobilizaria o país inteiro, e um pouco antes um golpe militar, o Chile, a reprodução do mesmo, quando ele vai para a África trabalhar com várias colônias portuguesas recém libertadas, é um trabalho maravilhoso que ele faz, com Marcos Arruda e com outros educadores, e logo depois com países que mergulham em guerras terríveis como Angola e Moçambique, volta ao Brasil e começa a trabalhar no Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA)

Pouco depois, Erundina não ganha a eleição, entra Maluf e destrói todo o trabalho que ele fez; e no entanto, aqui no Brasil, na América Latina,

no mundo, entre experiências de esperança e depois a triste compreensão de que grande parte do que foi semeado foi depois pisoteado, às vezes por botas militares, mas até o último momento, eu lembrava aquela fala dele, quando na criação do instituto, a confiança das pessoas, a confiança e inclusive eu relembro Paulo Freire; de que o mundo seja melhor porque vocês que são meus seguidores devem ter não apenas a esperança, mas a missão de me superar, não no sentido capitalista de ser melhor do que eu, mas de tomar o bastão ou então seguir o caminho que eu segui, adiante, sempre em frente.

Essa foi sempre a mensagem de Paulo, e eu gostaria de deixar essa mensagem a vocês; onde quer que estejamos, o que quer que estejamos passando, tudo que passamos está no fluxo da história, e vai passar, e os maus, os contrários da esperança, fé e o amor, esses passam e são esquecidos. Paulo Freire, 100 anos depois, é lembrado ainda como se estivesse vivo. Ele está aqui diante de nós. Tenhamos esperanças através de Paulo e nós mesmos e nós mesmas.

Obrigado gente!

Carlos Rodrigues Brandão



# A infusão de passado e presente<sup>1</sup>

Rayssa Aguiar Borges

*O passado revelado desse modo não é o antecedente do presente, é a sua fonte (BOSI, 1994, p. 89).*

Caro Paulo Freire, há muito você tem sido meu interlocutor, meu conselheiro, meu ombro amigo. Recorro aos seus ensinamentos a cada novo desafio no chão da escola e tenho me perguntado que sábias palavras diria nesses tempos sombrios em que nos encontramos, nessa época cheia de contradições e más intenções em que alguns da elite marcham clamando: “Chega de doutrinação marxista. Basta de Paulo Freire”. Então me recordo que em sua obra mais conhecida, a *Pedagogia do Oprimido* (1987)<sup>2</sup>, você nos mostra que em sociedades regidas por interesses de nações dominantes, de classes ou de grupos privilegiados, para que a educação seja libertadora, precisamos irremediavelmente de uma pedagogia do oprimido, não uma pedagogia desenvolvida *para ele*, mas uma pedagogia que surja dele mesmo.

Assim também acreditamos em uma Educação do Campo que, para além do direito à Escola no Campo, no território, a Escola e a Educação sejam de seu povo, levando em conta sua realidade, suas necessidades, suas lutas, seus saberes, sua história.

Foi munida desses dois ideais, Paulo, que caminhei até aqui. Trago junto comigo também minhas memórias e aprendizados da infância, da juventude, dos tempos de universidade e das trilhas percorridas em meu trabalho docente, artístico e militante, ciente de que nosso percurso de vida é o que nos traz aqui e nos leva adiante.

Marie-Christine Josso, em um texto intitulado *Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação* (2010)<sup>3</sup>, concede um lugar de destaque à reflexão sobre as experiências formadoras que marcam nossas histórias de vida. De acordo com a pesquisadora, o trabalho biográfico implica fortemente que nos comprometamos com um processo de reflexão orientado pelo nosso interesse, levando-nos a definir e a compreender o nosso processo de formação.

1 - O presente artigo, elaborado em decorrência do Colóquio “Cartas para Paulo Freire: da leitura do mundo à leitura da palavra” (UnB - 2020), foi redigido a partir de um trecho do primeiro capítulo de minha tese “Chá de Cartas: Memórias de estudantes da EJA em cena” (2019). O capítulo em questão é intitulado “Remetentes: A infusão de passado e presente” e o subcapítulo, de onde foi retirado o trecho em torno do qual organizei esse texto, “Erva Cidreira do meu quintal”.

2 - Primeira edição de 1968.

3 - Texto publicado pela primeira vez em 1978, no livro “O Método (Auto)Biográfico e a Formação”, organizado por António Nóvoa e Mathias Finger. A edição brasileira citada na presente pesquisa é de 2010.

Sendo assim, comecei minha tese de doutoramento em Literatura e Outras Artes / Literatura e Práticas Sociais com a reflexão sobre a minha trajetória. Isso se deu também porque meu objeto de estudo era a prática viva de sala de aula, centrada nas histórias de vida das educandas e dos educandos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos Trabalhadores do Campo, e tanto as memórias deles quanto as minhas foram pauta de nossos encontros na escola. Infusão de passado e presente no preparo de nosso chá de futuro.

Portanto, camarada Paulo Freire, trago aqui um pouco dessas memórias, para depois relatar-lhe brevemente sobre essa nossa empreitada, em sala de aula, de pesquisa e escrita de epístolas autobiográficas e sobre a alegria de compartilhá-las em espaços como esse do Colóquio, no formato do Chá de Cartas, uma intervenção cênico-pedagógica na qual leio as epístolas das/dos estudantes, em meio a um cenário repleto de elementos afetivos e documentais.



Apresentação no II Seminário Literatura, Artes e Mídias (LIAME), em 22/06/2017

Iniciamos a escrita das cartas, no Centro Educacional PAD-DF, na EJA, em 2016. À época do colóquio, em 2020, eu estava com 32 semanas de gestação (oito meses) e hoje, uma tarde de junho de 2021, sou uma mulher de 39 anos, mãe de um adorável bebê de sete meses e meio, feliz por rememorar essas trajetórias, por ver a Educação do Campo trilhando seus caminhos e por fazer parte dessa luta.

Minha avó, nascida no interior de Minas Gerais, na roça, como ela gostava de dizer, faleceu aos 97 anos, analfabeta. Contudo, meus avós incentivaram a estudar seus filhos e filhas, das quais quatro se formaram professoras, três pedagogas – uma delas é a minha mãe – e uma licenciada em artes cênicas. Minha mãe deu aulas em escolas rurais, no interior de Minas, indo muitas vezes a pé, a cavalo ou na caçamba de caminhões chamados de “pau de arara”, pois não havia transporte para ela, nem para os estudantes. Começou a dar aulas da 1ª a 3ª série primária<sup>4</sup> assim que terminou o Ginásio, hoje chamado Fundamental 2, ou Anos Finais do Fundamental<sup>5</sup>. Só mais tarde, mudou-se para uma cidade um pouco maior, quando fez o Curso Normal (Magistério), formação de nível médio para professores de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Em Brasília, fez o concurso para a SEDF, que, na época, aceitava professoras e professores normalistas de Minas e de Goiás. Depois de quatro anos como professora efetiva da SEDF, cursou Pedagogia. Trabalhou como alfabetizadora de crianças e de adultos na Secretaria de Educação até se aposentar.

Cresci acompanhando minha mãe à escola e admirando-a no preparo das aulas e de materiais. Meu desejo de ser professora, portanto, carrega uma herança da experiência familiar. Licenci-me em Artes Cênicas, como uma das minhas tias. Tornei-me professora da Educação de Jovens e Adultos, como minha mãe. Os caminhos que percorri ao longo de minha formação, tanto na licenciatura em Teatro quanto no mestrado em Literatura e Outras Artes, trouxeram-me como norteadores de meus estudos e de minha prática teatral e docente o Teatro Político e o Teatro de Agitação e Propaganda (agitprop). Erwin Piscator, Bertold Brecht, Christine Hamon e, principalmente, Augusto Boal e seu Teatro do Oprimido foram minhas principais referências. Porém, meu interesse mais específico pela Educação do Campo surge com a conclusão de minha graduação.

Ao final do projeto de diplomação, quando trabalhei com Teatro do Oprimido em um grupo de jovens da rede pública de ensino, recebi o convite de um dos professores da banca, Rafael L. Villas Bôas, para conhecer um coletivo de teatro e agitprop camponês, a Brigada Semeadores, do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST-DF/Entorno), da qual ele era integrante. Passei a fazer parte do coletivo e, quando ingressei no mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Literatura, pesquisando o Teatro do CPC da UNE, Rafael me convidou para integrar a Licenciatura em Educação do Campo, na FUP (UnB, Campus Planaltina), como professora voluntária das disciplinas de teatro que ele ministrava.

4 - A 4ª Série Primária dificilmente era ofertada em Escolas Rurais naquela época.

5 - A presença de professoras e professores sem formação superior, e mesmo sem toda a formação básica, nas escolas rurais era muito comum.

Essas duas vivências fizeram com que eu me voltasse para a Educação do Campo. Assim, quando fui nomeada na Secretaria de Educação do Distrito Federal, solicitei, na primeira oportunidade, ser remanejada para uma escola rural, permanecendo no Centro Educacional PAD-DF (CED PAD-DF) do início de 2013 ao início de 2019, em permanente busca pelo aprendizado das especificidades da Educação do Campo.

Assim como carrego a minha história por onde vou, assim como todas essas vivências fazem de mim a docente que sou hoje, os estudantes-trabalhadores também levam consigo suas experiências de vida, suas memórias, seus anseios. E quanto podemos aprender com eles se deixarmos a sala de aula ser um espaço de troca, de produção de conhecimento, de construção coletiva!

O mote para a escrita de suas cartas autobiográficas era o “abandono” escolar e o atual retorno à escola. Essas cartas tão pessoais são, ao mesmo tempo, um desvelar de nossa história, de nosso povo. Cada dilema individual apresentado nelas é também a síntese de uma questão social presente na formação de nosso país. Mas quantas vezes o despreparo ou a dureza da caminhada nos faz fechar os olhos para quem realmente são esses “passageiros da noite”, não é mesmo, Paulo? Nosso também companheiro de caminhada, Miguel Arroyo, nos auxilia a pensar sobre isso:

[...] Sua condição de passageiros da noite remete-os a passageiros do fim da cidade, do fim da linha, do fim dos campos, passageiros dos últimos degraus nas hierarquias de classe, raça, gênero, trabalho, renda, moradia. Escolarização. De volta à escola, têm direito a entender-se não apenas como passageiros do fim do dia, mas como persistentes passageiros do fim da cidade, dos campos, da organização do trabalho, da concentração da terra, da renda. Porque eles, elas, seus coletivos nesses fins-con-fins, nestas margens? Ao voltar à EJA, encontrarão respostas? Tais passageiros esperam ao menos que os conhecimentos e seus mestres os garantam seu direito a entender-se.

[...] Os passageiros têm direito a entender como essas hierarquias de classe, raça, gênero, lugar e de escolarização se cruzam e reforçam. [...] Os profissionais da educação desses jovens-adultos têm direito e dever de entender essas hierarquias para garantir o direito dos educandos/as a entenderem-se (ARROYO, 2017, p. 25).

As narrativas pessoais presentes nas cartas – e também em outras atividades desenvolvidas em sala de aula –, reelaborando o que aconteceu no passado para que hoje esses estudantes sejam esses “passageiros da noite”, nos revela – a mim e a eles próprios – quem são, que dificuldades encaram, que anseios trazem em suas mochilas.

Os depoimentos e memórias presentes nas cartas nos revelam uma série de questões que, para além da experiência de cada estudante-autor, fazem parte do âmbito coletivo, da esfera social. As epístolas nos apontam temas como a violência de gênero; a gravidez na adolescência e as questões de gênero ligadas à maternidade; a falta de escolas no campo e de transporte coletivo e/ou escolar; o uso de drogas; a necessidade de abandonar os estudos para ajudar os pais no sustento da família; a defasagem idade-série; como essas e outras questões narradas não são questões da esfera individual. As cartas, em alguma medida, documentam a realidade social em que cada um daqueles estudantes estava inserido no momento em que precisou interromper os estudos e também nos apontam como o retorno à escola não se dá apenas como um esforço ou um mérito individual. Percebemos também que se a escola não está pronta para receber esses sujeitos, com todos os seus saberes e histórias, por vezes irá perdê-los novamente.

Mesmo com toda a dureza dessas experiências de vida, em nossos trabalhos na disciplina de Artes, descobrimos maneiras de pensar poeticamente a vida, de trazer a vida para a sala de aula e a sala de aula para a vida. E, investidas/os do poder de elaborar intelectualmente, redigir e narrar sua própria história, muitas/os venceram o desafio da escrita com tal eficácia que, depois de apresentar o *Chá de Cartas*, sempre me indagam se reescrevi as epístolas para a cena. Não, não as reescrevi, caro Paulo Freire, tudo ali nos foi contado daquela maneira, por cada uma e cada um dos estudantes trabalhadores.



Apresentação no II Seminário  
Literatura, Artes e Mídias (LIAME),  
em 22/06/2017

As atividades que os põe a falar de suas experiências de vida funcionam como um dispositivo que os permite tomar a palavra. Se nós, educadoras, e seus colegas de sala somos capazes de escutá-los com atenção, aprendendo com eles, abre-se um caminho de autoconfiança e empoderamento daqueles sujeitos, como indivíduos e como integrantes de uma coletividade. Michèle Petit (2010, p. 225), mais uma interlocutora dessa caminhada, também defende que a passagem à escrita contribui para uma melhoria da autoestima, “nascimento do texto [é o] nascimento do sujeito”, como a pesquisadora coloca em um subtítulo de “A arte de ler”.

Assim como nosso grande e saudoso companheiro Augusto Boal (1988) prega que o teatro é uma arma que deve ser manipulada pelo povo, a palavra escrita também é uma arma que deve ser apropriada de forma efetiva por nossos estudantes, pela classe trabalhadora.

Investir tempo e energia em atividades de escrita autoral, autobiográfica ou não, pode abrir espaço para que as/os estudantes se enxerguem como escritores em potencial. Transformar algumas das cartas num trabalho teatral deixou mais evidente a força estética desse material. *Chá de Cartas* cumpriu o papel de socialização das contradições sociais, que retira os filhos da classe trabalhadora da escola e que os faz retornar ao processo de formação escolar quando jovens e adultos trabalhadores, enfrentado ainda vários desafios para permanecer na escola.

As cartas organizam de forma literária o conteúdo social presente na memória de vida daquelas educandas e educandos. *Chá de Cartas* organiza de forma cênica essas cartas e esses conteúdos. Para dizer nos termos de Iná Camargo Costa, a forma estética de *Chá de Cartas* é o conteúdo social sedimentado.

A intervenção cênico-pedagógica, com seus elementos de teatro documentário, de teatro político, de narrativa, mostrou-se potente, dentro e fora da escola, em pautar, de maneira sensível e crítica, o debate sobre Educação de Jovens e Adultos, sobre Educação do Campo, sobre que escola almejamos, sobre quem são os passageiros da noite, aqueles que seguem em itinerários pelo direito a uma vida justa, do trabalho para a EJA.

Circular por diversos espaços escolares, acadêmicos e camponeses, presenciais ou à distância, agora nesse contexto pandêmico, mantendo essas cartas vivas e encontrando outros interlocutores, tem reiterado a força e a importância da escola pública como lugar de fala da classe trabalhadora.



Apresentação no II Seminário Literatura, Artes e Mídias (LIAME), em 22/06/2017

As contradições sociais que levam essas/esses estudantes a serem hoje educandas/os da EJA e as condições históricas que as/os colocam diante de tantas dificuldades precisam fazer parte dos assuntos e conteúdos da escola, como defende nosso camarada Arroyo (2017):

Os próprios profissionais das escolas públicas e as crianças, os adolescentes, os jovens e os adultos populares percebem que o outro lado da história social, econômica, política, cultural está ausente nas verdades dos currículos. Uma história da qual são vítimas históricas, exigindo conhecê-la. Aprenderam a resistir e levam às escolas saberes de resistências a essa história: a pobreza, a opressão, o trabalho de onde chegam e para onde voltam. Saberes de resistência ao seu viver provisório sem prazo, a viver em espaços marginais na cidade, sendo expulsos de suas terras. Resistência à destruição da agricultura camponesa, ao desemprego, à fome. Resistência ao extermínio de milhares de crianças e de jovens, em sua maioria negros, nos presídios ou nas periferias da cidade...

[...] não há lugar na verdade dos currículos para o direito a saberem-se, ao saber desse outro lado da história social em que são marginalizados. Outra história constituinte da História Nacional, mas silenciada. A criatividade das autorias docentes inventa tempos-espacos, temas geradores nos quais as verdades dessa outra história real encontrem um lugar. Onde os outros garantam direito a esses saberes, a essas verdades de seu injusto sobreviver (Op. cit., p. 14-15).

Como educadoras e educadores temos importante papel no silenciamento ou no empoderamento desses sujeitos. Nossa sala de aula pode ser lugar de apagamento de suas histórias ou lugar de voz e representatividade. Quando esses estudantes-autores assistiram ao *Chá de Cartas*, sentiram-se representados. Suas múltiplas vozes estavam ali. Suas histórias foram contadas. Suas memórias foram partilhadas. Seus relatos foram ouvidos por centenas de pessoas. Suas palavras estão registradas, gravadas na história. Muitos outros estudantes se identificaram com aqueles percursos relatados em cena.



Chá de Cartas na IV Semana  
Camponesa, em 11/05/2016

E assim, querido Paulo, encerro essa missiva com a alegria de quem confia num futuro melhor e acredita estar no caminho certo, em busca de uma educação libertadora, dialogando com os saberes e experiências das educandas e dos educandos, das parceiras e dos parceiros de trabalho e de luta. Seguimos nesse *esperançar*, que é esperança-ação, que é luta, que é caminhar.

### Referências

- ARROYO, Miguel G. **Passageiros da Noite**: do trabalho para EJA. Itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- BORGES, Rayssa Aguiar. **Chá de Cartas**: memórias de estudantes da EJA em cena. Tese (Doutorado em Literatura), Universidade de Brasília. Brasília, 2019. 175 p.
- BOSI, Ecléia. Halbwichs, ou a reconstrução do passado. In: **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 53-56.
- COSTA, Iná Camargo. Estética Teatral. In: **Caderno do Folias**, São Paulo, Grupo Folias D'Arte, n. 8, 1. sem. 2006
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação. In: NÉVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O Método (auto) biográfico e a Formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 59-79.
- PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2010.

## Viver, aprender e educar em tempos inusitados

Ricardo Spindola Mariz

---

Na vida nos equilibramos numa dinâmica entre a rotina e o inusitado, entre o cotidiano e o extraordinário. O excesso do novo e a sua falta costumam gerar o imobilismo ou uma agitação frenética que também não passa de um imobilismo agitado, onde corremos de um lado para o outro sem sair do lugar. Na aprendizagem também encontraremos uma dinâmica semelhante: aprender é o resultado daquilo que sei, com aquilo que não sei e, por vezes, com aquilo que penso saber. É um encontro entre o velho e o novo. Não aprendemos quando nos agarramos ao que já sabemos, assim como também não aprendemos quando ignoramos o que sabemos. Aprendemos com e contra o que já sabemos, mas não sem o confronto, por vezes, conflitivo e quase sempre trabalhoso entre o velho e o novo (BACHELARD, 1996).

Em tempos inusitados, como os atuais, sentimos falta de algumas atividades rotineiras, atividades que antes não eram percebidas em razão da própria dinâmica das ações cotidianas. Também nos damos conta que outras atividades não eram tão necessárias como pensávamos e o que avaliávamos como impossível, na verdade era improvável no contexto anterior. Com as mudanças de contexto, em especial em momentos de crise, o improvável pode se deslocar para o campo do possível e o que era possível se desloca para o campo do realizado. Algumas mudanças, para o “bem” e para o “mal”, farejam nas crises uma oportunidade de concretização. As crises potencializam as realidades latentes.

O inusitado, por sua vez, é como uma moeda que possui duas faces: o encanto e o espanto. Podemos afirmar que todo tempo possui seus encantos e seus espantos. Nos cabe, diante dos desafios do nosso tempo, empenhar energia para concretizar o que temos de encantador e superar aquilo que nos espanta. Porém, é importante partilhar um sinal de alerta: a ambiguidade parece ser uma constante da experiência humana (LELOUP, 2013; DEMO, 2021). Parece ser um equívoco pensarmos a realidade humana sem as ambiguidades, contradições e paradoxos que a constitui.

O passado, por exemplo, se apresenta para muitos como um momento mais tranquilo e menos ambíguo do que o presente. Essa percepção fica

evidente muitas vezes na seguinte expressão: “no meu tempo...”. Ela é resultado, provavelmente, da nossa distância ou idealização do passado. O passado quando “era presente” também possuía seus encantos e seus espantos. Essa idealização do passado ganha força em momentos como o atual, onde o presente é tomado pelo inusitado e os horizontes de futuro não são claros ou se modificam com muita celeridade. Nos cabe, então, reconhecer “a natureza” do nosso tempo, suas possibilidades e desafios, articular o espanto e o encanto do inusitado e fazer as transformações no cotidiano que é estruturante do velho e do novo nos tempos que virão (KOSIC, 1976).

Aprender com a vida e sua dinâmica é uma condição para construir lições sobre a vida. Essa capacidade de aprendizagem é o que fundamenta a nossa esperança de construir novos caminhos, mesmo quando não o enxergamos com nitidez. Caminhar como aprendiz é a condição de todo educador. No passo e no compasso de quem aprende, vamos construir o novo que sonhamos e vamos sonhando com aquilo que ainda não ousamos construir. Se assim caminha ou vai caminhar a humanidade não sabemos. Esse é um jogo a ser jogado por todos nós.

### **Tudo ao mesmo tempo: entre a pena e o vento**

Hoje vivemos uma intensificação dos processos de simultaneidade, que parece ser potencializado por duas dinâmicas que se interrelacionam: a “aceleração” do ritmo dos acontecimentos, dos dias, semanas e o nosso empenho de acompanhar tudo em “tempo real” (ROSA, 2019). Tudo ao mesmo tempo e tudo “para ontem”. Quanto mais aceleramos para alcançar o futuro, mais nos percebemos no passado, atrasados, buscando atualizações de diversos tipos. O tempo, de “compositor de destinos”, como afirmou Caetano Veloso em sua oração em forma de música, se transformou numa agonia. Talvez seja por isso mesmo que o Caetano em sua música sugere a necessidade de um acordo com o tempo.

Fazer um acordo com o tempo não parece ser subjugar-lo ao nosso desejo. Como nos lembra o Rabino Nilton Bonder (2007), o nosso desejo não é uma ordem. Então é preciso compreender que existe um limite na ideia de racionalização do tempo, gestão do tempo, controle do tempo, otimizar o tempo e coisas do tipo. Caso contrário, vamos levar uma vida contra o tempo e não me parece uma “arenga” razoável para se ter na vida. Fazer um acordo com o tempo sempre foi uma possibilidade, mas “no nosso tempo” e com a dinâmica atual de simultaneidade e aceleração, esse acordo se faz cada vez mais necessário.

Estamos num tempo de desacordos e todos parecem ressentidos, de alguma forma, em função de algo que achamos merecer ou não merecer da vida (DUBET, 2020). Talvez um caminho para superar o ressentimento, no caso da nossa relação com o tempo, é compreender que somos pena e vento ao mesmo tempo. Em alguns momentos somos vento que parece ter um rumo definido. O vento parece que tem convicção para onde vai e encontra sempre uma saída para os obstáculos que se apresentam no caminho. Ser vento é o sonho de consumo de muita gente – ter um propósito especial e fazer valer a sua força. Fazer e acontecer!

Mas somos pena também. Por vezes somos pena solta ao “sabor do vento”. Em alguns momentos somos jogados de lado para o outro e só quando o vento diminui e a “poeira abaixa” é que nos localizamos, que construímos consciência do que aconteceu e, com o tempo, como o acontecido nos atingiu e nos marcou. Por isso que não parece ser uma boa ideia a ilusão do voo solo. Uma pena é livre e não se prende a nada e ninguém, mas numa ventania o que resta é a agonia da solidão. A ilusão individualista do voo solo, de que somos excepcionais ou possuímos um propósito especial e singular, parece nos fortalecer num primeiro momento, mas na verdade nos fragiliza como humanos. Como seres de relação.

Tempo, vento e pena. Um tripé que pode nos ajudar no esforço de compreender a dinâmica da vida social e o nosso núcleo de coautoria que temos na vida, já que vivemos sempre uma vida condicionada pelo contexto que nos cerca. É nessa moldura da nossa história, da nossa trajetória, do contexto atual e da nossa biologia, que somos chamados a pintar o nosso quadro (GAULEJAC, 2018). Dessa forma, no acordo com o tempo é possível já deixar acertado que o nosso quadro não é só nosso, que não somos empreendedores individuais do nosso próprio destino. Que a ideia de voo solo, de fazer a diferença sozinhos não passa de uma ilusão que tem sido fortalecida pela desilusão que vivemos nas últimas décadas com a pólis e com os projetos coletivos.

Somos pena e vento e essa compreensão nos faz evitar uma perspectiva de falta de autoria, como se na vida fôssemos somente pena jogada de um lado para o outro ao sabor do vento, mas evita também uma ilusão frágil e arrogante que o “nosso destino” é fruto exclusivo da nossa ação. A nossa autoria possível na vida é sempre uma autoria condicionada ou, caso lhe pareça mais conveniente, uma coautoria. Essa coautoria se constituiu no tempo, no passar do tempo. Na verdade, na forma que nós passamos pelo tempo.

Compreender essa mudança estrutural na relação com o tempo é compreender as mudanças que construímos nas últimas décadas nas relações de produção e reprodução da vida social e, dessa forma, buscar compreender por que hoje temos a sensação de que tudo ou quase tudo acontece ao mesmo tempo, “junto e misturado” e que o tempo e a vida nos escapam pelos dedos. Esse exercício de compreensão pode ser tentado a partir de vários caminhos. Eu quero te propor o caminho da cozinha, isso mesmo, pensar o social a partir de três mudanças marcantes na cozinha da nossa casa. De certa forma, a cozinha é um retrato da sociedade e, em especial, da forma que lidamos com o tempo.

### **Lições da cozinha**

O tempo do fogão a lenha. Na cozinha do fogão a lenha o tempo era uma espécie de imperador. A dinâmica das coisas acontecia **com o tempo**. O almoço no fogão a lenha, por exemplo, para sair na hora precisa começar cedo. O tempo do fogão a lenha era, em alguma medida, o tempo de espera, dos processos mais lentos, dos caminhos demorados feitos a pé, a cavalos e carroças. É o tempo que os processos e dinâmicas estavam muito relacionados com as condições da natureza. O ritmo da natureza era um fator preponderante no ritmo social: produção, circulação e comunicação. Um período que o Milton Santos (2002), em sua reflexão sobre a natureza do espaço, chamou de pré-mecânico.

O tempo do fogão a gás. Na cozinha do fogão a gás nós ampliamos o nosso controle sobre o fogo e com isso conseguimos acelerar os processos de cozimento. Se na sociedade do fogão a lenha a relação era com o tempo, na sociedade do fogão a gás a relação é **contra o tempo**. Queremos ganhar tempo, fazer gestão do tempo ou otimizar o tempo. Enfim podemos superar os obstáculos naturais e encurtar o tempo dos deslocamentos, da produção e circulação de mercadorias e da nossa comunicação. A sociedade da prensa é também a sociedade do progresso. Somos todos, de certa forma, filhos e filhas do tempo do fogão a gás.

Ao que tudo indica estamos passando por uma nova mudança importante nos últimos anos em nossa cozinha (sociedade). Nos deslocamos da sociedade com o tempo, para a sociedade contra o tempo e estaríamos agora na sociedade que busca acontecer **sem o tempo**. É o tempo da cozinha do micro-ondas. O tempo da condensação ao extremo dos processos, em que parte do que acontece se dá num “click” e uma pequena demora nos deixa a todos num estado de impaciência. Quem de nós, que convive com micro-ondas em sua cozinha, já não se sentiu impaciente com os 10 segundos antes do bip final? A sociedade do micro-ondas é, também,

a sociedade do aumento da aceleração, da comunicação em tempo real, do aumento de escala na produção e da automação de processos. É também a sociedade da ansiedade, a sociedade doente de excesso de futuro ou do desejo de antecipação.

É na sociedade sem o tempo que temos a impressão de que tudo acontece ao mesmo tempo e que mesmo acelerando estamos sempre nos percebendo atrasados. Essa dinâmica da aceleração do micro-ondas só é possível com a utilização de outro artefato: o freezer. Aceleração e congelamento são constitutivos da mesma dinâmica, como o Rosa (2019) aponta no seu estudo sobre a aceleração na sociedade. É por isso que a mesma sociedade que propõe processos cada vez mais acelerados e otimizados, precisa propor, também, meditação, pausas, retiros corporativos e coisas do tipo. A vida micro-ondas não se estrutura sem momentos de freezer, mas é importante ressaltar que o freezer não “combate” o micro-ondas, pelo contrário, atua como um parceiro fundamental para tornar essa dinâmica funcional.

Essa parece ser a dinâmica da simultaneidade que se transformou numa “marca” do nosso tempo. Um tempo em que está cada vez mais exigente reconhecer o início, meio e fim dos processos. Os limites entre o trabalho e a casa, entre o público e o privado, entre o físico e o virtual. Um tempo portador de um encanto e de um espanto específicos que nos cabe compreender e intervir.

### **Os efeitos adversos da pressa que nos constitui**

Somos uma sociedade de processos acelerados e isso tem gerado um ganho e avanços em vários setores da nossa vida. Recentemente, diante do novo coronavírus, conseguimos produzir um conjunto de vacinas num tempo recorde. Paradoxalmente não conseguimos produzir a vacinação com a mesma velocidade que inventamos a vacina. O conhecimento que produz a vacina não é o mesmo tipo de conhecimento que produz a vacinação. Nós precisamos avançar nos dois tipos de conhecimento se desejamos encontrar boas saídas para os desafios que possivelmente enfrentaremos no futuro.

A aceleração de processos gerou ganhos em vários setores da sociedade. A nossa capacidade de produção, nossas condições de comunicação e a velocidade de circulação dos produtos que produzimos são sinais dos feitos da nossa pressa, mas todo feito possui o seu efeito, e não seria diferente também neste caso. Se a pressa foi uma espécie de remédio que nos trouxe até aqui, ela também possui seus efeitos adversos. Desejo partilhar alguns desses efeitos com você.

**Confundimos agitação com atividade.** Somos quase todos muito agitados, basta fazer uma breve avaliação de nossas agendas e verificaremos um conjunto de atribuições e tarefas cada vez mais num curto espaço de tempo. De alguma forma vivemos o que o urbanista e filósofo Paul Virilio (2014, 2015), chamou de “paralisia frenética”. Um frenesi que não nos tira do lugar. Na educação, por exemplo, anunciamos uma pedagogia ativa e muitas vezes vivemos uma pedagogia agitada, uma versão *high-tech* da escola da palmatória.

Esse não é um desafio recente. O ativismo pedagógico ou político já foi objeto de muitas avaliações, mas com as possibilidades de simultaneidade que vivemos hoje, em especial com a intensificação do uso de tecnologias, podemos nos fazer presente em mais de uma reunião ao mesmo tempo, acompanhar várias planilhas em tempo real, notícias dos acontecimentos dos últimos minutos etc. É possível perceber uma “confusão” de atividades e “tempos”. Se num primeiro momento passamos por uma “compressão” do espaço, com a intensificação do uso da tecnologia, hoje estaríamos buscando uma “compressão” do tempo com a experiência da simultaneidade. A nossa agitação, seja pedagógica, política ou de outra natureza, pode gerar em nós uma sensação de que estamos fazendo algo, mas agitação não se confunde com atividade e, por vezes, a agitação reforça o que deseja superar.

Vivemos uma dupla relativização intensificada pela experiência da pandemia: uma relativização dos espaços físicos e do próprio tempo. Esses eram processos que já estavam em curso e representam muitos ganhos do ponto de vista de velocidade dos processos, produção de escala, quantidade de informações e circulação delas, mas essa diversidade de movimentos múltiplos e simultâneos afeta a nossa presença no contexto atual.

**Vivemos hoje uma forma de presença-ausente.** Uma presença ansiosa para se estabelecer em todos os lugares possíveis. É interessante, mas não são somente os interditos que funcionam como bloqueios. O excesso de possibilidades é um bloqueio subliminar. No excesso de presença ou na presença simultânea em várias atividades, deixamos de viver as atividades e vivemos somente a agitação.

A presença-ausente possui dois efeitos que me parecem importantes destacar. O primeiro é que presença ausente gera uma **ausência ignorada**, ou seja, não nos damos conta da nossa ausência de fato porque no plano formal nos fazemos presentes, mas efetivamente a qualidade dessa presença representa uma dupla ausência. A ausência efetiva e o reconhecimento dessa mesma ausência.

O segundo efeito está relacionado a nossa condição de humanidade em constante construção. Somos inconclusos, como insistia Freire (2019), e vamos nos fazendo em nossa história, a partir dos nossos condicionamentos. Nesse processo é fundamental perceber os condicionamentos que nos cercam e nos constitui. Por que eu penso o que penso? Por que considero o que considero? Por que tal questão me afeta tanto? Uma presença ausente não permite nos darmos conta dessas e outras questões e, como seres em eterna construção, o que hoje é um problema, amanhã pode ser naturalizado e bem mais difícil de ser percebido e enfrentado.

Um terceiro efeito adverso que vivemos está relacionado e, de certa forma, potencializa os dois primeiros. Estamos entrando numa forma de **curto-circuito informacional**. Na tentativa de acompanhar tudo o que se passa em “tempo real” nos afogamos na tentativa de conexão e acompanhamento com tudo o que se passa e na medida em que se passa (SADIN, 2018). Interessante perceber que, também no caso das informações, o excesso e a falta geram um resultado semelhante: o imobilismo. Se não tenho informações não sei qual a melhor decisão; se tenho “um mundo” de informações, que se modificam a cada instante, também tenho dificuldades de decidir. A fragmentação e o excesso de detalhes, por vezes, criam uma ilusão de profundidade, mas nos afasta da realidade. Uma espécie de “rebelião das minúcias” como já alertava Bachelard (1996) a partir de uma afirmação de Baudelaire.

Nesse curto-circuito informacional nos transformamos em especialistas de tudo. Quase sempre ficamos na primeira camada das informações, porque não temos tempo para aprofundar e construímos o nosso “juízo” sobre as coisas a partir das impressões. Temos diante de nós um país de especialistas em “pitacos”. Todos estamos muito certos de nossas opiniões, e não nos damos conta que a segurança não deveria ser uma companhia das opiniões, que são sempre uma primeira aproximação. Temos crenças em nossas opiniões e lidamos com as nossas impressões como se elas fossem conhecimentos consolidados.

Perdemos, também, diante do excesso a capacidade de filtro ou seleção. O que realmente importa? O que é estruturante saber e acompanhar? A tentativa de acompanhar tudo o que se passa, na medida que se passa (“em tempo real”) nos retira do presente como atores. Nos transformamos em telespectadores ansiosos pelas cenas dos próprios capítulos da novela da vida real.

## **Cenas dos próximos capítulos**

No enredo que estamos envolvidos parece-me muito difícil prever o que nos espera nas cenas dos próximos capítulos. Se essa é uma tarefa possível, não tenho condições de executá-la, mas posso partilhar com você algumas tendências que me parecem estruturantes do atual momento que vivemos e, de alguma forma, estruturantes do futuro imediato. Se não é possível descrever as cenas dos próximos capítulos de uma “novela” tão inusitada, talvez seja possível descrever parte do cenário estruturante onde as cenas devem se desenvolver.

No plano da experiência pessoal nós temos vivido, em profundidades desiguais a partir das condições sociais, **a ilusão de uma vida sob medida**. A customização está deixando de ser uma somente estratégia comercial para diferenciação de distinção do consumo e ganha um espaço cada vez mais crescente em várias dimensões do social. O exemplo é o entretenimento sob medida. A partir de filmes pré-selecionados e que podem ser assistidos de uma só vez, naquilo que costumamos chamar de “maratonar” uma temporada inteira de episódios. Criamos, para aqueles que podem usufruir desses serviços, uma grade de programação exclusiva sobre a qual temos a sensação de controle da programação dos filmes e do tempo. No campo das notícias, nós customizamos nossa interação nas redes sociais e cada um possui, ao seu modo, um “jornal” sob medida. Essa comunicação do que se passa sob medida não cria opiniões diferentes sobre a realidade, mas realidades diferentes (EMPOLI, 2020).

A experiência de filtros de notícias a partir dos perfis que já concordamos previamente e a prática nas redes sociais que criam bolhas de “identidade”, potencializam a convivência entre os que pensam de forma semelhante ou consomem de forma semelhante ou, ainda, possuem um perfil social semelhante. O mundo se abre com as possibilidades de conexão atuais e paradoxalmente fica menor, na medida em que customizamos o mundo para os nossos gostos e desejos e somos pela mesma dinâmica customizados.

Uma transformação muito interessante está acontecendo nos últimos anos e foi intensificada com ao advento da pandemia da COVID-19. A ideia de um serviço sob medida ou customizado sempre enfrentou o desafio de escala. Como fazer algo singular em escala e para muitos ao mesmo tempo? Aparentemente aquilo que é sob medida não pode ganhar uma grande escala. Com a possibilidade da leitura cada vez mais intensa do nosso comportamento e emoções, a partir das nossas interações em rede e com o aperfeiçoamento dos algoritmos e da nossa capacidade de analisar um grande volume de dados, hoje é possível fazer uma entrega de

produtos, serviços e vivências customizadas e, ao mesmo tempo em grande escala. Claro que essa customização não é individual, mas de grandes tipos (ou avatar como alguns gostam de chamar) que representam um grupo de pessoas ou uma determinada tipologia de um grupo ou perfil de pessoas.

Aqui encontramos um segundo elemento estruturador do cenário atual e, possivelmente, das cenas do futuro próximo. O advento e crescimento da lógica das plataformas. A “**plataformização**” (MORAES, 2021) é a ponta de uma mudança importante no modelo de produção (SRNICEK, 2018). É uma mudança na lógica entre a produção de produtos e serviços, sua circulação e o consumidor final. Esse processo modifica a dinâmica de busca e oferta por produtos e serviços, circulação desses mesmos e, especialmente, de análise de todo esse conjunto de ações. Essa análise sobre o vivido gera informações valiosas sobre o consumidor, seu perfil, necessidades, preferências e futuros produtos e serviços. Uma dinâmica que se retroalimenta. O consumidor final “oferece” um rastro digital do seu consumo que irá modular novos produtos e serviços e, quem sabe, modular o próprio consumidor.

A “plataformização” da economia não substitui todas as operações da cadeia reprodutiva, mas cria outra relação, agiliza a circulação dos serviços e produtos, diminui os custos finais (ao menos até o momento) e desregula e precariza uma parte importante dos trabalhos envolvidos nessa cadeia produtiva. Em alguns setores esse processo já é bem nítido. A área dos serviços de transportes e hotelaria são bons exemplos, mas tudo parece indicar que estamos diante de uma tendência, que num primeiro momento aproxima o produto ou serviço direto do consumidor numa entrega sob medida (reforçando a experiência de customização), mas no médio prazo centraliza ou aumenta a dependência na “mão” de poucos. A “plataformização”, que se alimenta inicialmente do discurso de quebra de monopólios, acaba por criar monopólios mais sutis e efetivos.

Se vivemos uma relação de aproximação e ganho de confiança com “nossos” aplicativos no cotidiano e suas plataformas, parece-me que seguimos, nos últimos anos, numa direção contrária em relação às instituições tradicionais do campo da política. A decepção, o ressentimento e a desconfiança são a tônica da mobilização política recente (EMPOLI, 2020). Estamos diante de uma **crise de representatividade e de autoridade das autoridades**. Essa crise é perceptível se avaliarmos o perfil de um grupo cada vez mais expressivo de políticos que se apresentam como “não políticos” ou apolíticos. O que parece ser um contrassenso do ponto de vista conceitual, tornou-se um sucesso eleitoral no último pleito.

É evidente que a crise que vivemos da democracia liberal (CASTELLS, 2018) possui relação, também, com a crise econômica e com sucessivas desilusões no campo da política representativa. A ausência de respostas efetivas para as crises econômicas, uma padronização de ações e soluções políticas que colocaram numa mesma estrada oposição e situação, fragilizaram o enredo do teatro da representação política, fortalecendo uma impressão de que todos que estão no jogo político são iguais. Restando então, na dinâmica da representação, uma escolha concentrada em candidatos que expressassem todo esse ressentimento e decepção.

Os processos democráticos também sofrem uma outra pressão do momento atual. A democracia liberal nasce como uma expressão da nossa autonomia, ou seja, como um exemplo de modernidade. Seria uma superação de uma lógica de um poder absolutista, para um poder representativo do desejo da maioria. Com a aceleração de diversos processos sociais (ROSA, 2019), a divisão do trabalho político que antes parecia “moderno”, agora é percebido como lento, “burocrático” e esvaziado de sentido. Parece-me, então, que a crise da democracia liberal é uma crise de confiança (promessas que não foram entregues), de modelo e ritmo.

A experiência, em outros campos da vida, de ação direta e de imediatismo, aprofunda a crise da representação política e o advento de um populismo conservador que fragiliza a democracia por dentro das “regras democráticas” (LEVITSKY e ZIBLATT, 2018). Podemos perceber, como exemplo, as tendências, nas assembleias legislativas, do avanço das pautas de desregulamentação. A regulamentação é percebida como algo que burocratiza, emperra, freia o ritmo da mudança que desejamos e que, em algumas dimensões do cotidiano, experimentamos. É percebida também, como algo que impede o exercício da minha liberdade, a liberdade de uma vida sob medida. Temos uma outra racionalidade em curso, na verdade, a intensificação de uma determinada racionalidade que passa a se ocupar não somente do campo do mercado e da política, mas também se constituir como um traço cultural.

Não tenho condições e nem caberia neste trabalho uma análise do nosso momento cultural, mas cabe um destaque de um traço cultural significativo para compreensão do nosso momento atual: o elogio à otimização. Um certo gerencialismo que se deslocou do campo das empresas para o restante de toda a vida social (GAULEJAC, 2007). Otimizar o tempo, os processos produtivos, as leituras, os momentos de férias, de trabalho, o ócio, as amizades e tudo mais.

Esse processo não é novo e foi apontado por Max Weber (2006) em seu estudo sobre a origem do capitalismo moderno como uma de dinâmica de

“razão instrumental”. Isso parece tão marcante atualmente que a ideia de racionalização se transformou num sinônimo de economia de despesas, de tempo, de pessoal ou de qualquer outro tipo. Racionalizar um processo parece ser o mesmo que encurtá-lo ou torná-lo mais rentável de alguma forma. A naturalização de um determinado tipo de racionalidade nos faz confundir um tipo de raciocínio com o próprio uso da razão. (DEMO, 2018).

É preciso considerar que a razão instrumental nos ajudou a operar uma série de ganhos na sociedade. Aumentamos a produção de bens, agilizamos descobertas e soluções, mas parece que, no plano cultural, estamos vivendo uma espécie de **hiper-racionalização** muito arriscada. Seria uma forma de construir uma “vantagem” constante sobre todas as ações cotidianas – encurtando caminhos, processos, acessando resumos, vivendo tudo ao mesmo tempo etc. Não seria a ideia de levar vantagem numa negociação, por exemplo, mas uma ideia performática de buscar o máximo de tudo, de preferência o máximo com mínimo de tempo, esforço e de custo.

A hiper-racionalização funcionaria como “um mantra” silencioso cantarolado em nossos ouvidos e reproduzidos por nós. “Um mantra” que sustenta e justifica novas formas de divisão do trabalho, a busca incessante pelo aumento de lucros, o crescimento exponencial e otimização do tempo em todas as esferas sociais. Na academia, a título de exemplo, essa lógica justifica a produção e circulação de artigos antes mesmo das pesquisas concluídas. O processo seria tão otimizado que a divulgação se antecipa à finalização, e em alguns casos, se transforma em condição para finalização do processo.

A hiper-racionalização como traço cultural é uma extensão e aprofundamento da ideia de “ganhar tempo”, reduzir ou extinguir processos, viver de forma instantânea. No plano da economia foi e é responsável pelo aumento espantoso da nossa capacidade produtiva. Gerou e gera ganhos em várias outras dimensões da vida, mas convém nos perguntarmos sobre seus efeitos adversos.

Esses são alguns elementos estruturantes do cenário que nos trouxe até aqui e que, possivelmente, irão condicionar as cenas dos próximos capítulos que construiremos. A hiper-racionalização, por exemplo, está presente na lógica que sustenta as dinâmicas de plataformização dos negócios, que possibilita, na ponta dos consumidores, uma experiência da vida sob medida ou customização dos produtos e serviços. De certa forma, as experiências cada vez mais singularizadas (ao menos em sua aparência) fortalecem nossa ilusão das saídas individuais para os nossos desafios coletivos e afetam nossa relação com a política. Esses elementos

estruturadores não fazem parte de uma orquestração conspiratória. Mesmo encontrando uma possível correlação entre eles, não seria factível apontar uma relação linear de causalidade entre todo esse cenário.

De toda forma parece que são estruturas do cenário atual que possuem uma força estruturante das cenas sociais que estamos vivendo e devem condicionar, em alguma medida, os próximos capítulos da nossa quadra na história. A moldura do cenário composta. Ela condiciona, mas não determina a obra que vamos construir no futuro próximo. Como já sinalizado, esse é um jogo a ser jogado.

### **Costurando o rumo da “prosa”**

Viver em plenitude num tempo tão inusitado como o atual, possui uma exigência específica, que é a de conviver com o próprio inusitado de maneira mais constante em função da aceleração da vida social (ROSA, 2019). Conviver com o inusitado não se confunde com convivência com tudo o que o inusitado pode trazer. Essa é uma distorção muito comum que se cria fazendo um uso inadequado de ideias como resiliência, aprender com as crises, sair da zona de conforto, pensar fora da caixa e coisas do tipo.

Neste nosso tempo do inusitado, é fundamental aprender ou reaprender a lidar de forma mais demorada com a dúvida e com a consciência do inacabamento do nosso pensamento. Hoje estamos todos muito certos de nossas opiniões e de nossos achados. É preciso uma posição de prudência com o que conhecemos e com o desconhecido (BACHELARD, 1996). Uma prudência que não nos imobiliza na crítica pela crítica, mas que também evita adesões apressadas de pseudossoluções.

Em tempos inusitados parece ser um caminho razoável não esperar que as “peças” da realidade se encaixem como um quebra-cabeças, mas também não teremos condições de intervir na realidade sem reconstruir algum sentido no que está em curso e na nossa própria ação educativa. Talvez uma saída seja compreender o real como um mosaico, onde peças disformes ganham sentido com a argamassa e com o nosso trabalho. Se os ressentimentos com as expectativas não concretizadas nos trouxeram até aqui, não serão eles os construtores de uma saída sustentável, justa e razoável. Uma saída possível será resultado, provavelmente, da articulação de uma postura que alinhe responsabilidade e esperança (DUBET, 2020).

Viver, aprender e educar em tempos inusitados é o desafio do nosso tempo. Não parece ser um desafio a ser enfrentado com o frenesi próprio da dinâmica que gerou os nossos atuais problemas. O espaço educativo que precisamos construir ou fortalecer não pode ser uma continuidade ou

um espelho da sociedade que desejamos transformar. Ele precisa ser um aperitivo daquilo que já conseguimos sonhar. Um sonho enraizado em seu tempo, mas não sucumbido a ele (FREIRE, 2005, 2019).

Não temos respostas para todas as nossas inquietudes, mas precisamos continuar a caminhada. De certa forma, em tempos inusitados, é o nosso movimento de busca que irá gerar o conhecimento que precisamos e não o contrário. Algumas questões parecem possuir um outro tempo, como nos alerta o Papa Francisco num tuite do dia 16/02/21: “a pressa de querer tudo e imediatamente não vem de Deus. Se nos afadigarmos pelo imediatamente, esquecemos o que permanece para sempre: seguimos as nuvens que passam, e perdemos de vista o céu”.

Não perder o fundamental de vista é essencial, mesmo quando seus contornos não estão evidentes ou quando a agitação dispersa o nosso olhar. O fundamental neste caso é a nossa capacidade de aprender e diante dessa capacidade nós educadores precisamos “farejar” toda e qualquer oportunidade de aprendizagem. Toda e qualquer brecha e contradição são oportunidades de aprendizagem e transformação social. Esse é nosso papel político-pedagógico e isso é o que nos cabe neste momento: aprender com a vida e oferecer oportunidades de aprendizagem.

### Referências

- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2018.
- BAUMAN, Zigmunt. **Retropia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BECK, Ulrich. **A metamorfose do mundo**: novos conceitos para uma nova realidade. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- BONDER, Nilton. **O sagrado**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- DEMO, Pedro. **Ambiguidade**: existencial, criativa e incômoda. <http://pedrodemo.blogspot.com/>. Acesso em: 25 mai. 2021.
- DEMO, Pedro. **Raciocinar vs racionalizar**. <http://pedrodemo.blogspot.com/>. Acesso em: 22 nov. 2018.
- CASTELLS, Manuel. **Ruptura**: a crise da democracia liberal. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- DUBET, François. **O tempo das paixões tristes**. São Paulo: Vestígio, 2020.
- EMPOLI Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2020.
- FREIRE, Madalena. **Educador**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 75. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GAULEJAC, Vicent. **Gestão como doença social: Ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. 3. ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2007.
- GAULEJAC, Vicent. **La historia que heredamos: novela familiar y trayectoria social**. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Nuevo Extremo, 2018.
- KOSIC, Karel. **Dialética do Concreto**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LELOUP, Jean-Yves. **O absurdo e a graça: autobiografia**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2013.
- LEVITSKY, Steven e ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- MORAES, Roberto. **Plataformização da educação**. <http://www.robertomoraes.com.br/> Acesso em: 25 mai. 2021.
- ROSA, Hartmut. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- SADIN, Éric. **La silicolonización del mundo: la irresistible expansión del liberalismo digital**. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Caja Negra, 2018.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- SRNICEK, Nick. **Capitalismo de Plataformas**. Buenos Aires: Caja Negra, 2018.
- VIRILIO, Paul. **A estética da desapareição**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.
- VIRILIO, Paul. **O espaço crítico e as perspectivas do tempo real**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2014.
- WEBER, Max. **A gênese do capitalismo moderno**. São Paulo: Ática, 2006.



## “Não quero ser repetido ... Quero ser reinventado”: desafios do pensamento de Paulo Freire para a atualidade

Oscar Jara Holliday

---

“Ver o que foi visto anteriormente de novo, quase sempre envolve ver ângulos não percebidos. A leitura posterior do mundo pode ser feita de uma forma mais crítica, menos ingênua, mais rigorosa “  
(FREIRE, 1997, p.27)

Nestes tempos de pandemia, de crescimento das desigualdades, polarização ideológica e deterioração da democracia; nestes tempos em que as notícias falsas criam realidades e argumentos que são aceitos sem questionamento, é essencial, como diz Freire, “ver novamente o que se viu antes”, e analisar criticamente as situações e problemas que vivemos desde outros ângulos, como uma exigência para imaginar, propor e construir - sem ingenuidade e com rigor - outros mundos possíveis. É neste sentido que colocamos o apelo que Paulo Freire fez a quem lhe propôs a criação do Instituto Paulo Freire em 1991: reinventar o seu pensamento a partir destas novas perspectivas e realidades, a inspirar-se no seu sentido subjacente e não simplesmente a repetir suas frases.

Diante do questionamento e da potência crítica do pensamento de Freire, tem-se tentado, por um lado, demonizá-lo e, por outro, minimizar sua contribuição de fundo, reduzindo-a muitas vezes a simplesmente um “método de alfabetização”. Sim, Freire contribuiu nos anos 60, do século XX, com um método revolucionário de alfabetização que rapidamente se espalhou pela América Latina, mas esta foi uma de suas muitas contribuições que, muitas vezes, não se situa nem no contexto histórico da época, nem no quadro da filosofia e epistemologia que a sustenta, reduzindo sua proposta educacional a considerações metodológicas ou mesmo didáticas e técnicas.

Esse reducionismo é reflexo de uma abordagem superficial do pensamento, da obra e da vida de Paulo Freire que, mesmo a partir dos anos de experiência de alfabetização em Angicos, nos anos 60, promoveu uma *Ação Cultural Libertadora* que pretendia criticar a totalidade do sistema “bancário” de educação em todos os níveis e propor um outro sistema

de ensino com bases populares e objetivos de transformação social (cf. Brandão, 2021). Aqui o depoimento de Jarbas Maciel, um dos integrantes de sua equipe no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife: “vimos surgir junto ao Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos, o **Sistema Paulo Freire de Educação**, cujas sucessivas etapas começam agora a ser formuladas, e algumas delas são aplicadas experimentalmente, conduzindo naturalmente a uma autêntica e coerente Universidade Popular”.<sup>1</sup>

Essa proposta de um sistema integral de educação libertadora, criada por Freire e sua equipe nos anos 60, estava ligada ao movimento estudantil, à Extensão Universitária, bem como à experiência do Movimento de Cultura Popular (MCP) e do Movimento de Educação de Base (MEB). Como proposta político-pedagógica, foi a expressão de um pensamento filosófico que se desenvolveria, se esclareceria e se aprofundaria ao longo do tempo, recriando-se e reinventando-se permanentemente no seu vínculo com outras práticas e contextos históricos. Daí a importância de mergulhar nos contributos de uma filosofia educacional libertadora para identificar os seus desafios inspiradores para os tempos atuais, reinventando-os, com o objetivo, também, de reinventar as nossas práticas.

### **A proposta ética, política, pedagógica e estética de Freire**

A filosofia de Paulo Freire, base de sua pedagogia e de sua antropologia, não se constituía de um discurso complexo reservado a especialistas. A sua filosofia era um modo de ver a vida e, mais ainda, era um modo de viver: teórico / prático, “senti-pensante”, sempre em busca, sempre atento à nossa condição de seres inacabados, que estamos fazendo-nos na história.

Por isso, a filosofia educacional de Paulo Freire é eminentemente uma filosofia “impregnada de história” e de sua própria vida, que vai constituindo-se gradativamente, passo a passo, até aquele dia de abril de 1997 em que se despediu de nós, apontando o caminho e convidando-nos a continuar caminhando.

Essa filosofia em construção foi enriquecida ao longo de seu exílio, sempre recriando seu pensamento diante de cada novo desafio: primeiro na Bolívia, depois no Chile onde esteve de 1964 a 1969, depois nos Estados Unidos, e depois trabalhando com o Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra de 1970 a 1980, parte de cujo tempo passou vinculado à experiência educacional da Guiné-Bissau e a outros processos de libertação

---

1 - Maciel, Jarbas (sf): Fundamentação Teórica do sistema Paulo Freire de Educação, Cultura Popular e Educação Popular. (en: Brandão, Carlos R. (1987): p. 129-131 y Brandão, Carlos R., (2021)

do colonialismo na África; também viajando o mundo em encontros e conferências até retornar à América Latina, especialmente em seu último período de compromisso político, pedagógico e pessoal no Brasil para trabalhar na Secretaria de Educação de São Paulo, no Instituto Cajamar, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, dentre outros espaços.

Por ser profundamente histórico, Freire foi - tinha que ser - radicalmente dialético e abrangente, preocupado com a inter-relação dos diferentes aspectos que constituem a realidade. Vemos como nas suas “Cartas à Guiné-Bissau - apontamentos de uma experiência pedagógica em processo”<sup>2</sup>, reflete sobre a relação indissociável entre Teoria do conhecimento, objeto de conhecimento e método:

Considerando que a educação, a ação cultural, a animação, seja qual for o nome que se dê a esse processo, implicam sempre, ao nível da alfabetização ou pós-alfabetização, uma determinada teoria do conhecimento posta em prática, uma das primeiras questões que nós temos que nos propor deve referir-se justamente a essa própria teoria, ao objeto do saber - e que constitui o conteúdo programático da educação, na alfabetização e na pós-alfabetização - e ao método de conhecer.

Em primeiro lugar, a teoria do conhecimento a serviço de um objetivo revolucionário e posto em prática pela educação baseia-se na constatação de que o conhecimento, que é sempre um processo, resulta da prática consciente do ser humano sobre a realidade objetiva que, por sua vez, as condiciona. Assim, uma unidade dinâmica e contraditória se estabelece entre todos esses elementos pois a realidade também é dinâmica e contraditória.

Do ponto de vista de tal teoria - e da formação que a coloca em prática - não é possível:

- a) Dicotomizar a prática da teoria;
- b) Dicotomizar o ato de conhecer o conhecimento que existe hoje a partir do ato de criar o novo conhecimento;
- c) Dicotomizar ensino de aprender, educar de educar-se.

Por outro lado, o método consistente com essa teoria do conhecimento, como o objeto a ser conhecido - ou seja, a realidade objetiva - também é dinâmico”.

[...] portanto, nunca paramos no estudo de métodos e técnicas de alfabetização de adultos como tais e, em vez disso, consideramos esses métodos e técnicas como algo que está a serviço de (e em coerência com) uma certa teoria do conhecimento posta em prática - que, por sua vez, tem que ser fiel a uma determinada opção política (FREIRE, 1979, p. 18).

---

2 - Freire, Paulo. (1979): *Cartas a Guinéa-Bissau, apuntes de una experiencia pedagógica en proceso*, México. Siglo XXI ed. 2ª. Edición, p. 121-122

Essas afirmações sobre a íntima relação entre teoria, objeto e método de conhecimento constituem as bases da filosofia educacional freireana:

- a. Em primeiro lugar, aponta que a educação é sempre a colocação em prática de uma determinada teoria do conhecimento. Deste modo, convida-nos a explicitar a teoria do conhecimento sobre a qual sustentamos as nossas práticas educativas e se estas servem ou não a um objetivo transformador, o que implica colocar em prática um método consistente com essa teoria.
- b. Em segundo lugar, afirma que o conhecimento é sempre um processo, isto é, que está inacabado, nunca se esgota, é recriado permanentemente, supõe gerar pensamento crítico.
- c. O conhecimento é produto da prática do ser humano sobre uma realidade, e que essa realidade, ao mesmo tempo, condiciona essa prática. Em outras palavras, o conhecimento é produto da prática histórica, dinâmica e contraditória das pessoas, que é problematizado criticamente e não consiste em um conjunto de verdades perenes e imutáveis.
- d. Portanto, não é possível separar a prática da teoria. Isso significa que não faz sentido uma teoria que não tem a prática como referência, que não parte da prática, ou que não seja útil para a prática. Ambas precisam uma da outra.
- e. Nem será possível separar o ato de conhecer o conhecimento que existe hoje do ato de criar o novo conhecimento. Todo conhecimento novo se baseia no conhecimento existente, relaciona-se a ele para reafirmá-lo com novos elementos, para aprofundá-lo, modificá-lo parcialmente ou negá-lo com base em novos enunciados.
- f. O processo educacional terá, portanto, que partir do conhecimento existente das pessoas que dele participam. O educador deve “mobilizar” os saberes existentes, antes de tentar propor a apropriação de novos saberes. Não há conhecimento “diretamente transferível”<sup>3</sup> que possa ser passado automaticamente de uma pessoa para outra. O novo conhecimento é sempre produzido por meio de um processo ativo de relacionamento entre o conhecimento existente e as novas informações. O respeito por este processo e a capacidade de seguir uma sequência de progressiva apropriação e produção criativa do

---

3 - “Ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou construção” Freire, Paulo (1997): *Pedagogia de la Autonomia. Saberes necesarios para la práctica educativa*. México, Siglo XXI ed. p. 47.

conhecimento é, talvez, a tarefa mais delicada na arte de educar. E para isso é preciso fazê-lo dialogicamente, desenvolvendo nossa capacidade de escuta atenta.

- g. Tudo isso implica promover um processo libertador, em duplo sentido: libertar-nos de tudo o que nos amarra, nos limita e nos oprime (nos faz “ser menos gente”) e também libertar todas as nossas possibilidades e potencialidades criativas como seres humanos (a busca sempre por “Ser Mais”).
- h. Por fim, produz-se uma nova unidade dialética entre aprender e ensinar, educar e educar-se. Chegamos, assim, a uma compreensão do ato educativo como um ato criativo e dialógico no qual as pessoas, como sujeitos ativos desse processo, se desafiam para produzir o novo. As mediações pedagógicas, os instrumentos didáticos, são formas e ferramentas de ensino e aprendizagem para se desafiar à aventura intelectual e vital da produção do conhecimento crítico a partir de nossa prática e em função de sua transformação.

Nessa relação dialética entre ensino e aprendizagem, o primeiro é função da segunda. Claro que o educador ou a educadora tem a responsabilidade de ensinar, de contribuir com tudo o que sabe sobre um assunto, ou de “guiar metodologicamente” a forma ou as formas possíveis de se apropriar de um conteúdo, mas tudo isso deve ser feito “como parte do ato mais importante, que é o de aprender” onde ele ou ela aprende precisamente também. O método de ensino e aprendizagem é a implementação de uma teoria do conhecimento, portanto, possui um alicerce epistemológico que se expressa de forma ética, política e pedagógica.

Ensinar, neste sentido, nunca será “afirmar a verdadeira noção para que os alunos a repitam”. Ensinar será fornecer todas as ferramentas e informações possíveis, para viabilizar um processo criativo da aprendizagem, entendida como uma apropriação crítica do conhecimento. Como um processo ativo e crítico no qual se realiza um exercício intelectual próprio e irrepetível no qual nos aventuramos a construir novas noções, associações ou relações.

Ensinar, nesse sentido, não se assemelha à noção metodológica de “facilitar” a aprendizagem, que busca separar o método do conteúdo e, portanto, o educador do educando. É bastante comum ouvir dizer que - ao contrário de uma concepção autoritária e vertical do papel do educador - seu papel se reduz a “facilitar” processos de aprendizagem para outras pessoas. Essa noção corre o risco de atribuir-lhe um papel externo, como se

quem educa não fosse também sujeito ativo do processo de aprendizagem (coloca-o “acima” ou “fora” desse processo). Em entrevista, Paulo Freire aprofunda esse aspecto ao destacar:

Não sou ‘facilitador’ de nada. Eu sou professor. Eu ensino. Agora, a questão é saber o que é ensinar. A questão é saber se o ato de ensinar termina em si mesmo ou se, ao contrário, o ato de ensinar é apenas um momento fundamental de aprendizagem. [...] Para mim, ensinar é desafiar os alunos a pensarem sobre suas práticas a partir da prática social e, com eles, em busca desse entendimento, estudar com rigor a teoria da prática. Isso significa, então, que o ensino tem a ver com a unidade dialética da teoria prática (TORRES, 1988, p. 88 – tradução nossa).

Considero, portanto, que uma noção mais condizente com a proposta filosófica de Paulo Freire seria atribuir a quem educa a responsabilidade de **desafiar os educandos**, de buscar, de questionar, de construir seus próprios critérios (e assim, de desafiar-se como educador/a nesse processo). Desse modo, o processo educativo entendido como desafio torna-se um convite democrático e democratizante para investigar, indagar, formar seus próprios critérios e pode se tornar a mais emocionante aventura intelectual e humana, formando pessoas livres e liberadas, sujeitos criativos da produção de novos conhecimentos e, portanto, de novas propostas de interpretação e ação sobre a realidade e de construção de um futuro não predeterminado:

[...] o futuro como problema e não como inexorabilidade. O conhecimento da história como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo. Para mim, como uma subjetividade curiosa e inteligente que interfere na objetividade com a qual me relaciono dialeticamente, meu papel no mundo não é apenas o de quem confirma o que está acontecendo, mas também o de quem intervém como sujeito de o que vai acontecer. Eu não sou apenas um objeto da história, mas também seu sujeito (FREIRE, 1997, p. 53).

Freire nos convida a ser sujeitos transformadores da história e a nos transformarmos como pessoas, como seres inacabados, que neste compromisso com a história realizam nossa vocação ontológica de “Ser Mais”. Freire nos convida e nos desafia a construir processos democráticos que respeitem e promovam eticamente a autonomia e criticidade das pessoas e não apenas ponham em prática métodos, técnicas ou procedimentos pré-definidos, ou mesmo apliquem mecanicamente receitas rápidas.

## **Quais são os desafios desse pensamento para os processos e movimentos de educação popular na América Latina hoje?**

Nos processos de educação popular latino-americana e caribenha, inspirados em Paulo Freire, vivemos uma disputa de sentido, um confronto ético e político com o paradigma neoliberal dominante, patriarcal, racista, conservador, discriminatório e excludente. Inspirados no pensamento freiriano e na história latino-americana e caribenha, propomos outras perspectivas de sentido, outros valores: justiça, equidade, solidariedade, respeito às diversidades, diálogo horizontal, problematização e atitude crítica, cuidado com a natureza e a vida, entre outros.

Frente à atual ofensiva antidemocrática, os processos de educação popular opõem um elemento central da proposta freiriana: a *substantividade democrática*, em todos os espaços, em todas as áreas: numa proposta educativa que é - ao mesmo tempo - democrática e democratizante que, por isso mesmo, contribui para a construção de relações democráticas na vida econômica, social, política e cultural. Diante de uma educação domesticadora, Freire opõe uma educação democrática, crítica, instigante, insatisfeita; uma pedagogia da libertação, da esperança, da indignação, da autonomia, dos sonhos possíveis, como formas de recriação e reinvenção de uma Pedagogia do Oprimido. Precisamente, a partir desse texto fundador, Freire afirmava claramente que “Diante de uma teoria de uma ação opressora”, deve se-confrontar uma “Teoria da ação revolucionária”<sup>4</sup>.

Os desafios do contexto atual também colocam grandes desafios para a formação de educadores e educadoras. Queremos ser objetos transmissores das políticas educacionais que nos são impostas ou queremos ser sujeitos criativos de novas políticas de acordo com as realidades e necessidades das maiorias populares? Por que nos formamos como educadores ou educadoras? Para sermos instrumentos que promovam a passividade, a resignação, o conformismo, o individualismo ou o consumismo ou para sermos instrumentos de dignidade, rebelião, crítica e solidariedade? Somos treinados para ser instrumentos de adaptação à lógica dominante ou, pelo contrário, sujeitos de transformação e criação de uma nova forma de ver e atuar sobre o mundo?

Outro legado que Freire nos deixa e que é mais importante no contexto atual, é a importância fundamental da *reflexão crítica sobre a própria prática*.<sup>5</sup> Considere que o educador ou educadora, temos em nossa própria prática - que não é rotineira, chata, passiva, mas criativa,

4 - Freire, Paulo (1968 - o manuscrito) *Pedagogia do Oprimido*. (Na página 322 do manuscrito, Paulo Freire traça dois desenhos, dois pequenos esquemas: A “Teoria da Ação Revolucionária” e a “Teoria da Ação Opressora”, que não apareceu em muitas das edições impressas.

5 - Freire, Paulo (1997): *Pedagogia da Autonomia*, Paz e Terra, RJ.

crítica, cheia de inovações possíveis - a principal fonte de nossa formação permanente. Os educadores ou educadoras populares, desde uma perspectiva freireana, estamos em processo de formação o tempo todo. Nunca terminamos de nos formar. E justamente o que pode nos ajudar a isso, em uma prática permanentemente inovadora e criativa, é a reflexão crítica sobre essa prática. Assim, cada vez mais, a *sistematização das experiências*<sup>6</sup> está sendo assumida como fator fundamental nos processos de educação popular, o que nos impede ficar na passividade, conformidade ou rotina e, ao contrário, nos dá a capacidade de enriquecer a teoria educacional e as novas práticas.

Enfim, todos esses desafios que Freire coloca para nós mais uma vez no contexto atual, não para repeti-lo, mas para “reinventá-lo”, implica que estejamos prontos para viver nossa prática político-pedagógica, com todas as complexidades de suas tensões e contradições, com todas as dimensões de integralidade que a constituem. Não é fácil, nem sempre estaremos certos, mas é por isso que temos que nos afirmar no sentido ético da coerência.

Paulo disse que a virtude não era “ser coerente”, mas sim “a busca da coerência”, pois destacou que a nossa coerência hoje pode ser a nossa incoerência amanhã..., mas também a nossa incoerência hoje pode ser a nossa coerência amanhã. Em sua reflexão crítica sobre as virtudes do educador<sup>7</sup>, destacou que devemos: a) buscar a coerência entre o que se diz e o que se faz; b) administrar a tensão entre a fala e o silêncio; c) trabalhar criticamente a tensão entre objetividade e subjetividade; d) entre o “aqui e agora” do educador e o “aqui e agora” do educando; e) evitar a espontaneidade sem cair na manipulação; f) vincular teoria e prática; g) praticar a paciência impaciente; h) ler o texto a partir do contexto.

Este legado freireano que devemos recriar todos os dias em nossas práticas nos convida, portanto, a procurar ser coerentes, porque a utopia que pretendemos realizar não nos espera no final de nenhum caminho, deve ser, pelo contrário, o motor que nos faz caminhar, colocando-a em prática a cada passo. Esta procura de coerência entre os valores que queremos alcançar na história e em nossa prática cotidiana é o que nos permitirá ser sujeitos protagonistas de transformação. Isso é o sentido do esperar freireano que anima nossos esforços. Pois, como diz Freire no seu poema “canção óbvia”:

### Quem espera na pura espera

6 - Jara, Oscar (2013) *A sistematização de Experiências, prática e teoria para outros mundos possíveis*, Contag, Brasília.

7 - Paulo Freire (1986): *Reflexión crítica sobre las virtudes de la educadora o el educador*. En “Paulo Freire en Buenos Aires” CEAAL, Buenos Aires. Conferencia del 21/06/85 en la 1ra Asamblea Mundial de Educación de Adultos

Vive um tempo de espera vã.  
[...]  
Não te esperarei na pura espera  
porque o meu tempo de espera é um  
tempo de quefazer  
[...]  
Estarei preparando a tua chegada  
como o jardineiro prepara o jardim  
para a rosa que se abrirá na primavera.

(FREIRE, 2000, p.5)

### **Referências:**

- BRANDÃO, Carlos R. **Qual Paulo, Qué Educação** (versão pdf. em <https://apartilhadavida.com.br/>), 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. “Meu primeiro mundo” em: **A sombra desta mangueira**. El Roure Editorial, Barcelona, 1997
- FREIRE, Paulo. **Cartas a Guiné-Bissau, apuntes de una experiencia pedagógica en proceso**. 2ª. Edición México. Siglo XXI ed., 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Paz e Terra, RJ, 1997.
- TORRES, R.M. **Educación Popular**: un encuentro con Paulo Freire. Lima, Tarea, 1988.



## Parte II

# Cartas de esperança e boniteza das educadoras e educadores populares a Paulo Freire: uma reflexão a partir do colóquio virtual cartas a Paulo Freire

Elizabete Carlos do Vale

---

## Introdução

Talvez o espírito ligeiro das cartas me tenha conduzido ao uso de uma linguagem simples, acessível e pessoal.

*Paulo Freire<sup>1</sup>*

No ano do centenário de Paulo Freire vivenciamos no Brasil um contexto marcado pelos males que ele tanto denunciou como impedimento para a realização da vocação humana de “ser mais”: a intolerância, o ódio, a ação antidialógica, o acirramento de forças de direita e extrema-direita, a manipulação das informações, o preconceito, a discriminação, o aumento exponencial da fome, entre outros, males esses, aprofundados pela pandemia do novo coronavírus, popularmente chamada de Covid-19. Esse contexto é permeado por “slogalizações” que afirmam novas hegemonias, constroem mitos, questionam direitos de cidadania e construções identitárias, confrontando padrões sociais hierárquicos e opressores, que impelem os sujeitos a processos de desumanização e a “ser menos” (COSTA, SANTOS, VALE, 2020).

Conforme já discutido em artigo de nossa autoria<sup>2</sup>, a pandemia da Covid-19 alterou completamente o cotidiano das pessoas, trazendo muitas inseguranças, inquietações e medos. Uma das principais orientações sanitárias para tentar frear a disseminação do novo coronavírus foi a realização de isolamento social, exigindo, assim, a suspensão de atividades presenciais, especialmente as atividades consideradas no momento como não essenciais. Tal realidade exigiu, de cada um, o repensar das suas

---

1 - Citação/epígrafe do livro *Pedagogia da correspondência: Paulo Freire e a educação por cartas e livros*, de Edgar Coelho.

2 - “Da rádio à web: a atualidade do esperar freiriano na experiência educativa do Movimento de Educação de Base – MEB, num contexto de pandemia”

ações cotidianas e, da coletividade, uma reestruturação das atividades sociais, econômicas, políticas, culturais e educacionais. A reorganização e reestruturação de muitas atividades, entre essas, as atividades educativas, só foi possível graças aos recursos tecnológicos e da informação e comunicação que têm ajudado a enfrentar essa situação extremamente grave, a partir da aproximação virtual entre pessoas e grupos.

Em meio ao contexto pandêmico, os recursos tecnológicos têm se apresentado como imprescindíveis, pois, dada a necessidade do isolamento social, é através do uso das tecnologias da informação que tem sido possível realizar ações/atividades de forma virtual das mais diversas naturezas. Assim, faz-se necessário tomar conhecimento de suas potencialidades criativas para as lutas sociais, para o uso em favor da aproximação entre pessoas, grupos e instituições de locais distintos e diversos, para realização de ações culturais, educativas, políticas, econômicas e sociais. No campo educacional, é importante compreender que, mesmo tendo um papel imprescindível, as tecnologias não são a panaceia para os problemas educacionais, até porque, tais problemas são não apenas de ordem pedagógica, mas político-estrutural. Desse modo, o uso exclusivo das tecnologias no fazer educativo, pode reforçar o “apartheid social”, visto que, grande parte da população não dispõe de bons dispositivos eletrônicos, recursos computacionais e acesso à internet banda larga.

É importante destacar que, mesmo em meio a um cenário pandêmico repleto de problemas, dificuldades e incertezas, instituições, organizações sociais populares e sindicais realizaram atividades de natureza diversa: cultural, política, social e formativa, utilizando as tecnologias digitais. No que se refere às ações de educação popular desenvolvidas pelo MEB nesse contexto de pandemia, uma delas foi o “Colóquio virtual Cartas a Paulo Freire: da leitura do mundo à leitura da palavra” realizado no segundo semestre de 2020, a partir da efetivação de parcerias com Universidades<sup>3</sup> para que estas pudessem contribuir através de ações extensionistas com a realização de cursos de formação/capacitação dos educadores e educadoras populares que atuam nos diversos projetos desenvolvidos pela entidade. O Objetivo geral do evento, de natureza formativa, foi de: “Levantar, problematizar e aprofundar temas e questões geradoras no âmbito da educação popular, no contexto da Covid-19, considerando também os próprios meios de desenvolvimento dessa formação, os pressupostos freireanos e enfoques da intervenção e pesquisa social”.

---

3 - O evento foi realizado a partir de uma parceria do MEB com a Universidade de Brasília (UnB), a Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e a Universidade Católica de Brasília (UCB). A coordenação do mesmo ficou sob a responsabilidade dos/as educadores/as das instituições acima citadas.

A proposta do evento, que se insere também no contexto das celebrações dos 100 anos de nascimento do educador brasileiro Paulo Freire (1921-2021), teve como mote central o uso de cartas, de diferentes recursos e linguagens da mídia em meio impresso e das tecnologias. Os principais interlocutores do evento são educadores/as<sup>4</sup> que trabalham em projetos de educação popular (cursinhos populares, educação do campo, assentamentos rurais, acampamentos urbanos, comunidades indígenas, quilombolas) e outros que atuam junto a grupos sociais específicos em situação de vulnerabilidade social. Vale salientar que a participação dos educadores e educadoras aconteceu de duas formas: através dos encontros virtuais realizados no período de agosto à outubro de 2020, e da produção de cartas direcionadas a Paulo Freire. Cada educador/a recebeu as seguintes orientações da coordenação do evento:

Prezado(a) participante do Colóquio “Cartas para Paulo Freire: da leitura do mundo à leitura da palavra”.

Ficamos felizes por sua participação nesse evento de extensão universitária, organizado pela Universidade de Brasília (UnB), Universidade Católica de Brasília (UCB), Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e o Movimento de Educação de Base (MEB). A felicidade da sua participação também vem em um momento triste de tantas vidas perdidas no Brasil e no mundo no contexto da Covid-19. Você está recebendo junto com a nossa carta, uma outra escrita por Paulo Freire e que tem o nome “Carta de Paulo Freire aos Professores”. Queremos que você leia e estude essa carta. Pois, como bem afirma Paulo Freire, o ato de estudar implica o de ler. Não pense que você estudará e lerá a carta porque durante o nosso evento você terá que realizar uma “prova”. Nada disso! Fique tranquilo! Essa carta é para você se reencontrar com Paulo Freire e alimentar o verbo “esperançar”. Escreva seu texto em forma de carta. Pense em Paulo Freire como o destinatário da sua carta. Não há uma ordem obrigatória para que os tópicos indicados apareçam no seu texto. Não se preocupe com resposta certa ou errada. Não tem isso. Escreva o que você pensa. (COLÓQUIO VIRTUAL CARTAS A PAULO FREIRE, 2020).

É importante destacar que as cartas dos educadores e educadoras foram distribuídas entre os/as professores/as coordenadores/as do evento para que, a partir da leitura atenta das mesmas, fossem discutidos os sentidos atribuídos pelos educadores e educadoras ao atual contexto histórico, a partir das suas leituras de mundo sobre as lutas, desafios, medos, angústias e incertezas que se configuram como situações limites, mas sobretudo, da ousadia de continuar esperançando um mundo melhor, construindo e vislumbrando no dia-a-dia os “inéditos viáveis”.

4 - O evento contou com a participação de 173 educadores e educadoras de diversos estados brasileiros.

## **A potencialidade formativa das cartas pedagógicas**

Cartas sempre foram um gênero textual corrente entre intelectuais e literatos para divulgar ideias, dialogar e debater com pares do mesmo tempo histórico. As cartas, como memórias, têm sido fonte documental relevante para revelar aspectos e pensares não conhecidos do público. Paulo Freire não fugiu à regra. Manifestar-se por escrito, através de cartas, era um hábito constante através do qual buscava sempre aliar rigor e amorosidade (VIEIRA, 2008). Esse gênero literário (livros em forma de carta) constituíam as formas preferidas que ele tinha pelo estilo de escrita-carta, como o fez em *Cartas à Guiné-Bissau* (1977); *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* (1993); *Cartas a Cristina* (2003) e *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas* (2000). Como destaca Vieira, (2008, p. 71):

A carta, como um instrumento que exige pensar sobre o que alguém diz e pede resposta, constitui o exercício do diálogo por meio escrito. Por isso, referir-se às cartas pedagógicas implica referir-se ao diálogo, um diálogo que assume o caráter de rigor, na medida em que registra de modo ordenado a reflexão e o pensamento; um diálogo que exercita a amorosidade, pois só escrevemos cartas para quem, de alguma forma nos afeta, nos toca emotivamente, cria vínculos de compromisso.

Vale lembrar, conforme destaca Gadotti (2011), que o gênero carta é intencionalmente pedagógico, na obra essencialmente autobiográfica de Paulo Freire. Ainda de acordo com o autor, Freire usou o gênero carta como uma poderosa ferramenta pedagógica do diálogo, transformando-a em suporte da educação popular, pois, “uma carta convida a uma aproximação entre quem escreve e quem lê: ela possibilita a cumplicidade entre eles. Quem escreve cartas convida ao diálogo, à resposta, à continuidade, ao estabelecimento de uma relação pessoal” (GADOTTI, 2011, p. 14).

Ainda sobre o apreço de Paulo Freire ao uso de cartas, Coelho (2011) destaca que Freire escreveu e recebeu cartas de pessoas de diversas partes do mundo: dos trabalhadores sem-terra, dos amigos, dos religiosos e de chefes de Estado. Segundo o autor, Freire dizia que o gênero carta é dialógico e pedagógico por sua própria natureza; era um convite permanente ao diálogo. Mas, para que que isso acontecesse, ninguém poderia prescindir da humildade, da amorosidade, da tolerância, da paciência e, sobretudo, da coragem. É que, quando escrevia, Freire o fazia com intencionalidade e com posições políticas claras contra qualquer forma de opressão.

A escrita em forma de carta ou por meio do gênero carta nos leva a um envolvimento pessoal em nossas relações com os outros. É o gênero de escrita que mais se aproxima do sujeito oprimido que, mesmo não sabendo ler, solicita que o outro escreva e leia para

ele. É um convite permanente ao diálogo. Quem escreve carta sai da centralidade e provoca a participação do outro. Por meio das formas ele apresenta aquilo que é mais essencial na relação educando-educador. Ele não queria distância e nem intervalos sem notícias, por isso estava sempre escrevendo aos seus interlocutores das diversas partes do mundo. Diferentemente de autores que valorizavam a forma do conteúdo, ele explicita que o mais importante é o conteúdo da forma. Havia uma intencionalidade quando escrevia “cartas”. A forma que produz o diálogo, a comunicação, a interação (COELHO, 2011. p. 71).

Desse modo, a partir da compreensão de que o gênero carta é dialógico e pedagógico, as cartas pedagógicas “tomam uma dimensão fortemente marcada pelo compromisso com um diálogo que construa, de forma sistêmica, mas agradavelmente humana, a reflexão rigorosa acerca das questões da educação” (VIEIRA, 2008, p. 72). Portanto, para que estas pudessem funcionar como um “fio condutor” do processo formativo na perspectiva pensada para o “Colóquio Cartas a Paulo Freire”, teria que, necessariamente, haver um momento de devolutiva aos/as educadores/as, pois, toda carta anseia uma resposta. Como afirma Dickmann (2020, p. 47), “devemos incentivar respostas pedagógicas às cartas pedagógicas, para concretizar a vivência de uma nova cultura - dialógica - tanto da escrita da palavra, quanto da leitura da realidade de vida.

Conforme destacado anteriormente, as cartas enviadas pelos educadores e educadoras foram distribuídas entre os/as professores/as coordenadores/as do evento, que fizeram a leitura atenta e a devolutiva das mesmas no decorrer do Colóquio. Assim, para finalizar a reflexão proposta no presente artigo, o próximo tópico pretende se configurar como uma reflexão a partir dos aspectos abordados e sentidos atribuídos nas cartas pelas educadoras com as quais dialoguei mais diretamente.

### **Sobre as cartas das educadoras e educadores a Paulo Freire: entre situações limites e inéditos viáveis.**

Queridas Ana Maria, Eulália, Fancelly, Débora, Francisca Cardoso, Francisca de Paiva, Jasmira, Lana, Larissa, Lucimar, Jucelene, Luciene, Natalina, Rita de Cássia, Soraya Santos, Vanderlina e Vilma, a leitura das cartas de vocês permitiu inicialmente, fazer uma bela viagem na minha memória. Me fez lembrar muito da minha infância no sítio Bonito/Gov. Dix-Sept Rosado/RN, quando minha mãe, educadora popular assim como vocês, exercia o papel de escriba e de leitora para a vizinhança que a procurava para escrever e ler cartas para parentes que moravam em São Paulo e Rio de Janeiro. Quanta alegria enviar e receber notícias por

meio de cartas, não é mesmo? Lembrei ainda do tempo em que trabalhei no MEB em Mossoró/RN, quando recebíamos cartas de educadores e educadoras de base com as quais experienciávamos práticas de educação popular, cartas essas que eram lidas no programa de rádio do MEB que era levado ao ar de segunda a sábado na Rádio Rural de Mossoró/RN. Isso nos lembra que escrever cartas é, também, um exercício de amorosidade, pois só escrevemos cartas para quem, de alguma forma, nos afeta, nos toca emotivamente, cria vínculos de compromisso, tal qual Paulo Freire o fez através das suas cartas pedagógicas (VIEIRA, 2008).

Pois bem, ao ler as cartas de vocês, fui tomada por um misto de sentimentos: contentamento, tristeza e esperança. O primeiro sentimento foi de contentamento por estar diante de um gênero textual – carta – presente no cotidiano das pessoas desde a antiguidade, mas que diante da tecnologia tem caído em desuso, porém, persiste enquanto forma de comunicação. O segundo sentimento foi um misto de tristeza e esperança, diante do conteúdo das cartas. Tristeza e angústia perante tantos problemas denunciados por vocês, os quais, me reportando a Paulo Freire, chamo-os de “Situações-limites”. Lembrando que para Freire (1987), as situações-limites não seriam elas, *em si*, geradoras de desesperança e paralisia, mas a “percepção que os homens tenham delas num dado momento histórico, como um freio a eles, como algo que eles não podem ultrapassar” (FREIRE, 1987, p. 51). Ou seja, as situações-limites podem ser caracterizadas como barreiras para graus maiores de humanização, sendo preciso que os sujeitos as confrontem e as superem para que realizem sua vocação ontológica de “ser mais” (FREIRE, 1987).

Conforme vocês destacaram nas cartas, a pandemia do novo coronavírus (Covid-19) acarretou entre outros problemas e suas consequências: medo/angústia; dúvidas/incertezas; confinamento/isolamento social; afastamento das pessoas queridas; crise sanitária, econômica e social; morte; negacionismo da ciência; bombardeio de informações sobre o vírus; *fake news*; trabalho em *home office*; sobrecarga do trabalho doméstico para as mulheres; negrogoverno marcado por corrupção, que coloca o lucro acima das vidas, cuja marca maior é o seu descompromisso com os mais pobres, em especial, a população indígena, quilombola, moradores de rua. Aumento das desigualdades sociais: concentração de renda e aumento da fome e exclusão social, desigualdade educacional (ampliada pela aulas remotas), visto que a maioria das crianças, jovens e adultos não têm acesso à internet banda larga, computador e/ou celular, bem como, falta conhecimentos para dominar tais recursos tecnológicos; escolas “fechadas em suas estruturas curriculares” não

levam em conta os conhecimentos cotidianos dos sujeitos, aos moldes da “educação bancária”, limitando assim a criatividade e capacidade de educadores e educandos.

Pois é, caríssimas, como vocês tão bem descreveram nas cartas, vivemos tempos desesperadores, tempos de situações-limite, tempos de pandemia, de “infodemia” (somos bombardeados/as por informações de toda natureza: informações sérias, importantes, mas também, muitas *fake news*). Mas, num exercício diário de pensar e refletir os atuais acontecimentos sobre o mundo que nos cerca – e usando as lentes de uma perspectiva antropológica freiriana de que o ser humano é inacabado, inconcluso e incompleto, que somos seres por se fazer, sempre movidos pela curiosidade e inquietude – nos perguntamos: quais os elementos necessários para que todos esses sentimentos aflorados nos coloquem em movimento e nos conduzam a novos caminhos e a novos lugares buscando a superação das situações limites?

Sobre esse aspecto nos reportamos a Osowski (2008, p. 386), ao afirmar que para Freire, a busca da superação das situações-limites passa fundamentalmente pelo desenvolvimento de um “pensamento crítico presente numa pedagogia da denúncia dessas situações-limites e numa pedagogia do anúncio de um inédito-viável a ser buscado e experienciado”. É importante destacar que Freire (1987) nos alerta que, ter a consciência de que “somos seres inconclusos” só fará sentido se juntarmos isso a uma luta política pela transformação da realidade, caso contrário, cairemos no fatalismo.

Assim, tal qual instiga o “paradigma indiciário” de Ginzburg (1989) busquei, a partir das sutilezas da realidade cotidiana descrita nas cartas de vocês, garimpar indícios, rastros ou pistas que me indicassem a existência de possibilidades de construção dos “inéditos-viáveis” ou do esperar freireanos. Destaco alguns aspectos, como:

A pandemia também fez repensar modos de vida, maior convívio com a família, exercício do maior cuidado com o outro, especialmente com os pais e as crianças. Maior organização da comunidade, especialmente para a elaboração de cadastro das famílias acampadas para exigir do poder público ações de apoio e políticas públicas; recuperação de nascentes de rios, organização e cultivo de hortas comunitárias, organização de espaço para funcionamento de escolas. O apoio do MEB nos momentos mais difíceis, ajudou a mediar conflitos na comunidade, contribuiu para dar visibilidade aos sujeitos da comunidade, distribuição de cestas básicas para os mais necessitados, num exercício da caridade tal qual nos ensina o Papa Francisco.

Nas comunidades/territórios indígenas algumas práticas importantes foram retomadas, como: a caça, a pesca, a colheita, práticas essas que não eram mais tão frequentes nos últimos anos por conta de outras atividades que foram se apropriando, por necessidades ou por influências de não indígenas. Momento de reafirmar o compromisso e a militância no MST. Práticas de solidariedade: educadoras que passaram a dar aulas de reforço às crianças da comunidade (sem custos para as famílias das crianças); retomada dos cursinhos populares nas periferias (mesmo de forma remota) para amenizar as dificuldades de aprendizagem dos jovens das periferias e ajudá-los a conquistar uma vaga nas universidades públicas; organização de círculos de cultura nas comunidades (com todos os cuidados e orientações sanitárias das autoridades de saúde) para lutar por melhoria nessas comunidades. Uso dos recursos tecnológicos (celular/internet) para orientar as pessoas da comunidade a se comunicar com parentes próximos e distantes, para amenizar os problemas acarretados pelo isolamento social, como um exercício de afetividade e de resgate de memória ao se comunicarem com parentes das suas cidades de origem.

Todas essas práticas e ações descritas por vocês podem à primeira vista parecer algo pequeno, mas, à luz do referencial freireano, podem constituir-se como práticas pedagógicas dos *inéditos viáveis* e/ou, exercícios do *esperançar*. Como ressaltam Souza e Carvalho (2018, p. 1295), é importante destacar que os *inéditos viáveis* são *sonhos possíveis* e, sobretudo, coletivos; pessoal e coletivo se articulariam em direção à justiça social, fundamentados em ideais democráticos e na busca por *ser mais*. Ou, conforme destaca Boff (2014) *apud* Paro (2020):

Paulo Freire mostra a história e a existência humana como feixe de possibilidades e virtualidades que podem, pela prática histórica, ser levadas à concretização. Daqui nasce a esperança histórica, aquilo que ele chama de ‘inédito viável’, vale dizer, aquilo que ainda não foi ensaiado e é inédito, mas que pode, pela ação articulada dos sujeitos históricos, vir a ser ridente realidade (BOFF, 2014, *apud* PARO, 2020, p. 15).

Assim, no dizer de Freire, a pedagogia do *inédito-viável* mobiliza o sujeito a refletir sobre a visão da história como possibilidade, e não como algo fatalista, já determinado e insuperável. A realidade é concebida como algo que está sendo e pode ser transformado. Ou seja, o *inédito-viável* nos diz que não há o reino do definitivo, do pronto e do acabado, da certeza, da quietude perfeita dos *sonhos possíveis*. O *inédito-viável* se nutre da inconclusão humana, não tem fim. É sempre um *devenir* (FREIRE, 1996).

## À guisa de conclusão

Em tempos tão sombrios, de incertezas, angústias, opressão e violência com os mais pobres, os excluídos, os invisíveis, os esfarrapados do mundo; a esperança como bem poetizou o saudoso Aldir Blanc em parceria com João Bosco, na música immortalizada na voz da também saudosa Elis Regina, a esperança nesse momento, pode estar na corda bamba. Ela titubeia, mas não cai, pois, teimamos e ousamos nos equilibrar nessa “Esperança equilibrista” porque nossa esperança vem do verbo esperar, como nos ensinou Paulo Freire.

Esperar é verbo, caminho, resistência, luta, arte, educação, educação popular/libertadora. E esse esperar está presente nas cartas das educadoras e educadores, nos mais diversos aspectos, como: acreditar e construir a história como possibilidade; exercer cotidianamente o amor, o carinho, o afeto, a alegria, a leveza, a generosidade e a solidariedade como exercício cotidiano para que a vida seja menos triste, pesada. Valorização das pessoas e respeito as diferenças. Ensinar as crianças e jovens a serem sujeitos empáticos, que respeitem as diferenças, tenham pensamento crítico, zelem pelo meio ambiente e pela mãe terra; que a vida esteja acima do lucro. Exercitar práticas de educação popular, ter coragem sempre pra lutar para melhorar a vida das pessoas, acreditar na luta coletiva, na resistência do povo, mesmo quando tudo parece tão obscuro. Acreditar e lutar por outro mundo possível, entendendo que essa possibilidade de construir um outro mundo possível se faz não só no macro espaço da política, mas também no micro espaço do cotidiano. Exercitar mais espaços de formação como esse curso ora vivenciado e, lutar para que as universidades públicas cumpram cada vez mais o seu papel de formadora das classes populares.

Por fim, a riqueza da experiência vivenciada no decorrer do “Colóquio Cartas a Paulo Freire” nos aponta que o uso das cartas pedagógicas enquanto instrumento metodológico contribuiu não apenas para maior interação e participação dos educadores e educadoras, mas também, para a compreensão, conforme destaca Freitas (2017), de que escrever cartas pedagógicas não consiste apenas num prazer pessoal, mas também da tarefa política de exercer a escrita como ação política, considerando-a também como uma forma de luta por “sonhos possíveis”, ou como enfatizado pelo próprio Paulo Freire em Cartas a Cristina:

Escrever, para mim, vem sendo tanto um prazer profundamente experimentado quanto um dever irrecusável, uma tarefa política a ser cumprida. (...) escrever não é uma questão apenas de satisfação pessoal. Não escrevo somente porque me dá prazer escrever, mas

também porque me sinto politicamente comprometido, porque gostaria de convencer outras pessoas, sem a elas mentir, de que o sonho ou os sonhos de que falo, sobre que escrevo e porque luto, valem a pena ser tentados (FREIRE, 1994, p.15-16).

Assim, entendemos que a potência pedagógica do legado de Paulo Freire é a de manter viva a sua presença na luta de educadores e educadoras que continuam acreditando nas possibilidades de a educação, apesar dos seus limites, tornar possível o impossível (FREITAS, 2018). O sonho possível não se trata de uma idealização ingênua, emerge da reflexão crítica acerca das condições sociais de opressão. A luta pelos sonhos possíveis implica assumir um duplo compromisso: o compromisso com a denúncia da realidade excludente, e o anúncio de possibilidades de sua democratização; e o compromisso com a criação de condições sociais de concretização de tais possibilidades, como desafio decorrente da prática educativa problematizadora e libertadora.

### Referências:

- COELHO, Edgar P. **Pedagogia da correspondência**: Paulo Freire e a educação por cartas e livros. Brasília: Liber Livro, 2011.
- COSTA, Ana M; SANTOS, Simone Cabral M; VALE, Elizabete C. 50 anos da pedagogia do oprimido: quem são os oprimidos hoje? In: **Caderno temático**: a atualidade do pensamento de Paulo Freire. Revista Olhar de Professor. Ponta Grossa, PR: Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, 2020. DOI: 10.5212/OlharProfr.v.23.2020.16699.209209229146.0820. Disponível em: <http://www.uepg.br/olhardeprofessor> Acesso: 20 jul.2021
- DICKMANN, Ivo. As dez características de uma carta pedagógica. In: PAULO, Fernanda dos S. DICKMANN, Ivo (orgs.). **Cartas pedagógicas**: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular. Chapecó, SC: Livrológia, 2020. (Coleção Paulo Freire, v. 2.).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Pedagogia do inédito-viável**: contribuições de Paulo Freire para fortalecer o potencial emancipatório das relações

ensinar-aprender-pesquisar. In: **V Colóquio Internacional Paulo Freire** – Recife, 19 a 22-setembro 2005.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Carta sobre cartas pedagógicas: compartilhando experiências sobre a formação de professores/as e de gestores/as. In: **Anais do II Congresso Internacional Paulo Freire: o legado global**, 2017. Disponível em: <https://proceedings.science/freire-globalconference-> Acesso em 20 jul. 2021.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Organização Ana Maria Araújo Freire. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018. p. 39-45.

GADOTTI, Moacir. Prefácio. **Pedagogia da correspondência**: Paulo Freire e a educação por cartas e livros. Brasília: Liber Livro, 2011.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

OSOWSKI, Cecília I. Situações-limites. In: STRECK, Danilo et. al. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PARO, César Augusto et al. Paulo Freire e o inédito viável: esperança, utopia e transformação na saúde. In: **Trab. Educ. Saúde**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00227> . Data do acesso: 28 de maio de 2021.

SOUSA, Carlos Alberto Lopes de. **Projeto de extensão colóquio cartas para Paulo Freire**: da leitura do mundo à leitura da palavra. Brasília (DF): UnB, 2020.

SOUZA, Anderson Rodrigues de; CARVALHO, Jaciara de Sá. “Situação-limite”, “ato-limite” e “inédito viável”: categorias atuais para problematizar a “percepção” da realidade. In: **Revista e-curriculum**, São Paulo, v.16, n.4, p. 1288-1308 out./dez.2018. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/1289> Acesso em 20 jul. 2021.

VIEIRA, Adriano. Cartas pedagógicas. In: STRECK, Danilo et. al. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.



## Quando a tradição e a inovação se aquecem mutuamente: cartas para Paulo Freire em tempos de internet e distanciamento social

Carlos Ângelo de Meneses Sousa

---

Em um exercício de entressonho, imagino-me como Paulo Freire e deixo-me sentir e pensar por onde iria a sua imaginação e pensamento ao ter acesso a uma carta de um(a) educador(a) popular em tempos de uma pandemia e distanciamento social, bem como, e para piorar a situação, em meio a um (des)governo federal, que tem negado reiteradas vezes as conquistas da ciência e, conseqüentemente ameaçado a vida e decretado a morte de milhões de brasileiros, sobretudo aqueles que por força da ausência de condições, não podem realizar o distanciamento social como medida sanitária, pois encontram transportes públicos lotados no seu deslocamento ao trabalho e retorno à casa, bem como e lastimavelmente foram abandonados nas crescentes estatísticas da fome, desemprego e morte. A pandemia explicitou exacerbadamente as antigas e contínuas desigualdades e injustiças sociais da sociedade capitalista.

Quando escrevo este texto, no dia 27 de junho de 2021, infelizmente o número de mortos decorrente da Covid-19 no Brasil ultrapassou o estarrecedor número de mais de meio milhão de cidadãos brasileiros, dos quais, em grande parte, foram tirados, criminosamente, a possibilidade de continuar vivendo, por não terem a oportunidade de serem vacinados contra a Covid-19. A banalidade do mal<sup>1</sup>, expressão contundente de Hanna Arendt, grassa em nosso cenário nacional e ela nos ajuda a refletir sobre esse contexto ao nos advertir que:

[...] mesmo no tempo mais sombrio temos o direito de esperar alguma iluminação, e que tal iluminação pode bem provir, menos das teorias e conceitos, e mais da luz incerta, bruxuleante e frequentemente fraca que alguns homens e mulheres, nas suas vidas e obras, farão brilhar em quase todas as circunstâncias e irradiarão pelo tempo que lhes foi dado na terra (ARENDDT, 1987, p. 7)

---

1 - Arendt (1993, p.145) assim explicita sua compreensão sobre tal expressão: “Há alguns anos, em relato sobre o julgamento de Eichmann em Jerusalém, mencionei a “banalidade do mal”. Não quis, com a expressão, referir-me a teoria ou doutrina de qualquer espécie, mas antes a algo bastante factual, o fenômeno dos atos maus, cometidos em proporções gigantescas – atos cuja raiz não iremos encontrar em uma especial maldade, patologia ou convicção ideológica do agente; sua personalidade destacava-se unicamente por uma extraordinária superficialidade”.

Nessa perspectiva, um coletivo de instituições<sup>2</sup>, frente a esse caos e diante da proximidade dos 100 anos de nascimento de Paulo Freire em 2021, resolveu realizar uma atividade de extensão universitária em forma de colóquio, ainda em 2020, intitulado “Cartas para Paulo Freire: da leitura do mundo à leitura da Palavra”. Visou-se celebrar o centenário de nascimento de Paulo Freire e confirmar, do ponto de vista político e pedagógico, a atualidade de sua obra, que sempre se mostrou como um pensar e agir como luz de esperança, sobretudo aos oprimidos e um convite universal à humanização.

O colóquio levantou, problematizou e aprofundou temas e questões geradoras no âmbito da educação popular no contexto da Covid-19, considerando os pressupostos freireanos e enfoques críticos da intervenção e da pesquisa social. Uma das atividades foi o convite para que os participantes escrevessem uma carta para Paulo Freire nesse contexto em que vivemos.

Celebrar um centenário é uma consolidação de uma tradição; um reconhecimento da viva memória que alimenta, sustenta e gera novos e vigorosos brotos em uma frondosa árvore que é a obra escrita e vivida de Paulo Freire. A tradição que viceja não nega, antes pavimenta o novo, a inovação, pois é, a partir da tradição, de um clássico que, geralmente, se apresentam e vingam as melhores e mais frutuosas experiências de inovação, não qualquer inovação, mas aquela que, na continuidade da tradição, a assume e a transforma, renovando-a à luz e necessidades dos contextos históricos que se apresentam a cada tempo da existência humana em suas diferentes instituições sociais, na própria sociedade.

Como Paulo Freire receberia essas cartas via Internet? Que sentimentos lhe fariam acelerar o coração e que pensamentos lhe assaltariam a mente? Indubitavelmente mergulharia nos relatos de cada educador(a), nas suas palavras, emoções e narrativas. Neste ano de 2021, Paulo Freire completaria 100 anos, um século de vida! A tradição e a inovação se encontram, não de forma enganosa, em seu pensamento e ação ao longo de sua vida e agora por aqueles indivíduos e coletivos sociais que continuam seus sonhos e projetos de esperança, alinhavados por uma vigorosa teoria presente em seus escritos e, sobretudo, vivenciada como práxis nas inúmeras ações de educadores(as) populares, movimentos sociais e tantos outros coletivos que promovem uma educação emancipadora.

As cartas foram escritas e enviadas pela Internet, via e-mail. Que bom que esse exercício de encontro e diálogo mediado pelas atuais tecnologias

---

2 - Movimento de Educação de Base (MEB), as Universidade de Brasília (UnB) e a Católica de Brasília (UCB), a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e a Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

digitais da informação e comunicação, também podem nos aproximar e diminuir a solidão em tempos de pandemia e necessário distanciamento social, como forma de acolher, proteger, cultivar e estimular a vida. Digo também, porque como toda criação humana, as tecnologias trazem a possibilidade reversa de uma segregação social, do ensimesmamento egoísta da aparência e da disseminação massiva do ódio, das notícias propositadamente falsas e, por isso, mais danosas e perigosas, tanto para o indivíduo, quanto para a sociedade como um todo.

Conforme escrevi em outro momento, quando pesquisava cartas históricas, destaquei que elas, as cartas, em tempos de internet e e-mail, “já não têm o mesmo espaço que outrora ocupavam na informação, na partilha, formação e fortalecimento de laços afetivos entre indivíduos, grupos e coletividades” (SOUSA, 2012, p.293).

E o que dizer de cartas escritas em um tempo presente e dentro de um ambiente de formação de um colóquio pedagógico em tempos de pandemia e em vista de celebrar a viva memória do centenário de nascimento do patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire? Indubitavelmente, as cartas assumem um resgate do melhor da tradição, ainda que por meios renovados nas ondas da Internet. Confirma-se, mais uma vez, que “elas foram e ainda são, fonte riquíssima, um privilegiado registro de como seu remetente apercebe seu meio e, direta ou indiretamente sua época, bem como a si mesmo”. Assim, a escrita da carta, entendida também “como prática de escrita, de registro de intenções e comunicação, pode velar e desvelar, tanto as tramas e tessituras de uma época, quanto sobre quem a remete e sobre quem a recebe. (SOUSA, 2012, p. 293).

A diversidade dos estilos de escrita de uma missiva, revela como nos lembra Bakhtin (2004, p.43) que “[...] cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas do discurso na comunicação sócio-ideológica”. Dessa forma, as cartas nos oportunizam incursionar nos labirintos e veredas dos pertencimentos políticos e filiações institucionais, bem como expressar seus modos de ver e sentir a realidade que os circunda e os inunda no estar e ser nesse mundo.

Assim, ao ler as diversas cartas, pude ver em suas comunicações os diversos lugares do nosso Brasil, de um Brasil profundo, expressos por exemplo, em um trecho que narra a situação das favelas e aldeias, que transcrevo agora, em que você, caro educador, escreveu:

*Outra situação é das favelas e das aldeias, as marcas da desigualdade aumentam o desafio para prevenção e controle da Covid-19 e exigem estratégias intersetoriais adaptadas a contextos diferentes. Uso de álcool gel e máscaras, higienização das mãos e mesmo a recomendação*

*para não sair de casa são medidas que esbarram em realidades brasileiras, ou na ausência de direitos básicos, como saúde, emprego e moradia. Garantir proteção social para as populações em situação de vulnerabilidade, no contexto da pandemia, é também uma forma de promover saúde. Quem tem fome, tem fome hoje, não é amanhã ou daqui a duas semanas. Esse é o desafio trazido pela pandemia: Como lidar com políticas públicas que são de hoje, para hoje, têm que ser pensadas agora, com necessidades muito práticas? (Carta de Antônio Mascarenhas da Ressurreição, 2020)*

Sua carta expressa com realismo e alerta, o fato de que a pandemia da Covid-19 exacerbou os seculares problemas do nosso povo e que, ainda que necessário e bem-vindo o atendimento imediato e solidário de campanhas diversas, especialmente contra a fome, certamente há de se ter políticas públicas, ações de governo e não, apenas, ações pontuais. Escutar a viva voz dos marginalizados e excluídos, empobrecidos e explorados, postos em situação de vulnerabilidade de toda ordem é fundamental para construirmos uma efetiva democracia, pois ela só se efetivará em nosso país, quando todos forem tratados como cidadãos, tendo seus direitos fundamentais assegurados diuturnamente.

Escutar essas vozes silenciadas ao longo de nossa história, requer uma postura ética distinta de quem assume, conscientemente ou não, em sua situação de classe social, ser opressor. A perpetuação da dicotomia opressor-oprimido não gera a tão necessária fraternidade. Aqui é importante lembrar de um dos escritos freirianos, no livro “Pedagogia do Oprimido”, no qual ele destaca fortemente que o diálogo é condição do fazer-se ser humano. Certamente, apesar de todas as manifestações de desumanização que vemos no cotidiano, há de se ter fé na humanidade, fé em nós mesmos.

Contudo não é uma fé ingênua. O homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, ter esse poder prejudicado. Esta possibilidade, porém, em lugar de matar no homem dialógico a sua fé nos homens, aparece a ele, pelo contrário, como um desafio ao qual tem de responder. Está convencido de que este poder de fazer e transformar, mesmo que negado em situações concretas, tende a renascer. Pode constituir-se. **Não gratuitamente, mas na e pela luta por sua libertação.** (FREIRE, 2014, p. 112-113 – nosso destaque).

E em outra carta, um outro educador relata, enquanto pai e professor de história, como esse tempo de pandemia tem sido vivenciado em seu lar e na sua cidade, em Teresina, no Piauí. Ele escreveu:

*Como professor, o nosso trabalho tem sido muito duro. Desde março desse ano que as aulas presenciais foram suspensas por conta da pandemia. De um lado, a possibilidade de trabalhar em casa foi boa, pois me deixou mais próximo da minha companheira e da minha filhinha de 2 anos. Nada é mais empolgante do que vê-la fazer as primeiras leituras do mundo, e você estava totalmente certo: a leitura do mundo precede e é indispensável para leitura da palavra. Como ela aprende rápido, o ser humano em sua essência é fascinante. Espero que todo amor que compartilhamos em nossa casa, um dia ela possa depejá-lo mundo a fora.*

*Do outro lado, vem a preocupação com aqueles que não podemos dar o mesmo acompanhamento que dou para minha filha: os estudantes que oriento. A realidade da periferia onde trabalho é cruel: famílias desestruturadas, violência e muita falta de assistência do Estado. É inacreditável como o pensamento mesquinho de alguns liberais consideram que no Brasil o “Estado é muito grande, precisamos enxugar a máquina”. A pior máquina existente no Brasil é a miséria, e nessa pandemia ela tem se sofisticado cada vez mais. Por um curto período na história do Brasil se combateu a fome, hoje ela volta a ser realidade. Isso, inevitavelmente, me dói a alma, porém me mobiliza no sentido que precisamos resistir corajosamente. (Carta de Cássio de Sousa Borges, 2020)*

A sua carta, caro educador, está repleta de pulsações de vida, de práticas educativas que se querem populares que buscam aprender e conhecer mais, de uma educação escolar e popular, que se quererem democráticas, críticas e emancipatórias. Sua carta possui a fome como afeto, como nos lembra Rubens Alves (2002), o sentir-se afetado lhe faz ir atrás para saciar essa fome de vida em meio a um cenário de estruturas que geram morte.

O cultivo do conhecimento científico crítico aprimora essa ação educativa. E nesse sentido reafirmo o que há muito tempo Paulo Freire tinha falado e escrito. Como por exemplo, de que “a prática educativa, reconhecendo-se como prática política, se recusa a deixar-se aprisionar na estreiteza burocrática “[...] e ao lidar com o conhecimento, ela “é tão interessada em possibilitar o ensino de conteúdos às pessoas quanto em sua conscientização” (FREIRE, 2001, p.16); isto é, não se trata de um neutro e indiferente processo de conhecer, mas antes, um ato que alarga a consciência, conscientiza para as relações com o mundo, com os outros e consigo mesmo.

Contudo, não há diálogo se a razão e a emoção se apartarem, se distanciarem. Nos recorda Freire (2014, p.110) “se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda”. Em tempos sombrios como o que vivemos de negação da política, das utopias *light* (LIPOVETSKY, 2016), vale a pena eu retomar, mais uma vez, um outro trecho de “Pedagogia do Oprimido”, quando Freire destaca a relação entre o fazer ciência e o amar:

Cada vez me convenço mais da necessidade de que os verdadeiros revolucionários reconheçam na revolução [...] um ato de amor. Para nós, a revolução, que não se faz sem teoria da revolução, portanto sem ciência, não tem nesta uma inconciliação com o amor. [...] Não é devido à deteriorização a que se submete a palavra amor no mundo capitalista que a revolução vá deixar de ser amorosa, nem os revolucionários fazer silêncio de seu caráter biófilo. (FREIRE, 2014, p.110)

Seu sonho, utopia de ver a sua “filhinha” crescer e “despejar esse amor mundo a fora”, bem como seus alunos, é fundamental **e nosso**, pois se não há um profundo amor ao mundo e ao ser humano e a toda natureza não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação.

Em tempos como o que vivemos de negação da política, das utopias *lights* vale a pena enfatizar a importância de vivermos o ato educativo como ato político de construção de uma sociedade nova.

Como nos lembra Roger Chartier (2002), as obras de um autor, especialmente quando se tornam clássicos não ficam estáveis, imóveis e não têm sentido universal unívoco. Ao contrário, são ressignificadas constantemente no jogo político de continuidade ou apagamento de sua memória. Esse jogo de indivíduos e coletivos criam “investimentos de significações plurais e móveis, construídas na negociação entre uma proposição e uma recepção”, estas se dão “no encontro entre as formas e os motivos que lhes dão sua estrutura e as competências ou as expectativas dos públicos que delas se apropriam” (CHARTIER, 2002, p.93).

Nesse sentido, ao reafirmar pedagogicamente e politicamente a permanência do valor da obra e legado freiriano, cuja tradição se celebra no seu centenário de nascimento, apresentamos às novas gerações, em meio às novas tecnologias, nas ondas da internet, de forma renovada e inovadora, sua atualidade estonteante em um cenário de negação da vida.

Assim, em tempos sombrios, frios e de banalidade do mal, a tradição e a inovação em Paulo Freire se aquecem mutuamente e nos propiciam renovar as esperanças!

## Referências:

ALVES, Rubens. **A arte de produzir fome**. Sinapse. In: Folha de São Paulo, 29/10/2002, p.6. Disponível em <http://goo.gl/JWB870>. Acesso em 27 jun. de 2021.

ARENDDT, Hannah. **A dignidade da política**: ensaios e conferências. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

ARENDDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV, V. M.). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Unesp, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2014.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **Da leveza**: Para uma civilização do ligeiro. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2016.

SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses. Cartas, Histórias e Educação Jesuítica: Apontamentos sobre os Primeiros Anos do Colégio Nóbrega (1917-1920). In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia; HOLANDA, Patrícia Helena Carvalho; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de; ARAUJO, José Edvar Costa de. (Org.). **História da Educação**: República, Escola e Religião. Fortaleza: Edições UFC, 2012, v. 1, p. 293-306.



# Cartas de educadores a Paulo Freire como expressão de inéditos viáveis em tempo de pandemia

Maria Clarisse Vieira

## Introdução

Este artigo é resultante de reflexões advindas da minha atuação no Colóquio Cartas a Paulo Freire, ocorrido no segundo semestre de 2020, como fruto da parceria de quatro universidades<sup>1</sup> e do Movimento de Educação de Base (MEB). Organizado em 4 encontros virtuais, este evento teve como público-alvo educadores populares, estudantes de licenciatura e pesquisadores (as) que têm em Paulo Freire, uma das referências basilares de sua prática. O objetivo geral do colóquio era “levantar, problematizar e aprofundar temas e questões geradoras no âmbito da educação popular no contexto da Covid 19, considerando também os próprios meios de desenvolvimento dessa formação, pressupostos de Paulo Freire e enfoques da intervenção e pesquisa social” (Projeto do Colóquio). Tendo em vista que em 2021 completam-se 100 anos do nascimento de Freire, a proposta formativa do evento, propunha por meio da interação social e do diálogo com os participantes, a sistematização de cartas dirigidas a este educador, incluindo o uso de diferentes recursos e linguagens da mídia impressa e das tecnologias da informação e comunicação (idem).

Considerando o objetivo do colóquio, o texto em tela dialoga com as cartas de oito educadoras, produzidas ao longo do evento, tendo como referência o conceito de atos limites, situações limites e inéditos viáveis presentes no pensamento de Freire. Discute, portanto, a partir das vozes destes educadores como percebem as influências do ideário de Paulo Freire no âmbito de sua prática pedagógica e como avaliam e projetam “inéditos viáveis” ou sonhos possíveis como superação/transformação nos cenários desafiadores decorrentes da pandemia Covid 19.

O texto está organizado da seguinte forma: Inicialmente, analisam-se as mudanças educacionais, decorrentes da pandemia da Covid-19, em especial, no âmbito da educação de jovens e adultos e da educação popular. Em seguida, a partir de alguns conceitos presentes na obra freireana, analisa desafios vivenciados neste cenário, a partir do cotejamento das cartas produzidas no bojo do referido evento.

---

1 - Universidade de Brasília, Universidade Estadual da Paraíba, Universidade de Alagoas e Universidade Católica de Brasília.

## **Dialogando com as cartas à luz do pensamento de Freire**

O ano de 2020 é visto como um tempo singular em virtude de problemas que afetaram o mundo de maneira global. Dentre eles, se destaca a crise sanitária, definida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como pandemia do Novo Corona Vírus que foi experimentada de forma desigual em todo o planeta. A crise sanitária se prolongou até 2021, com a permanência, em alguns países, do isolamento e distanciamento social, bem como suas reverberações no âmbito social, econômico, político e ecológico, etc.

De fato, o mundo foi abalado face aos acontecimentos que emergiram neste período. Segundo Ferreira (2020), o Brasil nunca havia passado por uma pandemia com o mesmo nível de letalidade e contaminação, em virtude do intenso processo de globalização que permitiu o encurtamento das distâncias e do espalhamento do vírus pelo tráfego aéreo. A crise sanitária inaugurada com a Covid 19 tem exigido outros modos de encontros e manutenção dos vínculos profissionais-acadêmicos, sobretudo se considerados seus efeitos para o sistema escolar.

No tocante aos aspectos educacionais, a crise envolveu a suspensão temporária das aulas em escolas e universidades, em virtude da necessidade de adaptação ao contexto de ensino remoto, como forma de conter a disseminação do vírus. Tais mudanças afetaram o cotidiano e o processo de ensino-aprendizagem de estudantes e de toda a comunidade escolar e acadêmica. Ela atingiu, sobretudo, os segmentos das camadas populares, em especial os educandos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e da educação popular, devido ao contexto de vulnerabilidade em que se encontram, pois muitas vezes são invisibilizados nas políticas públicas brasileiras. É importante mencionar que a maior parte dos sujeitos que frequentam as turmas de EJA e da educação popular são pertencentes às camadas populares, e como tal, se encontram enredados em teias mais amplas de vulnerabilidade social. Ao mesmo tempo em que vivenciam processos de exclusão social, materializados em processos de segregação cultural, espacial, étnica e econômica, experimentam, cotidianamente, o abalo de seu sentimento de pertença social e o bloqueio de perspectivas de futuro social.

Essa condição de classe e de trabalhador de baixa renda leva a maior parte dos educandos da EJA a situar-se entre a população mais vulnerável aos efeitos da pandemia da covid-19, sentindo tanto os impactos relacionados à doença em si e ao seu tratamento, quanto as consequências econômicas advindas da necessidade de distanciamento social (NICODEMOS; SERRA, 2020, p.872)

Em função deste contexto, o Colóquio Cartas para Paulo Freire, realizado de forma virtual e remota, nos meses de agosto a setembro de 2020, propôs aos participantes a escrita de cartas dirigidas ao educador Paulo Freire como forma de sistematizar e registrar os sentidos e significados que os educadores populares têm construído neste período. Importante mencionar que o Colóquio teve a participação de 173 pessoas, no entanto, para fins de análise selecionamos 8 cartas para dialogar, considerando como critério a diversidade de experiências e espaços nos quais atuam. Para discutir os sentidos atribuídos pelos educadores e valorizar as singularidades que aparecem nas cartas recorreremos a alguns exercícios. Primeiramente, informamos quem são estes educadores, o que expressam sobre os cenários encontrados, situações-limites vividas no cotidiano, como percebem as aulas remotas e como vislumbram com base em Freire os chamados inéditos viáveis.

### **Quem são os educadores e como se posicionam frente ao atual cenário**

---

Quem são e quais são, a partir do espaço/tempo que se encontram, os sentidos e significados atribuídos pelos educadores, participantes do Colóquio, às situações vividas e ao contexto geral da Covid-19? Como, a partir de Paulo Freire se percebem educadores, neste momento? Discutir esta questão implica em reconhecer as trajetórias sociais e coletivas que atravessam os percursos individuais de cada educador, que compreende as dimensões pessoais e profissionais, que envolvem sua formação/atuação. A análise deste processo nos remete às reflexões realizadas por Antonio Nóvoa, quando este afirma que “estar em formação implica um investimento pessoal, livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade pessoal, que é também uma identidade profissional”. Nessa perspectiva, a formação se desenvolve por meio de um exercício de “reflexividade crítica sobre as práticas de reconstrução permanente de uma identidade pessoal” (NÓVOA, 1991, p.70).

Para efeito de registro, mostramos a seguir quem são estes educadores, e que espaços/tempos ocupam:

1. Maria Leda – do assentamento São Domingos;
2. De Nina Rodrigues – do Maranhão, educadora do campo e líder do MST, atua com EJA e no setor educação;
3. Candido Júnior - professor de História, educador quilombola, Rio Grande do Norte;

4. Augusta Eulalia – educadora popular, membro do Conselho Missionário Indigenista, atuando há mais de 17 anos com as populações indígenas;
5. Jasmira de Souza Xavier – professora de educação de pessoas jovens e adultas do assentamento urbano, Dorothy Stein, no Distrito Federal;
6. Gilma Alves – estudante de Pedagogia, Coordenadora do Centro Acadêmico de Pedagogia da UEPB;
7. Ana Flávia – estudante de Filosofia, educadora do Cursinho Podemos Mais, militante do Levante Popular da Juventude;
8. Rosimeire Lopes – professora de inglês, do segundo segmento da EJA, na Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal;
9. Francisca (Nenzinha), educadora popular, Fortaleza (CE);
10. Sandra Beijú, educadora popular, Aracajú (SE);

De diferentes lugares do país, esses(as) educadores(as) expressam a diversidade presente na educação popular. Podemos encontrar educadores(as) do campo, da cidade, quilombolas, indígenas, estudantes e professores de cursinhos populares. Todos(as) estão envolvidos em projetos ou ações educativas que atendem um público composto por pessoas da educação de jovens e adultos, sujeitos que, em geral, não tiveram acesso à escolarização básica e se encontram em ocupações profissionais consideradas como de baixo prestígio social em nossa sociedade. Por conseguinte, moram em regiões com pouco acesso às políticas públicas, como saneamento básico e hospitais e são os que se encontram mais fragilizados no contexto de pandemia. Também se encontram representados nos educadores, a população indígena e as juventudes da rede pública, a exemplo daqueles estudantes do ensino médio, inscritos em projetos de cursinhos populares que tem Freire como uma das referências pedagógicas.

A leitura/diálogo de suas cartas autoriza-nos a afirmar que todos são educadores que assumem os princípios de Paulo Freire como referência em sua prática educativa e esta proximidade nos permite enveredar no conteúdo dos textos produzidos, identificando as situações e atos-limites, bem como os laços de solidariedade tecidos neste cenário que viabilizam os inéditos viáveis. Em sua obra, *Pedagogia da Esperança* (1992), Freire realiza um reencontro com a Pedagogia do Oprimido, retomando conceitos e análises que nos ajudam a compreender melhor seu pensamento. Nesta obra, retoma as categorias de situação-limite e do inédito viável que trazem

consigo “toda uma crença no sonho possível e na utopia que virá desde que os que fazem a sua história assim queiram”, esperanças bem próprias de Freire (1992, p.205).

Mas como estes educadores expressam suas compreensões acerca dos cenários vividos? Com base nas cartas, percebe-se o quanto os projetos são impactados pelo atual cenário da pandemia. As cartas expressam a experiência do luto, da ansiedade, do sentimento de medo e impotência diante do vírus. Também mostram famílias no isolamento social confinadas em casas com espaço reduzido e precário e, no caso das comunidades indígenas, algumas que consideraram mais seguro se isolarem no mato. Alguns revelam que em meio ao isolamento social, seguem no cuidado dos filhos e parentes mais próximos e da educação dos mesmos. Muitos educadores assim se expressam:

Tempos difíceis, tempos de se reinventar (Jasmira).

Tempos sombrios, o que faz com que nos sintamos vulneráveis e impotentes (Ana Flávia)

É comum encontrar, nas cartas, educadores que mencionam o que têm vivenciado no contexto familiar e cotidiano: alguns em situação de desemprego; outros realizando o trabalho remoto, mas todos conscientes do momento vivido. Manifestam como os projetos, dos quais fazem parte, têm sido impactados pelo atual cenário da pandemia.

Freire acredita que, durante a trajetória de vida, os homens e mulheres podem se deparar com barreiras que os impossibilitam de prosseguir. Os obstáculos e os desafios podem ser situações correntes da vida, próprias do contexto histórico em que estão inseridos. Tais barreiras e obstáculos são denominados por Freire de situação-limite. Segundo ele, neste momento, os indivíduos podem ter atitudes distintas diante deste cenário. Caso percebam que a barreira impede a caminhada e o enfrentamento, o indivíduo pode ter a atitude de aceitação, acomodação e paralisia. Mas se os sujeitos percebem, criticamente, e reconhecem a existência do obstáculo e que ele precisa ser transposto, eles podem desenvolver a atitude de encarar e superar.

De acordo com Freire, por meio da categoria situação-limite vislumbra-se que há algo novo, não conhecido e vivido na sociedade, no entanto, quando este “algo novo” se torna um “percebido e destacado”, ele passa a ser um tema-problema que poderá ser enfrentado e transformado. Os discursos expressos nas cartas revelam que, com a crise sanitária instalada pela Covid19, foram acentuados os problemas já existentes na

sociedade. Problemas como o desemprego e a fome se agravaram. Mas como os educadores enxergam/enfrentam essa situação-limite?

Gilma, educadora popular, ao se dar conta do crescente número de mortos afirma “se não bastasse o estorvo na saúde, ocorrem ataques à educação, quando governos ameaçam com o retorno das aulas presenciais”. Jasmira, que trabalha com a EJA e com a população idosa, teme que os grupos com os quais trabalha sejam atingidos pelo vírus, pois são considerados grupos de risco. Esta educadora atua em um acampamento urbano, no Distrito federal, no qual as pessoas vivem de forma precária e são excluídas dos serviços de saúde, transporte e segurança e do trabalho formal. Ela suspendeu os encontros presenciais e conscientizou os educandos acerca da importância do distanciamento social, mas segundo ela, a maioria dos seus educandos precisa sobreviver e enfrentam de forma cotidiana os perigos da contaminação para trazer o sustento às suas famílias.

As compreensões das educadoras acerca do cenário vigente, nos remetem à reflexão feita por Santos et al. (2020), quando afirmam que a pandemia trouxe à luz “de forma dramática e incontestável, as contradições ligadas às desigualdades sociais, econômicas, educacionais, étnicas, de gênero e de classe”, o que nos compele, enquanto sociedade, a questionar possíveis caminhos para encontrar as soluções que assegurem o direito à vida e à dignidade. Dentre as desigualdades destacadas por Santos et al. (2020), as que mais dificultam a continuidade das atividades de ensino e aprendizagem dos estudantes da educação popular são os problemas de acesso aos meios tecnológicos, como o uso da internet e de tecnologias digitais, resultantes da desigualdade social à qual estão imersos, sobretudo, a partir da implementação do ensino remoto.

Ao longo das cartas, os educadores se posicionam de forma diversa em relação às aulas remotas. Alguns a veem como uma alternativa possível para o momento presente, outros entendem ser necessário se dedicar a outras vivências; muitos manifestam saudade das aulas presenciais e das pequenas coisas do cotidiano que foram perdidas neste período:

Segundo Jasmira, trabalhar de forma remota é como sentir-se prisioneira dentro da própria casa. De forma semelhante, Ana Flávia reflete sobre a impessoalidade das aulas remotas que traz problemas de aprendizagem. Ela ressalta a importância do contato físico e das aulas presenciais, pois entende que a educação transcende a relação com as palavras e implica o afeto e o sentimento. Por outro lado, esta jovem educadora reconhece que a internet, no momento, é a única forma de propagar o projeto de educação popular mundo afora.

Por sua vez, Gilma entende ser difícil este momento. Ela argumenta como é difícil superar a dor da perda de familiares, ou o medo de ir ao supermercado, além do cansaço e sobrecarga das aulas virtuais, quando uma parte da população sequer tem acesso à internet em suas residências. No mesmo sentido, Maria Leda nos informa que na educação do campo sequer há estrutura física para o ensino remoto, pois há uma questão mais profunda ligada às condições de vida do educando. Ela destaca sua dificuldade de se adaptar às aulas virtuais, do vazio e da saudade do abraço e da convivência em grupo.

No livro *Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire diz que

O desespero é uma espécie de silêncio, de recusa do mundo. No entanto, a desumanização que resulta da “ordem” injusta não deveria ser uma razão da perda da esperança, mas ao contrário, uma razão de desejar ainda mais, e de procurar sem descanso, restaurar a humanidade esmagada pela injustiça. (FREIRE, 1987,82).

Na tentativa de superar o processo de desumanização, acentuado nos tempos pandêmicos, muitos educadores, buscam desenvolver ações necessárias para superação desse mal. Segundo Freire, essas ações são denominadas de atos limites, pois “se dirigem à negação do dado, da aceitação dócil e passiva do que está aí, implicando uma postura decidida frente ao mundo” (FREIRE, 1992, p. 206)

Essa realidade vivenciada em diferentes cotidianos provoca percepções diversas, como também o desafio de criar alternativas e ação de educadores(as) que trabalham em projetos de educação popular, estudam ou pesquisam tal realidade. Neste momento, muitos(as) educadores(as) têm nos princípios presentes na proposta educativa de Paulo Freire, nos(as) educandos(as) e nas causas da educação popular os motivos de continuarem a peleja. O inédito-viável é o novo, o que nunca aconteceu. É importante ressaltar que este conceito emerge, vinculado inicialmente à ideia que André Nicolai defendeu como “soluções praticáveis despercebidas” (FREIRE, 1987, p. 107). Ou seja, não se tratava apenas de alcançar soluções prontas e imediatas, mas de vislumbrar a possibilidade de, ao atuar no mundo, transformá-lo. Nestes termos, inédito viável também pode ser relacionado às ideias de utopia e de sonho possível. Segundo Danilo Streck:

Essa busca de inéditos-viáveis ou do sonho possível pode acontecer no cotidiano da sala de aula, na gestão de escolas ou de sistema de ensino, no trabalho com saúde pública, em movimentos sociais e em qualquer lugar onde se aceita a premissa de que o futuro não precisa ser a repetição do presente e que a educação tem um papel em projetar e construir este outro futuro. A educação, está certo,

não tem o poder da economia, o voto dos políticos ou as armas do exército. Mas, paradoxalmente, para Freire, é nesta sua fraqueza que reside sua força. A palavra, quando unida à ação, tem um poder mágico. (STRECK, 2007, p. 7)

Esta categoria é formulada mediante o diálogo entre consciência máxima possível, soluções possíveis, situação-limite e ato-limite. Esse diálogo ocorre porque há no ser humano a vontade de mudar, curiosidade em fazer o diferente, e em saber o que tem mais adiante. Além disso, quando inserido em seu contexto social, encontra outros seres que também tem os mesmos anseios.

Inspirada em Paulo Freire a educadora Eulália nos diz que ninguém consegue educar deixando de lado a responsabilidade ética, política e profissional com o ensinante. Entende que a educação é elemento que promove a autonomia, a transformação social e a resistência. Inspirada no verbo esperar de Freire, ela nos incita a mantermos a esperança, não como espera vã, mas como ação consciente.

Ambos Eulália e Candido nos trazem à memória trecho do livro *Pedagogia da esperança* no qual Paulo Freire nos diz que: “nas situações limites, além das quais se acha o “inédito viável”, às vezes perceptível, às vezes não, se encontram razões de ser para ambas as posições: a esperança a desesperança” (FREIRE, 1992, p. 11). Este mesmo autor assevera que não há esperança na pura espera. Mas, sobretudo, é mister que essa esperança esteja ancorada na prática, de modo a se tornar concretude histórica. Freire também nos afirma que “esperançar” é “não desistir”.

Essas afirmações de Freire permitem fazer renascer a *esperança* na voz de Antonio Candido, quando este afirma que a educação popular é a alternativa concreta para combater a alta vulnerabilidade social nas comunidades quilombolas do Rio Grande do Norte. Ele diz que é necessário, reinventar novas formas de viver, trabalhar e continuar a luta. E para isso é preciso esperar! Esperança que se concretiza nos sonhos possíveis. De acordo com Freire, no inédito-viável estão intrínsecos o dever e o gosto de mudança, de mudar o mundo e de ser mudado por ele. Assim, algo inédito, nunca vivido e nem conhecido, se torna um percebido-destacado, mobilizando atitudes de superação. Neste aspecto, o verbo esperar está sendo conjugado, no sentido de ação-reflexão-ação, pois se está agindo para ultrapassar os obstáculos e com isso o sonho é possível de acontecer.

Jasmira nos mostra a capilaridade de projetos sociais desenvolvidas por uma igreja progressista. Projetos desenvolvidos pelo MEB mostram que é possível, em parceria com algumas comunidades, se construir as razões da esperança. Ela relata situações de solidariedade nas quais a população

e membros da igreja local recolhem cestas básicas, as distribuem para os mais necessitados e também acolhem aqueles que estão passando por situações de sofrimento.

A despeito do cenário relatado, consubstanciado pelo luto e pelas crises de ordem econômica, política, sanitária e ambiental, os educadores seguem exercitando o verbo esperar em suas práticas, em seu cotidiano. Percebem-se nos princípios da proposta educativa de Paulo Freire, nos educandos e nas causas da educação popular os motivos de continuarem a peleja: A educadora Rosimeire diz que a educação nessa conjuntura é instrumento de resiliência, de união. A Francisca (Nenzinha) escreve que tem encontrado estratégias à luz dos saberes de Freire para “a ação e a educação e de fazer a leitura da vida” e por isso estão se organizando em mutirão. E assim tem “garantido aquilo que o poder público não tem conseguido alcançar”. Após nos contar que Paulo Freire se tornou patrono da educação no estado de Sergipe, Sandra Beiju escreve: “Enquanto pessoas de ideologia neoliberal/extrema direita tentam desqualificar seu nome e sua obra, fazendo-lhe acusações infundadas e eivadas de ódio de classe, nós devemos seguir reafirmando a importância do seu trabalho e gritando bem alto e bem suave “Paulo Freire Vive”, “Paulo Freire, Sim”.

Ana Flávia nos diz que acredita na educação e na educação popular como caminho de transformação social. Ela nos diz que “ser educadora em meio a tanto caos é uma forma de enxergar a luz no fim do túnel, luz que vai se acendendo de acordo com a caminhada, no movimento da vida!”. Esta fala nos remete à categoria do inédito-viável, pois o futuro não precisa ser a repetição do presente. Nesse sentido, citamos Danilo Streck: “a educação, está certo, não tem o poder da economia, o voto dos políticos ou as armas do exército. Mas paradoxalmente, para Freire, é nesta sua fraqueza que reside sua força” (STRECK, 2007, p.7).

### **Considerações finais**

Coube-nos, neste artigo, a tarefa de discutir à luz de alguns conceitos presentes na obra freireana os sentidos e significados atribuídos por educadores ao cenário de pandemia. Em nível de conclusão provisória, destacamos alguns aspectos evidenciados na leitura das cartas. Primeiramente, as cartas mostram o quanto o ideário de Paulo Freire segue sendo um pensamento abrangente que guia as ações e serve de lente para compreender este novo cenário. Segundo, vislumbramos nas categorias do inédito-viável e atos-limite um diálogo intenso com o contexto de pandemia, nos indicando que, apesar da crise econômica, política, sanitária e ambiental, os educadores seguem exercitando o verbo esperar em suas

práticas, em seu cotidiano. Enche-nos de alegria perceber em cada carta a chama acesa, o que nos faz lembrar Freire em *Pedagogia da esperança*, na qual este educador nos diz:

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar, porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo. (FREIRE, 1992)

Quando Freire (1992) diz que *esperançar* é não desistir, há um encontro de *esperança* na voz e na carta de cada educador. Também percebemos por meio de cada carta, a capilaridade de projetos sociais desenvolvidas por um igreja progressista. Projetos como os desenvolvidos pelo MEB mostram que é possível em parceria com as comunidades se construir as razões da esperança. É possível constatar ações de solidariedade da população e de vários agentes sociais neste momento, o que tem contribuído pra aliviar a dor daqueles que estão passando por situações de perda ou de privação financeira. Terminamos este texto, trazendo o poema/cordel da educadora Tatiane Aline, que diz:

*A cada dia, a cada amanhecer,  
Cada momento sinto o  
Conhecimento florescer;  
Mesmo diante da distância que  
Nos faz entristecer*

E é nesta perspectiva que vemos as cartas escritas pelos educadores, preces que estão de fé, amor, esperança, elementos essenciais à educação freireana. Conscientização e mobilização humana seguem sendo cruciais neste momento. Paulo Freire tem seu legado vivo entre nós! Sua memória, suas ideias seguem sendo reinventadas a cada dia e são acalento em momentos tão sombrios! Paulo Freire Vive!

### **Referências:**

FERREIRA, Renata Brauner. **As epidemias de Gripe Espanhola e de Covid-19: paralelos possíveis.** Rio Grande, RS. 30 abr. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/as-epidemias-de-gripe-espanhola-e-de-covid-19-paralelos-possiveis>. Acesso em: 17 mar. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

NICODEMOS, Alessandra; SERRA, Ênio. Educação de Jovens e Adultos em Contexto Pandêmico: entre o remoto e a invisibilidade nas políticas curriculares. **Currículo sem Fronteiras**, v.20, n.3, p. 871-892. UFRJ. **set./dez. 2020**. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol20iss3articles/nicodemos-serra.pdf>. Acesso em: 1 mai. 2021.

NÓVOA, António. O passado e o presente dos professores In: **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1991.

SANTOS, Elzanir dos; LIMA, Idelsuite de S; SOUSA, Nádia J. “Da noite para o dia” o ensino remoto: (Re)Invenções de professores durante a pandemia. In: **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**. Salvador, v. 05, n. 16, p. 1632-1648, Edição Especial, 2020.

STRECK, Danilo. Algumas lições do mestre. **Revista do Instituto Humanistas**. Unisinos, São Leopoldo/RS, Ano VII, n. 223, p.6-8, jun. 2007.



# Cartas para Paulo Freire: contra o vírus da ignorância, o verbo esperarçar

Carlos Lopes

---

## Introdução

Paulo Freire sempre demonstrou interesse e uso efetivo das cartas como gênero literário e de escrita (COELHO, 2011). Em títulos de livros, a exemplo de *Cartas à Guiné-Bissau* (1977); *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* (1993); *Cartas a Cristina* (2003), *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas* (2000), Paulo Freire elaborou obras dialógicas, coletivizadas, com intencionalidade e posições políticas claras, além de referências marcadas pela libertação de toda forma de opressão (COELHO, 2011).

Coelho (2011) cita que no livro *Cartas à Guiné-Bissau*, Paulo Freire assume a atitude de escrever ao mesmo tempo em que os fatos iam acontecendo no contexto do projeto de alfabetização ocorrido na África. No referido livro, em cujo conteúdo constam 17 cartas, fica evidente a preferência por esse gênero textual. Já em *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*, Paulo Freire assume as cartas como gênero literário, já que no conteúdo da obra não há carta dirigida a quem quer que seja (COELHO, 2011).

O nome Paulo Freire constitui uma referência que inspira e traduz práticas pedagógicas diversas no campo da educação popular e escolar. Por exemplo, quando das críticas às pedagogias ditas bancárias e ao sistema educacional a serviço da dominação e opressão, Paulo Freire orienta processos educativos com ênfase em pedagogias voltadas à humanização e à transformação social (SOUSA, 2012). No “Colóquio: Cartas para Paulo Freire: da leitura do mundo à leitura da palavra”, realizado em 2020, em preparação ao centenário de Paulo Freire, foi concretizado o processo de formação político-pedagógica, por meio do diálogo, interação e sistematização de reflexão, tendo a carta como gênero de escrita para leituras do mundo e da palavra. O colóquio teve como público-alvo educadores(as) populares, estudantes de licenciatura e pesquisadores(as)

que têm Paulo Freire como uma das referências em estudos, pesquisas e intervenção social.

Coletivamente, procuramos explorar e experimentar de forma flexível, diferentes recursos e linguagens da mídia impressa e das tecnologias da informação e comunicação com a intencionalidade de alcançar a palavra autêntica (FREIRE, 1987) que se expressa pela unidade “ação-reflexão”. A utilização da carta como gênero de escrita ocorreu com o propósito de levantar, problematizar e aprofundar temas e questões geradoras no âmbito da educação popular, no contexto da Covid-19, considerando os meios de desenvolvimento da ação formativa, as bases do pensamento freireano e a intervenção social.

Foram escritas duas cartas pelos sujeitos participantes<sup>1</sup>. A orientação dada para a escrita da primeira carta - ambas dirigidas imaginariamente a Paulo Freire - foi na direção do(a) autor(a) da escrita refletir sobre “o contexto da Covid-19 em que várias pessoas e projetos no campo da educação popular, a exemplo daqueles voltados para a educação de jovens e adultos, cursinhos populares, educação para cidadania, educação em direitos humanos, foram impactados” (COLÓQUIO, 2020). Já a segunda carta foi concebida para representar uma espécie de cápsula do tempo, um registro histórico, a ser aberto em setembro de 2021, mês do centenário de Paulo Freire. Vale frisar que essas orientações dadas aos participantes ocorreram na forma de carta. Em trecho da carta de orientações foi dito: “Você está recebendo junto com a nossa carta, uma outra escrita por Paulo Freire e que tem o nome “Carta de Paulo Freire aos Professores”. Queremos que você leia e estude essa carta. Pois, como bem afirma Paulo Freire, o ato de estudar implica o de ler.” (COLÓQUIO, 2020).

No contexto da Covid-19, sem se render ao fatalismo histórico, imobilizador e a nutrir a desesperança, o evento traçou como linha de pensamento retomar o verbo *esperançar*, inspirando-se em Paulo Freire que frisa: “Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movome na esperança enquanto luto e se luto com esperança, espero (FREIRE, 1987, p. 82).

Como parte da metodologia desenvolvida no evento, realizamos - enquanto membros da comissão organizadora - a leitura e o estudo das cartas elaboradas pelos participantes para devolutiva geral a esses. Li e estudei 22 (vinte e duas) cartas. É sobre o diálogo pedagógico em torno das cartas lidas e estudadas que passo a realizar, na seção seguinte, a exposição sobre os escritos dos sujeitos participantes.

---

1 - Às vezes no texto me referirei aos sujeitos participantes do evento como educandos.

## **A devolutiva das cartas<sup>2</sup>**

Quando da leitura e estudo das cartas para, a partir delas, estabelecer o diálogo com os(as) educandos(as), também por meio de carta e por exposição em webconferência, fiquei a imaginar que o que eu estava a me perguntar talvez tivesse sido o mesmo que o autor da carta imaginária a Paulo Freire, se questionou: o que tratar e como abordar o conteúdo do meu texto? Optei, então, por deixar que os conteúdos, os tópicos das cartas e as minhas ideias fluíssem. Fui escrevendo a partir dos pontos principais identificados em cada carta e estabelecendo algumas conexões com o pensamento de Paulo Freire. Foi com essa narrativa que iniciei a minha devolutiva aos participantes. No que segui com a exposição.

Logo me deparei com uma carta que começava assim:

*Não sei se essa carta será um relato, um desabafo, uma terapia ou um respirar em meio a tantos conflitos que estamos vivendo desde que a realidade dessa pandemia atingiu em cheio a sociedade [...] nós professores e profissionais de educação de todo o país. Tem sido desafiador lidar com tantas mudanças abruptas em pouco espaço de tempo, especialmente no que tange ao aumento do 'gap' entre como a educação vem sendo oferecida para a rede privada de ensino e para a rede pública de ensino, acentuando-se, assim, as desigualdades já latentes não apenas no acesso, mas na qualidade de ensino para alunos da escola pública. (Leonardo)*

Netto et al (2012, p. 16) dizem que a escrita de cartas tem caráter dialógico na qual são contempladas diferentes formas de expressão entre aqueles que se comunicam. Ao escrever uma carta, o sujeito imprime suas emoções e ao socializar sua escrita a torna interacional de situações interpessoais e acontecimentos (NETTO et al, 2012).

A Covid-19 tanto foi acontecimento quanto provocou outros fatos que lidos criticamente desvelam aspectos associados às dimensões subjetivas e objetivas dos sujeitos, situando-os historicamente e numa estrutura de relações sociais, sejam eles analisados individualmente ou enquanto pertencimento a grupos e classes sociais. E na realidade do sujeito há condições sociais, políticas, econômicas e culturais que se manifestam com grande força. Quando o sujeito faz referência em seu discurso à terapia, ao desabafo, diz muito sobre a ansiedade, o stress, que se vive subjetivamente nas relações sociais no contexto pandêmico. Além da subjetividade há aquelas questões da objetividade, das condições materiais de existência dos sujeitos em uma sociedade desigual que os coloca em posições distintas

---

2 - Nessa seção do texto apresento o conteúdo da devolutiva que fiz durante o colóquio, inserindo alguns acréscimos e adaptando o gênero textual carta, originariamente apresentada como tal aos participantes, para uma escrita próxima do sentido de um artigo.

e conflitivas enquanto grupos e classes sociais na formação econômica e cultural. A carta do Leonardo expressa a leitura e o estudo de um acontecimento, suas conexões subjetivas e objetivas e os efeitos nas relações sociais.

Muitas vidas foram perdidas no Brasil pela Covid-19 e esse fenômeno também se proliferou pelo vírus da ignorância caracterizado, entre outros aspectos, pela negação da ciência, pelas *fake news* contra as vacinas, pela propagação de mensagens sobre o tratamento precoce sem a eficácia comprovada, por ações concretas e simbólicas contra o distanciamento social e o uso de máscaras. Os responsáveis pela propagação do vírus da ignorância, eram oriundos dos mais diferentes níveis de governos (federal, estadual e municipal), grupos e frações das classes sociais adeptos do conservadorismo do atraso.

O vírus da ignorância - muitas vezes camuflado pela sombra do opressor (FREIRE, 1987) -, se fez perceber e sentir a partir da ausência de uma coordenação nacional prioritária no combate ao Covid-19 e pelo discurso apelativo e fácil da economia e do trabalho em primeiro lugar. A necessidade de políticas públicas mais ágeis, efetivas e coordenadas para atender à saúde pública; na educação, as dificuldades e os desafios face ao trabalho docente, das condições precárias dos(as) estudantes e das suas famílias diante da oferta educacional na modalidade a distância e por meio do ensino remoto em escolas públicas; e, ainda, aquelas políticas instituídas como auxílio emergencial, demandando valores mais condizentes para atender as pessoas pobres e empobrecidas do país, formaram a tempestade perfeita para a confusão de narrativas, para o caos. Imunização de “rebanho” de forma natural (sem vacina) contra a Covid-19? Opção e compra de medicamentos para o tratamento precoce, sem eficácia comprovada? Acesso à internet como responsabilidade das famílias para o estudo a distância?

No artigo de Paulo Freire sob o título “Carta de Paulo Freire aos Professores”, que foi enviada aos participantes do colóquio, se diz o seguinte:

Enquanto preparação do sujeito para aprender, estudar é, em primeiro lugar, um que-fazer crítico, criador, recriador, não importa que eu nele me engaje através da leitura de um texto que trata ou discute um certo conteúdo que me foi proposto pela escola ou se o realizo partindo de uma reflexão crítica sobre um certo acontecimento social ou natural e que, como necessidade da própria reflexão, me conduz à leitura de textos que minha curiosidade e minha experiência intelectual me sugerem ou que me são sugeridos por outros (FREIRE, 2001, p. 260).

O conteúdo das cartas elaboradas pelos(as) participantes e a devolutiva dessas, assumida como parte de ação coletiva, teve inspiração freireana. O conteúdo de cartas e as relações que são estabelecidas pela mediação desse gênero textual devem representar, tanto para o(a) ensinante quanto para o(a) aprendente, matéria-prima do aprender e do estudar. Portanto, no processo de aprender e ensinar a relação também é conteúdo.

Na devolutiva que fiz aos participantes, busquei tocar cada autor das cartas com suas próprias palavras e em alguns casos com o sentido do que representava sem citar trechos específicos, articulando palavra-mundo. Quando se propicia ao sujeito o reconhecimento da sua voz, da sua escrita autoral, do sentido geral ou específico de pensamento e as mediações daí decorrentes, isso fortalece o senso de pertencimento a coletivos que se inserem de forma crítica no mundo para a ação transformadora da realidade a favor dos pobres e empobrecidos.

Conversei com a carta do Leonardo, mas também com a de Ana Cleide, Ana Ferreira, Ana Rosária, André Xavier, Benimar, Clara Rocha, Cristovam, Eliane Aparecida, Eliane Maria, Francisca Escócia, Ingrede, Isabel, Juliana Parente, Karina, Maria Martins, Nilmara, Raquel, Samara, Serjane, Sylvania e Yasmim. São muitas vozes. Cada voz de um lugar de vida, de uma posição social, com trajetórias singulares e convergentes, diante de condições árduas de sobrevivência, trabalho e estudos difíceis, políticas governamentais excludentes e com subjetividades variadas que expressam, muitas vezes, na realidade da “epidemia de solidão” (BERARDI, 2020), os medos, a depressão e os sentimentos contraditórios.

Li e escutei nas cartas vozes que tratavam do medo, da apreensão, de um certo sentimento de impotência, insegurança e de revolta. Ao falarem de si e do outro, da sociedade, trataram da sua existência, da palavra-mundo. Alguns se perguntaram nas cartas: “O que que essa pandemia veio nos dizer”? (Ana Ferreira); “Por que a maioria dos mortos é pobre e negra?” (Benimar). “Quais serão os caminhos para um processo educativo que permita que essas pessoas, que foram tão massacradas nessa pandemia, possam fazer a leitura dessa realidade de lutar para garantir seus direitos?” (Juliana). Outros afirmavam: “Projetos, sonhos, trabalho, expansão, desmarcado, suspenso, o que era inadiável foi cancelado” (Ana Rosária); “A realidade é triste, mesmo tendo alguns que acham o lado bonito nisso tudo” (Clara). Havia também vozes que compararam a realidade vivida naquele momento da Covid-19 com a de tempos atrás, a saber: “Assim como nos idos de 1960, os que detêm o poder falam em ‘ameaça comunista’, dizem defender os ‘valores da família’. A todo momento, apropriam-se do nome de Deus.” (Cristovam)

As cenas da escrita são perfiladas e carregadas de emocionalidades e de sujeitos nelas representados. Questões e afirmações sobre o tempo presente e o futuro, os espaços e lugares das nossas relações sociais, dão também contornos socioculturais ao contexto da Covid-19. Por sua vez, as emocionalidades não geram só efeitos paralisantes diante de novas regras da vida social que se impõe ou que tentam se impor em um cenário em que as autoridades públicas, a exemplo do governo federal, emitem sinais contraditórios, narrativas que confundem a população, mas que a intencionalidade é claramente direcionada para o conservadorismo do atraso em que uma das lógicas é a primazia da aptidão do indivíduo para enfrentar o vírus, do mercado ou que ainda tentam acoplar outras. As emocionalidades também geram o sentimento de esperança coletiva. É fato que tem dias que nem dá vontade de ligar a TV, escutar o rádio ou ver notícias na internet.

Quando o presidente da República ou alguém do seu governo apareceram com certos discursos estapafúrdios, eu pensei: será que eu entendi certo? Ele disse o que disse? Lembrei aos educandos alguns desses discursos, iniciando por Bolsonaro, presidente da República, em 24 de março de 2020: “Pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar. Nada sentiria. Ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho” (VANNUCHI, 2020) e a notícia de que o ministro da Educação afirmou que resolver o problema de acesso à internet dos estudantes não é responsabilidade da pasta e que cabe aos estados e municípios garantir o ensino remoto (G1, 24 set. 2020).

Algumas cartas qualificaram e também situaram certo sentimento de abandono do cidadão, dizendo que o governo Federal era imbecilizado e despreparado, antipopular, pois negava a ciência e banalizava as mortes. Essa vontade de se desligar de tudo é uma tentação para o alheamento que, em certas circunstâncias, é uma medida sábia, mas que deve ser situada e repensada, se devendo perguntar a si próprio: se eu não ficar sabendo do que está acontecendo na realidade como é que eu vou construir a minha leitura crítica do mundo e da palavra com os(as) educandos ou com aqueles(as) que estão no meu entorno?

Logo que escrevi esse trecho da minha devolutiva, abri outra carta. E nela se dizia o seguinte: “Confesso que, em alguns momentos, permito-me breves retiradas de toda essa mídia cabulosa e me refugio na literatura, nos devaneios poéticos e nas leituras de alguns excertos de seus textos, Paulo Freire. É minha forma de esperar” (Eliane Aparecida). Qual foi também a minha surpresa ao abrir uma outra carta que frisava: “Deixei de assistir [se referindo à TV]. Estou usando os meus tempos em oração e cursos on-

line” (Eliane Maria). Compreendo que o refúgio é aquilo que outra carta dizia sobre posição de defesa e de ataque. Refúgio para construir pontes e somar forças, reler o que ocorre no mundo, dentro de si, para agir. Minha síntese foi a seguinte: os(as) educandos(as) não trataram do refúgio covarde e que concebe as coisas como apenas privadas e não públicas (MILLS, 1975). Esse sociólogo americano nos diz o seguinte:

“[...] o indivíduo só pode compreender sua própria experiência e avaliar seu próprio destino localizando-se dentro de seu período; só pode conhecer suas possibilidades na vida tornando-se cômico das possibilidades de todas as pessoas, nas mesmas circunstâncias em que ele. Sob muitos aspectos, é uma lição terrível; sob muitos outros, magnífica (MILLS, 1975, p. 12).

Paulo Freire (1992, p. 19), por sua vez, nos diz que “Às vezes, nós é que não percebemos o ‘parentesco’ entre os tempos vividos e perdemos assim a possibilidade de ‘soldar’ conhecimentos desligados e, ao fazê-lo, iluminar com os segundos, a precária claridade dos primeiros” (FREIRE, 1992, p. 19). Esse contexto da Covid-19 fez transparecer aquilo já existente no nosso país: a profunda desigualdade social. Conclusão: não necessitamos só de informação, mas precisamos nos reconhecer que temos uma posição social a ser assumida e qualificada ao lado dos pobres, empobrecidos e esfarrapados do mundo.

As cartas revelaram os traços da desigualdade social no país, evidenciando também as diferenças entre as escolas públicas e as instituições particulares de ensino, as dificuldades e desafios dos estudantes de escolas públicas diante do ensino remoto, das condições para acesso e uso frequente da internet. Anunciou-se, em cartas, a tendência do aumento da evasão escolar e da intensificação e precarização do trabalho docente - o que uma carta qualificou como a expansão do trabalho sem limites -; os contratos de trabalho das prefeituras com os(as) educadores(as) foram encerrados e muitos para sobreviver partiram para os afazeres da roça.

O Covid-19 alcança todas as classes sociais, mas os que mais sofrem são os mais vulneráveis diante das condições materiais de existência: os indígenas, as comunidades quilombolas, os assentados, os que estão em acampamentos urbanos e rurais, as pessoas em situação de rua, os que moram em habitações precárias e tantos outros.

Contra o vírus da ignorância, o verbo esperar é a nossa vacina. Concluo extraindo trechos de alguns dos(as) autores(as) das cartas que sinalizam para a esperança coletiva: “E urge lutar com esperança e denodo” (Ana Bezerra); “[...] lembrar os ensinamentos de Paulo Freire e recebê-los através desse colóquio nos ajuda a reavivar as esperanças em tempos tão

sombrios que estamos vivendo” (Leonardo); [...] neste instante me coloco em uma posição de defesa e ataque, lutando muitas vezes comigo mesma para continuar conjugando o verbo esperar mesmo quando a vida se mostra tão adversa” (Ana Rosária); “[...] continuaremos esperando para não arrefecer-nos” (Nilmara); “[...] o que quero escrever não cabe... não cabem as angústias, não cabem também as decepções. Como também, não cabem as impossibilidades. Em meu poema, cabem as esperanças. Cabem as emoções. Meu território não é só meu. Meu território é a multidão. Em toda a multidão, não cabe a opressão. Cabe a possibilidade de Revolução” (Eliane Aparecida); “Quero aqui também conjugar o verbo esperar, dizendo-lhe que, apesar do isolamento social, há um movimento positivo de mulheres, homens e grande parte da juventude que, juntos, estão construindo alternativas de mobilização para uma ação proativa de resistência às forças que teimam em avançar sobre os nossos direitos conquistados” (Benimar).

### Conclusão

De forma geral, a ideia de não perder a esperança se fez presente em cartas. Paulo Freire fez das cartas elemento indutor no processo de escrita reflexiva. Ao enfatizar a distância dos processos vividos para rememorá-los, Freire (2019) destaca a descrição da trama, o momento do seu próprio reconhecimento e o fato que os olhos com que reviu, não são os olhos com que viu, e continua: “Ninguém fala do que passou a não ser na e da perspectiva do que passa” (FREIRE, 2019, p. 22, grifo no original). Mobilizados e inspirados em Paulo Freire, a carta como gênero de escrita no trabalho educativo e pedagógico em educação popular e na escola potencializa a crítica e a política da esperança. Compreendo a crítica como julgamento da realidade, com base em critérios e que, coletivamente, deve produzir a superação da realidade opressora. A visão fatalista da história é a que nos aprisiona e gera a desesperança.

Minha gratidão aos sujeitos participantes por compartilharem suas vozes em carta e pelo aprendizado que tive ao realizar a leitura, o estudo e a escrita que ora partilho.

### Referências

BERARDI, Franco “Bifo” Berardi. **A pandemia marca o fracasso final de qualquer hipótese soberanista, de esquerda e de direita**. [Entrevista cedida a] María Daniela Yaccar, Página 12, 24 ago. 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/602228-a-pandemia-marca-o-fracasso-final-de-qualquer-hipotese-soberanista-de-esquerda-e-de-direita-entrevista-com-franco-bifo-berardi>. Acesso em: 01 jun. 2021.

COELHO, Edgar Pereira. Uma introdução à pedagogia da correspondência de Paulo Freire. **EccoS Revista Científica**, São Paulo, n. 26, p.59-73, jul./dez.2011. DOI: <https://doi.org/10.5585/eccos.n26.3234>. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/issue/view/n26>. Acesso em: 01 jun. 2021.

COLÓQUIO: CARTAS PARA PAULO FREIRE EVENTO. **Colóquio**: cartas para Paulo Freire: informações e orientações. Destinatário: participantes. [S.L.], 18 ago. 2020. Disponível em: [paulofreire19setembro1921@gmail.com](mailto:paulofreire19setembro1921@gmail.com). Acesso em: 01 jun. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores: ensinar, aprender - leitura do mundo, leitura da palavra. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9805/11377>. Acesso em: 02 out. 2020.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MINISTRO da Educação diz que gays vêm de ‘famílias desajustadas’ e que acesso à internet não é responsabilidade do MEC. G 1, 24 set.2020. **Educação**, Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/09/24/ministro-da-educacao-diz-que-gays-vem-de-familias-desajustadas-e-que-acesso-a-internet-nao-e-responsabilidade-do-mec.ghml>. Acesso em: 02 out. 2020.

NETTO, Carla et al. Cartas: um instrumento desvelador que faz a diferença no processo educacional. **Revista Educação por Escrito**, Rio Grande do Sul, v.3, n.1, jul. 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/article/view/11025>. Acesso em: 01 jun. 2021.

SOUSA, Carlos Alberto Lopes de. “Professor, quero ser oprimida”: situação-limite e atos-limite no habitus professoral. In: **Linhas Críticas, Brasília**. Brasília (DF), v. 18, n.37, p. 551-568, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1935/193525366007.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2021.

VANNUCHI, Camilo. A pandemia de Covid-19 segundo Bolsonaro: da “gripezinha” ao “e daí?”. **UOL**, 30 abr. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/camilo-vannuchi/2020/04/30/a-pandemia-de-covid-19-segundo-bolsonaro-da-gripezinha-ao-e-dai.htm>. Acesso em: 02 out. 2020.



# Um mundo solidário pela força criadora da educação popular

Delci Maria Franzen

---

## Introdução

O surto da pandemia em 2020 afetou nossa vida, inclusive a comunicação no cotidiano. Fomos atingidos por uma onda de informações sobre Covid-19, vacinas, *fake news*, número de mortes e sobreviventes. A análise das palavras medo e esperança se entrelaçam com mensagens de confiança e otimismo que encorajam a acreditar que também esta noite vai passar.

Com o título “Da Leitura do Mundo à Leitura da Palavra”, o Colóquio cartas para Paulo Freire, possibilitou que educadores e educadoras em tempo da pandemia Covid-19 escrevessem cartas direcionadas ao Patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire, estimulando o diálogo com um mestre semeador de esperança em horas difíceis de opressão e desalento. Através das cartas, os educadores se confrontaram pessoalmente com a missão do educador popular libertador, com os desafios que marcam a educação nestes tempos conturbados, bem como as crises em âmbito social, ecológico e político. São testemunhos de vida quotidiana, de medo e desespero, de coragem e força, escritos quando a necessidade de comunicar a dor, a angústia e a fadiga do dia e da noite se torna algo urgente. São sentimentos confiados, com simplicidade e premência, a cartas dirigidas a um mestre conhecido como educador sábio e amigo. As cartas foram escritas com afeto, com confiança, falam do medo, contêm desabaços, percorrem o caminho da compaixão e da indignação, redescobrem a esperança no exercício da solidariedade e, por fim, experimentam o quanto é libertador o ato de escrever.

As cartas dos educadores evidenciam também que estes leem o mundo, falam do mundo e registram o mundo. Os saberes são reconstruídos a partir do contexto, revelando a capacidade crítica na percepção das relações entre um texto e o seu contexto. Um contexto novo, de crise e de novas indagações que auxiliam na produção de novos saberes.

A atividade do Colóquio Cartas para Paulo Freire auxiliou na partilha dos saberes antigos e novos e no seu registro para iluminar e compreender melhor os contextos atuais, bem como para renovar a esperança. Contribuiu também para aproximar-se mais uma vez do legado de Paulo Freire, ler o mundo da vida, do cotidiano, com os olhos de educador popular. O mundo da vida apresenta muitos saberes para além daqueles do mundo das palavras dos livros. Ler e compreender, de forma crítica esse mundo vivido, é o primeiro passo para o entendimento real da leitura da palavra. As cartas, de alguma forma ecoam a voz dos educadores a partir do seu lugar de fala, da sua história de vida, da realidade da sua comunidade, do seu território, o que, em **ecologia**, Leonardo Boff chama de **biorregionalismo, considerando a importância dos ecossistemas nos contextos das populações.**

Escrevo agora o que apresentei oralmente aos autores e às autoras das cartas na oportunidade do quarto encontro do Colóquio Cartas para Paulo Freire, em outubro de 2020.

### Os impactos da pandemia da Covid-19

A pandemia da Covid 19 continua agredindo a população inteira, obrigando cada um de nós a reorganizar a própria vida num esforço que abrange a esfera física e a psicológica. Vida e saúde são bens e direitos básicos. Os grupos da população em vulnerabilidade social correm maior risco de contágio e mortalidade por causa das condições de vida e de trabalho, da maior exposição e das dificuldades ao acesso à assistência sanitária. O distanciamento social que caracteriza este particular período está afetando a vida das famílias, especialmente o desenvolvimento de crianças e adolescentes. A crise social e econômica aciona impactos negativos de longo prazo sobre a igualdade de gênero e a desigualdade de acesso dos mais jovens às oportunidades de aprendizagem e de socialização.

Nos escritos dos educadores, percebe-se o impacto da pandemia já com oito meses de disseminação pelo Brasil. Não somente disseminação, mas em assustador avanço e sem controle pela falta de coordenação e responsabilidade das autoridades competentes. Mesmo em meio à incerteza que paira sobre as consequências da nova doença, sobre o conturbado contexto político, sobre o medo do desemprego e sobre a insegurança em relação ao futuro da educação, os educadores manifestam uma profunda consciência crítica em relação ao contexto.

A pandemia da Covid-19 revelou a fragilidade da sociedade e de seu sistema econômico e social em fazer frente a eventos complexos e de

grande escala, os quais podem ocorrer com mais frequência conforme sinalizam os relatórios da Organização das Nações Unidas – ONU (PNUMA - [Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o IPCC - The International Panel on Climate Change](#)). A pandemia evidenciou também a nossa incapacidade de atuar conjuntamente, mostrando que, apesar de toda a hiperconectividade, a sociedade está tão fragmentada que não conseguimos unir esforços significativos para a melhoria das condições de vida no planeta, salvo alguns gestos de solidariedade em campanhas emergenciais.

Outra preocupação recorrente e manifestada nas cartas dos educadores, relaciona-se diretamente com a educação. Diante da pandemia fica ainda mais evidente o cenário de desigualdade no âmbito da educação brasileira. A situação trouxe à tona problemas como: a desigualdade no acesso aos recursos digitais, a dificuldade de aprendizagem dos alunos portadores de deficiência e o impacto da saúde mental em crianças, jovens e adultos, entre outros. Mesmo com o avanço da tecnologia e a viabilidade do ensino a distância (EaD) o ensino pode se tornar cada vez mais elitizado ou capacitista, pois escolas com poucas condições de renda podem ter dificuldades, fazendo com que o aluno não atinja as metas exigidas pela instituição.

Em agosto de 2020 o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) realizou o estudo “Acesso Domiciliar à Internet e Ensino Remoto Durante a Pandemia”, o qual evidenciou que “cerca de seis milhões de estudantes, desde a pré-escola até a pós-graduação, não têm acesso à internet banda larga ou 3G/4G em casa”. Também mostrou que alunos do ensino fundamental são os mais afetados, juntamente com os dos anos iniciais e os anos finais, o que somava mais de 4,35 milhões de estudantes sem acesso, sendo 4,23 milhões alunos de escolas públicas.

Para os educadores populares, segundo as suas cartas, as possíveis soluções estão no caminho da superação da desigualdade social, do respeito e promoção dos Direitos Humanos, do convívio harmonioso e fraterno com os demais seres do planeta, sendo que, para isso, a educação é de fundamental importância, pois “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo” (FREIRE, 1979, p.84).

Diante da escalada da pandemia e das diferentes crises que se evidenciam, reportamo-nos a mais uma ideia de Paulo Freire, “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela.” (FREIRE, 1989, p.11 - destaque nosso).

## **A compaixão e a indignação: forças para a solidariedade**

Crises políticas e a pandemia fazem circular emoções antigas: medo, indignação, compaixão. A emergência da Covid 19 é também a circunstância para encontrar nos cidadãos e cidadãs a capacidade de mobilização para cuidar das pessoas com maior carência e vulnerabilidade, multiplicando gestos e experiências de solidariedade. No entanto, percebe-se que a solidariedade deve ser concretizada num novo contexto e deve ser utopia para uma nova sociedade. Muitas vezes a solidariedade foi entendida e vivida mais como presença e proximidade física, e não tanto como construção da fraternidade universal, da justiça social e como compromisso político. Mas como defender e dar continuidade a este conceito de solidariedade enquanto proximidade física neste tempo em que ela se torna potencialmente um risco para si mesmo e para os outros? Efetivamente, quando a presença física coloca em risco a vida de outras pessoas e o cuidado da vida segue o princípio do distanciamento social, o princípio da solidariedade ativa e crítica mostra a necessidade de criar novas formas de expressão.

Quais são, então, as novas formas de proximidade e cuidado que manifestam a solidariedade em tempo de distanciamento social? Será pela presença em mídias sociais que se sustenta a ideia de solidariedade? Antes formavam-se coletivos de vizinhança e apoio, buscava-se despertar a consciência de comunidades de direito e de desenvolvimento, agora somos desafiados a reinterpretar de maneira inédita os vínculos de proximidade, relação e continuidade. Telefone e internet como instrumentos para estar ativamente presentes se tornaram rapidamente um verdadeiro sistema de mobilização de massa e exercício da cidadania.

Podemos, assim, constatar que a pandemia (perigo do coronavírus) suscita não somente medo ou agressividade, podendo também criar e recriar atitudes amigáveis e projetos de solidariedade. Além das relações diretas, porém, embora mediadas pelas redes sociais, a solidariedade reclama com urgência a reorganização do estado como agente de promoção da democracia participativa e administradora da justiça social política e econômica, incluindo a gratuidade e universalidade efetivas dos serviços públicos e proteção à população.

A solidariedade que se expressa em termos de justiça social, de redistribuição da riqueza a serviço do bem estar social, circula agora amplamente na população, a qual, neste tempo de pandemia, clama por medidas de solidariedade social que superem as providências emergenciais e acompanhem projetos de reorganização do estado para um futuro

de seguridade social, a partir deste presente pandêmico que revelou a gravidade de uma organização precária e injusta.

Se é verdade que o medo cega os nossos sonhos, nas cartas confidenciais dos educadores a Paulo Freire aparecem sentimentos de superação do medo. O primeiro sentimento de superação do medo é a compaixão, o sentir-se parte de um povo sofredor, que é acompanhado pelo sentimento de indignação, pela injustiça, a qual deixa uma multidão de pessoas no abandono, sem acesso aos direitos sociais básicos de saúde, trabalho e educação.

Todo tipo de exclusão e discriminação, ao ferir a dignidade humana, é passível de indignação ética. As cartas dos educadores aqui citadas, relatam situações de morte, de injustiça, empobrecimento e fome, provocando neles forte indignação, sem, no entanto, afastá-los de gestos de solidariedade, amorosidade e cuidado. A indignação ética leva à compaixão e, esta, à solidariedade como forma ativa da compaixão. “Não podemos esquecer que Paulo sempre dizia que as verdadeiras ações éticas e genuinamente humanas nascem de dois sentimentos contraditórios e só deles: do amor e da raiva”, nos diz Ana Maria Araújo Freire – Nita, na introdução do livro *Pedagogia da Indignação*.

Ao citar *Pedagogia da Indignação*, o livro que Paulo Freire nos escrevia quando nos deixou, em maio de 1997, é, com certeza, um gesto de emoção, de homenagem e de compromisso com o seu legado. Neste escrito Paulo Freire nos fala intensamente da amorosidade entre homens e mulheres que deve tornar-nos capazes de amar o mundo. E amar o mundo é ter um projeto de mundo.

Me associo à multidão dos educadores populares que acreditam que é tarefa da educação trabalhar pela organização popular com seus movimentos próprios, a sua autonomia e a sua sabedoria de sonhos viáveis e projetos efetivos de transformação. Este percurso na prática educativa necessita de saberes como este do nosso querido mestre: **“Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar.”** (FREIRE, 1996, p. 18 - destaque nosso)

Podemos afirmar que as práticas educativas populares buscam, não só desenvolver a capacidade da análise crítica, mas também encontrar alternativas concretas de organização política, social e mesmo econômica. Buscam também favorecer a mobilização, a participação dos desfavorecidos no sentido de ultrapassarem as condições de pobreza e conquistar a autonomia na direção da verdadeira cidadania. “Quanto mais as massas populares desvelam a realidade objetiva e desafiadora, sobre a qual devem

incidir sua ação transformadora, tanto mais se inserem nela criticamente” (FREIRE, 1987).

Neste contexto de análise crítica da sociedade, ao ler o mundo a partir da educação popular, torna-se muito importante reaprender a ler o livro da natureza e a nos reeducar para o cuidado com o meio ambiente. A intervenção humana sobre o ambiente e seus recursos, incentivada pelo lucro imediato e a qualquer custo do atual modelo econômico de desenvolvimento, tornou-se questão central na luta pela vida e pela justiça. É urgente desencadear processos educativos para sensibilizar movimentos sociais e setores públicos, pois os ecossistemas que equilibram a existência humana e a dos demais seres vivos estão sendo destruídos pela ação invasiva e violenta do sistema que transforma tudo em mercadoria. A intervenção do Papa Francisco com a encíclica *Laudado Si'* e a sua proposta de uma ecologia integral, oferece matéria abundante sobre a sustentabilidade do crescimento econômico, a qualidade social e o cuidado com o ambiente. A articulação com os movimentos ecológicos e políticos crescentes na sociedade dará estímulo constante às iniciativas locais da educação popular, junto às populações nos seus territórios.

Os educadores populares, aceitando os desafios de passar da apropriação da leitura e da escrita ao enfrentamento das questões comunitárias no âmbito social, político, cultural e econômico, passam a promover práticas sociais transformadoras. Diante de uma educação deficitária, diante da desigualdade no acesso ao mundo tecnológico e diante da economia de mercado que gera crises e aprofunda as distâncias sociais, cabe aos educadores populares a articulação com outros movimentos e entidades associadas a uma política de ecologia integral e a uma economia solidária. Desta forma os educadores tornam possível o esperar freireano “esperança do verbo esperar”, pois tornam-se sinais de um novo conviver social, de uma nova relação com a natureza, semeando a esperança de que outro mundo de justiça e fraternidade é possível e está ao alcance das pessoas de boa vontade.

A educação popular traz para o campo das lutas sociais a contribuição da prática dialógica que problematiza e desvela a realidade, aquilo que é ocultado nas relações de poder e também aquilo que é naturalizado, como a desigualdade social, o patriarcado, o racismo, a misoginia e a dominação de classe. A educação popular é um levante contra tudo isso, é uma pedagogia da indignação. Se a educação é semente de transformação do mundo, como diz o Papa Francisco, o educador popular é artesão de mudança, pois é alguém capaz de indignação, indignação que lhe vem da capacidade de amar.

## **Escrever – Uma ação de libertação e criatividade**

Se o ato de ler é libertador, igualmente o ato de escrever é profundamente libertador. Essa foi a experiência de muitos dos educadores que participaram do “Colóquio Cartas para Paulo Freire”. A situação totalmente atípica de isolamento social, conjugada com o convite para redigir cartas, proporcionou a experiência da introspecção e a socialização, num misto de catarse e libertação. A coragem de descobrir em si e expor seus medos, suas angústias, bem como seus sonhos e utopias, tornou-se um processo educativo prazeroso e libertador.

A imposição do ensino EaD, o uso continuado das novas tecnologias e as desigualdades gritantes neste campo, afetaram profundamente a sensibilidade do educador na sua vocação educativa. Algumas situações de impotência diante das dificuldades dos educandos, trouxe à tona a experiência de que não estamos prontos, aprendemos ao longo da vida.

Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade (FREIRE, 1996, p. 24).

A inclusão do educador num coletivo de educação popular, capaz de gerar sintonia e sinergias de experiências, sonhos e desafios, é terreno propício para a aventura da escrita, da sistematização, da análise crítica e do autoconhecimento. Ao escrever a carta direcionada a Paulo Freire, percebe-se na dinâmica interior de muitos educadores o confronto com a figura do ilustre educador, mas também o confronto consigo mesmo, os sonhos, as práticas, os medos e as esperanças. Este percurso interior, muitas vezes orientado mais pelo emocional do que pelo racional, devido ao contexto histórico em que nos encontramos, revelou-se para muitos, como um percurso profundamente educativo. Por parte de alguns, este foi o local onde encontraram ideias inovadoras e criadoras de superação dos desafios. Escrever sobre esta experiência e trocar estes saberes com outros, mostrou-se profundamente libertador.

Participar de um processo coletivo para pensar a realidade e criar alternativas para ela, através de um processo de ação-reflexão-ação é questão crucial para a vocação do educador. Trata-se da educação orientada e fundamentada na busca do “ser mais coletivo”, cuja dinâmica pedagógica se constitui de práxis criadora.

Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos, constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho

para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade. (FREIRE, 1996. p. 30).

No campo da experiência do coletivo, na percepção da realidade onde a singularidade do sujeito em ação não se isola da pluralidade em que se insere, desenvolve-se a ação criativa. Portanto, no âmbito da educação libertadora popular a ação criativa está sempre na direção do respeito ao outro, ao diferente, à diversidade, valores esses, construídos pelos sujeitos na possibilidade do pertencimento solidário a um coletivo.

### **Conclusão**

Assim, ao refletir sobre as cartas dos educadores e das educadoras de hoje ao nosso mestre comum Paulo Freire, vale lembrar que a educação popular não é apenas um método ou conjunto de técnicas, mas se fundamenta num paradigma humanizador, ético, emancipatório e pedagógico de sujeitos criadores de novas sociedades. A partir do sentido ético da vida, marcado por relações solidárias em todos os âmbitos, a educação popular constrói alternativas ao *modus vivendi* imposto pelo sistema opressor, excludente e destruidor dos bens comuns da Terra e da humanidade. A educação popular reafirma novas relações solidárias, sinérgicas e construtoras do coletivo num processo pedagógico crítico, dialógico e horizontal, longe da simples conformidade ou adaptação à realidade.

Não é possível encerrar sem mencionar a categoria mais potente do pensamento de Paulo Freire e uma das mais relevantes no atual contexto histórico no qual as crises, agravadas pela pandemia, apresentam situações limite em diversos âmbitos: A categoria do “inédito viável”, que apareceu pela primeira vez no texto *Pedagogia do oprimido*, e hoje contribui para superar e transcender as situações limites em que vivemos.

Os educadores e educadoras, ao compartilharem suas cartas compartilharam também a esperança num outro mundo possível pela enorme capacidade criativa da educação popular em desenvolver processos participativos, dialógicos, solidários e libertadores em tempos que exigem ações coletivas para as mudanças necessárias.

Homenageando Paulo Freire, pelo centenário do seu nascimento, minha homenagem e reconhecimento se estende também ao Movimento de Educação de Base pelos seus 60 anos de história. Percorrendo o caminho da educação popular e da luta política pela transformação social junto com muitos outros movimentos e organizações, o MEB continua com audácia o seu serviço à sociedade brasileira unido à libertação dos oprimidos. Um

serviço marcado por períodos de crises, mas nunca interrompido, convicto da importância e da possibilidade de reconstruir um pacto global pela educação, pela ecologia integral e por uma nova economia, atendendo aos apelos do Papa Francisco. Hoje, todos somos convidados a refletir: Quais passos estamos dando efetivamente em direção da solidariedade, da justiça e em defesa da vida para que este seja o novo mundo possível no período pós pandemia?

### Referências:

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo, **Educação como prática da liberdade**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- GIROUX, Henry. Cultura, poder e transformação na obra de Paulo Freire. In: GIROUX, H. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- FÁVERO, Osmar. **Uma pedagogia da educação popular: análise da prática educativa do MEB - Movimento de Educação de Base (1961/1966)**. Campinas: Autores associados, 2006.



# Cartas a Paulo Freire: diálogos de esperança e de resistência

Cícero Ferreira de Albuquerque

---

“O caminho que trilhei, sendo fácil ou difícil  
Foi o possível que a vida me trouxe,  
Nesse caminhar, pude encontrar-te pessoalmente  
E por isso agradeço imensamente ao sagrado que nos rege,  
Seja ele lá qual for.  
Contigo professor, pude aprender o viver dos teimosos,  
Dos esperançosos, dos aguerridos, dos comprometidos.  
Com meus companheiros, a partir dos teus exemplos,  
Fomos arrastados para um querer de vida plena,  
Para um querer de vida justa,  
Para um querer de vida humanitária,  
Para um querer de vida solidária,  
Para um querer teimar  
Para um querer amar  
Para um querer viver...”.

*Margarete Silva Brasileiro – Belém/PA*

## **Início de conversa**

Em 2020, a partir de uma articulação da Universidade de Brasília (UnB), da Universidade Católica de Brasília (UCB), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), em parceria com o Movimento de Educação de Base (MEB), aconteceu o “Colóquio Cartas para Paulo Freire: da leitura do mundo à leitura da palavra”, evento de extensão. A experiência foi ímpar não só porque foi construída numa articulação interinstitucional, poucas vezes vista, mas, principalmente, porque foi marcada por uma vitalidade e por uma mística digna da grandiosa figura que homenageou.

Fez parte da dinâmica do evento a escrita de cartas para Paulo Freire por educadoras/es populares de diferentes lugares do Brasil em celebração antecipada de seu centenário. Entre outros/as, fui contemplado com a deliciosa tarefa de ler tais e mediar o encontro entre eles. Como quem

vai a uma roça de milho colher as espigas para assá-las na fogueira ou transformá-las em canjica ou pamonha, fato ordinário no mundo rural nordestino no período junino, vivi a extraordinária experiência de ler as cartas de 1- Adriana Santos da Mata (Brasília/DF), 2- Ana Paula Grellert (São Lourenço do Sul/RS), 3- Ariane Maria – (Brasília/DF), 4- Cyntia Jussara Barbosa de Melo (Brasília/DF), 5- Edilma do Nascimento Silva (Ceará Mirim/CE), 6- Elissandra de Oliveira e Oliveira (Campina Grande/PB), 7-Erika Rodrigues de Freitas (Brasília/DF), 8- Gilma Alves Ferreira (Campina Grande/PB), 9- Professora Helga (Brasília/DF), 10- Lucileide Costa Bernardo (Macaíba RN), 11- Margareth Brasileiro (Belém/PA), 12- Maria Clara (Mossoró/RN), 13- Maria José Anunciação da Silva Maciel (Brasília/DF), 14- Lêda Ribeiro (Nina Rodrigues/MA), 15- Marta Helena de Almeida Gonçalves (Brasília/DF), 16- Mônica Machado Mota (Aracaju/SE), 17- Rivaldo Mendes da Silva (Gravatá/PE), 18- Sebatiana Eloísa de Souza (São Paulo do Potengi/RN), 19 - Vera Lúcia Gonçalves (Santa Maria Sul/DF), 20- Anderson Santos (Brasília/DF), 21- Isabel Cristina Barbosa de Lima (Brasília/DF), 22- Lana Sangiacomo Bastos (Rio de Janeiro/RJ), 23- Lucenir Azevedo (Brasília/DF), 24- Rosângela Rodrigues da Silva (Brasília/DF), 26- Samara dos Santos (Brasília/DF), 27- Thais Copelli (Belém/PA) e 28- Waléria da Silva Miranda (Brasília/DF).

Volto à analogia da roça de milho. Lhes garanto, é indescritível o prazer de ir à roça colher o milho e assá-lo à beira de uma fogueira numa noite de São João! Extraordinário também é degustar um prato de canjica ou uma pamonha com um xícara de café com leite! Igualmente indescritível e prazeroso foi ler, pensar e sentir tudo o que foi escrito nas tantas cartas que acolhi. Além do mais, o tempo todo, imaginei o rosto, o olhar e a emoção que sentiram as pessoas que escreveram, como também de Paulo Freire lendo cada delicada linha. Sou grato a Deus, a Paulo Freire e ao “Colóquio Cartas para Paulo Freire” pela oportunidade de ter vivido tudo o que não lhes sou capaz de descrever.

Foi parte da tarefa de leitura também mediar o encontro entre as autoras/es das cartas e Paulo Freire, tarefa que, desde as primeiras leituras, vi que não seria capaz de cumprir satisfatoriamente. Gratificado, compreendi isso sem qualquer queixa. Foi tudo muito lindo, tudo muito denso! Nunca, jamais seria capaz de atender as expectativas da organização do evento e de transmitir a beleza de tudo que foi escrito. A todas e todos que escreveram, antecipadamente, peço perdão por não conseguir dar conta de mediar esse encontro plenamente. Entretanto, para que o meu débito não seja demasiado, em alguns momentos, buscarei o testemunho das cartas e destacarei em itálico algumas passagens no corpo do próprio

texto, indicando a autora ou o autor do mesmo. Assim dito, adianto aos que lerão este texto e à organização desse conjunto de trabalhos, que compartilho com alegria o meu esforço de registro, mas o reconhecimento como alguém de tudo que li nas cartas.

Sem erro, lhes digo que testemunhei com euforia o carinho e a admiração que cada educadora/o demonstrou por Paulo Freire em suas cartas. De forma unânime, reconhecem e agradecem a contribuição dele à educação e à formação de um pensamento social crítico e amoroso:

*Agradecer é uma forma de falar com o coração - seja sempre grato pelas pessoas que passaram na sua vida, por isso, Paulo, você fez parte da minha trajetória como aluna e como educadora popular. (Maria José Anunciação da Silva Maciel).*

Paulo Freire está em todas e todos. Ele é mais que admirado, é amado. Ele é mais do que a obra que lhe reputou a condição justa de patrono da educação brasileira, é o ser histórico que, com escrita clara, voz mansa e firme, demonstrou o seu respeito pelos oprimidos do Brasil e do mundo, e que sempre teve posição de defesa da justiça e da igualdade social. Paulo Freire está entre o que tivemos e temos de melhor na história da sociedade brasileira. Por tudo isso, a sua influência é testemunhada com grande potência pelos educadores.

Outra coisa marcante é que em quase todas as cartas há um registro sensível e preocupado com os tempos de pandemia que vivemos no mundo inteiro, mas que no Brasil, cada dia mais, assume contornos absolutamente dramáticos:

*Não é fácil expressar nossas dificuldades individuais diante do caos. Como relatar conturbação nas relações familiares quando se tem famílias sofrendo a perda de entes queridos? Como relatar o medo de ir ao supermercado quando se tem profissionais na linha de frente ao combate ao Covid-19? Como relatar cansaço e sobrecarga causada pelas aulas remotas quando temos ainda uma porcentagem gigante de pessoas que não possuem ao menos internet em suas residências? (Gilma Alves Ferreira).*

Com atenção, há quem registre que a pandemia não é um drama natural, seus condicionantes e impactos estruturais não passam despercebidos:

*Percebo claramente que a pandemia está mais uma vez impulsionando algumas das principais características nefastas da economia capitalista, entre elas a desvalorização do homem em detrimento do lucro financeiro. (Professora Helga).*

Há também quem registre algo de positivo nisso tudo, destacando o tempo de aprendizagem e reinvenção:

*Hoje depois que tudo passou aprendi muito com tudo isso e acredito que assim como eu muitos educadores também tirarão muitos ensinamentos dessa fase que passamos assim como os nossos educandos. (Samara dos Santos).*

São tempos de resiliência, e também de esperar:

*[...] creio que algo de bom essa crise despertou nos corações das pessoas como o gesto de solidariedade, humanismo, e o valor pela vida e pelo próximo. (Waléria da Silva Miranda).*

Mas não é apenas a pandemia que incomoda os corações freireanos, há uma conjuntura política que gera apreensões e resistências. Vivemos um tempo de retrocesso político com perdas de direitos e conquistas sociais. O fenômeno político contemporaneamente chamado de bolsonarismo representa o avanço de uma agenda política contrária aos interesses da classe trabalhadora e de todos os setores explorados e oprimidos. Esse fenômeno, o que é pior, não é movimentado apenas pelas classes dominantes e pelas elites políticas do país, incrivelmente, encontra eco entre amplos setores dos oprimidos e explorados que não têm consciência de classe. Nós, educadores, estamos sendo chamados a assumir uma posição de vanguarda e, inspirados em Paulo Freire, contribuirmos para a superação dessa diversa e trágica quadra histórica na qual nos encontramos hoje. As cartas, por mais de uma oportunidade indicaram isso:

*Como educadora sinto que a nossa tarefa é ter uma posição de classe, devemos unir nossas forças e nos mantermos resistentes para vencermos esse momento de insanidade. (Lêda Ribeiro).*

Há esperanças, elas são claras e apontam uma direção bastante consequente: a direção da luta permanente ao lado de todos os oprimidos e explorados.

### **Cartas geram encontros e fortalecem laços**

É extraordinário como as cartas dialogam com Paulo Freire, como os educadores demonstram grande sintonia com ele:

*Fazer as cartas faz parte do processo de retomada de sonhos e também de desafios. O mais interessante é que o senhor, Professor Paulo Freire faz parte de muitos momentos da minha vida. Gratidão!! (Mônica Machado Mota)*

Problematizam a educação, os seus desafios em tempos de pandemia:

*A experiência de estudar online não deve ser tomada como base para o futuro da educação. (Cynthia Jussara Barbosa de Melo)*

Demonstram o claro entendimento da gravidade do momento histórico que vivemos no país:

*O campo trabalhista se tornou “terra sem lei” onde muitos sofrem pelo desemprego, e outros tantos pelas condições muitas vezes desumanas de trabalho. (Maria Clara)*

Bem como revelam esperança na superação das dificuldades atuais:

*Quando voltar nossas aulas presencias eu acredito que haverá mais acolhimento, mais cuidados e mais amor tanto entre os alunos quanto professores e educadores, terá mais desempenho no aprendizado e ensino. (Waléria da Silva Miranda)*

E indagam, afinal, quando respeitamos e admiramos o nosso interlocutor é compreensível que queiramos ouvir a sua opinião sobre temas candentes:

*Como aliviar o sofrimento imediato? Como criar possibilidades de um futuro melhor? [...] às vezes bate aquela dúvida, ‘do que você irá achar desse novo método de ensino, essas novas tecnologias? Se estou fazendo da maneira certa?’ (Samara dos Santos)*

O centenário de Paulo Freire nos diz da força e da atualidade de suas teses, bem como reforça as dinâmicas, sempre em curso, de reflexão dos desafios atuais da educação e da realidade brasileira hoje. Também é tempo de defendê-lo dos ataques vis praticados pelos/as que cinicamente, por exemplo, propalam uma “Escola Sem Partido”, e pelos que, ainda que não estejam diretamente filiados a essa sigla, praticam uma educação alienadora.

O Paulo Freire que eles combatem, recifense, pernambucano, nordestino, brasileiro, latino-americano, situado histórica e geograficamente, foi um homem do mundo, mundo que teimou em querer transformar. Em todos os seus lugares de vida, inclusive quando viveu no exílio, enfrentou os condicionantes históricos, viveu experiências desafiadoras que pediram superação.

*Quantas vezes em nossas relações somos silenciados e condicionados a dizer ‘sim’ ou ‘não’? (Ana Paula Grellert)*

Entendamos Paulo Freire como alguém que esteve situado no mundo e que olhou para si e para o mundo como seres vivos e em movimento, isso o impeliu ousadamente na construção de uma educação libertadora. Paulo Freire sonhou. E porque sonhou, porque ousou, porque pensou criticamente o seu tempo, escreveu a mais bela página da educação brasileira, o que o fez o nosso mais importante educador de todos os tempos. Ele foi desafiado e desafiou a sua realidade, lançou desafios que atravessaram o seu tempo, que percorreram e percorrem o mundo. Por isso, ele vive entre nós, nos mobiliza, nos inspira e incomoda os conservadores, ameaçando o *status quo*.

A importância de Paulo Freire para a educação brasileira hoje, como antes, incomoda as classes dominantes e seus ideólogos. Como numa indústria, produzem uma imagem desvirtuada de Paulo Freire, ‘vendido’ como alguém perigoso e amedrontador. Não estamos diante de um medo natural, espontâneo, pelo contrário, estamos diante de um sentimento construído em espaços sórdidos e mesquinhos da nossa sociedade. Lembrem daquela cena patética de Regina Duarte tremendo as bochechas na tv ante a possibilidade de vitória do único operário que governou esse país, em 1989? Pois bem, é tudo parte do mesmo enredo. Assim, ainda que esse medo seja um produto artificial, temos o dever de refleti-lo e de desmascará-lo, devemos denunciar o seu caráter político-ideológico.

O medo historicamente tem uma função política. Outro pernambucano, Gilberto Freyre, esse um Freyre com “y”, e de perspectiva política bem diferente à de Paulo Freire, oposta, na verdade, no clássico “Casa Grande e Senzala” (2000), discorre sobre o papel pedagógico do medo na educação de crianças em diversas sociedades e, particularmente, na nossa formação social. O diabo, os monstros, o bicho papão, o Jurupari, “com fim moralizador ou pedagógico”, pretendem “influir pelo medo, ou pelo exemplo do castigo tremendo, sobre a conduta do indivíduo”. Em sentido oposto, Paulo Freire nos diz que medo todos temos, e que o medo é um sinal de que estamos vivos, que ele até pode ser positivo, desde que não nos acovarde. Mas, o medo que as classes dominantes propagam ao espalharem mentiras, atualmente, inadvertidamente chamadas de *fake news*, visa assustar, afugentar e acovardar. Educar e informar pelo medo tem tradição na nossa cultura, e continua sendo um recurso fartamente utilizado pelas classes dominantes.

Os ataques a Paulo Freire devem ser entendidos como indicadores da potência de suas ideias e demonstram a consistência de sua prática educativa. Tomemos todos os ataques como atestados da importância e da radicalidade de classe do nosso aniversariante. Freire desnudou o

caráter ideológico da escola dirigida pelas classes dominantes. Identificou e combateu o uso político da educação que tais grupos fazem, e propôs a inversão dessa lógica a favor das classes oprimidas. A pedagogia de Paulo Freire é crítica. Leitura do texto e leitura do contexto são processos afins, indissociáveis. Leitura e compreensão do mundo e das palavras não são atos apáticos; são dinâmicos, afirmam o povo como sujeito histórico, como agente de transformação social.

A educação defendida e praticada por Paulo Freire tem o povo como sujeito, visa promover participação efetiva, crítica e democrática do educando no seu processo educativo, nas decisões da sua vida e da vida da sua sociedade. Isso obsta as tentativas de manipulação das classes populares. Em *A importância do ato de ler*, falando da sua experiência de assessoramento em São Tomé e Príncipe, destaca que “Quanto mais consciente faça a sua História, tanto mais o povo perceberá, com lucidez, as dificuldades que tem de enfrentar, no domínio econômico, social e cultural, no processo permanente da sua libertação.” (FREIRE, 1993).

Entendamos a capacidade que Paulo Freire tem de problematizar a educação e a realidade brasileira, de propor uma prática educativa capaz de ser instrumento de transformação social, ainda que não seja o único. Entendamos que ele não trata a educação fora de contexto nem como meio de mera constatação da realidade. A educação freireana é contextualizada e instrumento de transformação social. Isso caracteriza o ato de estudar. Dito dessa forma, estudar é um ato e um dever revolucionário.

Outro movimento importante é entender o lugar do educador, conforme Freire, no processo educativo. Isso é fundamental para entender porque os setores conservadores o combatem com tanto vigor. Para Freire (1991, 1993), o educador é um desafiador. Cabe ao educador desafiar os educandos. Dessa forma, o processo de problematização da realidade tem no educador um sujeito fundamental. Sem ilusões, a escola dirigida pelas classes dominantes sempre foi espaço de reprodução social dos valores e dos seus interesses. Ela nunca foi “sem partido”. Esse discurso é falso. Paulo Freire nos ajudou a entender isso e a disputar os rumos da educação do nosso povo a partir da perspectiva das classes oprimidas, da perspectiva de um sentido ampliado de democracia e da libertação popular das lógicas e dos sistemas de opressão aos quais o nosso povo tem sido historicamente submetido.

A educação das classes oprimidas precisa ser metodológica e epistemologicamente diversa daquela que é ofertada pelas classes dominantes, isso altera, inclusive, o conceito de qualidade da educação estabelecido por quem oprime e educa para a obediência. Em *A Educação na Cidade*, Paulo Freire defende uma escola democrática, em que se pratique

uma pedagogia da pergunta, em que se ensinem conteúdos, mas também ensine a pensar certo. Nos diz que nenhuma prática educativa é neutra, mas política sempre; defende a politicidade da educação enquanto critério de qualidade e, ao fazer isso, nos diz que “A questão que se coloca é saber que política é essa, a favor de quê e de quem, contra o quê e contra quem se realiza” (FREIRE, 1991, p.28). E segue adiante nos seus argumentos nos dizendo que:

[...] enquanto numa prática educativa conservadora competente se busca, ao ensinar os conteúdos, ocultar a razão de ser de um sem-número de problemas sociais, numa prática educativa progressista, competente também, se procura, ao ensinar os conteúdos, desocultar a razão de ser dos problemas. A primeira procura acomodar, adaptar os educandos ao mundo dado; a segunda, inquietar os educandos, desafiando-os para que percebam que o mundo dado é um mundo dando-se e que, por isso mesmo, pode ser mudado, transformado, reinventado. Devo concluir está questão dizendo que os educadores progressistas sabem muito bem que a educação não é alavanca da transformação da sociedade, mas sabem também o papel que ela tem nesse processo (FREIRE, 1991, p. 30).

Assim sendo, estamos diante não só de uma outra perspectiva política da educação, mas, por extensão intrínseca, de outra concepção de qualidade da educação. Essa passagem, bem claramente, nos ajuda a entender o medo construído no interior das classes dominantes no que toca a educação defendida e praticada por Paulo Freire. Portanto, quem diz ter medo de Paulo Freire não tem medo dele. Por que temer um homem que fala poeticamente de educação, de liberdade, de diálogo, de esperança, de justiça e de democracia? Então, qual o medo? Quem diz temer Paulo Freire tem medo do povo. Temem que o povo assuma o seu lugar de sujeito de si e da sua sociedade. Eles temem que aquilo que convenciamos chamar de “método Paulo Freire” avance e ajude as classes populares na tarefa de passagem de povo *sujeitado* para *povo sujeito*.

No Brasil, desde a ditadura, Paulo Freire é combatido, suas concepções são perversamente reduzidas, contra si é instado um ódio de classe que precisa ser bem identificado e devidamente combatido por todos nós. Nos dias que correm, a expressão “doutrinação ideológica” tem sido utilizada pelas classes dominantes, mascaradas de “liberais na política e conservadores nos costumes” e que, a partir do falso mote de “Escola sem Partido”, atuaram e têm atuado espalhando infâmias, atacando Freire e todos as educadoras/es que acreditam e praticam uma educação que enfrente a alienação de classe.

Por que as hostes conservadoras tentam reduzir Paulo Freire a um educador “doutrinador”? Porque estão defendendo os seus interesses de classe. O que fazem não é um simples ato de desonestidade intelectual, é um movimento na disputa da hegemonia social, é luta de classes. O que elas querem? A manutenção da “educação bancária” denunciada por Paulo Freire, tentam evitar o avanço de uma educação problematizadora. Elas temem um povo que leia, que reflita, que questione e, principalmente, que lute para mudar a ordem social injusta na qual vivemos.

Por um ato de justiça histórica, conservadores e reacionários têm sido mal sucedidos na tarefa de apresentar Paulo Freire como um monstro ou de desqualificar a sua contribuição para a educação brasileira, têm tido pouco ‘público’ interno e menos ainda fora do país. Para o desgosto deles, Paulo Freire é o nosso principal intelectual público e o terceiro intelectual mais citado no mundo. O nome disso é reconhecimento. Conforme o sociólogo alemão Axel Honneth (2007), o reconhecimento compõe uma parte vital de nosso conceito de justiça. Lutamos por justiça. Indivíduos e grupos merecem ser tratados justamente. Lutamos por uma sociedade emancipada e justa. Os ataques a Paulo Freire são injustos e cruéis. Não os aceitamos. Mas essa não é a única frente de combate que nós educadores brasileiros enfrentamos hoje.

Vivemos tempos de muitos combates e o principal é o que travamos para ficar vivos. Lutamos por vida digna para todas/os, lutamos contra o fascismo e toda ordem de intolerância que vem no seu balaio de maldades. As lutas estão tão duras que não nos é facultado o direito de escolher se ficamos quietos ou não; como poucas vezes antes, viver é lutar. A pandemia entrou no centro das nossas vidas com tal furor que

*Vivemos um momento que parece saído de um livro de ficção científica.*  
(Edilma do Nascimento Silva)

E não estávamos preparados para isso,

*O isolamento social mexe com o psicológico das pessoas.* (Sebastiana Eloísa de Souza)

Entre tantas novidades, de uma hora para a outra, nossas casas viraram salas de aula e nossos cotidianos foram tão alterados que não estamos conseguindo lidar com isso:

*Os meus afazeres cotidianos entraram em um beco sem saída...  
Estão todos dentro de casa.* (Lucenir Azevedo).

Nós, educadores, estamos muito impactados, e são muitos os casos de adoecimentos, stress emocional, depressão:

*As exigências e autocobranças nunca estiveram tão em alta. (Maria Clara).*

Consta entre os motivos disso a impotência diante das dificuldades de ensino e aprendizagem. Os alunos das classes populares, filhos do povo, são os mais prejudicados, pois, muitas vezes, não dispõem das condições fundamentais para acompanhar as aulas:

*Como relatar cansaço e sobrecarga causada pelas aulas remotas quando temos ainda uma porcentagem gigante de pessoas que não possuem ao menos internet em suas residências?” (Gilma Alves Ferreira)*

Mas também, e esse é um fenômeno com o qual os educadores aprendem a lidar cotidianamente, há quem vislumbre bons sinais em meio a tantos sofrimentos e dificuldades:

*A pandemia nos mostrou o quanto somos sociais e precisamos uns dos outros. (Lana Sangiacomo Bastos)*

E de forma ainda mais enfática:

*Quando voltar nossas aulas presenciais eu acredito que haverá mais acolhimento, mais cuidados e mais amor tanto entre os alunos quanto professores e educadores, terá mais desempenho no aprendizado e ensino. (Waléria da Silva Miranda)*

Há um verbo hoje que define bem toda essa confiança: esperar.

As cartas produziram em mim sentimentos, lembranças e reflexões que geraram resultados inesperados, ocorreu um puxado pela memória e um revisitar de experiências que estavam adormecidas e, consciente ou inconscientemente, foram por mim sabotadas durante décadas. O resultado principal disso foi um diálogo meu com Paulo Freire. É isso que lhes apresento agora.

### **Cartas geram cartas: um parêntese para um breve diálogo com Paulo Freire**

Caro Paulo, sei que escrever cartas foi um ato que cultivastes, não por impessoalidade nem por teres qualquer dificuldade de falar olhando nos olhos, mas por força das circunstâncias e porque, por um longo tempo da sua vida, esse era um hábito comum e até amoroso. No seu caso, assim como dos seus interlocutores, as cartas eram um meio possível para comunicar ideias, sentimentos, valores, afetos, teorias. Escrever como um ato de

cultivo, de zelo, de carinho e de crença em si – porque só comunica quem acredita em si, na sua capacidade de sentir, pensar e dizer –, mas também como um ato de crença e de confiança no outro – só nos comunicamos com quem acreditamos ser capaz de entender e fazer avançar o que acreditamos ser salutar dizer e ouvir.

Ao ler as cartas escritas pelos educadores notei a emoção e os sentidos que elas traziam. Agora, te escrevendo, sinto um pulsar também muito especial. Digo a ti o que gostaria de te dizer, mas não tive oportunidade de fazê-lo pessoalmente. Falo contigo a partir de um lugar, de um tempo e, consequentemente, de uma experiência de vida que é única, que é minha, e portadora de uma subjetividade também única, ainda que tenha sido construída em relação com outras pessoas. Hoje, desse lugar (Atalaia, Alagoas, Nordeste, Brasil, América Latina), em tempos de pandemia, digo a ti, estou preocupado demais com os impactos que o momento presente tem gerado em todos nós, e em mim de forma particular. Essa experiência não tem sido boa! No Brasil, muito infelizmente, já perdemos mais de meio milhão de vidas! Nunca antes nas nossas vidas falamos e ouvimos falar tanto em morte! Tivemos nossas existências invadidas por um vírus devastador! O mundo inteiro está atordoado. A necessidade de reinvenção que temos sentido é grande, rápida e muito exigente!

Escrevo-te a partir de um lugar que é mais do que uma posição geográfica, é um lugar atravessado por muitas outras condições, inclusive profissional e política. Sou um educador que atua em várias frentes. Há 33 anos sou professor de História, de Sociologia e de disciplinas afins, em ensino fundamental, médio e universitário. Porém, poucos sabem, a minha experiência em sala de aula começou antes. Ainda bem garoto, fui professor do Movimento Brasileiro de Alfabetização. Sim, do MOBRAL! Durante seis meses da minha vida trabalhei como alfabetizador de jovens e adultos. Brevemente falarei sobre essa experiência, só há pouco assumida publicamente, pois antes eu tinha vergonha dela.

Eu morava no povoado Bittencourt (interior de Atalaia, interior de Alagoas). Não lembro do percurso inteiro, apenas sei que fui convidado para ser professor do MOBRAL na escola local. Passei por um ‘treinamento’ (era assim mesmo que era chamada a formação para assumir a sala de aula) e, cheio de orgulho, assumi uma turma de alfabetização de jovens e adultos, eu tinha dezessete ou dezoito anos e estava cursando o segundo grau (assim era chamado o que hoje conhecemos como ensino médio). Afirmo que sei o que é tentar alfabetizar a partir de um texto, fiz uso de um que dizia “Eva viu a uva”; fui alfabetizado assim e assim tentei alfabetizar no MOBRAL. Nesse tempo, eu não te conhecia, tampouco sabia que o MOBRAL era uma

resposta negativa da ditadura militar às diversas iniciativas de alfabetização que você e outros/as iniciaram no Brasil.

Quando te descobri, vi as suas análises críticas ao processo de alfabetização que parte de um universo vocabular estranho ao do alfabetizando. Aliás, a minha memória – cada vez mais seletiva – dessa época registra fundamentalmente dois alfabetizandos, seu Expedito e um outro de quem lembro apenas o apelido, Deda. Eles eram meus vizinhos próximos, ambos cortadores de cana, pessoas muito maltratadas pela dureza do trabalho que realizavam. Seu Expedito era um homem branco de olhos claros, esguio. Dele ouvi certa feita que não lembrava a última vez que comera carne. Nunca esqueci aquilo! Não sou carnívoro, mas fui marcado por tamanha restrição. Deda era um jovem negro, baixinho, silencioso, muito desconfiado da sua capacidade de aprender. Lembro bem que os dois estavam estudando com um único objetivo, eles queriam aprender a “fazer o nome”. Ler lhes parecia um objetivo muito distante.

Mesmo que eu vivesse naquele ambiente e que eles fossem meus conhecidos, a sala de aula nos aproximou ainda mais. Vi como vivíamos em mundos tão próximos e tão distantes. Lembro que eles sequer conseguiam segurar direito um lápis. As mãos eram excessivamente brutas! Correspondiam às suas vidas! A primeira coisa que lhes ensinei foi isso. Não conto as vezes em que precisei pegar em suas mãos e dirigi-las na “copiação” das letras. Acredite, caro Paulo, essa é a primeira vez que falo disso na vida! Estranhamente, durante esse tempo todo, creio que já se vão quase quarenta anos dos fatos que te relato. Tratar desse tema, só agora compreendo, trazia algum constrangimento; bem como, estou convencido, de que ao falar daquela experiência ganho como ser humano e como educador, fato que me encoraja a compartilhar o que vivi – e faço isso como se estivesse tirando a roupa em público. Quando te conheci compreendi melhor aquela experiência de ser professor do MOBREAL, mas também a recusei. Aqui, nesse nosso encontro, assumo publicamente e tomo o vivido como conteúdo, como objeto de reflexão. Nossas práticas versam sobre nós, sobre a nossa capacidade de refletir e sobre o nosso tempo.

Antes de ser um professor, fui/sou um educador e, especialmente, um educador popular. Essa minha identidade foi forjada nos inesquecíveis e demarcadores anos de militância no movimento estudantil, nos tempos de grupos de jovens, na militância de bairro, nas lutas por água, por energia e nos anos como membro da equipe MEB/Maceió, década de 1990, anos intensos e felizes! E não há, sabemos bem, educação e educador/a, sem, consciente ou inconscientemente, opção política, sem posição de classe. Li Marx, Engels, Gramsci, li muito da sua obra. Paulo, sei o que é luta de

classes, sei o que é exploração de classe, o que é ideologia, o que é consciência de classe e, principalmente, o que é classe para si. Saber disso faz muita diferença. Encontrar esse povo todo e te encontrar mudou a trajetória da minha vida. Todos esses saberes perpassam o meu fazer acadêmico, marcam o meu olhar de pesquisador e de extensionista, estão presentes nos meus escritos e circulam nas minhas aulas, nas minhas palestras e nas minhas práticas cotidianas, dentro e fora da sala de aula, no mundo.

Assim como nos disse a educadora Lêda Ribeiro e como nos ensinastes, sou um educador com posição de classe, defendo a unidade da classe trabalhadora e de todos os explorados e oprimidos. Com a minha prática educativa procuro contribuir para a construção de uma sociedade justa e fraterna, sou um ecossocialista e deixo isso claro, não porque precise demarcar posição, mas como um testemunho. Luto contra o sistema capitalista que explora e vilipendia a vida humana, o meio ambiente e toda a biodiversidade que dele faz parte. Luto contra as relações sociais opressivas e luto para não ‘hospedar’ exploradores nem opressores em mim. Muitas vezes, luto contra mim mesmo. E como é difícil ser coerente! E como lembro do seu Expedito e da falta de carne na sua vida! E como lembro de Deda e da sua frustração inicial por não conseguir conduzir um lápis! Mas lembro, principalmente, das suas clarezas e limites de objetivos, eu queria que eles aprendessem a ler, eles queriam bem menos: ‘fazer’ seus nomes.

Paulo, confesso que só recentemente refleti e entendi a importância dessa experiência ‘incoerente’ de alfabetização na minha vida. Repito, foi a tarefa dada pela organização do Colóquio, de ler as cartas que os educadores te destinaram, que disparou tais lembranças, que me fez reabrir essa passagem do livro da minha vida.

Sou um educador e um militante político. A politicidade da educação é uma obra de grande beleza, isso aprendi contigo. Sou um cultivador de sonhos. E, como dizias e como nos disse Lênin, esse cultivo tem que ser feito com bastante rigor ético. Na minha época de grupo de jovens, Grupo Jovem São João Batista, da Paróquia Nossa Senhora das Brotas, ainda em Atalaia/AL, lendo a bíblia e refletindo a partir do método ver, julgar e agir, aprendi a sonhar com uma sociedade justa e fraterna. Cultivar sonhos se faz com práticas cotidianas, com gestos efetivos e testemunhos permanentes. Por isso, rejeito o lugar confortável do acadêmico que não assume militância, tenho asco dos “isentões” e combato quem faz do discurso meritocrático uma senha que justifica a injustiça e a opressão social. Enfrento essa gente, há anos, cotidianamente.

Isso envolve riscos, mas, tenho sublinhado em Pedagogia da Esperança a passagem na qual dizes que “Não é possível viver, muito menos existir, sem riscos. O fundamental é nos prepararmos para saber corrê-los bem”. A luta e a coerência trazem riscos. Vivemos no mundo. Injusto e perversamente desigual, o mundo urge por transformação. Como você bem nos diz, a educação deve ser uma chave para a transformação do mundo. Assumamos juntos a nossa tarefa maior que é interpretar corretamente o mundo e atuar para transformá-lo num lugar melhor para viver. Li isso em ti tantas vezes, Paulo. E li a mesma coisa nas tantas cartas que a ti foram endereçadas. Estamos em sintonia fina.

Quero te dizer como te conheci e compartilhar um pouco da minha consciência do seu lugar na minha vida. Aos domingos, à tarde, tínhamos um grupo de estudos da sua obra. Quem erámos: jovens do Grupo de Jovens São João Batista, na maioria, professoras e professores no início de carreira. Nesse tempo, a ditadura militar agonizava e nos legava um país ainda mais injusto e desigual, mas também, em contraponto, um país cheio de esperanças, retomando o seu frágil e descontínuo processo de normalidade democrática. Falo do final dos anos de 1980, a partir de 1986. Eu, que pela minha própria natureza já era rebelde - sei que é temerário falar assim, mas sei também que algumas pessoas sentem mais as opressões e reagem mais a elas do que outras -, quando te encontrei vivi duas coisas muito bonitas: fortaleci a minha rebeldia, pois entendi coisas que não entendia antes; mas também suavizei o meu fazer, fiquei mais terno e mais afetuoso, não és um militante-intelectual raivoso, a sua indignação é santa. De longe, essa é a melhor maneira de enfrentar o mundo. Precisamos reagir aos pragmatismos que a vida nos apresenta, ter firmeza de posicionamentos, fazer o combate cotidiano, porém, sem perder a ternura. Como bem nos dizia o Che. Na mesma direção aponta Elissandra de Oliveira e Oliveira quando nos diz que “A pandemia nos mostrou que precisamos nos adaptar, mas de maneira a não perder nosso contato com o outro, a interação e o calor humano”. Isso é revolucionário. O afeto é revolucionário, ainda mais no Brasil de hoje. Sofremos terrivelmente com o ambiente pandêmico e com um governo cujo discurso de ódio anda na frente e contagia muitas pessoas. Vivemos um imenso retrocesso. A história não segue mesmo em linha reta. Chamamos isso de dialética. Direitos são destruídos, os pobres, negros e índios são assassinados. A Amazônia queima com a anuência criminosa de nossos governantes. És perseguido pelos mesmos que te perseguiram nos anos de 1960, mas também defendido e aplaudido por milhões de educadores brasileiros e do mundo inteiro.

Não imaginas como o seu centenário é inspirador, mobilizador. Em todo o país, e em diversos lugares do mundo, como poucas vezes antes, pessoas, grupos, movimentos, universidades, estão em movimento, estão articulando eventos em sua homenagem, as suas ideias fervilham:

*Laços de solidariedade se formaram numa ampla frente em defesa da educação e da educação popular e seus sujeitos. Estamos esperançosos no que virá, dos grupos que se formaram, se juntaram, se acolheram, e estamos felizes por comemorar seu centenário de luz e esperança.*  
(Isabel Cristina Barbosa de Lima)

Que feliz coincidência que a passagem do seu centenário, do seu aniversário de cem anos, ocorra no Brasil de hoje!

### **Considerações finais**

As cartas funcionaram quase como válvulas de escape para as educadoras e educadores – para mim foram motivo de um grande reencontro comigo mesmo. Aliás, a expressão desabafo aparece diretamente em pelo menos duas delas. É a angústia do momento que estamos vivendo, mas é também a gratidão de escrever para Paulo Freire, de participar de um certame que reúne freireanos em atos de celebração e de resistência.

Aprendemos com Paulo Freire que educar é um ato de amor. Aprendemos que educar é um ato de esperança, do verbo esperar. Aprendemos que educar é um ato de subversão. Queremos subverter a ordem injusta na qual vivemos. A justiça social é o maior ato de amor possível. Por isso, estejamos em marcha com os trabalhadores/as, com os desempregados, os sem terra, os sem teto, os índios, os quilombolas e com todos e todas que são explorados e oprimidos em nossa sociedade. Marchemos a marcha da esperança, a marcha de quem quer mudar o mundo. Marchemos na direção de uma sociedade socialista, justa e fraterna. Isso é ser marxista, cristão, freireano!

Em reação à imposição do isolamento, as pessoas sentem necessidade de buscar estarem juntas de outras que comungam dos mesmos valores, dos mesmos sonhos e das mesmas esperanças. Com a sua ternura, o seu compromisso político e o seu rigor teórico, Paulo Freire propõe conteúdos que nos animam muito nos dias de hoje, um deles é que a educação e a luta pela libertação popular não devem ocorrer como uma obra de dirigentes, líderes ou intelectuais iluminados *para* ou *pelo* povo, mas *com* o povo, como um processo no qual o povo é sujeito, ator principal da sua vida e da sua história. Nada disso, porém, acontecerá espontaneamente ou sem

resistências dos setores dominantes. Por isso, devemos compreender o medo das classes dominantes e o combate que fazem a Paulo Freire, compreender, mas não tolerar. Sem medo de redundância, repito, elas não têm medo de Paulo Freire. Elas têm medo do povo. Peço licença para repetir outra questão, espalhar medo e mentiras contra Paulo Freire e sua proposta de educação libertadora é parte do processo de luta de classes e de disputa da hegemonia da sociedade travado pelas classes dominantes. A educação é um ‘espaço’ estratégico dessa disputa. Insisto nessa ideia, e a repito, não porque duvido da capacidade de quem lê em entendê-la, mas porque essa é uma chave fundamental para compreendermos não apenas esse fenômeno, a perseguição que fazem a Freire, mas o conjunto das relações sociais nas quais estamos envolvidos.

Por fim, se não escolhemos o tempo histórico no qual vivemos, cada tempo tem os seus desafios, não podemos aceitar os óbices apresentados pelos opressores, nem podemos fugir da tarefa histórica que se apresenta. Hoje, como em tantos outros momentos da vida do nosso país, devemos tomar partido e assumir o desafio de combater o fascismo, o terraplanismo e o negacionismo cruelmente em curso no Brasil. E vamos vencer porque somos muitos, somos fortes e estamos do lado certo da história. Eles passarão, e não deixarão saudades. Nós reconhecemos tudo o que Paulo Freire fez pela educação do povo brasileiro, por este país e por um mundo melhor. Reconhecemos a sua existência marcante e a sua obra fundamental!

Paulo Freire vive entre nós! Falamos nele todo dia! Os agradecimentos dos nossos colegas que escreveram as cartas são os agradecimentos dos oprimidos do Brasil e de todas e todos que com eles formam fileira, e assim, marcham a marcha da esperança de um país melhor! E falo isso lembrando de seu Expedito e de Deda, lembro das carências materiais, dos corpos maltratados pelo trabalho no corte da cana, lembro dos limites dos seus sonhos, do pragmatismo de querer apenas “fazer o nome”, mas lembro também do esforço de irem à aula a noite depois de um dia duro de trabalho. Não sei o destino que eles tiveram na vida, sequer sei se ainda estão vivos, mas sei que, como eles, muitos outros brasileiros comem mal, vivem mal e são tolhidos em seus sonhos. No Brasil de hoje, a vida dos mais pobres piorou. Nesse contexto, somos chamados a cumprir mais e melhor o nosso papel de educador. Devemos atuar na resistência que defende direitos e conquistas sociais históricas, devemos denunciar a violência que vitima jovens, pretos, pobres e de periferia, devemos ousar sonhar e estimular os nossos educandos ao sonho e à luta. Devemos também lançar desafios. Paulo Freire nos diz que o educador é um desafiador. Cabe ao educador

desafiar os educandos. O processo de problematização da realidade tem no educador um sujeito fundamental. Devemos lançar desafios de mudança da ordem social injusta na qual vivemos. Sejam todos e todas semeadores de sonhos. Conjuguemos radicalmente o verbo esperar. Miremos um inédito viável de justiça e paz!

### **Referências**

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1993.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

HONNETH, Axel. Reconhecimento ou redistribuição? A mudança de perspectivas na ordem moral da sociedade. In. SOUZA, Jessé; MATOS, Patrícia (orgs.). **Teoria crítica no século XXI**. São Paulo: Annablume, 2007.



# **Meios de educar, comunicar, criar e esperançar no cenário pandêmico – A organização do colóquio cartas para Paulo Freire: da leitura do mundo à leitura da palavra**

Ana Rosária Borges de Faria  
Helga Valéria de Lima Souza  
Karina Lie Sato Inatomi  
Letícia Araújo Felix  
Lucas Truta Barbosa

---

Por ironia do destino, no ano que antecedeu o centenário de nosso querido educador Paulo Freire (2020) – patrono da educação brasileira, e no qual, diversos grupos de estudiosos e pesquisadores de sua obra e práxis, organizados ao redor do mundo, iniciavam os planejamentos para a comemoração de seu centenário, nos encontramos de um dia para o outro – se é que assim podemos dizer – em um contexto pandêmico, causado pelo coronavírus Sars-CoV-2, ou simplesmente Covid-19.

Desse modo, após décadas de trabalhos desenvolvidos em diversas frentes que culminaram em avanços sociais, assim como no que tange ao modelo de educação proposto em nossa constituição (embora muito ainda necessite ser feito), a nova realidade que se impunha sobre o mundo, tornou-se, sem dúvida alguma, um divisor de águas na história da humanidade, com destaque para a história da educação, ocorrendo, porém, de formas bem distintas em cada país.

O Brasil, país historicamente tão carente de diversos recursos, vive, desde março de 2020, um dos momentos mais perturbadores da sua história recente, qual seja, uma convergência de crises política, social, econômica, e sanitária agravadas pela ausência de informações claras, turbinadas por uma avalanche de *fake news* que minimizaram e descaracterizaram a pandemia; pela falta de consciência social e responsabilidade política de nossos governantes que debocharam do sofrimento do povo e negaram a ciência; pela instabilidade e fragilidade de nosso sistema econômico no que tange ao atendimento ao micro e médio empresário, causando falências de inúmeras empresas e, conseqüentemente, o aumento do desemprego e das doenças classificadas como sindêmicas, além do alto índice de óbitos causado pelo Covid-19.

Deste modo, em um novo cenário, no qual por questões de sobrevivência foram impostos o isolamento e o confinamento social, novas formas de ver e conviver passaram a prevalecer. Todas as mudanças ocorridas, decorrentes da pandemia, trouxeram transformações nas relações, no meio ambiente, nos estudos, que impactaram diretamente na forma de agir de cada um. Este afastamento físico e social por questões sanitárias para preservar a vida e saúde de todos causou o fechamento do comércio, de empresas e das escolas e, impositivamente, a migração de todos para o sistema *on-line*.

Assim, querendo ou não, essa nova realidade, como ficou apelidada, nos transformou em seres produtores e consumidores de uma cadeia multimidiática, inseridos em uma (re)construção de novas identidades dentro de vários territórios onde não colocamos os pés, mas as mãos, que alcançaram as telas de celulares, notebooks, tablets e Tvs interativas. Todos esses dispositivos de mediações comunicativas transformaram nosso cotidiano de um vaivém físico e real em um trânsito invisibilizado por ondas, bytes, pixs e dados.

Imersos em tamanha crise, no que tange à educação brasileira, o que vimos foram professores e alunos da noite para o dia sendo lançados em uma modalidade pouco trabalhada, desconhecida de muitos, com baixo nível de organização, além de precariamente estruturada a partir da utilização de programas já pré-existentes criados para o comércio das comunicações.

A adoção de tais programas, efetivada a “toque de caixa” e dados como solução viável para a implementação de um modelo de educação, ofertado em nível de 100%, via sistema *on-line* com todas as suas variantes, gerou mais uma barreira a ser transposta, mais um desafio aos educadores e adeptos freireanos: a necessidade de repensar a educação de agora em diante, também, como uma prática de solidariedade.

A experiência de desaglutinação de atividades já consagradas e alicerçadas em uma relação de contato direto entre sujeitos, permeados por sentidos tátil, visual, olfativo e auditivo passaram a ser repensadas agora dentro do processo de virtualidade, com foco nos pressupostos teóricos e metodológicos de Paulo Freire, nos quais um conceito como o de diálogo se reverbera no vínculo entre os sujeitos e suas histórias.

Assim, como consequência de tais mazelas, embora quantitativamente desanimadoras (aumento no número de desistência e sequencialmente baixa no número de matrículas, alto índice de adocimentos dos professores, entre outros), culminou em propostas desenvolvidas por parcelas da nossa sociedade - entre esses os educadores -

no avanço de ações de resistência, de luta, de união, de busca por soluções, de enfrentamento, e de uma postura de indignação contra o abandono, o desemprego, a fome, e a mortalidade naturalizada como destino imutável para grupos desfavorecidos, e que agora, no tempo dessa escrita, já atingiu a marca de mais de 500 mil mortos vítimas do Covid-19.

Entre tantas ações que foram desenvolvidas, encontra-se a proposta do colóquio **Cartas para Paulo Freire: da leitura de mundo à leitura da palavra**, ofertado via on-line, que culminou em ciclos de conversas e leituras de cartas enviadas pelos adeptos de Freire presentes em todo o país, embora, estejamos conscientes de que ao mesmo tempo que as atividades remotas permitem a ampla comunicação entre pessoas de diversos estados e até mesmo fora do país, paradoxalmente trata-se de um processo excludente, já que, também, impede a participação daqueles que não possuem aparelhos atualizados (celulares, *smartphones*, computadores entre outros), ou uma boa *internet*.

### **O Colóquio “Cartas para Paulo Freire: da leitura do mundo à leitura da palavra”**

O colóquio **Cartas para Paulo Freire: da leitura de mundo à leitura da palavra** trabalhou com ciclo de conversas a respeito do pensamento e trabalhos do mestre Paulo Freire, no ano anterior ao seu centenário. Todas as imagens que se seguirão foram retiradas do registro do evento que se encontra no *YouTube*<sup>1</sup>.

Na abertura, tivemos a exposição do perfil dos inscritos gerado a partir dos dados fornecidos via aplicação de questionário on-line (primeira atividade). Foi notória a grande diversidade de idades, condição social, gênero, região, grau de escolaridade etc., mas um ponto une: a necessidade e o receio de pensar a educação nessa pandemia e no pós-pandêmico.



Em sequência e como segunda atividade proposta, ocorreram quatro encontros on-line, com duração média de quatro horas e a participação de todos os educadores organizadores e educadores inscritos. Tais encontros podem ser definidos como momentos

1 - Colóquio: Cartas para Paulo Freire. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=brfughNNXgM>. Acessado em 14 ago. 2021.

ricos de aprendizagem e amorosidades, nos quais ocorreram a leitura do mundo, diálogos e conscientização.

A terceira atividade, realizados por todos os educadores participantes foi a escrita de cartas endereçadas ao educador Paulo Freire. Cada participante escreveu duas cartas: uma sobre o contexto da Educação e os impactos sofridos pela pandemia da covid-19 e outra comemorativa, celebrando os 100 anos de Paulo Freire, a ser comemorado em setembro de 2021.



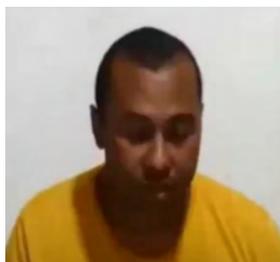
Porém, a partir do novo contexto, surgiu um questionamento: como tratar do pensamento de Freire e dos envios e recebimento de cartas, em uma realidade na qual a maior parte dos meios de comunicação estavam sendo mediados digitalmente?

Como resposta, as cartas, historicamente escritas à mão, sempre que possível em papel específico, não raramente adornadas e enviadas em envelopes com selos ilustrativos que homenageiam algum acontecimento real, sendo estas, inúmeras vezes adotadas por Freire como veículo de diálogo, passaram a ser digitalizadas, ilustradas com imagens selecionadas e copiadas da internet, ou com fotografias de arquivos particulares dos autores.

Algumas cartas apresentaram relatos pessoais, contextualizações locais ou análises políticas. Outras trouxeram citações freireanas, poesias, letras de músicas, declarações em defesa da educação e saudações a Freire, sendo, contudo, todas repletas de sentimentos e emoções.



As mesas de discussão, antes organizadas em grandes salões, auditórios ou pátios, ganharam uma versão virtual e foram feitas por vídeo-ligações que, embora tenham ocupado tardes inteiras, subdivididas entre momentos de apresentações artísticas, palestras e depoimentos, não comportaram todas as manifestações devido ao grande volume existente.



O local do evento, em conformidade com a realidade pandêmica que vivenciávamos (vivenciamos) foi uma página na Internet que, entre algumas vantagens, possibilita a manutenção dos registros do colóquio.

Desse modo, as novas formas de comunicação e a organização do colóquio incidiram diretamente

na elaboração de uma marca para o evento que, por sua vez, buscou tratar de todos os aspectos acima mencionados. As cartas ganharam o selo do “@” pois foram entregues virtualmente. A rede de diálogo foi substituída pelo símbolo da rede de computadores tendo a imagem de Freire central, como ponto comum para essas trocas. A fonte utilizada para o nome de Paulo Freire foi a escolha de uma letra cursiva, para trazer algo similar à escrita à mão.



Os contatos por meio digital, a entrega das cartas por correio eletrônico, a transmissão simultânea dos encontros para todo Brasil e até mesmo para outros países, trouxeram uma nova tônica para nossos sistemas de trocas e construções coletivas, já que, segundo nos ensina Freire em uma perspectiva progressiva “[...] saber ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 1996, p. 47)

Para Freire (2001) todos os sujeitos são seres que estão em constante aprendizado, portanto, “seres inclusos que precisam saber da sua inconclusão”, cuja presença no mundo se faz através de atos individuais ou coletivos, mas que devem almejar melhorias. Neste sentido, Freire nos ensina que:

A consciência da incompletude nos seres humanos leva-nos a envolver-nos em um processo permanente de pesquisa. É preciso esta busca constante que faz com que a esperança apareça. Na verdade, como é que eu posso possivelmente buscar sem esperança o que estou procurando. Mas essa incompletude como seres humanos também nos empurra rumo à ação, e assim, torna-nos seres com opções, seres que têm a possibilidade de decisões, seres que têm a possibilidade de ruptura e, finalmente, seres que têm a possibilidade de ser éticos. (FREIRE, 2001, p. 65)

Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vistas sobre o mundo, sem fazer ciência ou teologia, sem assombro em face o mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível. (FREIRE, 1996, p. 58).

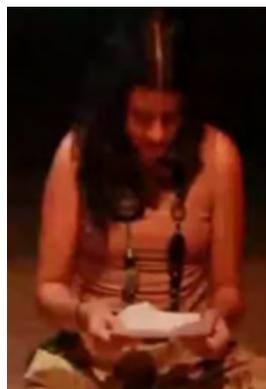


A inconclusão de todos os participantes se confirmou inicialmente nas manifestações de desejos, sonhos e expectativas constantemente renovadas e apresentadas em suas falas, escritas e mensagens enviadas no grupo de *WhatsApp*, assim como nas apresentações ocorridas durante as transmissões simultâneas.

A partir de tais apresentações, revelou-se também as propostas implícitas e as ações mediadoras presentes nas práticas e práxis dos participantes, exercidas pela leitura do mundo, leitura da palavra, diálogo e conscientização embasadas nas proposições de Freire, desvendando suas condições como seres políticos atuantes em um contexto formativo, já que, conforme Freire nos orienta, é preciso compreender a “[...] impossibilidade da neutralidade da educação que resulta desta qualidade que a educação tem de ser política, não necessariamente partidária, obviamente” (FREIRE, 2001, p. 94).

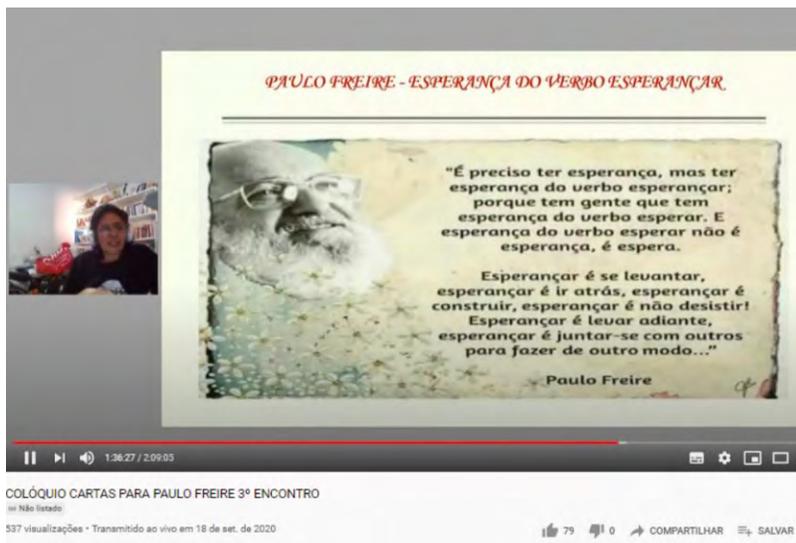
Em conclusão, entendemos que o Colóquio *Cartas para Paulo Freire: da leitura de mundo à leitura da palavra*, constituiu-se como um lugar do fazer prático pedagógico realizado com recuos e avanços de programas virtuais e sem julgamentos prévios. Sua grandeza está na participação plena de diversos integrantes com nível de conhecimento, área de atuação e espaços geográficos diferentes e que se desafiaram nesta composição dialógica constitutiva de sentidos e significações.

As cartas produzidas pelos educadores organizadores e educadores inscritos, trouxeram à tona a esperança do verbo *esperançar*. O pensamento freireano que nos ajuda a crer nas novas dimensões educativas a serem exploradas. Lembrando-nos sempre que devemos utilizar a tônica “A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é o aborto deste ímpeto. A esperança é um condicionamento indispensável à experiência humana” (FREIRE, 1996, p.72).



Todo esse processo gerou inúmeros desafios de pensar a educação na transformação da realidade, visto ser perceptível que o ensino remoto pode impossibilitar inúmeros métodos que viabilizam o pensamento

crítico e um contato amoroso do educador com o educando. Essa realidade, a qual é mais precarizada na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), já historicamente sucateada, tem seu processo aprofundado no atual contexto.



Assim, ao pensar nos sujeitos da Educação Popular e da EJA, agora com o foco nos educandos, é preciso lembrar que Freire nos ensina que os seres humanos são seres histórico-socioculturais, frutos das relações sociais constituídas ao longo da história de vida de cada um, tratando-se, no caso dos sujeitos educandos da EJA, de sujeitos privados, por inúmeros motivos, do acesso aos bens culturais, sociais, econômicos, e à educação.

Ao pensarmos nos educadores, participantes do colóquio, questionamo-nos sobre: como reconhecer as práticas e a dialogia, em tempos de afastamentos sociais, distanciamentos territoriais e transitórios? A resposta veio inegavelmente traduzida pela dedicação e amor à educação apresentados nas cartas, assim como, pela exposição de uma incrível capacidade de problematização e superação das inconsistências historicamente existentes no contexto escolar e no trabalho docente, porém agora agravadas em um contexto pandêmico.



Tais superações indicaram, em um primeiro momento, a capacidade de mapear e delimitar as situações - situações-limites - vivenciadas no cotidiano escolar on-line e nos grupos sociais dos quais participam educadores e educandos,

via diálogo. Já num segundo momento, refletiram o planejamento e o desenvolvimento de ações práticas correspondentes ao conceito do inédito-viável, conforme apresentado por Ana Freitas como “um sonho possível” [...] que não ocorre ao acaso nem se constrói individualmente”, sendo, portanto, algo:

[...] que emerge justamente da reflexão crítica acerca das condições sociais de opressão cuja percepção não se faz determinista, mas compreende a realidade como mutável a partir da participação dos sujeitos que a constituem, sendo igualmente por ela constituídos. (FREITAS, 2001, p. 28).

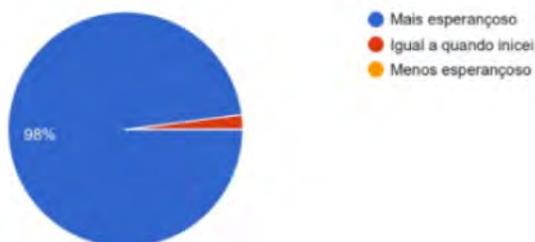


Ao final, o colóquio *Cartas para Paulo Freire: da leitura de mundo à leitura da palavra* foi avaliado pelos educadores inscritos, via questionário, como uma proposta válida e positiva, que possibilitou aprendizagem, fortalecimento e crença na superação das dificuldades impostas pelo sistema on-line, e pela pandemia do Covid-19.



Saio do colóquio:

149 respostas



**Fonte:** Avaliação final do colóquio no Google Forms

Finalizando, acreditamos que a alegria, as emoções, os aprendizados e a esperança de tempos melhores encontram-se muito bem sintetizadas no mosaico virtual, constituído pelos retratos dos educadores organizadores e educadores inscritos no colóquio, que ao serem organizados, formam a imagem de Freire sorridente e com as mãos em posição de acolhimento.



## Referências

- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura). p. 47 – 90
- FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Organização Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2001. p. 27-32





## Parte III

Niterói, 2 de setembro de 2020.

Querido Paulo,

Fico feliz pela oportunidade de escrever-lhe esta carta! Sempre conversamos bastante, pois, quando adentro seus textos tão instigantes, densos e, ao mesmo tempo, tão delicados e sensivelmente tecidos, vou dialogando contigo, sendo provocada a rever conceitos, ideias e a refletir sobre minha condição de educadora, de aprendiz, de mulher enfim, de ser sujeito na relação com os outros e com o mundo.

E agora, no contexto da Covid-19, você me impactou uma vez mais. Estava relendo a conversa que você e o professor Antonio Faundez publicaram no livro *Por uma Pedagogia da Pergunta*<sup>2</sup>. Entre tantas análises tão críticas e precisas da realidade sociocultural, chamou-me a atenção o momento em que vocês compartilham a experiência da vida no exílio, depois de serem perseguidos e obrigados pelas ditaduras militares a sair de seus países – você, do Brasil; Antonio, do Chile.

Na conversa, vocês contam que precisaram aprender a viver em outro lugar, distante da cotidianidade, da cultura, das relações humanas, dos gestos, das linguagens, etc. com que estavam acostumados, e que descobriram um contexto novo, nova realidade, novos objetos, novas linguagens, enfim, novas formas de se relacionar com o mundo e com os sujeitos. Em síntese, vocês vivenciaram uma **alfabetização do ser** em um processo longo de aprendizagem. A experiência do exílio é definida por vocês como uma **ruptura epistemológica, emocional, sentimental, intelectual, política** e mais: **uma ruptura de vida diária**.

Essas reflexões me levaram, imediatamente, a estabelecer uma aproximação direta com o que temos vivenciado, há seis meses, na pandemia. Mais do que isso, levaram-me a uma compreensão mais ampla, clara e objetiva da realidade atual! Sofremos rupturas em todas as esferas da vida! Os modelos hegemônicos ou estandardizados (vigentes até o início da quarentena e do distanciamento físico) nas relações de trabalho, na escola, no lazer, ou mesmo na intimidade das famílias, foram colocados em xeque, já não servem mais!

Fomos surpreendidos pela pandemia, tal como você e Antonio foram surpreendidos ao serem mandados para o exílio. O susto, o assombro, o medo, as dúvidas, as incertezas, a falta de referências e de garantias, que

---

2 - FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma Pedagogia da Pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Educação e Comunicação, v. 15)

tão fortemente marcaram os primeiros dias, as primeiras semanas com a Covid-19, vêm, paulatinamente, cedendo lugar à esperança de uma vacina ou remédio que erradique a doença; à necessidade de transformar nossa realidade, descobrindo novas formas de nos relacionar com os objetos, a natureza, os sujeitos, enfim, à oportunidade de experienciar nova alfabetização do nosso ser.

Diante de cenário tão adverso, com tanta dor e sofrimento, perdas humanas irreparáveis, supressão de direitos e maior agravamento das desigualdades sociais, o que podemos fazer? Como reagir, enfrentar e superar essa tragédia mundial? Sua obra, Paulo, muito nos alenta e nos indica possibilidades frente ao enorme desafio que está posto.

Sou professora da Educação Infantil. Meu trabalho na docência com crianças pequenas requer presença física, afetiva, coletiva, 'aglomerada'. O toque; o abraço; o colo; o cuidado com a higiene, com a alimentação, com o sono; o movimento; o choro; as brincadeiras de faz de conta; os jogos; as rodas de conversa, enfim tudo na educação das infâncias exige relação de corpo, alma e coração, do eu com os outros: os outros que me afetam e a quem eu afeto no processo inacabado e permanente de constituição do humano.

A pandemia limitou grandemente a continuidade desses processos, mas não os paralisou totalmente! Temos descoberto e criado novos modos de interagir com as crianças, coletivamente, dialogando nos encontros de formação e planejamento pedagógicos, por meio da tecnologia. Como disse o professor Ricardo Spindola, no nosso primeiro encontro no dia 21 de agosto, não devemos ter medo da tecnologia – uma tecnofobia –, nem ficar com a ilusão de que a tecnologia resolverá tudo – uma tecnofilia. Mas podemos resistir com tecnologia, aproveitando tantos recursos disponíveis que foram produzidos a partir de muita pesquisa e trabalho humano.

Por isso, Paulo, tenho procurado me animar e manter atitude positiva para com a humanidade. Lembro-me do que você defendeu na *Pedagogia do Oprimido*<sup>3</sup>: que a fé nas pessoas é um princípio do diálogo e que este se instaura junto com a confiança. Você dizia que a “confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo” e “implica o testemunho que um sujeito dá aos outros de suas reais e concretas intenções”. Eu concordo com você e penso que é pela fé, pela confiança, pelo amor, pela responsabilidade, pela luta, pelo diálogo, pela solidariedade, que a humanidade poderá sair fortalecida dessa crise, imposta pela pandemia do coronavírus e

---

3 - FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

*tantas outras 'pandemias' que há muito tempo nos assolam: a pandemia da fome, da violência, da corrupção, da privação de direitos elementares...*

*É fundamental, como você bem nos alerta, sermos coerentes em nossos atos e palavras, para estimularmos a confiança, para agregarmos todos os sujeitos: crianças, educadores, famílias, toda a comunidade, em prol de um projeto de sociedade igualitário, digno, justo, democrático.*

*Temos um árduo trabalho pela frente... O horizonte está nebuloso, opaco, não sabemos o que está por vir, mas não vamos desistir, continuaremos a caminhar. E ter você conosco, Paulo, nos inspira, nos anima, nos sacode, sobretudo nos momentos em que nos sentimos fragilizados e prestes a esmorecer. Pois você declara, assertivamente, na *Pedagogia da Esperança*<sup>4</sup>, que "ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se pôs a caminhar".*

*Quanta atualidade nestas tuas palavras, meu amigo! Despeço-me agradecendo mais uma vez pela oportunidade de escrever para você, e compartilhar minhas reflexões, minhas impressões sobre esse momento inédito da vida e da história.*

*Receba meu abraço carinhoso.  
Com enorme admiração e respeito,*

*Adriana Santos da Mata*



---

4 - FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

Brasília, 12 de setembro de 2020

Querido educador Paulo Freire,

É com muita satisfação que lhe escrevo essa carta. Gostaria de estar falando de outro tempo, um tempo em que o oprimido e opressor estavam juntos na mesma escola, na mesma faculdade, voando no mesmo avião, um tempo que durou pouco, claro que durou, a elite tupiniquim se incomodou com isso. Quando as minorias, pobres e negros começaram a emergir, a casa grande pegou as rédeas do país novamente, pegou as forças, num duro golpe, mas, enfim, não é sobre isso que eu vim lhe falar hoje. Espero poder lhe falar desse assunto numa outra carta, apesar desses fatos terem forte relação com o que acontece hoje, no nosso amado Brasil e no mundo, um mundo sem lideranças. Para o senhor ter ideia do tamanho do abismo cultural em que nos encontramos, as pessoas aqui estão achando que a terra é plana, preferem Carvalho a Freire. O senhor aqui professor, junto a Darci Ribeiro e muitos outros seriam exilados, como o senhor foi na época da ditadura militar, ditadura essa que não está tão distante da nossa realidade, pois o nosso governante flerta com ela corriqueiramente.

Oh, professor, estamos vivendo tempos difíceis aqui, estamos vivendo o pior problema de saúde pública da história contemporânea. Desde a gripe espanhola não morriam tantas pessoas por conta de uma doença. Me lembro que foi exatamente essas palavras que usei numa reunião, ainda em março deste ano, com os gestores de saúde do DF. Novo coronavírus é o nome do nosso inimigo. Nesse contexto, professor, muitos me chamam de herói, assim como chamam os meus colegas. Sou Enfermeiro e gestor de saúde pública, exatamente gestor de vigilância epidemiológica, que ironia! Às vezes eu me pergunto: eu, gestor de epidemiologia na pior crise epidemiológica contemporânea! Mas eu tenho feito meu trabalho, acordo cedo sem hora pra chegar em casa, estou na linha de frente, não na assistência, mas subsidiando os soldados com orientações, treinamentos, comando, informações, todas as ferramentas necessárias para combater o inimigo.

E pensar que muitos dos meus colegas negam a existência da pandemia, assim como o nosso governante, mas também é querer de mais dessa gente: eles acham que a terra é plana! Teve um plantão que eu vi um homem de 31 anos morrer por conta dessa doença. O irmão dele, de 24 anos também estava internado na UTI do mesmo hospital e veio a morrer pouco tempo depois. A mãe e o pai estavam em casa também afetados pela mesma doença, nem puderam velar os filhos. Na verdade, nenhum pai, mãe, irmãos estão podendo velar os seus entes queridos, pois esses já saem dos hospitais em urnas

fechadas, direto para a sepultura, nos cemitérios. De frente à minha sala, no hospital, estacionam os carros das funerárias para pegar os corpos de vítimas da covid-19. Um hospital pacato onde, normalmente, não morria um paciente na semana, agora recebe os carros das funerárias até três vezes no dia.

Os dois irmãos aos quais me referi antes fazem parte de um número, 919.081 que morreram no mundo até a noite de hoje por conta dessa doença; mais de 130 mil vidas perdidas só aqui no Brasil. Encorajados pelo “líder” deste país, grande parte das pessoas adotam comportamentos desfavoráveis às orientações sanitárias para conter a transmissão do vírus, fazendo com que a pandemia permaneça por longo período em seu “platô”, ou seja, em seu ponto mais alto. Nós, epidemiologistas, acreditamos que haverá outras ondas, ou seja, o problema está longe do fim, pode melhorar um pouco, mas, infelizmente, pode voltar. Acredito que vá pelo menos até o fim do inverno de 2021 e, claro, depois disso essa será uma doença que fará parte do nosso cotidiano, assim como centenas de outros vírus gripais que circulam no mundo. Há uma corrida mundial em busca de uma vacina e de medicamentos para conter essa doença. Nesse contexto, também coordeno toda parte de imunização da minha região, vacinação de rotina, especiais, bloqueios e campanhas. Acredito que tal vacina só chegue no ano que vem e será garantida, inicialmente, a grupos específicos, de maior vulnerabilidade.

Como o senhor pode perceber, o mundo todo parou por conta da pandemia: empresas, escolas, fábricas, aviões, quase tudo. As nações estão em crise, crises sanitárias, sociais e econômicas. As pessoas estão tendo que se reinventar; alunos fora da escola no mundo todo. No seu tempo, no início do MEB, as aulas eram dadas através do rádio. Hoje, é através da tela de um telefone celular ou computador, porém poucos tem acesso, somente os moradores da casa grande.

As pessoas estão perdendo a esperança; outra pandemia está aparecendo junto com a pandemia do novo coronavírus: as doenças mentais! Pessoas sem esperança, em crise, cometem suicídio, ou entram em depressão. A fome, que nunca acabou, agora assola mais ainda mundo afora.

Querido professor Paulo Freire, procrastinei muito a lhe escrever. Gostaria muito de lhe falar mais sobre o mundo de hoje, os nossos problemas, soluções e desafios, mas estou ficando sem tempo, comecei a escrever em 12 de setembro e já é 13.

Despeço-me com um abraço fraterno.  
Respeitosamente,

Amilton Xavier

*Para: Paulo Freire*

*Desde que surgiu na cidade de Wuhan, na China, o mundo encontra-se com a ameaça de vírus misterioso, que tem afetado uma proporção excepcionalmente alta da população. É uma situação única no mundo, que já viveu outras pandemias, é claro. Esta pandemia coloca uma complexidade enorme, porque nós estamos em pleno século 21. Temos também uma capacidade muito grande de informação e de análise e de produção intensa de conhecimento nos vários domínios da ciência, como a biologia molecular, a imunologia e a epidemiologia, o que é muito importante neste momento. Além disso, temos o nosso cotidiano totalmente alterado, com muitas inseguranças, inquietação e até o medo, como é normal em uma doença nova e desconhecida. O meu estado é de temor, mas também de esperança. Uma das medidas de contenção da pandemia é o isolamento social, que corresponde a uma medida em que o paciente doente é isolado de indivíduos não doentes a fim de se evitar a disseminação da doença. Antes, com um sistema muito focado no trabalho presencial e que reunia esses profissionais em um local regado de processos e padronizações de etapas para evitar o desvio da atenção, uma aluna comentou como se surpreendeu com a adaptação ao cenário do trabalho remoto. Eu fiquei impressionado logo que o mundo colapsou quando a gente percebeu que não importa o formato. A gente fazia mesas presenciais de um jeito que era tão excelente que parecia impossível migrar do presencial para o remoto.*

*Em 2020 foi realizada uma aula inaugural a distância sobre o novo coronavírus. Tenho preparado cursos virtuais para profissionais de educação e da saúde, voltados para o combate à Covid-19. Esses cursos são muito importantes na estratégia de enfrentamento, na assistência. Os programas de pós-graduação estão se adaptando e preparando atividades virtuais; algumas bancas têm acontecido já nesse formato. Isso vale para a educação e para todas as atividades nesse formato. Os professores, por exemplo, em razão da suspensão das aulas por conta do distanciamento social, precisam lidar com a pressão de adaptar-se a ferramentas virtuais, preparar atividades que mantenham os alunos estimulados e, ao mesmo tempo, estar disponíveis para esclarecer dúvidas. Um fato é que, em nosso país, a orientação para os indivíduos sintomáticos (com coriza, febre e tosse) procurarem as unidades de atenção primária em saúde poderá desencadear altas taxas de incidência em profissionais dessa rede, frente à carência de estrutura e de EPI's já constatada pelos órgãos públicos.*

Observamos que, das favelas às aldeias, as marcas da desigualdade aumentam o desafio para prevenção e controle da Covid-19 e exigem estratégias intersetoriais adaptadas a contextos diferentes. Uso de álcool gel e máscaras, higienização das mãos e mesmo a recomendação para não sair de casa são medidas que esbarram em realidades brasileiras, ou na ausência de direitos básicos, como saúde, emprego e moradia. Garantir proteção social para as populações em situação de vulnerabilidade, no contexto da pandemia, é também uma forma de promover saúde. Quem tem fome, tem fome hoje, não é amanhã ou daqui a duas semanas. Esse é o desafio trazido pela pandemia: Como lidar com políticas públicas que são de hoje para hoje, tendo que ser pensadas agora, com necessidades muito práticas?

Toda crise é uma oportunidade de aprendermos algo novo e a única coisa que eu tenho certeza é que o mundo vai ser diferente depois do coronavírus. As crises ensinam aos que estão abertos ao novo. Espero, sinceramente, que depois dessa pandemia a educação volte melhor e mais forte. Os professores vivenciaram novas formas de ensinar, novas ferramentas de avaliação – e os estudantes entenderam que precisam de organização, dedicação e planejamento para aprender no mundo digital. Neste tempo de pandemia temos oportunidade de meditar e refletir sobre a vida, seu sentido, suas relações, sua meta. Dentro desse quadro da pandemia, um dos temas de reflexão que mais aparece é o da esperança.

Vivemos hoje numa sociedade de consumo, na qual tudo parece ser transitório, passageiro, descartável, influenciando decididamente em nossas relações com as pessoas, com as coisas e até em opções religiosas. Nesse contexto, o que vale é o presente, os desejos do aqui e agora; enquanto o definitivo ou o eterno parecem excluídos do vocabulário das pessoas. A grande frustração desta constante transitoriedade é não oferecer valores seguros, perenes. Assim a pessoa humana vive em estado de insaciabilidade.

Enfim, é preciso esperar! Não como uma espera de “que tudo melhore ou se resolva” num passe de mágica, mas fazendo da história uma oportunidade e não determinismo, em cujo contexto a esperança apareça como verbo. Assim como nos ensina Paulo Freire, que esse esperar se faça na reação, na resiliência e no fazer, mesmo quando tudo não pareça ter saída.

Antônio Mascarenhas da Ressurreição

Presidente Prudente, 02 de setembro de 2020.

Paulo, essa carta é para te agradecer por ter contribuído com a minha trajetória pessoal e coletiva, com a minha dimensão religiosa, política e social. Mas, sobretudo, pelo que você fez em função de uma educação para a vida digna dos mais pobres, dos explorados, quilombolas e indígenas. Enfim, para a libertação da minoria que, na realidade, não é minoria. Até hoje suas propostas continuam dando belíssimos resultados. Inclusive em comunidades indígenas, onde passamos a colocar em prática o que você nos ensinou naquela 8ª assembleia do Cimi, em junho de 1982.

Bem, há mais de 150 dias confinada com minha família no interior de São Paulo, resistindo à pandemia do Covid-19, no exercício do cuidado e da esperança, estou tendo a oportunidade de conviver com meus pais, idosos, depois de 17 anos longe, dedicados aos trabalhos missionários do Cimi.

Tenho me alimentado das relações da cotidianidade, a partir das quais me vejo aprendente todos os dias, no exercício da alegria e da leveza, apesar do cansaço e das angústias. Sofro angústia ao me sentir impotente diante dos fatos que acabaram se tornando rotineiros e que não deviam acontecer, pois são muitas as propostas assassinas deste governo que não considera o mínimo sinal de vida e segurança para pessoas e grupos sociais menos favorecidos, menos ainda para os povos indígenas.

Paulo, você acredita que as escolas indígenas estão sendo forçadas a funcionar com aulas virtuais? Ah, Paulo, que saudade de você na secretaria da Educação. Como alguém pode determinar aulas virtuais ou com apostilas enviadas pela secretaria para as aldeias e ainda ameaçar não contratar os professores que não apresentarem seus planejamentos pedagógicos?

Paulo, as comunidades indígenas, todas, estão em luto. Seus anciãos estão morrendo. Já são mais de 750 mortes de indígenas no Brasil por covid-19. A forma que eles encontraram para se proteger foi ir com suas famílias para o mato, para a beira do rio. Suas crianças estão aprendendo muito com seus pais nesse período. Estão colhendo mel, pescando, caçando. São práticas que nos últimos anos não eram tão frequentes por conta de outras atividades de que foram se apropriando, por necessidades ou por influências de não indígenas.

Pena que a secretaria da educação não considera como trocas de conhecimentos esses momentos em que os jovens, professores e alunos indígenas estão tendo em suas comunidades com suas famílias. Muitos voltaram a fazer

seus rituais com frequência. Uma liderança do povo Myky disse até que estão preparando ervas para tratamento de covid na sua comunidade e tem ajudado muito a amenizar os casos. Paulo, se a educação é para a transformação, para a autonomia, para a liberdade de um povo, então é nesse chão que se faz educação de fato. Quanta riqueza se encontra nessas práticas na luta pela vida. Pena que tudo isso não é considerado como “conteúdo curricular”.

Lá na aldeia, a escola, ou seja, o espaço educativo, é espaço de aprender a ler e escrever, fazer reuniões pra resolver problemas da comunidade, vivenciar o sagrado, discutir sobre políticas públicas e também lutar pela garantia do seu território, envolvendo crianças, jovens e adultos. Contudo, o espaço educativo é toda aldeia, porque o espaço aprendente se dá no cotidiano da aldeia.

Dá uma tristeza ver alguns educadores indígenas reféns de um sistema educacional castrador, limitados em suas criatividade e capacidades por um modelo de educação imposto. Alguns desses esqueceram dos nossos encontros de Formação que o Cimi realizava todo ano, baseados em seus escritos, em suas falas. Ainda bem que tem os resistentes, que fazem a diferença em suas comunidades. Muitos ainda mantêm o espírito de guerreiros da educação escolar indígena. Semana passada houve uma reunião virtual com os diretores de todas as escolas indígenas do Estado de Mato Grosso com a secretaria de Educação na qual eu participei como membro do conselho de educação indígena. Me dava uma alegria quando alguns diretores diziam “olha estamos só comunicando que vamos voltar às aulas depois que acabar essa doença, porque minha comunidade está para o mato com os alunos”. Uns afirmavam de forma incisiva que “agora era hora só de pensar em segurança e chorar os nossos mortos. Nossos alunos estão aprendendo muito com tudo que está acontecendo conosco”.

De fato, Paulo ninguém consegue ensinar ou se comprometer com uma educação, deixando para trás a responsabilidade ética, política e profissional com cada ensinante.

Aprendi primeiro contigo e depois com os povos indígenas, que a educação para transformação se faz na resistência. Um viva às resistências, um viva aos povos que insistem em viver, aos trabalhadores e trabalhadoras que insistem na luta por direitos e dignidade, principalmente agora nesse governo tão antidemocrático. O que nos mantém resistentes é a esperança, é continuar nos esperando. “Pode nos faltar tudo, menos a esperança”, lembrando o nosso querido Pedro Casaldáliga.

Ah Paulo, tem tanta coisa que eu gostaria de compartilhar mais com você, meu provocador. Tantas angústias, tantas incertezas. E quanta gente

por esse mundão afora nesse momento difícil tem se alimentado de suas esperanças.

Você acreditou e plantou; e deu muitos bons frutos, alguns que se transformaram em árvores e outras árvores que continuam dando bons frutos, e que alimentam a alma e a caminhada da gente. Gratidão eterna. Avire.

Sua eterna aprendiz,

Augusta Eulália Ferreira



Teresina, 4 de setembro de 2020

Querido professor Paulo Freire,

É com enorme alegria que lhe dirijo essas palavras. Nunca pensei que pudesse algum dia ter a oportunidade de falar, mesmo que simbolicamente, com você. Você tem sido um mestre imprescindível para minha formação ao longo dos anos.

Eu me chamo Cássio, sou professor de história no ensino público de Teresina e, ao longo da minha trajetória, sempre tenho me encontrado com suas ideias, seja no árduo ato de militar por um mundo sem exploração, seja na gratificante tarefa de educar crianças, jovens, adultos e idosos.

Confesso que fico muito entusiasmado pela aplicação dos métodos desenvolvidos por você, pois também compreendo que a educação é libertadora e que somente através dela poderemos dar um passo para que o nosso país, de contradições sociais tão grandes, tenha um futuro de justiça para nosso povo.

Suas ideias incomodam tanto os poderosos, que recorrentemente você é atacado por grupos que têm como único intuito a manutenção da dominação econômica e social da maioria da população. Um povo sem educação é presa fácil para os autoritarismos que rondam o Brasil de agora. Tentam, a todo custo, emplacar uma falsa ideia de imparcialidade ideológica no ensino, quando na realidade fazem uso da pior de todas as ideologias já inventadas pela humanidade: o fascismo.

É nesse contexto bizarro que nosso povo enfrenta uma imensurável crise sanitária, econômica e social, por conta da pandemia de Covid-19. No Brasil, cerca de 125 mil brasileiros já perderam a vida, uma tragédia humanitária de proporção igual ou maior do que se tivéssemos participado de uma guerra.

Querido mestre, o Brasil nunca esteve tão mal governado. Sei que para você talvez seja impensável que algum governo pudesse ser tão ruim quanto os governos ditatoriais que lhe obrigaram a se exilar fora de nosso país.

Pois bem, o atual presidente se elegeu exatamente exaltando a crueldade desses governos e sua política de proteção aos super ricos em detrimento de uma maior parte da população que agoniza sem emprego e sem perspectiva no horizonte para que as coisas possam melhorar.

Como professor, o nosso trabalho tem sido muito duro. Desde março deste ano que as aulas presenciais foram suspensas por conta da pandemia.

*De um lado, a possibilidade de trabalhar em casa foi boa, pois me deixou mais próximo da minha companheira e da minha filhinha de 2 anos. Nada é mais empolgante do que vê-la fazer as primeiras leituras do mundo, e você estava totalmente certo: a leitura do mundo precede e é indispensável para a leitura da palavra. Como ela aprende rápido! O ser humano em sua essência é fascinante! Espero que todo o amor que compartilhamos em nossa casa, um dia ela possa despejá-lo mundo afora.*

*Do outro lado, vem a preocupação com aqueles que não podemos dar o mesmo acompanhamento que dou para minha filha: os estudantes que oriento. A realidade da periferia onde trabalho é cruel: famílias desestruturadas, violência e muita falta de assistência do Estado. É inacreditável como o pensamento mesquinho de alguns liberais considera que no Brasil o “Estado é muito grande e é preciso enxugar a máquina”. A pior máquina existente no Brasil é a miséria, e nesta pandemia, ela tem se sofisticado cada vez mais. Por um curto período na história do Brasil se combateu a fome. Hoje ela volta a ser realidade. Isso, inevitavelmente, me dói a alma, porém me mobiliza no sentido que precisamos resistir corajosamente.*

*Não tem sido fácil superar essa distância do espaço da escola. Nós professores estamos sofrendo muito, porém nada se compara com a importância que a escola tem na vida dos estudantes, não só pelo aprendizado gerado, que é indiscutivelmente essencial, mas porque muitas vezes este é o espaço mais seguro que esses estudantes encontram no seu dia.*

*A superação da distância tem sido pensada através da mediação tecnológica, o que tem gerado uma produção de materiais educativos extraordinários. Os professores e professoras do nosso país são pedras preciosas. Nós temos a motivação de um atleta de alto rendimento, embora nossas condições de trabalho nem sempre correspondam em equivalência.*

*O caminho das inovações tecnológicas na educação é um caminho sem volta, porém precisamos superar problemas graves que desequilibram o aprendizado entre os que têm acesso a essas mídias digitais e aqueles que não as detêm pelo simples fato de não estar nas suas prioridades de sobrevivência. Afinal, antes um prato de comida na mesa do que um celular na mão. Volto a defender: somente o Estado pode suprimir essas desigualdades.*

*No mundo capitalista nada vem fácil. Somente a luta de nós professores e educadores sociais fará com que essa batalha seja vencida. Ainda bem que podemos tê-lo como inspiração para nos mostrar um novo horizonte, meu caro amigo. Já o chamo assim porque nessa altura da carta é assim como me sinto*

*em relação a você: um admirador, um discípulo e um amigo que aderiu as suas ideias para revolucionar o mundo através da educação.*

*Uma saudação mais que especial e emocionada ao amigo professor Paulo Freire.*

*Atenciosamente,*

*Cassio de Sousa Borges*



Fortaleza, 07 de setembro 2020.

*Sou Francisca Antônia Ferreira Pinheiro, mas todos me conhecem como Nenzinha Ferreira. É o nome com o qual me reconheço. É com esse nome que me identifico desde o primeiro encontro com as comunidades de base, em todos os espaços de articulação do movimento “Negro Ceará” e dos movimentos de educação popular e da educação afrorreferenciada das lutas do estado. Quero, com essa carta, compartilhar um pouco sobre os impactos da pandemia no meio onde estou, nas minhas atividades diárias, da minha família e da minha comunidade. A pandemia chegou e gerou medo e tirou nossa liberdade. Minha Cidade é Fortaleza, capital do estado do Ceará. Moro desde que eu nasci em um dos grandes bairros da periferia de Fortaleza, a Barra do Ceará. Tudo começou aqui e é nesse local onde está o marco zero da cidade, o Forte de Santiago. Quando o covid chegou do outro lado do mundo, parecia que não nos atingiria, mas foi bem diferente do que imaginávamos, pois ocorreu um grande impacto ao vermos as escolas e universidades fecharem, eventos sendo cancelados e os hospitais lotados. Nos noticiários, matérias sobre os números diários de morte no estado, no país e no mundo e o que parecia distante não era mais tão distante.*

*De repente vimos amigos mais próximos ficarem doentes, sendo internados e outros morrendo, então, realmente, percebemos a gravidade dessa doença. As máscaras chegaram em nossas vidas totalmente. Quem tinha pouco ficou sem nada e quem não tinha nada passa fome. Fizemos campanhas de arrecadação de alimentos e de material de higiene. Muitas pessoas ficaram sem empregos durante a pandemia, sem recursos. Foi possível perceber que era difícil ver pessoas da comunidade usando máscaras e eu me perguntava o porquê? Tentava entender já que muitos morriam naquele mês de maio. Já tínhamos mais de 3 mil mortos e 48.489 mil pessoas com a doença no estado. Enquanto eu buscava entender, tentava proteger minha família como eu podia. Saía apenas o necessário para realizar compras, uma vez por semana, em mercadinhos locais e para as entregas de cestas básicas para os que precisavam, na comunidade.*

*No início, por muito tempo ficamos isolados, ficamos confinados e entramos em desespero, em depressão. Muitas amigas, mães de crianças pequenas, ligavam desesperadas, pois não sabiam como lidar com tudo isso. Nossos filhos tiveram crises de ansiedade e de pânico. Profissionais, pais e mães também tiveram crises de ansiedade e de pânico. Eu mesma não conseguia dormir, trocava a noite pelo dia. E o que fazer diante de tudo isso?*

*Não tínhamos respostas naquele momento, mas, com o tempo, passamos a ressignificar esses espaços virtuais que antes eram desconhecidos por muitos e, de repente, me deparei com uma alternativa de comunicação, estudo, debates em formas virtuais, lazer, confraternizações on-line, as lives. E hoje é mais que importante, é necessário para gerar comunicação, educação e afeto para que não fiquemos totalmente isolados. Muitas escolas iniciaram suas atividades virtualmente. As lives temáticas tornaram possível os cursos, formações, rodas de conversa, as reuniões virtuais de trabalho. As lives dos encontros de amigos(as) aproximaram as pessoas.*

*A educação virtual tem muitos desafios atualmente. Ainda temos muitos educandos sem acesso a esse recurso tecnológico, continuando sem aulas. Em outros casos, seus responsáveis não possuem nível de escolaridade suficiente para acompanhar e auxiliar nas tarefas das aulas virtuais em casa. Os(as) educadores(as) professores(as) das redes pública e privada precisaram se adaptar a um ambiente completamente virtual, renovando metodologias e redescobrimdo formas de transmitir conhecimento.*

*Nesse momento, é possível identificar como são grandes as desigualdades sociais no nosso país, a partir das quais alunos da rede pública não têm acesso às aulas por não contarem com os recursos tecnológicos necessários. As famílias não têm acesso ao básico como a alimentação. Muitas crianças tinham como alimentação principal a merenda escolar. E o que dizer das famílias das comunidades mais pobres, que precisam usar máscaras e álcool em gel sem recursos para comprá-los? Como vão lavar as mãos sem água encanada e saneamento básico? Como manter o distanciamento quando se mora num local com mais de cinco, seis, até dez pessoas? Como temer a morte, se ela sempre foi tão presente na vida dessa comunidade, antes da pandemia?*

*Ainda estamos tentando sobreviver a tudo e sei que a minha vida jamais será a mesma. Eu sei que todos mudamos com essa pandemia. E teremos que reinventar novos caminhos. Hoje estamos ainda em risco, mas na direção para o controle. Ainda assim, precisamos, mais do que nunca, cuidar uns dos outros para que possamos voltar logo às nossas atividades e encontros em salas de aula. Esse é o momento de cuidar de quem mais precisa. Finalizo com as palavras de Paulo Freire: “Sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade para mudanças, persistência na luta, recusa aos fatalismos (...) abertura à justiça, não é possível a prática”.*

*Francisca Antônia Ferreira Pinheiro (Nenzinha Ferreira)*

*Campina Grande/PB, 4 de setembro de 2020.*

*Caro Paulo Freire,*

*Não me recordo de ter estudado sobre pandemia durante minha educação básica. Não desejo, dessa forma, enunciar que meu processo de ensino e aprendizado tenha sido inferior por ter ocorrido completamente na rede pública. Fui uma criança distraída e era difícil conseguir minha atenção. Há pouco tempo, minha mãe esbarrou com uma professora de inglês do meu ensino fundamental. Durante a conversa rápida, a professora questionou se eu já havia estacionado nesse mundo e expressou surpresa quando minha mãe contou alegremente que eu estava concluindo o curso de Pedagogia. Assim, repito, não me recordo de ter estudado sobre pandemia durante minha educação básica.*

*Lembro que, antes da confirmação dos primeiros casos de Covid-19 no Brasil, minha colega de apartamento me contou apreensiva que alguns cientistas já apontavam para a possibilidade de uma pandemia. Mas o que era pandemia? Fiquei triste comigo mesma por não conseguir ligar a palavra a nenhum fato histórico e foi preciso algumas pesquisas para então confirmar que estávamos diante de uma história viva. Seríamos atores dessa história que permanece se construindo com o passar dos dias. Hoje, após quase seis meses de distanciamento social, ainda sinto dificuldade em contar como me sinto em relação ao que estamos vivendo.*

*Nesse meio tempo, li um livro intitulado *A guerra não tem rosto de mulher*, de Svetlana Alexijevich. Nele há um compilado de relatos das experiências vividas por mulheres bielorrussas durante a segunda guerra mundial. Algo específico me chamou a atenção nesse livro: é difícil expressar nossos anseios individuais diante da compreensão do caos que nos envolve. Alexijevich apresenta, voluntariamente ou não, a necessidade de superarmos o mito de uma história única, uma história baseada em fatos e estatísticas e não em vivências.*

*A partir do recorte de gênero, dando visibilidade às mulheres enfermeiras, aviadoras, atiradoras e militantes do período citado, foi possível perceber como ocorre o processo de silenciamento de indivíduos que viveram períodos caóticos. Ninguém antes as questionou como foi a guerra para elas, o que aconteceu por trás dos grandes feitos, do que elas sentiram falta naquele período. A autora relata que às vezes era preciso diversos encontros com as*

entrevistadas para que assim elas começassem a contar as suas histórias. Sentir falta de usar um vestido, depois de anos trabalhando na guerra usando roupas militares pesadas, com o dobro do tamanho das mesmas, não era uma boa história. A maior parte das pessoas queriam saber das vitórias, das lutas, das mortes e, assim, aos poucos, elas foram aprendendo a história que devia ser contada, seja por vergonha ou por cerceamento político e social.

Vivemos em um momento crítico. Na data em que escrevo essa carta, já temos mais de 124 mil mortos confirmados. Apesar da conjuntura de profundo estorvo na saúde pública, ainda precisamos encarar ataques à educação nacional, com governantes anunciando o retorno das aulas presenciais e o então presidente da república desdenhando das vítimas fatais da Covid-19, assim como da própria doença... Não é fácil expressar nossas dificuldades individuais diante do caos.

Como relatar a conturbação nas relações familiares quando se tem famílias sofrendo a perda de entes queridos? Como relatar o medo de ir ao supermercado quando se tem profissionais na linha de frente ao combate ao Covid-19? Como relatar cansaço e sobrecarga causada pelas aulas remotas quando temos ainda uma porcentagem gigante de pessoas que não possuem ao menos internet em suas residências? Demorei muito para compreender como escreveria essa carta sem parecer insensível, mas sem perder minha individualidade no entendimento do momento em que nos encontramos.

Assim como as mulheres bielorrussas, também sinto falta de pequenas coisas que, na leitura geral desse período, podem parecer supérfluas. Sinto falta de passar a maior parte do meu dia na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). De ficar no antigo prédio do DCE observando o tempo passar e jogando conversa fora após o almoço, enquanto não iniciam as aulas ou atividades da tarde. Sinto falta de convidar meus amigos para fazer um bolo e jogar cartas, apesar de saber que sempre acabava com alguém abandonando o jogo. Sinto falta de passar tardes com membros do movimento estudantil da UEPB debatendo sobre as demandas ou articulando eventos... Como eu sinto falta de sair com uma bolsa cheia de cartolinas, tintas, canetas e pincéis para oficinas de cartazes e ser reconhecida nos protestos como quem ajuda a colorir os rostos dos manifestantes.

Apesar do entendimento de todas as pequenas coisas que sinto falta, não abandono a certeza de que não podemos colocar nossos desejos e anseios individuais acima do coletivo. Espero que com o tempo fique perceptível que abrir mão, por alguns meses ou semanas, de algo que nos faz bem, não deve significar estagnação em um limbo de solidão e tristeza. Lembro-me de como

*brincava e elaborava estórias com qualquer objeto que aparecesse na minha frente durante a infância, motivo esse que, como já citei, me fazia uma criança extremamente distraída. Dessa forma, desejo a criatividade de uma criança para cada um de nós nesse momento. Que possamos redescobrir e reinventar a felicidade nas pequenas coisas, dentro dos limites que nos encontramos. E, acima de tudo, desejo que não nos falte coragem para lutar por um Brasil melhor.*

*Com carinho,*

*Gilma Alves Ferreira*



*Espero que lhe encontre bem,*

*Eu sou Ingrede Alves Dantas, tenho 31 anos, resido em uma comunidade quilombola chamada Vitorino, que compõe o Território Quilombola Águas do Velho Chico junto com mais 4 comunidades chamadas de Mata São José, Caatinginha, Remanso e Umburana, em sua maioria, banhadas pela beleza e riqueza do rio São Francisco. Estou na associação comunitária como vice-presidenta, componho as comissões municipal, regional e estadual de articulação das comunidades quilombolas do estado de Pernambuco e represento a juventude quilombola na Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais (CONAQ).*

*Falar sobre os impactos enfrentados dentro do espaço no qual habito, neste período de pandemia, é dizer que, para o povo quilombola, este tempo é marcado pela visibilidade do quanto somos excluídos do acesso às políticas públicas diversas. Enquanto professora e militante dentro do território, tornou-se mais nítida a dificuldade que esse povo tem de alcançar seus direitos. Na educação, os contratos de muitas das educadoras foram encerrados via prefeitura desde março. Por conta disso, as mesmas, para garantirem a sobrevivência, partiram das salas de aula para os afazeres da roça, seja cortando, mudando ou até mesmo limpando as suas lavouras. Outras, tipo eu e mais dez que ensinamos via rede estadual, estamos vivenciando dias, horas e horas via digital, tentando apresentar dados em atividades educacionais muitas vezes distantes de nossa realidade, principalmente por atuar na modalidade EJA (Ensino de Jovens e Adultos).*

*Nesses últimos meses de pandemia foi necessário o desdobrar nas atividades domésticas, cuidar das crianças, e se habituar ao “novo normal”, com cursos de formação que duram, muitas vezes, 3 a 4 horas diárias, para tentar lidar com esse momento inesperado em que todos fomos atingidos em maior ou menor escala. Em nossas comunidades, existiram casos de infectados e de óbito, e o mais difícil foi desenvolver em cada indivíduo o entendimento de que poderíamos ser contaminados e transmitir aos demais sem sentir sintoma algum. Orientar e prevenir era preciso, então, a rede social, a exemplo do WhatsApp, mais precisamente, foi um dos canais sociais mais adequados já que o distanciamento social estava imposto e a maioria das nossas comunidades não tinha acesso a sinal de operadora de telefonia celular, embora contassem com sinal de internet. Vale destacar que em algumas comunidades foi preciso tomar iniciativas de fechamento nas principais entradas.*

*Então, em nossa realidade, foi visível a mudança social, comunitária, cultural e emocional dentro de todos os espaços. Além disso, foi importante percebermos nossos limites ao olhar o outro e buscar formas de enfrentamentos e cuidados, ainda que impactados pela desigualdade social explícita e pelo poder público que se negava a ajudar. Também ficou clara a necessidade de somar forças, de construir pontes, de nos dar as mãos e resistir para existir, nesta nova situação vivenciada no mundo.*

*Em comunidades quilombolas de povos tradicionais, bem como nas periferias, isso é um ato existencial que deve ocorrer sempre e agora mais ainda. A cada dia é uma vitória quando não temos nenhum caso do COVID-19 em nossos territórios, quando nossos jovens não são alvos de balas, quando nossas formas de organização social, religiosa e educacional não sofrem discriminação. É indispensável perceber que a mudança é necessária, que somos novos olhares inspirados em grandes pensadores, sonhadores e idealizadores, a exemplo Paulo Freire, Nelson Mandela, entre outros.*

*Ao escrever essa carta, minha alma se alegra e meu corpo ganha vitalidade ao perceber que esse anseio não é apenas de um, de uma minoria, de povos do campo, de pessoas sem reconhecimento acadêmico, mas transborda dos movimentos sociais e das comunidades tradicionais. Daí brota essa nova forma de fazer e ser educação, ser povo, sociedade em equidade.*

*Como afirma Paulo Freire: “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.*

*Um forte abraço e até breve!*

*Ingredê Alves Dantas*



Presidente Dutra, 2 de setembro de 2020.

Meu nobre Paulo Freire,

Escrevo hoje sentada na frente dessa tela brilhante, quase ao ponto de doer a vista, me dirigindo a alguém que não me vê e que, da mesma forma, eu não o vejo. E tem sido isso que muito tenho vivido nesses dias, nesse período de pandemia e isolamento social. Trabalhando a distância, dando aula a distância, sem conseguir falar e ver as reações nos rostos dos alunos, os olhos iluminados dos que entendem, ou a frustração no olhar de quem se perde, ou ainda o olhar vago e vidrado de quem já há muito parou de me ouvir e está viajando na sua própria fantasia. Ao invés disso, cá estou eu, sempre olhando essa mesma tela iluminando meu rosto.

Existe uma certa frustração em estar fazendo meu trabalho dessa forma totalmente nova e diferente e que, provavelmente, nunca pensei que iria precisar utilizar estritamente, mas também existe um alívio ao saber que, apesar das dificuldades e dos problemas, ainda consigo fazer o que eu amo repassando meu conhecimento. Há uma felicidade misturada com orgulho toda vez que recebo fotos dos meus alunos estudando ou realizando tarefas ou talvez até mesmo questionando dúvidas deles nas redes sociais, mostrando-me que não apenas eu como eles também realmente estão ali me ouvindo, na frente da tela iluminada deles e não do meu olhar, mas, ainda assim, aproveitando esse tempo diferente e igualmente especial de aprendizado.

A vida de todos mudou, nossas relações, nossas rotinas. Para uns se tornaram mais leves e para outros mais pesadas, dependendo, principalmente, da leitura e do proveito individual desse período. Vejo pessoas com atitudes extremamente positivas aproveitando esse tempo para organizar os dias, criar rotinas diferentes, saudáveis e, ao mesmo tempo, vejo pessoas que desregularam o sono, a alimentação o exercício, e as consequências psíquicas são quase que palpáveis em cada um dos casos. Muita gente se refugia em bolhas criadas apenas para seu bem-estar, outros se deixam enterrar por uma infinidade de informações que geram turbilhões de emoções. O que eu acho mais importante e que acredito levar de aprendizado desse período é a busca pelo equilíbrio.

Durante esses meses já fiz parte de ambos os grupos, os isolados e os super informados, os desregulados e os viciados na rotina, os totalmente focados e os totalmente largados, mas eu aprendi a buscar o meu equilíbrio para a formação de um novo normal saudável. Esse meu autoconhecimento e busca pelo meu equilíbrio talvez tenha sido o que mais impactou minha vida

de forma definitiva visto que não existe meio de negar o fato de que estas mudanças vão ser carregadas – e eu quero que sejam – comigo, num cenário pós-pandemia de volta à normalidade.

Acho que todos nós, na realidade, estamos, conscientemente ou não, em uma busca por um equilíbrio, mesmo que temporário, para poder não apenas sobreviver e sim viver essa realidade. Muitos falam desse período como meses perdidos ou meses inúteis, mas a realidade é que eles não vão ser apagados e muito menos ser descontados para que possam ser gastos depois. Estamos todos vivendo uma realidade diferente da esperada, da planejada, e até mesmo da conhecida, mas não consigo aceitar apenas sobreviver e esperar que essa situação passe para que eu possa voltar a viver. Meu hoje existe agora e quero aproveitá-lo ao máximo, de forma produtiva e satisfatória para o corpo e para a alma, continuar trabalhando, dando aula, ajudando, ensinando, inspirando e ao mesmo tempo sendo ensinada e sendo inspirada.

O mundo não parou, ele apenas está se movendo de um jeito diferente daquele com o qual estamos todos acostumados e cabe a nós agora a capacidade de se adaptar e se reinventar. Existem coisas que eu gostaria de saber, e acredito que a maioria de nós: quanto tempo vai durar? Quando vai acabar? E, sobretudo, como vai ser depois? Vai simplesmente voltar tudo de onde parou como se tivessem pausado o mundo e agora dessem o play? Na minha opinião isso é impossível, então, eu me pergunto, a partir de que ponto vamos voltar? E será que vamos realmente conseguir voltar a partir do ponto estabelecido?

Infelizmente só vamos ter essas respostas quando estivermos vivendo-as, mas eu tenho confiança para poder acreditar que, independente do ponto a partir do qual vamos voltar e que decisões vamos tomar, o mais importante também é o mais simples. Vamos conseguir! A humanidade possui capacidades maravilhosas e isso foi comprovado em inúmeros momentos na história. Então, independentemente de como ou quantos serão os problemas ou as dificuldades, o certo é que, no final, tudo vai dar certo. Uma das grandes belezas que eu encontrei em dividir esses meus pensamentos foi que eu mesma não tinha consciência de boa parte deles. Foi escrevendo que eu descobri o que eu realmente achava e como eu realmente me sentia em relação a várias coisas. Então, muito obrigada pela oportunidade não apenas de compartilhamento, mas também de autoconhecimento.

Muito obrigada!  
Até a próxima carta.

Jaira Alves Correa

Sobradinho -DF, 4 de setembro de 2020.

*Querido professor Paulo Freire,*

*Envio-lhe esta carta para informar que estamos vivendo tempos difíceis, tempos em que precisamos nos reinventar, aprender o novo de novo, movimentar-nos. Acontece que estamos enfrentando uma pandemia global e essa pandemia chegou aqui, na nossa comunidade. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, as pessoas que estão no grupo de risco, são pessoas com doenças crônicas e pessoas idosas. Nossa! Está sendo difícil. Sou uma educadora popular e o meu grupo de aprendizagem (grupo em processo de alfabetização) é de pessoas jovens, adultas e, em sua maioria, idosas. Moramos em um acampamento em Sobradinho, chamado Dorothy Stang. É um acampamento urbano, encostado em outra área que está em processo de urbanização, chamada Nova Colina.*

*Estou muito temerosa pela saúde dos participantes do meu grupo de aprendizagem, que facilmente podem ser afetados pelo vírus Covid-19. Não somente pelas pessoas idosas ou afetadas por outras doenças, mas porque existe aqui um importante contingente de famílias que, além de morar de forma precária, estão bem longe dos serviços públicos de saúde, educação, transporte e segurança, e excluídas do “mundo do trabalho formal”. A habitação é tão pequena e precária que não permite nenhum tipo de isolamento e higiene apropriada. A moradia digna passa a ser o maior sonho. Quando a comunidade inaugurou a igreja de madeira, a pergunta do padre foi: “Qual é a primeira coisa que nós queremos pedir a Deus neste dia? O povo respondeu em coro: “Uma casa para morar”. E a comunidade não desiste da luta e continua se organizando, apesar dos conflitos e da violência.*

*Motivada pelos educadores do MEB, a comunidade elaborou um cadastro de reconhecimento das famílias acampadas, organizou um espaço escolar, recuperou uma nascente, plantou flores e deu início ao cultivo de uma horta comunitária, além de incentivar o lazer das crianças. A igreja serve para a formação da comunidade e para tudo: rezar, cantar, distribuir alimentos, reunir crianças. As crianças, especialmente, precisam de cuidados, porque a luta por moradia na cidade é, antes de qualquer coisa, a luta por trabalho de trabalhadoras e trabalhadores de baixa renda, ou mesmo daqueles que vivem na instabilidade do desemprego. Nesse contexto, as crianças, muitas vezes, se viram sozinhas.*

*O MEB mediou conflitos, tornou a área da ocupação visível às autoridades e a sua luta à sociedade. Mas o cenário criado pela pandemia do coronavírus nos amedrontou. Parece que o mundo está acabando por doenças*

*e fome. Tudo está sendo difícil. Tivemos que nos readaptar, reinventar. O MEB e as igrejas batalharam em primeiro lugar pelos alimentos. A comunidade começou a se reanimar e retomar a sua luta. Mas o distanciamento social permanece como nossa única defesa. A formação das pessoas não alfabetizadas tem que ser reinventada, pelo menos em parte. Também o ensino superior e a educação pública se organizam para a comunicação a distância. Você, Paulo Freire conheceu as emissoras de rádio do MEB e contribuiu na formação dos monitores. Hoje participo de um projeto que vê o MEB na Web. Mas trabalhar de forma remota é quase como sentir-se prisioneiro dentro da nossa própria casa.*

*Fico imaginando como foi difícil para você, querido Paulo Freire, quando foi exilado e teve que ir embora do seu próprio país. Bom, exatamente por termos que evitar ao máximo sair de casa, tive que suspender os encontros com meu grupo de aprendizagem, visto que a maioria faz parte do grupo de risco. Tento informar os educandos sobre a importância de manter-se o maior período dentro de casa, saindo apenas para necessidades essenciais. Alguns até evitam sair, mas a maioria, que luta contra a fome, precisa sair e esquece do perigo.*

*Como está sendo difícil! Temos que mostrar nossa força e construir as condições da esperança no verbo esperar: recolhemos cestas básicas, distribuimos para os mais necessitados, damos palavras de conforto, trazemos aqueles que sofrem para perto, para dizer, não se sinta só, estou aqui, e tudo vai passar, e seremos melhores, sairemos mais fortes, aprenderemos muito com estes tempos. Mesmo assim, querido Freire, me pergunto: Será mesmo, que nós aprenderemos com essa pandemia? Sei que é preciso mudar, o inédito-viável nos desafia, nos espanta, mas estamos reagindo e fazendo algo novo para mudar essa realidade, unimos forças, as forças conscientes da nossa comunidade, e nos educamos para este novo momento, semeando esperança. Por fim, querido Paulo Freire, agradeço por me permitir compartilhar contigo, minhas inquietações, tristezas, incertezas, e vontade de mudar, começando aqui pela minha comunidade.*

*Sem mais, despeço-me,*

*Jasmira dos Santos*

*Rio de Janeiro, 1º de setembro de 2020.*

*Olá, Paulo Freire!*

*Meu amigo, estamos sentindo muito a sua falta. Se você estivesse aqui, não sei se entenderia o que estamos passando.*

*Em primeiro lugar, gostaria de dizer que o seu pensamento está cada vez mais forte, mas ainda lutamos para que seja difundido mais amplamente e para que se transforme numa política de governo.*

*Quero te contar o que está acontecendo, não só aqui no Brasil, mas no mundo todo. Estamos passando por uma pandemia e muitas vidas estão sendo perdidas. Vivemos um distanciamento social por causa do alto contágio de um vírus chamado de Covid-19.*

*As escolas estão fechadas há mais ou menos seis meses e nossas crianças e jovens estão em casa. Nossa rotina não é mais a mesma e afetou nossas relações em vários aspectos, tanto no pessoal como no profissional.*

*Como sou professora aposentada e cursava a graduação em Serviço Social antes da quarentena, posso dizer como tudo isso está abalando tanto os estudantes quanto os professores.*

*Acredito que você esteja ciente que estamos sob um regime neofascista, e esse período está sendo de grande luta para que a educação não assuma por completo o caráter bancário que vem sendo proposto pelos governantes há algum tempo, e agora de forma mais arbitrária com os professores sendo obrigados a realizar suas aulas de forma remota.*

*A pandemia “escancarou” um lado muito preocupante da nossa sociedade, a desigualdade social, pois os estudantes das periferias encontram dificuldades de acompanhar esse modelo de aula. A falta de apoio tecnológico (computador, internet), de espaço físico em casa e de aparelhagem para os professores ainda pouco valorizados, são alguns dos entraves que estamos vivenciando.*

*Apesar de estarmos passando por uma repressão aos seus ensinamentos, isso não é totalmente ruim, pois nos faz perceber o quanto sua mensagem intimida governos autoritários como o que temos atualmente.*

*Mas quem, assim como eu, abraçou seus ensinamentos como forma de vida, não parou de sonhar e de conjugar o verbo esperar, certa de que as mudanças dependem de nós.*

*Mesmo que muitas perguntas ainda não possam ser respondidas como: quando vamos nos livrar desse vírus? O que vai mudar quando isso acontecer? Que aprendizado teremos a partir dessa situação? E na educação, quais serão as mudanças? Ainda assim espero que quando tudo isso passar possamos ter*

*uma educação libertadora que nos leve a combater os movimentos ditatoriais na nossa sociedade.*

*Foi muito bom poder falar com você. Eu te agradeço pelos teus ensinamentos.*

*Um abraço dessa sua amiga e admiradora,*

*Lana Sangiacomo Bastos*



Brasília, 2 de setembro de 2020.

Querido professor Paulo Freire,

A sociedade mundial está vivendo um momento histórico, neste início do século 21, nunca imaginado. Mas não é um bom momento, ao contrário, é um momento de grande incerteza e instabilidade sanitária e emocional.

A notícia da pandemia caiu como uma bomba em solo brasileiro. Acompanhámos pelos noticiários (dezembro de 2019) o surgimento de um novo vírus, nocivo à humanidade, na China. O vírus foi nomeado de Covid-19. Em janeiro e fevereiro de 2020, tal vírus chegou ao continente europeu e as notícias de mortes, hospitais lotados surpreendeu. A impressão que se tinha era de que este vírus estava tão distante, quase impossível de atravessar o oceano.

Em março, a Organização Mundial de Saúde declarou que a Covid-19 tinha se tornado uma pandemia, ou seja, tinha se espalhado e estava presente em todos os continentes do nosso querido planeta. Com isso, o governo do DF decidiu fechar as escolas, da noite para o dia e, gradativamente, foi fechando tudo: igrejas, comércio, serviço público e só funcionava o que era essencial para a vida em sociedade. Neste momento, eu não tinha noção do tamanho do impacto.

Nesta semana, minha filha, estudante da área de saúde, estava com febre e muito gripada. Comecei a ficar preocupada, pois as notícias que nos chegavam eram de morte. Sai para comprar máscara, para levá-la ao HRAN. Procurei em várias farmácias e não tinha mais. Me lembro que em uma farmácia, após eu perguntar se tinha, um cliente me abordou dizendo que ele era da área de saúde e que as máscaras eram para quem precisava. Ele foi muito rude. Me deu uma tremedeira, uma sensação tão ruim de raiva e tristeza que eu pedi para ele não falar do que não sabia.

Caro professor, vivi várias semanas ansiosa e preocupada. Apesar de minha filha ficar isolada no quarto, ela acabou passando para as outras irmãs e para mim. Tínhamos febre, dores no corpo, espirros, muita fraqueza. Foram momentos nos quais percebi o quanto a espiritualidade é importante para mim, pois busquei forças em Deus, rezava e pedia para chegar o dia seguinte na esperança de que amanhecêssemos melhores. Demorou um pouquinho, mas esta manhã chegou. Recuperamos nossa saúde e senti o quanto o amparo de Deus foi importante neste momento. Desculpe-me falar de doença, mas foi um

momento inédito que vivi, novo e teve grande impacto no meu ser. Sempre me achei uma pessoa equilibrada, mas fiquei fora do meu eixo.

Fiquei muito cansada. Meu marido é da área da saúde e trabalha diretamente com os pacientes infectados. Tinha que disfarçar para minha mãe o meu estado de espírito e a saudade que tinha dela e do meu pai. Meu pai levou para o lado político, negando as informações que eram repassadas. Hoje, mais do que nunca, percebo o quanto precisamos de tempo para entender a situação vivida e quanto a esperança é o sentimento que deve movimentar o nosso ser.

Professor, vou te falar outra coisa que me saltou aos olhos: a nossa diferença como seres humanos. Cada um com sua verdade, princípio, visão de mundo e que acabavam sendo deslocados para os extremos: uns acreditavam que as informações fornecidas pelos órgãos de saúde eram verdadeiras ao pedir que ficássemos em casa, que não houvesse aglomeração, que cuidássemos dos idosos e das pessoas com saúde frágil, higiene constante das mãos e uso de álcool em gel. Outros negavam todas as informações científicas, levando para um caminho da “teoria da conspiração”, julgando todas essas medidas desnecessárias. Tudo isso mergulhado numa briga política, com interesses particulares. O cenário que vivíamos, e ainda estamos vivendo, é de um grande número de mortes; profissionais considerados de áreas essenciais para a sociedade preocupados com o trabalho e com a família; desemprego e crise econômica.

Outro ponto que me impactou foi acompanhar como a distribuição da riqueza é feita de forma desigual, e a grande quantidade de pessoas pobres existentes em países do primeiro mundo. Apareceu no noticiário que, na Inglaterra, um professor levava a merenda das escolas para a casa de seus alunos, pois as famílias precisavam daquela refeição; e a quantidade de pessoas nos Estados Unidos em fila para receber alimentos doados.

No nosso país, professor Paulo, não foi diferente. Aumentou o número de desempregados, principalmente entre os que trabalhavam na informalidade. Num primeiro momento, nós brasileiros fomos solidários e ajudamos para que os alimentos não faltassem para as famílias. No entanto, com o passar dos dias, nosso sentimento egoísta voltou a imperar.

Como nós, humanos, ainda somos egoístas, preocupados em satisfazer apenas nossa vontade. Muitos não fazem o isolamento social, vão a bares, festas. Penso que essas pessoas não foram educadas com o sentimento da fraternidade, empatia. Então, me pergunto onde foi que erramos enquanto sociedade: foi na família? foi na escola? É verdade que todos vamos perder coisas materiais, mas, com o tempo, podemos recuperá-las. Penso que minha

situação limite é dominar meus sentimentos, minha irritação e minha impaciência para superar esta fase.

*Qual o sentido desta pandemia? Paulo, muitas interrogações me surgem: como pensar o ser humano? Como respeitar o pensamento e comportamentos diferentes? Como as crianças de baixa renda conseguem estudar em ambiente doméstico inapropriado para estudo? Por que as escolas particulares procuraram um meio de continuar as aulas e as escolas públicas ainda não deram respostas? Como a educação é tratada pelos governos? Apareceram novas estratégias de ensino e aprendizagem?*

*Assim, Paulo, nós, adultos, precisamos refletir e tomar uma atitude a respeito da sociedade que estaremos construindo para as próximas gerações. Será uma herança de abismo social e econômico ou uma herança de maior equidade? Os instrumentos para este caminho você já apontou: a educação é o caminho libertador. Formar as crianças com senso ético, empático, plural, respeitadas com as diferenças, conscientes de que seu comportamento impacta no social e no meio ambiente. Vamos esperar e agir! Paulo, você é muito importante para minha formação como educadora.*

*Obrigada pela escuta!*

*Larissa Silva do Nascimento Drago*



Samambaia, 12 de setembro de 2020.

*Prezado Paulo Freire, saudações de um educador para O Educador!*

*Não sei se esta carta será um relato, um desabafo, uma terapia ou um respirar em meio a tantos conflitos que estamos vivendo desde que a realidade dessa pandemia atingiu em cheio, não apenas a sociedade, mas também a nós, professores e profissionais da educação de todo o país. Tem sido desafiador lidar com tantas mudanças abruptas em pouco espaço de tempo, especialmente no que tange ao aumento do “gap” entre como a educação vem sendo oferecida para as redes privada e pública de ensino, acentuando-se, assim, as desigualdades já latentes não apenas no acesso, mas na qualidade de ensino para alunos da escola pública.*

*Ao falar como me sinto, nem sei como definir: o estresse decorrente de tantas horas em frente ao computador; a correria para nos transformarmos em apresentadores; o quarto que virou estúdio; a privacidade do lar que perdeu o acolhimento... até o nosso número de celular agora circula entre os alunos e pais e o suporte (emocional e técnico) é praticamente inexistente. Hoje compartilho o espaço do lar com meus pais e irmão, tentando criar uma logística de horário para priorizar os encontros ao vivo com os alunos. Encontros esses que acabam impactando no horário de minha família que não pode fazer barulho ou determinadas atividades que atrapalhem as gravações ou aulas ao vivo. Assim vamos negociando e nos organizando em um autoapoio que não seria possível sem a empatia e a compreensão nessa fase em que não temos mais horários, em que as intermináveis reuniões nos tomam o nosso juízo e, em alguns momentos, o desespero de ter que ligar mais uma vez o computador para que o nosso ofício aconteça. É, têm sido dias desafiadores!*

*Acredito que a maioria dos professores está sentindo falta da rotina presencial de trabalho, do contato com os alunos, com o ambiente escolar. Nessa nova forma de ministrar os encontros mediados pela tecnologia, não sabemos, de fato, se estamos sendo compreendidos do outro lado ou se o aluno apenas está ligado no link ao vivo, mas dormindo ou fazendo outras atividades do outro lado da tela. Poucos ligam as câmeras e há aquela falsa sensação de que apenas ouvir as aulas é suficiente. Estamos em um limbo, que já vinha se prenunciando há tempos para quem estava atento, de rever nossas práticas, aprender novas metodologias e utilizar as tecnologias, aplicativos e recursos educacionais para um melhor diálogo com uma geração que já vem mais conectada, mais informada e mais questionadora, porém, que ainda precisa*

dos professores para mediar e organizar todas essas informações para que se transformem em conhecimento significativo para os alunos.

Esse limbo, ao qual me refiro, está justamente em como tudo se desenrolou no contexto da Covid-19: tudo mudou tão repentinamente, de uma maneira tal que desafiou todos da educação de formas diferentes. Nada será como antes, teoricamente, mas ainda há quem insista em seguir igual – ou apenas transpor o que se fazia no quadro para o computador – burlando uma oportunidade imposta pela pandemia para crescimento e aprendizagem, mas que se apresentou em níveis muito diferentes para cada educador, em cada escola, em cada gestão e, claro, em cada contexto de realidade social, tecnológica e de formação. Muitos ainda nem conseguiram aprender como usar as ferramentas e há uma cobrança muito forte para que nos tornemos os salvadores de um ano praticamente perdido. Mais uma vez somos responsabilizados e jogados em uma linha de frente injusta, sem que haja um direcionamento claro do Ministério da Educação e das Secretarias de Ensino sobre como poderemos diminuir os prejuízos de um ano em que toda a sociedade ainda está buscando entender como está sendo – e será – não apenas para o Brasil, mas para todo o mundo.

Entre nessa pandemia virando noites tentando aprender a gravar vídeos, editá-los, trazer uma linguagem atrativa para os alunos, contudo, confesso que não sei se isso está sendo eficaz. Há tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo que nem sei se estou em uma espécie de piloto automático ou se estou mesmo compreendendo como lidar com essa roleta-russa emocional que estou vivendo. Perdi parentes pela Covid, vi um homem tentando suicídio em minha frente, tenho alunos que até hoje não conseguiram acessar as aulas que estamos oferecendo, vemos casos na mídia de uma sociedade que desconsidera a vida do outro, em um negacionismo incrível dessa nova doença que está matando pessoas, sem falar nesse desgoverno que não sabe fazer nada além de criar inimigos e falar sandices. Nada faz sentido para mim.

É um pouco paralisante observar que a educação é a maneira mais esperançosa de mudar o mundo. Eu acredito que apenas um ser humano esclarecido seja capaz de mudar o contexto ao seu redor. Só sei que, essa mesma possibilidade de mudança tem sido desmontada, atacada e muito desvalorizada, já que as pessoas supostamente escolarizadas e formadas tomam atitudes tão contrárias àquilo que aprenderam que me faz refletir se estamos de fato alcançando a consciência social ou apenas reproduzindo os conteúdos exigidos pelos programas de avaliação em grande escala.

*Enfim, como disse, não sei se minha carta seria um relato ou um desabafo. O que sei é que é um processo terapêutico colocar nossas angústias para fora e perceber que talvez não sejam somente minhas. O que sei é que em meio a essa montanha-russa emocional, ao cansaço físico e mental, lembrar os ensinamentos de Paulo Freire e recebê-los através desse colóquio nos ajuda a reavivar as esperanças em tempos tão sombrios que estamos vivendo. O que gostaria de ouvir de Paulo Freire é se teremos, um dia, um país que valoriza a educação e que acredita que esse é o caminho mais viável de desenvolvimento. Gostaria de ouvir como os educadores deverão seguir para um novo modelo de educação que, ao passo em que integrou seus processos, escancarou a desigualdade entre redes de ensino e como ainda temos um país que pensa para poucos, para uma elite que apenas quer a manutenção do “mais-do-mesmo”, retomando experiências já ultrapassadas como soluções recondicionadas que não funcionam. Onde ficaremos em meio a tudo isso?*

*Atenciosamente,*

*Leonardo de Oliveira Matos*



## Paródia

*Meu caro Freire (Margareth Brasileiro)*

*Meu caro Freire me perdoe, por favor  
Se eu não lhe faço uma visita  
Mas é que agora tem um vírus matador  
Não sei dizer como estou viva*

*Aqui na terra cancelaram o futebol Não  
pode samba, nem tem show de rock'n'roll  
Os velhos morrem, todo mundo sem avós*

*Mas o que eu quero é lhe dizer que aqui tem  
muita treta*

*Muita mutreta pra tirar a Dilma Mãe  
Que a gente foi olhando sem poder crer na  
bagaça  
É a gente vai tomando, que também, sem  
a cachaça  
Ninguém segura esse rojão*

*Meu caro Freire não pretendo provocar  
Nem atijar suas saudades  
Mas acontece que não posso me furtar  
A lhe contar as novidades*

*Aqui na terra após o golpe na eleição Bota-  
ram o Temer com cara de vampirão  
“Não temos provas, mas temos convicção”*

*Mas o que eu quero é lhe dizer que ainda  
tem mais treta  
É pirueta pra cavar a situação  
Prender Lula sem prova, sem triplex só de  
sarro  
É a gente foi ficando boquiaberto com o  
esparro  
Ninguém segura esse CRISTÃO*

*Meu caro amigo (Chico Buarque)*

*Meu caro amigo me perdoe, por favor  
Se eu não lhe faço uma visita  
Mas como agora apareceu um portador  
Mando notícias nessa fita*

*Aqui na terra tão jogando futebol  
Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll  
Uns dias chove, noutros dias bate sol*

*Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa  
aqui tá preta*

*Muita mutreta pra levar a situação  
Que a gente vai levando de teimoso e de  
pirraça  
É a gente vai tomando, que também, sem a  
cachaça  
Ninguém segura esse rojão*

*Meu caro amigo eu não pretendo provocar  
Nem atijar suas saudades  
Mas acontece que não posso me furtar  
A lhe contar as novidades*

*Aqui na terra tão jogando futebol  
Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll  
Uns dias chove, noutros dias bate sol*

*Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa  
aqui tá preta  
É pirueta pra cavar o ganha-pão  
Que a gente vai cavando só de birra, só de  
sarro  
É a gente vai fumando que, também, sem  
um cigarro  
Ninguém segura esse rojão*

Meu caro Freire deu vontade de gritar  
A força tarefa não tem graça  
A lava-jato que teria que provar  
O Meritíssimo era parça

Assim na terra campeã no futebol  
O presidente se parece com um trol  
Ofende a todos, ameaça, fala mal

O que ele gosta de fazer é matar preto e  
preta  
Muita caneta pra ferrar com o povão  
Queimada tá engolindo todo sapo do caminho  
Amazônia se afundando no azougue do  
garimpo  
Ninguém segura o Bozo não

Meu caro Freire eu bem queria lhe escrever  
Mas o correio andou arisco  
Entrou de greve depois de se arrepender  
De ter apoiado o anti-Cristo  
Já nem consigo terminar de fazer um rol  
Tanta desgraça, mancha de óleo no anzol  
No norte chove, no nordeste bate sol  
Mas o que eu quero é lhe dizer que tão  
matando as negas  
A Marielle tombou no meio desse breu  
Patriarcado mata as mulheres e crianças  
Brasil parece até perder também a espe-  
rança  
À Democracia Adeus

Meu caro amigo eu quis até telefonar,  
Mas a tarifa não tem graça  
Eu ando aflito pra fazer você ficar  
A par de tudo que se passa

Aqui na terra tão jogando futebol  
Tem muito samba, muito choro e rock'n' roll  
Uns dias chove, noutros dias bate sol

Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa  
aqui tá preta  
Muita careta pra engolir a transação  
E a gente tá engolindo cada sapo no ca-  
minho  
E a gente vai se amando que, também, sem  
um carinho  
Ninguém segura esse rojão

Meu caro amigo eu bem queria lhe escrever  
Mas o correio andou arisco  
Se permitem, vou tentar lhe remeter Noti-  
cias frescas nesse disco  
Aqui na terra tão jogando futebol  
Tem muito samba, muito choro e rock'n' roll  
Uns dias chove, noutros dias bate sol  
Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa  
aqui tá preta  
A Marieta manda um beijo para os seus  
Um beijo na família, na Cecília e nas  
crianças  
O Francis aproveita pra também mandar  
lembranças  
A todo pessoal Adeus

Margareth Brasileiro

## FUTURO/FUTURÍVEL

*Estou vivendo um dia de cada vez para poder permanecer de pé. É difícil ser professora quando a profissão que escolhemos está ameaçada e atacada. Sempre fico comparando a situação dos professores(as) no Brasil com outras realidades da nossa profissão mundo afora. Nesse mundaréu tão vasto, vivemos em um país que se destaca na desvalorização do magistério. Falo por mim e também sei de colegas que estão pensando nos alunos(as) dentro e fora da sala de aula. Abraçamos a profissão e procuramos fazer o melhor para que nosso fazer contribua com excelência na formação de crianças, jovens e adultos.*

*O presente não tem sido generoso com a nossa profissão nesta terra Brasilis, mas ainda assim, levantamos todos os dias para exercer nosso ofício ainda com amor, esperança e luta. Sim, por amar o que escolhemos como profissão vamos à luta por valorização, boas condições de trabalho, bons salários e uma educação pública de qualidade para todas e todos. Aprendi que ser professora, professor é educar para autonomia, liberdade, esperança, ensinar, aprender. Educar também é saber o que está fazendo e ter ética profissional e política.*

*Nós professores e professoras somos seres políticos e, por isso mesmo, exercemos nossa leitura crítica sobre o mundo em que vivemos, compartilhando tudo isso através do nosso saber e fazer docente. Pois é, ser professora foi uma escolha consciente e amorosa. Por falar em amor, é uma coisa que anda bem escassa, difícil de encontrar, então: MAIS AMOR POR FAVOR!!!! Vamos AMAR COMO QUEM NÃO TEME!!! Como diz a letra da música: “é preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte”.*

*A morte tem nos rondado nesse século 21 com muita insistência por causa de um vírus, um vírus que circula por todo o planeta atacando sem distinção de cor, credo, e posição social, mas, infelizmente, quem mais sofre são as pessoas pobres, pretas, indígenas... uma verdadeira tragédia agravada pelo descaso e pelas atitudes irresponsáveis por parte de alguns governantes. A população mundial está enfrentando fome, desemprego, apatia, angústia e medo.*

*Felizmente, apesar da escassez de amor, ainda temos pessoas que se preocupam com o próximo, são solidárias e generosas num momento tão difícil e nunca imaginado como esse que estamos vivendo. Ainda estamos sem respostas*

*para o futuro e aguardamos a cura. Que essa cura venha para nossos corpos e também para nossas almas. Estamos precisando desembarcar em um futuro melhor, mas, para isso, vamos precisar ter aprendido a lição. Minha sensação é de que, como diz a música: “Já choramos muito, muitos se perderam no caminho, mesmo assim não custa inventar uma nova canção que venha nos trazer sol de primavera”.*

*Maria Cristina da Silva Pereira*



Natal, Rio Grande do Norte, 12 de setembro de 2020

Estimado Paulo Freire,

Sou a professora Socorro Silva, atuo nas Licenciaturas com a Formação Docente, trabalho no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, moro em Natal, Rio Grande do Norte e quero te contar umas coisas de nossa realidade por aqui. Neste período da pandemia, ah, sim, você não sabe sobre a pandemia da Covid-19, né! Mas vou te contar. Sabe Freire, o mundo passou por uma grande transformação dramática e muito triste, com uma pandemia chamada de Coronavírus, que parou o mundo e maltratou muito nosso querido e sofrido povo.

E nós professores ficamos durante meses sem poder dar aula, desde que esta pandemia começou e ficamos em casa, adotando as medidas de segurança e nos preservando para não pegarmos a doença. E assim passaram-se mais de 3 meses em estrito isolamento. Alunos e alunas deixaram de frequentar as aulas. As escolas ficaram desertas, sem vida e alegria, sem nossos principais sujeitos do processo educacional, os estudantes. Mas foi melhor para eles e para nós assim.

Infelizmente, vimos neste período milhares de famílias perderem seus entes queridos e pessoas que amam, além de muitos terem ficado doentes, contaminados pelo vírus. O Presidente eleito do Brasil, Paulinho, não cuidou de seu povo, acontecendo um desastre sem igual. Foi negligente com a saúde da população, nega a ciência, não defende as vidas, pelo contrário, só sabe defender o fim do isolamento e o retorno ao trabalho daqueles e daquelas que estão em casa cuidando de sua saúde. Sempre foi um presidente que nega a ciência e não protege nem valoriza os trabalhadores da saúde.

É muito triste ver o sofrimento e a dor das famílias nesta pandemia. Mas não foi só a Covid-19 que trouxe dor à população, teve também o desemprego muito grande, a violência contra as mulheres que aumentou e muitas famílias foram para a situação de miséria e pobreza ao extremo. E claro, tudo isso aconteceu quando as pessoas já estavam numa situação de vulnerabilidade social muito grande. Enfim, meu amigo, o Brasil virou uma panela de pressão a ponto de explodir a qualquer momento com tanta desigualdade e pobreza.

Sabe meu caro Paulinho, uma das coisas que mais me entristeceu em tudo isso foi que a maior vítima de toda esta realidade foram as mulheres e os negros e negras que sempre estiveram no topo dessas violências todas. Foi esse público que passou a sofrer mais ainda como vítima da violência doméstica,

de gênero e de raça, sofrendo com o desemprego, além do trabalho informal e precarizado que o atingiu. Por isso, Paulo querido, minha preocupação com essas pessoas que merecem que o governo as olhe com respeito e atenção, pensando como atender as suas necessidades.

Mas eu não desisti de acreditar nas pessoas e em um mundo possível com justiça e igualdade. Tenho um grupo chamado NEGEDI, um núcleo de estudos em educação e gênero do IFRN, onde trabalho, sabe. E neste período, o grupo continuou criando alternativas para levar as informações ao nosso público, às mulheres, claro. Também criamos a Quinta Feminista na pandemia e promovemos temas maravilhosos para orientar e informar sobre os cuidados no combate à violência contra as mulheres, sobretudo as mulheres negras, quilombolas e indígenas, inclusive falando da realidade delas e como estavam enfrentando a pandemia e as dificuldades materiais e econômicas dela decorrentes.

Eu e meu grupo, ficamos muito felizes em realizar esta atividade, que nos esperançou ainda mais e nos estimula a continuar acreditando na vida, no mundo e principalmente nas pessoas. Nós passamos por várias dificuldades de estresse e algumas vezes a tristeza com os acontecimentos nos abalou e nos desanimou. Mas eu sempre estimei, apoiei e contribuí para que continuássemos firmes e fortes nesta luta. É claro que eu sempre fiquei triste e abatida com tudo e me apegava aos exemplos de solidariedade e de amor que havia nos gestos, nas palavras das pessoas e lideranças, para continuar plantando as sementes e acreditando nos frutos que virão.

Bem, querido companheiro Paulo Freire, esta carta nos ajuda a trazer nosso olhar e sentimento para um texto escrito e registrar nossos sentimentos de ânimo e alegria para um novo amanhã. Mas eu quero acreditar que algo novo virá deste emaranhado de incertezas e tristezas.

Ao final, quero dizer o quanto estou agradecida e entusiasmada por participar deste curso, no qual gestos, palavras, poemas e ações como estas, nos fazem acreditar que estamos construindo um novo mundo, com solidariedade, esperança e utopias. Este curso tem demonstrado esta direção e construção coletiva em cada participante inscrito, em cada moderador, expositor e idealizador. Aqueles e aquelas que não desistem da luta, da vida e de cada homem e mulher que ousou a tecer a cada dia um mundo novo! Sigamos firmes e fortes nesta linda e encantadora caminhada!

Com saudades e amor!

Maria do Socorro da Silva

Brasília, 4 de setembro de 2020.

Saudações!

*Eu sempre escrevia cartas e iniciava assim: SAUDAÇÕES!*

*Achava lindo porque minha madrinha, professora, me ensinou assim e, por ela ser professora, eu achava bonito. Hoje só me restam saudades, pois ela já não está mais entre nós, como tu, oh querido mestre, Paulo Freire.*

*Agora, em tempos de pandemia, mais tempo em casa, com mais quietude, menos corre-corre, é possível trazer muitas lembranças boas de coisas vividas, coisas que fizeram e fazem parte da minha história.*

*Então, compartilho um pouco de mim com você, desses últimos meses, algumas tristezas pelos tempos sombrios que estamos vivendo, mas também alegrias por acontecimentos vividos no dia a dia, desacelerando um pouco. Eu e tantas outras pessoas estamos criando e recriando novos meios de sonhar, novos meios de realizar os sonhos e novas formas de transformar em realidade aquilo que um dia também já foi sonhado.*

*O medo, a insegurança e a saudade dos familiares depois de 6 meses foram se amenizando. Estamos nos adaptando a uma nova era, um novo jeito de viver, resistindo, criando e reinventando. Confesso que mesmo trabalhando remotamente, fazendo reuniões, assessorando grupos de aprendizagens, gravando videoaulas, exercendo ações de solidariedade e ajuda comunitária, estou conseguindo também viver bons momentos em meu lar, como? fazendo almoço e sentando à mesa para almoçar com a família; cuidando e dando atenção aos meus animais domésticos; fazendo artesanatos rústicos e cuidando do meu jardim. Nunca, mais nunca, tinha conseguido fazer isso, devido ao corre-corre.*

*Hoje diante de uma situação de medo, insegurança e ansiedade para saber o que será a cada novo dia, é possível esperar. Tudo é aprendizado, e de tudo tiramos boas lições. Vivendo, sofrendo e aprendendo sempre juntos. As ideias se juntam a distancia, via telefone, reuniões, conversas entre amigos, colegas de trabalho e entre familiares. Tudo isso vai dando forma aos sonhos e fazendo surgir um novo jeito para continuar amando e servindo, sem deixar o essencial: Deus.*

*Antes de me despedir, quero descrever ainda que eu entrego a minha vida e tudo que tenho a esse mistério grandioso que decidirá sobre meus/seus*

*sonhos e minhas/suas vontades; confio que o que será me/te dado, é merecedor; aceito, por que o que vem do Pai será porque é digno de mim/nós; agradeço de todo coração porque sei que darei/daremos conta de seguir a missão com coragem sem ninguém soltar a mão de ninguém.*

*Mas agora, com toda a minha gratidão me despeço de ti, deixando um forte abraço e dizendo que juntos venceremos e aprenderemos cada vez mais uns com os outros, nunca deixando de sonhar e de transformar esses sonhos em realidade.*

*Abraço fraterno,*

*Maristela Ferrari Neves*



Brasília 31/08/2020.

POEMA PARA PAULO

OLÁ PAULO FREIRE! ESCREVO CARTAS PARA TI  
COM LINHAS EMBARAÇADAS NA ESPERANÇA DE COMEÇAR.  
EITA QUE ESTOU AQUI CHEIA DE ASSUNTO PARA COMENTAR  
COM MUITA ALEGRIA, QUERO EU CONTIGO CONVERSAR  
COMO É BOM FALAR DE EDUCAÇÃO POPULAR;  
ONDE TODOS APRENDEM: A LUTAR, SORRIR, SONHAR  
EITA COMO É BOM ENSINAR!  
EM SUAS DIVERSAS CARTAS, ENSINA O ANALFABETO A ACREDITAR,  
NA RECEITA DO PÃO, E NO BOLO DE FUBÁ.  
FEZ MUITOS DOUTORES EM SEUS PÉS AJOELHAR.  
A FAMÍLIA TAMBÉM É DESTAQUE, POIS PRECISA APRIMORAR,  
COM TEMAS, GERADORES QUE VÃO ESTIMULAR.  
EITA PAULO FREIRE!! QUE PROSA BOA DE CONVERSAR  
EDUCADORES, QUE TÊM VOCÊ PARA SE ESPELHAR,  
POIS BEM, MEU AMIGO, FIZ PROSA, FIZ VERSO PARA TE  
HOMENAGEAR,  
PORQUE CENTENÁRIO EM SETEMBRO, VOCÊ VAI COMPLETAR,  
E EU, ESTAREI LÁ, PARA COMEMORAR.  
SINTO-ME HONRADA DE PODER PARTICIPAR.  
POIS VOCÊ SERÁ SEMPRE PAULO FREIRE, O EDUCADOR POPULAR.  
QUE, MOSTROU PARA O MUNDO, QUE NÃO É NECESSÁRIO MUITO  
PARA ALFABETIZAR.  
MOSTROU PARA O DOUTOR, PARA O ANALFABETO E PARA O MESTRE  
QUE PRECISA FALAR COM SIMPLICIDADE  
E COM ELA O HOMEM DO CAMPO PODE LUTAR  
FECHO AQUI O MEU POEMA, NA ALEGRIA QUE MUITOS HÃO DE  
APROVEITAR TUDO QUE VOCE DEIXOU, PARA A EDUCAÇÃO POPULAR.

Marta Helena de Almeida Gonçalves

Uruguí (PI), 24 de agosto de 2020.

Querido Professor Paulo Freire,

Que honra e prazer falar com o senhor, mesmo que assim, através de uma carta e não pessoalmente. Infelizmente nosso tempo/espço não me permitiu conhecê-lo pessoalmente, somente sua obra, sobre a qual penso já ser uma maneira de sabê-lo neste mundo. Neste momento, ano de 2020, estamos enfrentando uma pandemia mundial. Um fato histórico do qual talvez ainda não tenhamos dimensão de suas consequências em nosso futuro. Nossa primeira urgência é sobreviver!!!

Quem vos escreve é uma mulher, cearense que vive há 4 anos no interior do Piauí. Formada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará, trabalho como professora de Sociologia há 4 anos no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí - IFPI, Campus Uruguí, motivo pelo qual me mudei para este estado. Também sou estudante do mestrado em Antropologia na Universidade Federal da Paraíba e assim venho vivenciando essa maravilha que é conhecer e viver no “nosso” Nordeste. Esta minha realidade de vida foi diretamente afetada pela pandemia que estamos enfrentando. Graças a Deus e aos cuidados que venho tendo não contrai a doença, mas sigo temendo pela saúde de meus amigos, familiares e dos brasileiros em geral. Hoje trabalho e estudo no que eles intitularam de “trabalho/aulas remotas”. Tenho duas visões sobre o mesmo fato, pois sou professora e estudante ao mesmo tempo e em lugares diferentes, estando eu em meu lar. Precisaria de uma outra carta só para divagar sobre esta situação.

Ainda sobre meu cotidiano, moro sozinha e mesclo momentos de estudo e trabalho com os afazeres domésticos. Quem por ventura pensar que os mesmos diminuíram e que estamos como se estivéssemos em casa de férias devido à pandemia, estará enganado. Os que foram liberados do espaço do trabalho para ficarem em casa e trabalharem em estilo “home office”, enfrentam hoje uma expansão sem limites dos afazeres, não há limites de dias na semana ou mesmo horários em que nos peçam algo. Além é claro de não ser oferecido ao trabalhador/estudante um mínimo de estrutura para que se estude/trabalhe em casa. De fato, fomos pegos de surpresa pela pandemia, mas não podemos seguir fingindo que todos temos as mesmas condições de estudo e trabalho em casa. Professores e estudantes estão fazendo o que podem para tentar seguir uma rotina dentro deste novo modelo de vida. Não está sendo fácil,

estamos exaustos e, sem dúvida, a falta de contato e convívio com os demais nos coloca numa situação de muita solidão e estranhamento. Estamos todos vivendo tempos estranhos!

Tudo piora para os mais pobres, os que vivem nas ruas, os que trabalham de maneira autônoma, os desabrigados, os idosos, os que já padeciam de alguma doença, os que contraíram esta nova doença, os profissionais de saúde, os indígenas. Tudo está pior ainda porque o cenário político é um dos piores para os nossos tempos. Nosso representante maior nos abandonou à própria sorte, ele nega a Ciência, o conhecimento, a Educação, a Saúde, banaliza as mortes e nos empurra para o retorno às atividades de um mundo para o qual só podemos voltar quando tivermos uma vacina, um remédio ou um tratamento eficaz. No momento em que escrevo esta carta, mais de 100 mil brasileiros se foram. Morreram diante da falta de empatia, de administração, de políticas públicas, de políticas de prevenção e cuidado; morreram e nem mesmo direito a um velório estão tendo. Como eu havia dito, são tempos estranhos.

Seguimos resistindo, mas não é fácil, somos atacados diariamente justamente por quem está no poder e deveria se preocupar com nossas vidas e segurança. O mercado neoliberal não sabe respeitar a vida das pessoas e tampouco quer esperar pelo fim da pandemia. No início achei que como sociedade aprenderíamos algo sublime sobre cuidado, respeito, viver colaborativamente e que talvez até o capitalismo sofresse uma derrota já que o mundo aos poucos se viu obrigado a “parar”. De repente tivemos que nos recolher e suspender nossa forma de produzir e consumir bens. As fábricas fecharam, as escolas fecharam..., Mas isso foi só um “flerte” com um outro mundo possível. Tão logo nos vimos dentro desse novo contexto o sistema capitalista cuidou de criar estratégias e se adaptar. Vivemos há cinco meses muitas incertezas e medos, como indivíduos e como nação.

Da minha parte, o que tenho feito para resistir e reexistir dentro desta situação é estreitar laços com os amigos e familiares, através das redes sociais, já que estamos impossibilitados de estarmos juntos fisicamente. Minha casa tem sido o meu mundo. Li alguns livros, faço receitas com amor, curiosidade e vontade. Adotei algumas plantas, ouço músicas e assisto a filmes. Nem tudo é poesia é claro, me estresso, me pergunto como será o amanhã, rezo, limpo a casa, tento cumprir com os prazos (nem sempre consigo, confesso). Penso no tempo, na morte, no futuro.guardo com fé a notícia da vacina. Não acredito que iremos ter um mundo totalmente novo e renovado. Há muitas pessoas egoístas e que lucram com essa situação. Acredito sim que os que se disponibilizaram aprenderam algo sobre esse tempo e eu, enquanto educadora,

*firmo meu compromisso com a Ciência, o Saber, as Artes e a Educação, os únicos meios de existirmos neste e para este mundo. Seguiremos na luta, é a nossa única escolha!!!*

*Meu respeito e abraço fraterno!*

*Raquel Viana dos Anjos*



Niterói, 12 de setembro de 2020.

Saudações, Caro Professor Paulo!

Escrevo num momento de intensa contradição: tenho comigo a satisfação de poder falar-lhe, dividida com a tristeza deste período tão doloroso para nosso país. Sim, Professor, uma pandemia nos mesmos moldes da gripe espanhola do início do século passado tem nos tirado muitas vidas diariamente. Infelizmente, estamos sendo abatidos por uma doença que foi subestimada por governantes do mundo inteiro, e solenemente ignorada pelo governo brasileiro.

Trabalho no que chamam linha de frente do cuidado, num hospital. Durante este período, tive uma certeza que já rondava minhas observações: como nosso povo está mal cuidado! Perdemos a alma, Professor!! Não temos o básico no atendimento em saúde e não conseguimos reagir. Nosso povo parece anestesiado. Cadê aquele vigor, aquela pujança, aquela vibração...? É como se tivéssemos acostumados com essa maneira torta e triste de viver, ou melhor, passar pela vida. Choro todos os dias pelos que não têm companhia nesta tão dura caminhada que estamos enfrentando.

Perdi pessoas queridas e muito necessárias. Elas partiram sem que pudessemos dizer adeus de uma forma digna. Sem um até logo, sem aquele abraço que guardamos até o nosso momento de passar para a eternidade. Por outro lado, sou grata à vida por meu núcleo familiar estar preservado até agora. Não saberia lidar com mais perdas nestas condições tão adversas.

Mas continuamos na luta diária. Resistiremos!! Ainda confio num projeto de Nação que considere todos, sem distinção. Que a única arma utilizada, de Norte a Sul, seja a Educação. Sim, ela... a que emancipa, que transforma quem ensina e quem aprende, a que faz da sensibilidade a maior força do mundo!

Confio e acredito nessa Educação libertadora porque sou fruto dela. Sabe, Professor, a primeira vez em que ouvi falar do senhor foi através de minha mãe. Menina pobre, que precisou trabalhar desde cedo para ajudar em casa e só adulta conheceu as primeiras letras, através de uma professora que ensinava pelo Método Paulo Freire. Foi lá que ela entendeu o valor e o poder da educação, e fez questão que suas filhas tivessem projetos desde cedo. Que se entregassem às delícias do aprendizado e colhessem seus resultados mais tarde.

*Deu certo! Hoje, apesar de trabalhar em um hospital, nunca deixei a prática educativa de lado. Aliás, tenho a Educação Popular como exemplo e base de minhas pesquisas em Educação Permanente em Saúde. Assistente Social de formação, atuei por muitos anos na Educação Popular através de cursinhos populares de acesso à Universidade. Neste momento, estou cursando o Mestrado em Saúde Coletiva, e levando para este campo minha experiência e minha base criadas na Educação que eleva, transforma e pode ser a única saída para este nosso mundo tão conturbado.*

*Gratidão por seu exemplo, pelos seus estudos e pela imensa herança cultural que nos deixou. Me comprometo a continuar honrando e guardando seu legado.*

*Até a próxima!! Atenciosamente,*

*Rita de Cassia Corrêa da Silva*



*Olá, professor Paulo!*

*Primeiro quero me apresentar. Apesar de você não me conhecer eu o conheço e busco estar sempre em sua companhia através dos seus escritos.*

*Sou Rosiane Moura, cristã, pedagoga, nordestina, mulher, esposa, irmã, estudante e educadora da EJA. Te conheci em 2000, quando ingressei no curso de pedagogia. O primeiro livro que li foi o seu “Pedagogia do oprimido”. Leitura que me influenciou e me situa como educadora até hoje.*

*Me vejo na pedagogia do oprimido e luto para não ser opressora e para não me deixar oprimir. Infelizmente, às vezes acontece.*

*Hoje sou aluna do mestrado em educação na UnB. Escrevo esta carta no 8º mês da minha primeira gestação. Na verdade, sigo gestando 2 processos de vida: a gestação divina e biológica, pela qual darei à luz um ser humano; e a gestação acadêmica, pela qual darei à luz uma pesquisa, dados, proposições que pretendem promover alguma melhoria no contexto vivenciado por educadores e educandos da EJA numa escola de periferia aqui de Brasília.*

*No decorrer dessas 2 gestações, fui, juntamente com toda a população mundial, impactada por uma pandemia jamais vivenciada nas últimas décadas. Tudo mudou. De repente não podíamos mais nos relacionar da forma habitual. Nada de encontros, nada de vivenciar o mundo, não podíamos mais nos tocar, abraçar, apertar as mãos, fazer uma visita, enfim, tivemos que reaprender a conviver. Condição que se estende até hoje.*

*As escolas fecharam, os postos de trabalho também. Os trabalhadores tiveram que ficar em casa. A nossa conduta foi “procedimentada”.*

*Senti medo e fiquei preocupada que a pandemia afetasse as minhas gestações. Para um bom desenvolvimento da minha gestação biológica me agarrei à fé. Decidi não parar, não ficar com medo das pessoas. Resolvi ser prudente e continuar sendo gente. Para esta estava bem amparada.*

*Ao pensar na minha gestação acadêmica e, principalmente, nos objetivos propostos, não me senti tão segura quanto ao seu resultado. Nessa reflexão a condição social dos educandos, um dos sujeitos presentes na minha pesquisa, ficou mais latente: sujeitos de periferia, condições sociais precárias, falta de saneamento básico, moradias improvisadas, muitas pessoas em trabalhos informais, entre outras mazelas. Nesse ato involuntário de pensar em como esses educandos estavam sobrevivendo, compreendi ainda mais o papel da escola na vida cotidiana das camadas populares.*

Percebi que, em contextos complexos, os excluídos são ainda mais excluídos; que urge a necessidade de uma revolução social feita pelo excluído, pelo trabalhador, pelo periférico. E percebi também que a escola é parte dessa revolução. Não basta tê-la, precisamos reposicioná-la à luz das necessidades dos que a rodeiam.

Tudo isso começou em março de 2020. Em julho as aulas voltaram mediadas pela tecnologia da informação. Novamente me preocupei: como faria o educando da EJA (ou muitos deles) que, além de não ter acesso a equipamentos tecnológicos e rede de internet, não é familiarizado com um ambiente virtual de aprendizagem? Por que existe no ideário do legislador que todas as pessoas têm os mesmos acessos? Fiquei com medo do que poderia acontecer. E o temido aconteceu: abandono escolar por parte de muitos alunos dessa modalidade e professores despreparados para a tarefa de ensinar pelo meio digital.

Professor Paulo, eu te pergunto, seria isso culpa da pandemia? Eu penso que não. Entendo mais como culpa do descaso histórico com as camadas populares desse país.

Te escrevo, para dialogar com quem talvez compreenda melhor a minha angústia. Ultimamente, estamos usando muito o seu verbo esperar. E ao Esperançar olho para a minha realidade e sou grata a Deus por poder continuar gestando o meu filho e a minha pesquisa. O primeiro segue cheio de saúde, cercado de todos os acompanhamentos, sendo zelado e cuidado da melhor forma; a segunda é mais desafiadora, mas busco, tal qual como faço com a primeira, cuidar zelosamente para que ela cumpra seu objetivo e contribua para “transformar a realidade opressora” que assombra os sujeitos pesquisados.

Me despeço cheia de Esperança, pois esse diálogo com suas ideias, as quais me influenciam fortemente, me ajudam a seguir e a não sucumbir.

Conte contigo para continuar o diálogo e sustentar a “minha tarefa de saber agir” (Freire, 2018, p.111) como pesquisadora educadora.

Abraços,

Rosiane Moura



*Caríssimo mestre Paulo Freire,*

*Nesses tempos de incerteza, seu convite para conjugarmos o verbo “esperançar” parece-me ainda mais pertinente.*

*A atividade docente, que se constitui como exercício de amorosidade, como ação- reflexão-transformação, tomou contornos diferenciados durante a crise. Adentramos ainda mais o universo do educando, invadimos suas residências, seus aparelhos celulares. Entretanto, ao mesmo tempo em que foram derrubadas as barreiras físicas da escola, nos foram impostas barreiras tecnológicas e obstáculos que intensificaram as desigualdades e revelaram fragilidades que estavam latentes.*

*Os educandos jovens e adultos, que já estiveram tantas vezes sujeitos a processos de exclusão e às injustiças sociais, constituem um grupo vulnerável às intempéries advindas da pandemia. A falta de condições objetivas-materiais para acompanhar as aulas, os fatores socioeconômicos supervenientes, como o desemprego, o comprometimento da renda, a preocupação com a saúde dos seus pairam como nuvens espessas sob as cabeças de educandos e educadores.*

*E enquanto os valores humanos parecem ter se perdido, ou ao menos terem esvaziado o seu sentido em um contexto prático, você, mestre, nos designa a difícil tarefa de ressignificar o mundo, de a partir da leitura da palavra, construirmos nossa leitura do que nos cerca, irmos além do universo particular e perceber os cruzamentos entre o micro e o macro, entre a nossa história individual e a história que compartilhamos.*

*O desenvolvimento de uma consciência coletiva é uma exigência do tempo presente e uma condição fundamental para o futuro que almejamos. As mudanças que são requeridas, desde a reinvenção da atividade docente, com o ensino remoto, até a superação dos traumas decorrentes da pandemia, exigem de nós um empenho, não no sentido de esquecer o que vivemos, mas de reverter essas dores, de modo que suas cicatrizes nos lembrem como foi dolorido o processo de cura.*

*De fato, talvez forjados pelo mais tenro fogo possamos, finalmente, como educadores construir uma práxis revestida de esperança e como cidadãos nos tornar membros ativos e atuantes. Duas palavras que pressupõem em seu âmago um movimento, que não se convertem em ativismo raso, mas que trazem consigo engajamento e compromisso. Pois estar trancado em casa não nos permite fechar nossas mentes frente ao sofrimento alheio, não poder abraçar o outro não nos permite abraçar a inércia. Nenhuma máscara pode abafar o grito de luta, de resistência. Até mesmo porque há aqueles que estão à espreita, aproveitando cada dificuldade, cada fraqueza para instalar-se, para “passar a*

*boiada” na mais discreta distração que tivermos. A educação nessa conjuntura é instrumento de resiliência, de união. Quantas escolas comprometeram-se a ajudar os grupos mais vulneráveis nesse momento, quantos professores dedicaram-se à exaustão a aprender novas ferramentas, a pensar diferentes estratégias, quantos*

*educandos mantiveram-se firmes por acreditar que a educação é o caminho.*

*Essa crença que compartilhamos, que é também sua, querido mestre, me faz reconhecer a relevância do meu papel, reconhecer-me enquanto “ser interventor do mundo”. Seus ensinamentos são como pontos de luz sobre as obscuridades destes dias.*

*Encerro, tomando emprestadas as suas palavras: “O futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para fazê-lo.” Que não percamos a capacidade de nos incomodar, de nos inquietarmos, que possamos praticar uma pedagogia que opere mudanças e que não nos falte a força nem a coragem.*

*Rosimeire Aguiar Pereira Lopes*



Capela –SE, 27 de agosto de 2020.

Caro Mestre Paulo Freire,

Saudações fraternais,

Ao iniciar essa primeira carta, necessito te falar de mim enquanto pessoa: mulher, professora, militante de causas sociais coletivas, e de alguns fatos passados em um tempo distante e outros em um tempo mais próximo. Começarei pelo mais distante. No ano de 1989, você esteve na capital do meu estado para fazer uma conferência, e eu que já sonhava em te conhecer pessoalmente, desejei muito ir até o Centro de Convenções de Aracaju para sentir a alegria de te escutar, vendo você em pessoa. Foi marcante, ainda lembro: um dia muito chuvoso, estávamos no inverno. Eu trabalhei no turno da manhã, e soube que sua conferência seria à tarde, tentei chamar colegas para nos deslocarmos à capital, mas todas tinham algum impedimento naquela tarde, não se tinha transporte próprio. Eu só poderia ir se fosse possível retornar na mesma tarde, visto que na manhã seguinte precisava trabalhar, mas como fazê-lo sem ter um transporte assegurado? E foi assim que guardei dentro de mim essa frustração: ter perdido a oportunidade de lhe ver pessoalmente.

Nesse tempo eu estava iniciando a minha carreira no magistério público estadual, havia sido aprovada em recente concurso público, só tinha o meu curso “pedagógico” equivalente ao curso normal. Estudei aqui mesmo na minha cidade, no turno noturno, que era a única opção existente. O tempo passou e eu ingressei na licenciatura em Pedagogia, na Universidade Federal de Sergipe, outra importante conquista na minha vida. Na vivência acadêmica tomei contato, em várias disciplinas, com textos e livros da sua vasta obra. Eu gostava do que lia, mas me faltava ainda maturidade política para compreender a profundidade e dimensão das categorias de análise encontradas na sua obra: “ação consciente”; “transformação”; “Humanização”, dentre outras.

Precisava me apropriar do significado concreto dessas categorias, e nessa busca fui aprendendo que isso somente é possível na vida concreta, no agir como sujeito no mundo posto diante de nós. Afinal, você nos ensinou que “conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é somo sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer”. Um lugar, espaço social, que me proporcionou ampliar essa aprendizagem foi a militância sindical, logo que iniciei minha carreira docente. Eu era professora de crianças e, ao mesmo tempo, estudante universitária e militante sindical. Nesse sentido, estudava

seus textos, suas categorias e na vida real observava os acontecimentos políticos e as relações estabelecidas a partir das estruturas sociais vigentes: aí eu pensava: “Freire fala sobre isso...” E também me esforçava para praticar o que estudava na sua obra, na minha prática profissional de professora.

Terminei uma fase de estudo na universidade – a graduação e segui a vida de trabalho e militância sindical. No final da década de 90 tive oportunidade de fazer uma seleção pública para trabalhar em uma instituição que desenvolvia projetos educativos no campo da educação popular, em municípios do baixo São Francisco, em Sergipe – Movimento de Educação de Base – MEB. Foi nessa experiência de trabalho onde mais intensamente vivenciei o que li na sua obra e também retomei leituras de livros da sua autoria. Suas categorias de análise eram nossas “ferramentas” de trabalho pedagógico e eixos integradores dos processos dialógicos construídos com os grupos e comunidades com os quais trabalhávamos, com o objetivo de (re)construir, ampliar e fortalecer práticas emancipatórias das pessoas, dos homens e mulheres participantes na luta por políticas públicas em diversas áreas sociais.

Tínhamos como objetivo geral no nosso trabalho contribuir para que as trabalhadoras e trabalhadores se apropriassem do conceito de **políticas públicas** e desencadear movimentos coletivos organizados em busca da efetivação destas. Esse relato até aqui, é para lhe explicar que estudar as suas ideias e a sua obra é uma necessidade de todo sujeito que se põe disponível para intervir nas estruturas sociais injustas e excludentes visando transformá-las. Nesse processo surgem os desafios que nos impelem a buscar os sustentáculos teóricos das ações práticas. Meu mestre, em cada tempo histórico surge novo desenho ideológico que serve de instrumento de dominação da classe detentora do poder sobre a classe trabalhadora.

O tempo de hoje, é o da PANDEMIA do “Coronavírus”, que impôs uma reclusão social geral para prevenção contra a contaminação do vírus com alto poder de contágio e letalidade. O contexto da PANDEMIA tem revelado fortemente as faces mais perversas da exclusão social, no Brasil: dentre as vítimas fatais da COVID-19, há mais pessoas pobres e muitas chegaram a óbito por falta de atendimento médico necessário e adequado. Tem revelado também o poder dos políticos e líderes religiosos de posturas duvidosas e grandes empresários, no uso dos meios de comunicação para manipular o povo. Como ajudar pessoas, de mentes ingênuas, a enxergarem essa realidade social perversa, violenta, excludente e manipuladora? Há certos dias que fico desalentada, sem esperança e dá vontade de desistir de lutar. Mas paro e me pergunto: adiantaria desistir de lutar? Afinal, temos que celebrar as nossas vitórias, as pequenas conquistas, mas nada tem sido fácil para nós.

*Preciso lhe contar também sobre acontecimentos que produziram grande contentamento entre nós: em janeiro de 2012, o governo do estado de Sergipe, sancionou a Lei 7.382/2012 que institui a sua pessoa de grande educador mundialmente conhecido e estudado como “Patrono da Educação Sergipana”. A referida lei é de autoria da então deputada estadual professora Ana Lucia e prevê que em todo mês de setembro, na semana na qual esteja inserido o dia 19 – dia do seu nascimento, sejam desenvolvidas atividades pedagógicas, seminários e exposições sobre as suas obras e a sua história, pela Secretaria de Estado da Educação, para o professorado da Rede Pública de ensino. Uma homenagem honrosa e justa, a qual precisamos fazer acontecer, de fato.*

*Precisamos espalhar as suas ideias e as suas obras por todo canto do Brasil, e principalmente por todas as escolas públicas e privadas. Enquanto pessoas de ideologia neoliberal e de extrema direita tentam desqualificar seu nome e sua obra, fazendo-lhe acusações infundadas e eivadas de ódio de classe, nós devemos seguir reafirmando a importância da sua pedagogia libertária, gritando bem alto e bem suave “Paulo Freire Vive”, “Paulo Freire, Sim”.*

*Preciso lhe contar ainda sobre outros acontecimentos que devemos celebrar. Desse momento, fui testemunha ocular: na tarde do dia 5 de setembro de 2016, em sessão histórica, a Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe, concedeu o Título de Cidadania Sergipana “in memoriam” ao Patrono da Educação Sergipana e Brasileira, Paulo Freire. Muito emocionada, a Deputada Professora Ana Lúcia, entregou a honraria diretamente à professora doutora Ana Maria Araújo Freire, sua amada companheira. Foi uma solenidade muito bonita e muito concorrida. Escutar atentamente Ana Maria Freire falar sobre sua pessoa e sua trajetória de educadora e pesquisadora, com palavras repletas de admiração, amor e ternura, me encheu de regozijo e logo me veio à memória aquela tarde de 1989, quando tanto almejei me deslocar para a capital para assistir a sua conferência, e não obtive êxito. Nem poderia imaginar que anos depois estaria presente naquela cerimônia tão honrosa em sua homenagem, e sentindo muito orgulho de tê-lo Patrono da Educação e cidadão titulado da minha terra – Sergipe.*

*Também quero lhe contar que no ano 2017 participei do IV Seminário Internacional Diálogos com Paulo Freire, em Natal/RN, a convite de uma grande amiga e colega de trabalho (Socorro Oliveira) que conheci na ocasião que trabalhei no Movimento de Educação de Base – MEB, uma vivência esplêndida. Indescritível a emoção de visitar Angicos/RN e poder dialogar com mulheres e homens que estiveram com você, no processo de alfabetização nos idos dos anos 60, escutá-los falar sobre memórias afetivas do professor Paulo Freire, foi muito, muito impactante pra mim, uma emoção forte. Nesse*

seminário de Natal, conheci uma colega professora, na educação infantil, do interior de São Paulo, e criamos um laço de amizade que só se fortalece, parece que somos “amigas de infância”. A escola na qual ela trabalha, tem você como patrono na identificação “CEMEI Paulo Freire”, eu fui visitá-la, em fevereiro de 2019, nós duas já produzimos artigo sobre práticas educativas freireanas na educação infantil. Creio que é algo que lhe deixaria feliz.

No ano de 2018 participei do Colóquio Paulo Freire “50 anos da Pedagogia do Oprimido”, realizado na Universidade Federal de Pernambuco. Em novembro do mesmo ano, participei de outro Colóquio sobre você, realizado na Universidade Federal de Sergipe, onde reencontrei sua honrosa companheira Ana Maria Araújo Freire, momento de muita aprendizagem, repleta de alegrias. Nesta ocasião lhe foi outorgado, pela UFS, mais um título de “Doutor Honoris Causa. Como vê, tenho muitas memórias afetivas sobre você. Estudar suas ideias, fazer novas leituras de livros e textos da sua obra, contribuíram imensamente para a autoafirmação da minha identidade profissional de “Professora sim, tia Não” E assim, de experiência em experiência, sigo lhe conhecendo mais um pouco e ampliando a vontade de aprofundar leituras e desenvolver, cada vez mais, a capacidade de pensar o mundo de forma crítica, na perspectiva de construir alternativas viáveis de intervenção na realidade com vistas a transformar o que seja possível transformar, nos lugares onde estou: na minha casa, no meu trabalho, no sindicato, no bairro, na cidade e etc.

Deixo aqui meu profundo agradecimento por ter acesso a sua tão grandiosa obra literária, com SAUDADE eterna,

Que não nos falte “Esperança” do verbo esperar e muita coragem para lutar mais e mais. Sua eterna educanda,

Sandra Maria Xavier Beiju



*São Paulo do Potengi/ RN, 2 De setembro de 2020.*

*Olá, querido Paulo Freire.*

*Sou Eloísa Souza, tenho 25 anos e moro em um acampamento da reforma agrária, coordenado pelo MST, em São Paulo do Potengi. Sou educadora popular, militante do MST, estudante de licenciatura em Geografia pelo IFRN campus João Câmara e, por último, mas não menos importante, sou mãe de um lindo menino chamado Fernando Edgar, de 6 anos.*

*São tempos difíceis para todos nós seres humanos. A sociedade já não é a mesma, eu também já não me sinto a mesma, o medo nos rodeia, traumas que talvez levaremos para sempre, e este tempo todo de isolamento social mexe com o meu psicológico e de várias pessoas, saudade da família, dos amigos, do trabalho, enfim saudades de uma vida que tivemos que “abandonar”, mas tempos também de se conhecer melhor, de testar seus limites, de enfrentar seus medos, de fazermos hoje o que já tínhamos adiado justamente pela falta de tempo.*

*Nesse período de pandemia percebi-me com mais oportunidades para estudar, pois de casa mesmo eu estou fazendo cursos on-line que me ajudarão bastante na minha formação profissional e humana, porém, me pego a pensar: Quantas pessoas não têm a mesma oportunidade que eu? Sei que a situação de caos da pandemia é vivida por todos nós, mas sou ciente de que não da mesma maneira, nem todas as pessoas têm um smartphone e acesso à internet para poder estudar. Tendo em vista também que ter acesso à internet não significa ter as condições mínimas necessárias para participar das aulas remotas, uma vez que, em sua maioria, a internet dos menos favorecidos é completamente instável.*

*Sigo com a certeza de que os atos de higiene pessoal praticados pelo ser humano não serão os mesmos. Vejo uma grande mudança partindo dos meus familiares e companheiros de luta, tais como a higiene com todos os alimentos trazidos para as suas casas, o cuidado de se higienizar ao pagar em dinheiro, o uso “constante” da máscara para se prevenir e também o cuidado para com o outro.*

*Sinto-me muito feliz em poder dividir com o senhor meus pensamentos, medos e preocupações, sou uma eterna admiradora sua e das suas obras. Quero que saiba que é no senhor que me espelho para passar os meus conhecimentos*

*para meus educandos, compartilhando nossos saberes e práticas. Espero que essa pandemia passe logo para poder novamente estar junto a eles ensinando e aprendendo, pois aprendi com os seus ensinamentos que “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho as pessoas se educam entre si construindo um novo caminho”.*

*Atenciosamente,*

*Sebastiana Eloisa de Souza*



*É como seres conscientes que mulheres e homens estão não apenas no mundo, mas com o mundo. Como seres “abertos”, são capazes de realizar a complexa operação de transformar o mundo através de sua ação, captar a realidade e expressá-la por meio de uma linguagem criadora. (FREIRE, 2007, p.77).*

*Sim, é como ser consciente que os seres humanos não só estão no mundo fazendo história e por ela sendo feita, mas é por meio dos saberes construídos nas raízes e nos laços familiares da sociedade, da escola, do trabalho, da cultura, das questões políticas, econômicas e sociais que podem transformar o mundo a sua volta.*

*É na ação-reflexão-ação que eu encontro o combustível que me impulsiona a agir sobre um “novo” pois, “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 1987, p. 78). Esse novo me leva a refletir e a perceber as mudanças, além de captar a linguagem criadora do mundo. É interessante perceber que o mundo mudou, a escola mudou, os professores mudaram, o aluno mudou, mas e a minha prática pedagógica? E eu mudei? Tudo parecia normal, tudo ia bem, até que, um dia, o mundo todo parou. Escolas, empresas, comércios, ruas vazias, universidades, igrejas, tudo por conta de um vírus. A pergunta é, como um vírus invisível pode simplesmente parar o mundo e as maiores potências mundiais? Não sabemos.*

*Governos ameaçando voltar com as aulas escolares em pleno pico da pandemia. E o cenário que vivemos é um Brasil que registra mais de 100 mil mortos pela Covid-19. E, a pergunta que fica é: Quanto vale a vida de um professor? Quanto vale a vida de um aluno? Quanto vale a vida dos servidores da educação? Imersos pela supremacia do Estado, educadores, alunos e familiares veem seu direito à vida, à saúde, à educação enterrados. Não há o que questionar; não há o que falar. Voltar as aulas em plena pandemia é crime.*

*O trabalho neste tempo de pandemia tem sido exaustivo. As 40 horas não suprem o gigantesco trabalho que temos para desenvolver durante a semana. São exatas 14 horas de trabalho por dia ou mais. Os limites e desafios se dão no teletrabalho, no qual as demandas triplicaram: são adequações curriculares, relatórios, atividades na plataforma e nas apostilas dos alunos especiais para corrigir, reuniões, montagem de atividades, planejamento, diário, folha de ponto, construção de slides para dar aula, atendimento aos pais etc. Aula todos os dias com os alunos pelo Google Meet. E, depois de um dia cansativo, tudo que o professor mais quer é uma noite de sono; porém, quando menos se imagina tem pais que ligam de madrugada, as 4 ou 5 horas da manhã.*

*Inspirada na Pedagogia Freiriana, almejo a formação integral dos meus alunos, busco desenvolver a autonomia pautada por uma consciência crítica, construindo o conhecimento de forma ativa e prazerosa, uma vez que, diante dos desafios no teletrabalho, procuro tirar essa cultura de educação conteudista, buscando um planejamento interdisciplinar, trazendo o aluno como sujeito da sua história, como parte do processo.*

*Nos slides e atividades pedagógicas construídas, busco retratar a realidade histórica, cultural, econômica e política, além de, em toda aula, viabilizar espaços para que os alunos e alunas contribuam com os saberes, construindo juntos esses conhecimentos. Assim, busco sempre a formação integral dos alunos e alunas para que não sejam apenas ouvintes, mas protagonistas e construtores do conhecimento, vistos como os produtores do saber que a cada dia frutifica a árvore da educação com a sua sabedoria.*

*Para tanto, sou uma professora que venci e superei as barreiras como Portadora de Necessidades Especiais – PNE (deficiente física). Sou pesquisadora e a cada dia vou me modelando e aprendendo ao ser submetida aos desafios colocados pela realidade da sociedade, da educação, dos alunos que estão sendo também desafiados pelo cotidiano da vida escolar, pois a leitura do mundo precede a leitura da palavra, uma leitura que é histórica, e que se dá na história dos sujeitos (FREIRE, 1996). Foi na leitura do mundo, na história dos sujeitos que “Eu”, enquanto sujeito histórico e desumanizado, me permiti tomar banho nas águas de uma escola. A partir disso, posso transformar-me, humanizar-me e atingir a emancipação de minha própria essência – a liberdade (Silva, 2019).*

*Simone da Conceição Rodrigues da Silva*

## **Referências**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, p. 33.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, Ed. especial, 1996.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

SILVA, Simone da Conceição Rodrigues da. **O sentido da educação integral nas práticas dos docentes do PROEITI: Formação Emancipadora?** 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2019.

Taguatinga/DF, 04 de setembro de 2020.

Querido Paulo Freire!

Escrevo-te esta carta para contar um pouco sobre os meus sentimentos diante de um tempo que jamais pensei viver. Desde dezembro do ano passado que surgiu aqui neste nosso mundo, especificamente na China, um vírus chamado de Covid-19 e, também, de Corona vírus. A princípio fomos acompanhando as notícias da sua proliferação pelas redes de comunicação, parecia algo distante da gente, porém, em fevereiro, logo após a nossa grande celebração da festa de Carnaval, o primeiro caso de pessoa contaminada pelo vírus se apresentou aqui no Brasil e, desde então, a nossa vida foi alterada.

Decretos das autoridades políticas e sanitárias foram divulgados anunciando o isolamento social, o uso de máscaras, de álcool em gel, o distanciamento das pessoas. De repente, um país que é extremamente marcado pela cultura do abraço, do encontro, da rua, das praias, das praças, das rodas de samba, dos bailes, dos jogos de futebol, dos cultos religiosos... Se viu obrigado a ficar em distanciamento social.

Eu como professora – embora já estivesse acostumada ao trabalho com a EAD e trabalhando em alguns dias da semana em casa e outros na universidade, para as aulas presenciais e outros trabalhos de coordenação e extensão – me vi isolada em um apartamento, longe dos colegas e amigos/as professoras, longe dos/as estudantes, dos familiares.

No início foi mais tranquilo de lidar com a situação, porque achava que ia acabar logo, mas o tempo foi passando, já são quase seis meses de isolamento. No meu caso, eu sou considerada do grupo de risco, porque tive uma câncer de mama há cinco anos e sigo em tratamento, com medicações para controle, então tenho evitado sair de casa.

O estar em casa o tempo todo tem sido um desafio, porque como todo o trabalho profissional ficou remoto e, junto com os trabalhos domésticos, que aumentam, uma vez que estamos mais em casa, logo tem mais trabalho a se fazer, a rotina foi ficando bem pesada. Mas mais pesada que a rotina tem sido o medo e a impotência diante de um inimigo invisível, que tem arrancado de nossa convivência pessoas queridas, das quais não podemos fazer os ritos de despedidas. É importante para a elaboração do luto quando podemos contar com a presença de amigos/as, familiares. As despedidas se dão no vazio da solidão, no olhar de longe, nas lágrimas carentes de quem as enxuga. Isso tem

sido muito triste. A morte tem sido ainda mais dolorida. Tenho me perguntado pelos impactos que isso tudo vai fazer com a gente.

Você sabe bem que o nosso país, assim como tantos outros, desta nossa América Latina, da África, da Ásia, tem sido castigado pelas desigualdades produzidas pelo sistema econômico capitalista e neoliberal, que cria uma disparidade absurda entre ricos e pobres, deixando uma grande parte do povo sem direitos básicos para se ter uma vida digna e, nesse momento, essas desigualdades se escancaram ainda mais, porque os principais afetados pela pandemia são os empobrecidos, a classe trabalhadora.

E ainda temos que lidar com a crueldade dos poderes (executivo, legislativo e judiciário) que, desde antes da pandemia, vêm usurpando direitos conquistados historicamente pelo povo brasileiro. Como se não bastasse, ainda temos que lidar com um governo que nega a gravidade da pandemia, desfazendo os protocolos sanitários internacionais e impelindo a população a não aderir aos mesmos. Um governo que, ao invés de proteção, ameaça a vida da população mais pobre com o desenvolvimento de uma necropolítica.

Em meio a tudo isso, também tem sido possível fazer experiências que nos alegam, que são sinais de esperança. Vou te contar uma, que acredito que você vai gostar. Na Universidade Católica de Brasília tem um projeto de extensão chamado PAC – Projeto de Alfabetização Cidadã. Trata-se de um projeto que tem como objetivo a alfabetização de pessoas jovens, adultas e idosas. Ele existe há mais de 20 anos e, neste ano, eu fui convidada, juntamente com o professor e amigo JoséIVALDO, para assumir o mesmo. No início do ano, antes da pandemia, foi realizado o processo de seleção dos/as alfabetizadores/as, para desenvolver o projeto. Diversas pessoas de cidades diferentes do Distrito Federal se inscreveram.

Fizemos a seleção de 12 pessoas. Boa parte delas já tinham experiência com processos de alfabetização, outras estavam ali pela primeira vez, mas todas muito animadas com a possibilidade de participar desse projeto, pois já é consolidado e tem contribuído para a diminuição do analfabetismo no Brasil, que ainda é grande, infelizmente.

Para participar do projeto, um dos critérios é fazer a formação continuada que é oferecida, tendo em vista a necessidade de capacitação dos/as alfabetizadores/as e também um acompanhamento dos/as mesmos/as durante a realização do trabalho. Iniciamos no final de fevereiro os encontros de formação e cada alfabetizador/a iniciou na sua cidade – em parceria com escolas, igrejas, centros comunitários – a divulgação e mobilização para as inscrições, para formarem as turmas com pessoas interessadas em serem alfabetizadas.

*Acontece que a pandemia interrompeu a nossa programação; os encontros de formação presencial não puderam mais acontecer e as turmas com os/as alfabetizando/as não puderam ser formadas. Para não perder todo o planejamento que fizemos, decidimos por utilizar a plataforma do Ambiente Virtual de Aprendizagem da universidade para fazer a formação continuada dos/as alfabetizadores/as e, assim, garantir o estudo e uma proximidade com o grupo.*

*Comunicamos a ideia a eles/as e todos toparam de imediato. Ficamos um pouco receosos se iriam mesmo aderir e assumir a formação nesta modalidade de ensino a distância, principalmente, porque havia pessoas que não tinham nenhuma experiência de formação nesta modalidade. Porém, fomos surpreendidos positivamente, porque todos/as se colocaram de forma muito aberta para fazer o caminho e foi uma experiência muito bonita e muito significativa, tanto para nós da coordenação do projeto, quanto para eles e elas.*

*Preparamos um plano de ensino, com aulas organizadas com leituras de livros, artigos, textos sobre a realidade da educação brasileira e sobre o método de alfabetização idealizado e criado por você e o estudo de um Caderno: Alfabetizar é Libertar, que utilizamos no projeto, material organizado pelo Centro de Educação Paulo Freire, de Ceilândia (CEPAFRE) que, inclusive, será lançando oficialmente semana que vem. Fomos o primeiro grupo a utilizar o material, gentilmente cedido por Madalena Tôrres, uma mulher incansável no movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos aqui no DF.*

*Para as reflexões e partilhas dos estudos, propusemos os fóruns de discussão, aos quais chamamos de Fórum: Educar é libertar. Utilizamos para motivações e aprofundamentos dos temas, trechos de escritos seus, vídeos (curtas), filmes e, como atividade final, inspirados/as na sua metodologia de utilizar as cartas pedagógicas, propusemos a escrita de cartas. Cada pessoa deveria escrever uma carta, em resposta a alguém que havia lhe perguntado sobre: o que era preciso para ser um/a bom/a alfabetizador/a de pessoas jovens, adultas e idosas, tendo presente o processo de formação que tinham feito, os aprendizados e algumas recomendações.*

*Depois de escrever a carta, deveriam postá-la em um fórum de discussão na sala virtual, para que todos/as pudessem lê-la. Paulo, foi um momento muito significativo! As cartas foram revelando os sentimentos, os aprendizados, as dificuldades, as descobertas, que eles e elas fizeram, tanto com relação ao método de alfabetização, quanto da própria modalidade de EAD.*

*Para nós da coordenação, também foi um tempo de muito aprendizado, porque era novo pra gente também, fazer uma formação de educadores/as populares na modalidade virtual de aprendizagem. É evidente que algumas coisas podem ser aprimoradas, para deixar a proposta ainda melhor.*

*Uma questão que nós refletimos durante o semestre, provocada pela pandemia, foi com relação ao analfabetismo digital, muito evidente nestes tempos, onde muitas pessoas tiveram dificuldades em acessar o auxílio emergencial destinado pelo governo para as famílias que, durante a pandemia, ficaram sem seus empregos/trabalhos. O acesso deveria ser realizado somente pelo aplicativo do banco e, muitas pessoas não sabiam como fazê-lo; muitas não tinham nem computador ou Smartphone. Inclusive, alguns grupos solidários, principalmente formados por jovens, se organizaram nas comunidades para ajudar essas pessoas a acessarem esse benefício. Isso também foi bonito de se ver.*

*Essa realidade nos despertou para a necessidade de potencializar o projeto de alfabetização digital para pessoas adultas e idosas. Essa proposta já existe no PAC, sendo que duas das turmas são de alfabetização digital.*

*Concluímos o processo de formação com o sentimento de que vale a pena seguir acreditando na educação, nos projetos de Alfabetização de Jovens e Adultos e, principalmente, que não podemos perder de vista a capacidade que temos de, como educadores/as, seguir acreditando na educação como caminho de transformação. Também precisamos de ousadia, teimosia e curiosidade, como você bem nos ensinou, para forjar outras maneiras, metodologias, aproveitar a tecnologia a nosso favor, torná-la cada vez mais nossa aliada nos processos educacionais, com intenção política de ocupação desses espaços para fazer uma educação emancipadora e libertadora.*

*Aliás, essa é uma questão bem interessante e intrigante ao mesmo tempo, que esse tempo de pandemia ressaltou. Interessante, porque podemos perceber como as tecnologias podem nos auxiliar na educação, mas por outro lado, é intrigante e desafiador, porque em um país como o nosso, em que o acesso à internet ainda é muito precário/desigual, nem todas as famílias têm acesso à internet, ou moram em locais onde o acesso é muito ruim. Aliás, há famílias que moram em lugares que nem saneamento básico existe, outras vivem em situação de rua ainda, outras têm somente um celular para dividir com os vários filhos/as.*

*Assim, fica bem complicada a implementação dessa modalidade de educação, sem contar que falta uma preparação e um suporte para os/as professores/as para este trabalho, que é bastante exigente. De toda forma,*

acredito que é bem relevante para a sociedade brasileira pensar sobre essa questão e, ao mesmo tempo, criar mecanismos para aprimorar essa educação mediada pela tecnologia, democratizar o acesso, capacitar os/as educadores/as, dando suporte aos mesmos e às famílias.

Muitos analistas da realidade atual têm dito que esse momento acelerou algumas coisas, que estavam caminhando lentamente no Brasil, como a educação remota, por exemplo. E que a educação híbrida, ou seja, presencial e virtual, tende a ser uma prática que permanecerá pós pandemia. Eu também acredito nisso, mas penso que para se ter êxito é preciso pensar um projeto de educação que prime pela qualidade e não somente pela “modernização tecnológica”, caso contrário, o que pode acontecer é uma intensificação da desigualdade social e econômica.

Bem, acho que já falei muito, ou melhor escrevi muito. Agradeço essa oportunidade de poder me expressar através desta carta, de poder te contar sobre as questões que me afligem, mas também as que me alegram e animam o meu esperar. Foi muito bom poder escrever sobre isso, porque ao escrever fui percebendo como me vejo neste cenário, os sentimentos, as necessidades que tenho, os sonhos que me embalam, as questões que emergem de forma mais intensa nestes tempos e que exigem de nós uma reflexão. Não tinha parado ainda para fazer uma reflexão assim. Muito obrigada.

E para finalizar, peço emprestado o trecho de uma canção de Milton Nascimento, que diz, que “qualquer dia, amigo, a gente vai se encontrar”.

Um abraço com amorosidade dessa educadora que muito te admira e para quem és uma inspiração.

Vanildes Gonçalves dos Santos



## *Carta a Paulo Freire*

*Em tempo de pandemia, tempo de reflexão, sinto-me angustiada pelo distanciamento social*

*Onde abraços, beijos, carinhos foram totalmente ceifados. Covid-19, dias inesperados*

*Só saio de casa se precisar,*

*Só saio para trabalhar, infelizmente sem tempo de lazer, Usando álcool gel para nos proteger*

*Essa pandemia veio nos limitar Várias vidas ceifar*

*Dias inesperados, mudanças de hábitos foram necessárias para dar seguimento à vida.*

*Empregos ceifados, isolamento inesperado, trabalho interrompido. Estudos prejudicados, reinventar foi preciso.*

*Para não ser totalmente perdido o ano letivo de 2020. Viagens cancelas, adiadas, interrompidas, reprogramadas, entre outras, Causando adiamento nas eleições municipais, trazendo mais gastos ao governo federal.*

*A aproximação é assustadora; a impressão é que todos nós estamos com medo uns dos outros.*

*Nunca imaginei passar por esta situação*

*Pessoas tão próximas, hoje distantes.*

*O medo se instalou em nossas mentes*

*Saudade grande dos familiares, vizinhos, amigos, dos nossos educandos, professores, coordenadores etc.*

*O distanciamento é a pior parte dos fatos que envolvem a Covid-19.*

*Campanhas solidárias foram criadas envolvendo todo os grupos.*

*Entrega de cestas básicas, cestas verdes, roupas, cobertores e outros.*

*Neste período de Covid 19, me desdobrei.*

*Para minha comunidade trabalhei.*

*A realidade hoje é pensar positivo.*

*Voltar à normalidade é o que queremos*

*Ao escrever esta carta vi o quanto estou angustiada*

*Mas termino otimista porque dias melhores virão.*

*Zamita Gomes Pereira*

## Sobre os autores do prefácio e das partes I e II

**Ana Rosária Borges de Faria** é graduada em Pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB). Tem experiência na área de Educação de Jovens, Adultos e Idosos, Formação de Professores com ênfase na Educação Popular. Integrante do Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais (Genpex), ligado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Participa junto a Movimentos Sociais populares na formação de educadoras populares e Organizações não governamentais.

E-mail: [anafaria.ped@gmail.com](mailto:anafaria.ped@gmail.com)

**Carlos Lopes** é professor associado da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), atuando na graduação e na linha de pesquisa “Educação, Tecnologias e Comunicação” (ETEC) no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE). Tem doutorado em Sociologia, é líder do Grupo de Pesquisa no Diretório do CNPq EDuCaSOCiOLOGiAs – Grupo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociologias. Foi Assessor e Secretário Pedagógico do Movimento de Educação de Base (MEB).

E-mail: [carloslopes@unb.br](mailto:carloslopes@unb.br)

**Carlos Ângelo de Meneses Sousa** é sociólogo e professor da Universidade Católica de Brasília (UCB) e pesquisador da Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade. É doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB) com estudos na Universidade de Bonn (Alemanha) e Pós-doutorado em Educação pela Universidade de Lisboa (Portugal). Foi Assessor e Secretário Pedagógico do Movimento de Educação de Base (MEB). Desenvolve pesquisas nas áreas de tecnologias e educação e história da educação.

E-mail: [carlosangelos@yahoo.com.br](mailto:carlosangelos@yahoo.com.br)

**Carlos Rodrigues Brandão** é licenciado em psicologia e Psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; mestre em antropologia pela Universidade de Brasília. Doutor em ciências sociais pela Universidade de São Paulo; livre docente em antropologia do simbolismo pela Universidade Estadual de Campinas. Integrou a equipe do Movimento de Educação de Base (MEB). Escreveu artigos e livros nas áreas de antropologia, educação e literatura. Para dados sobre livros e artigos, consultar LIVRO LIVRE, em [www.sitiodarosadosventos.com.br](http://www.sitiodarosadosventos.com.br); [www.folhasaevento-poesia.blogspot.com](http://www.folhasaevento-poesia.blogspot.com); [www.apartilhadavida.blogspot.com](http://www.apartilhadavida.blogspot.com).

E-mail: [itatiaia1940@gmail.com](mailto:itatiaia1940@gmail.com)

**Cícero Ferreira de Albuquerque** é graduado em História, mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco e doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Educador Popular. Membro do Comitê Popular em Defesa de Atalaia e foi membro do Movimento de Educação de Base de Maceió (Alagoas).  
E-mail: [cicerofalbuquerque@hotmail.com](mailto:cicerofalbuquerque@hotmail.com)

**Delci Maria Franzen** é atualmente Secretária Executiva do Movimento de Educação de Base – MEB. Educadora popular, teóloga, possui longa história de trabalho com comunidades de base, pastorais e movimentos sociais, assessoria junto a entidades internacionais de cooperação na superação da desigualdade.  
E-mail: [delci@meb.org.br](mailto:delci@meb.org.br)

**Elizabete Carlos do Vale** é professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba. Pedagoga com mestrado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2000) e doutorado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2012). Coordenadora do Curso de Extensão Diálogos com Paulo Freire e Membro do GEPEF - Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Física da UEPB. Foi membro do Movimento de Educação de Base (MEB), em Mossoró (RN).  
E-mail: [elisabete.vale1@gmail.com](mailto:elisabete.vale1@gmail.com)

**Helga Valéria de Lima Souza** é doutoranda e Mestra em Educação, Tecnologias e Comunicação, pela Universidade de Brasília - UnB. Licenciada em Artes Visuais, FAV-UFG (2009). Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal, - SEEDF, desde 2014, com turmas da Educação de Jovens e Adultos - EJA. Pós-graduação em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas - UnB, Docência em Nível Superior, Especialização em Docência na EJA, Extensão em Teoria Crítica da Tecnologia/UnB. Tem experiência como tutora no sistema on-line, fiscal do CESPE para candidatos com necessidades especiais de atendimento; produção de apostilas de artes para as turmas do Ensino Médio da EJA e ilustradora de textos.  
E-mail: [helgaarte@gmail.com](mailto:helgaarte@gmail.com)

**Karina Lie Sato Inatomi** é bacharel em Museologia e licenciada em Pedagogia pela Universidade de Brasília - UnB. Pós-graduada em Gestão Cultural pelo SENAC (2018). Tem como foco de estudos e pesquisas a relação escola-museu, educação patrimonial, atuação do profissional em instituições não-formais de educação e educação de jovens e adultos. Ainda em produção cultural e documentação de acervos museológicos.  
E-mail: [karina.inatomi@gmail.com](mailto:karina.inatomi@gmail.com)

**Letícia Araújo Felix** é graduanda em Pedagogia pela Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília (UnB). cursou todas as etapas da Educação Básica em escolas públicas do Distrito Federal. Foi aluna do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Extensionista do Grupo de Pesquisa-Ensino-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais – GENPEX, orientado pela Doutora Maria Clarisse Vieira (UnB-FE). Atualmente é bolsista no Projeto ENAP/UnB, atuando na Coordenação Geral de Desenvolvimento de Cursos (CGDES) como apoio técnico em design instrucional (metodologia ADDIE) de cursos da Escola Nacional de Administração Pública (Enap-DF).

E-mail: [leticia\\_felix012@hotmail.com](mailto:leticia_felix012@hotmail.com)

**Lucas Truta Barbosa** é Graduando em Licenciatura plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba. Pesquisador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) com ênfase em estudos das práticas educativas decoloniais no campo da História.

E-mail: [ltruta.barbosa@gmail.com](mailto:ltruta.barbosa@gmail.com)

**Maria Clarisse Vieira** é Professora associada da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília. A autora é Pedagoga com mestrado em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (2000) e doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2006). Líder do GENPEX: Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais.

E-mail: [mariaclarissev@gmail.com](mailto:mariaclarissev@gmail.com)

**Oscar Jara Holliday** – Educador popular, sociólogo, nasceu no Peru, atua na Costa Rica e possui uma longa trajetória como educador popular trabalhando em conjunto com movimentos comunitários, sindicais e camponeses de diversos países da América Latina. É Doutor honoris causa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), diretor do Centro de Estudios y Publicaciones Alforja na Costa Rica e presidente do Consejo de Educación Popular de América Latina y El Caribe (CEAAL).

E-mail: [oscar.jara\\_presidente@ceaal.org.br](mailto:oscar.jara_presidente@ceaal.org.br)

**Rayssa Aguiar Borges** é professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal, atuando na Educação do Campo desde 2013. Formada em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas (UnB), possui mestrado e doutorado em Literatura e outras Artes pela Universidade de Brasília (UnB). Faz parte do coletivo de extensão Terra em Cena, ligado à Educação do Campo, da Faculdade UnB Planaltina (FUP).

E-mail: [rayssa.aguiar@edu.se.df.gov.br](mailto:rayssa.aguiar@edu.se.df.gov.br)

**Ricardo Spindola Mariz** é doutor em Sociologia, Mestre em Educação e Pedagogo. Coordenador da Área de Missão e Gestão da UMBRASIL. Coordenou a Pesquisa Cartografias dos territórios de aprendizagem - CNPQ/UCB (2017-2021). Membro do Grupo de Pesquisa Sociologia Clínica - CNPQ/UnB. Idealizador do Canal Esquina do Pensamento e Conselheiro do Movimento de Educação da Base, da CNBB. Atuou na docência e gestão da educação básica, foi Pró-Reitor de Graduação, Pró-Reitor de Extensão e Reitor “pro tempore” da Universidade Católica de Brasília. Foi membro da Comissão de Justiça e Paz de Brasília e vice-presidente do Fórum Nacional de Pró-reitores de Graduação do Brasil. Autor de artigos e livros sobre educação. Foi assessor pedagógico nacional do Movimento de Educação de Base (MEB). E-mail: [marizricardo@gmail.com](mailto:marizricardo@gmail.com)

**Timothy Denis Ireland** é professor titular da Universidade Federal da Paraíba. Possui graduação em Letras e Língua Inglesas (*English Language and Literature*) pela Universidade de Edimburgo (1971), mestrado em Educação de Adultos - Universidade de Manchester (1978) e doutorado em Educação de Adultos - Universidade de Manchester (1988). Atualmente é professor dos programas de pós-graduação em educação (PPGE) e em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas (PPGDH) e coordenador da Cátedra da UNESCO em Educação de Jovens e Adultos. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação de Adultos, atuando principalmente nos seguintes temas: políticas públicas de educação de jovens e adultos, políticas internacionais de aprendizagem e educação ao longo da vida, educação em prisões, alfabetização de jovens e adultos, educação popular e cooperação sul-sul. E-mail: [ireland.timothy@gmail.com](mailto:ireland.timothy@gmail.com)

## Índice remissivo

**Alfabetização (concepção; método; alfabetização de jovens e adultos; projeto de alfabetização; alfabetização cidadã; alfabetização digital)**

10, 23, 47, 48, 49, 86, 114, 115, 116, 131, 132, 153, 183, 190, 191, 192;

**Amor, amorosidade** 13, 22, 23, 24, 45, 60, 62, 65, 72, 73, 84, 99, 106, 108, 113, 118, 124, 127, 132, 142, 145, 165, 168, 173, 179, 183, 193;

**Aprendizagem** 14, 33, 34, 45, 51, 52, 64, 76, 80, 96, 97, 103, 107, 113, 124, 128, 131, 153, 154, 159, 161, 178, 181, 184, 191, 192, 198;

**Capitalismo** 42, 46, 173;

**Cartas** 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 23, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 49, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 83, 84, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 147, 169, 171, 191;

**Classe (classe social, classes populares; classe trabalhadora, classe oprimida)** 11, 18, 25, 28, 30, 65, 71, 76, 80, 83, 88, 89, 92, 100, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 119, 182, 183, 190;

**Classe dominante** 110, 111, 119;

**Comunicação** 7, 12, 14, 36, 37, 40, 58, 61, 62, 70, 75, 87, 95, 123, 124, 131, 145, 154, 182, 189, 195, 196;

**Diálogo** 8, 9, 14, 15, 16, 17, 22, 53, 60, 61, 69, 71, 73, 75, 78, 82, 83, 86, 87, 88, 95, 104, 111, 113, 122, 124, 125, 126, 128, 132, 160, 178, 183, 196;

**Educação bancária** 63, 112;

**Educação Libertadora** 32, 48, 102, 109, 119, 156, 175;

**Educação popular** 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 48, 53, 54, 58, 59, 60, 62, 65, 66, 69, 75, 76, 78, 80, 81, 82, 83, 86, 87, 93, 95, 100, 101, 102, 103, 118, 127, 144, 171, 176, 182, 195, 197, 198;

**Ensino** 21, 27, 48, 49, 51, 52, 65, 72, 76, 78, 80, 81, 85, 88, 89, 91, 92, 97, 101, 108, 113, 114, 126, 138, 141, 146, 149, 154, 159, 160, 161, 162, 169, 179, 181, 183, 191, 192, 195, 196, 197;

**Aprendizagem** 14, 33, 34, 45, 51, 52, 64, 76, 80, 96, 97, 103, 107, 113, 124, 128, 131, 153, 154, 159, 161, 178, 181, 184, 191, 192, 198;

**Escola** 7, 9, 10, 11, 20, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 38, 62, 63, 72, 74, 76, 78, 81, 86,

88, 89, 92, 93, 97, 108, 110, 111, 114, 122, 123, 127, 131, 134, 135, 138, 139, 142, 144, 145, 153, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 167, 173, 177, 178, 179, 180, 183, 184, 187, 188, 190, 196, 197;

**Escolarização** 10, 28, 78;

**Esperança** 7, 10, 11, 13, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 32, 34, 44, 46, 53, 54, 57, 59, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 73, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 100, 101, 102, 103, 104, 107, 108, 111, 113, 117, 118, 119, 120, 121, 125, 126, 129, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 154, 155, 157, 158, 159, 162, 164, 165, 168, 169, 171, 178, 179, 182, 184, 190, 193;

**História** 8, 13, 14, 16, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 31, 35, 39, 44, 48, 52, 53, 54, 64, 65, 67, 71, 72, 74, 77, 79, 93, 96, 102, 106, 110, 114, 117, 118, 119, 121, 122, 125, 127, 133, 134, 137, 141, 142, 146, 147, 152, 169, 179, 183, 187, 188, 195, 196, 197;

**Igreja** 11, 23, 48, 82, 83, 84, 154, 157, 187, 190;

**Inédito viável** 17, 22, 64, 67, 78, 81, 82, 102, 120;

**Inovação** 15, 68, 69, 73;

**Leitura** 7, 8, 10, 15, 16, 17, 20, 22, 25, 40, 42, 47, 58, 59, 61, 67, 69, 72, 78, 83, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 104, 105, 110, 121, 123, 124, 126, 128, 129, 142, 147, 151, 165, 177, 179, 182, 184, 188, 191;

**Libertação** 48, 53, 71, 86, 101, 102, 110, 118, 138;

**Marx, marxista** 25, 74, 115, 118;

**Movimento de Educação de Base (MEB)** 9, 11, 13, 15, 16, 17, 18, 20, 23, 48, 57, 58, 59, 62, 63, 69, 75, 82, 84, 102, 103, 104, 115, 135, 153, 154, 182, 183, 195, 196, 198;

**Movimentos sociais** 11, 69, 81, 100, 150, 195, 196;

**Pandemia** 7, 15, 17, 38, 40, 47, 57, 58, 62, 63, 68, 70, 71, 72, 75, 76, 78, 79, 80, 83, 85, 88, 90, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 102, 103, 106, 107, 108, 112, 113, 114, 117, 121, 122, 123, 124, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 141, 142, 144, 145, 146, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 167, 168, 169, 172, 173, 175, 177, 178, 179, 182, 185, 186, 187, 190, 191, 192, 193, 194;

**Paulo Freire** 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 47, 48, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 75, 77, 78, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 134, 135, 136, 137, 141, 143, 145, 146, 150, 151, 153, 154, 155, 157, 160, 162, 167, 168, 169, 171, 172, 175, 179, 181, 183, 184, 185, 189, 191, 194, 196;

**Política** 10, 17, 31, 32, 38, 41, 42, 43, 48, 49, 51, 53, 58, 60, 63, 65, 71, 72, 73, 74, 76, 78, 82, 83, 85, 86, 88, 89, 90, 93, 98, 99, 100, 102, 107, 109, 111, 114, 115, 121, 124, 126, 131, 137, 138, 139, 141, 149, 155, 158, 165, 173, 181, 182, 187, 188, 189, 190, 192, 198;

**Resistência** 17, 31, 65, 82, 93, 104, 107, 118, 119, 123, 139, 179;

**Sistematização** 54, 75, 86, 101;

**Solidariedade** 8, 11, 17, 53, 64, 65, 78, 82, 84, 95, 97, 98, 99, 103, 107, 118, 122, 132, 168, 169;

**Tradição** 14, 15, 45, 68, 69, 70, 73, 109, 175;

**Transformação social** 14, 16, 45, 48, 82, 83, 86, 102, 110.



Em tempos de COVID, estamos redescobrimo a arte de escrever cartas, uma arte que os meios digitais de comunicação têm contribuído para transformar em bilhetes, abreviações e 'memes'. Como jovem numa escola internato, os meus pais me escreviam religiosamente duas vezes por semana. Receber, abrir e ler essas cartas constituía um dos momentos mais esperados da semana longe de casa. Mais tarde, como estudante, na época de natal, os Correios na Inglaterra contratavam jovens por um período curto para dar conta do volume de correspondência do final de ano. Como entregador de cartas e cartões de natal, eu me sentia um pouco como um mensageiro da esperança unindo pessoas e famílias que não se viam fazia tempo [...] É importante reconhecer que todas as instituições envolvidas nesse projeto – a UnB, o MEB, a UCB, a UEPB e a UFAL – desenvolvem atividades pertinentes ao campo da educação popular e da educação de jovens e adultos. Em períodos de tempo adverso, contraditoriamente há mais espaço para iniciativas e inovações da base, para experimentar e recuperar meios aparentemente desprestigiados no meio educacional. Por isso, a proposta de conjugar os avanços do espaço virtual com a escrita de cartas me parece genial. [...] Viva Paulo Freire!

**Timothy D. Ireland**

*Doutor em Educação pela Universidade de Manchester  
Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba*

[...] uma noção mais condizente com a proposta filosófica de Paulo Freire seria atribuir a quem educa a responsabilidade de desafiar os educandos, de buscar, de questionar, de construir seus próprios critérios (e assim, de desafiar-se como educador/a nesse processo). Desse modo, o processo educativo entendido como desafio torna-se um convite democrático e democratizante para investigar, indagar, formar seus próprios critérios e pode se tornar a mais emocionante aventura intelectual e humana, formando pessoas livres e liberadas, sujeitos criativos da produção de novos conhecimentos e, portanto, de novas propostas de interpretação e ação sobre a realidade e de construção de um futuro não predeterminado.

**Oscar Jara Holliday**

*Presidente do Consejo de Educación Popular de America Latina y El Caribe (CEAAL)*



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura



Cátedra UNESCO de Juventude,  
Educação e Sociedade



ISBN 978-65-994244-2-7

